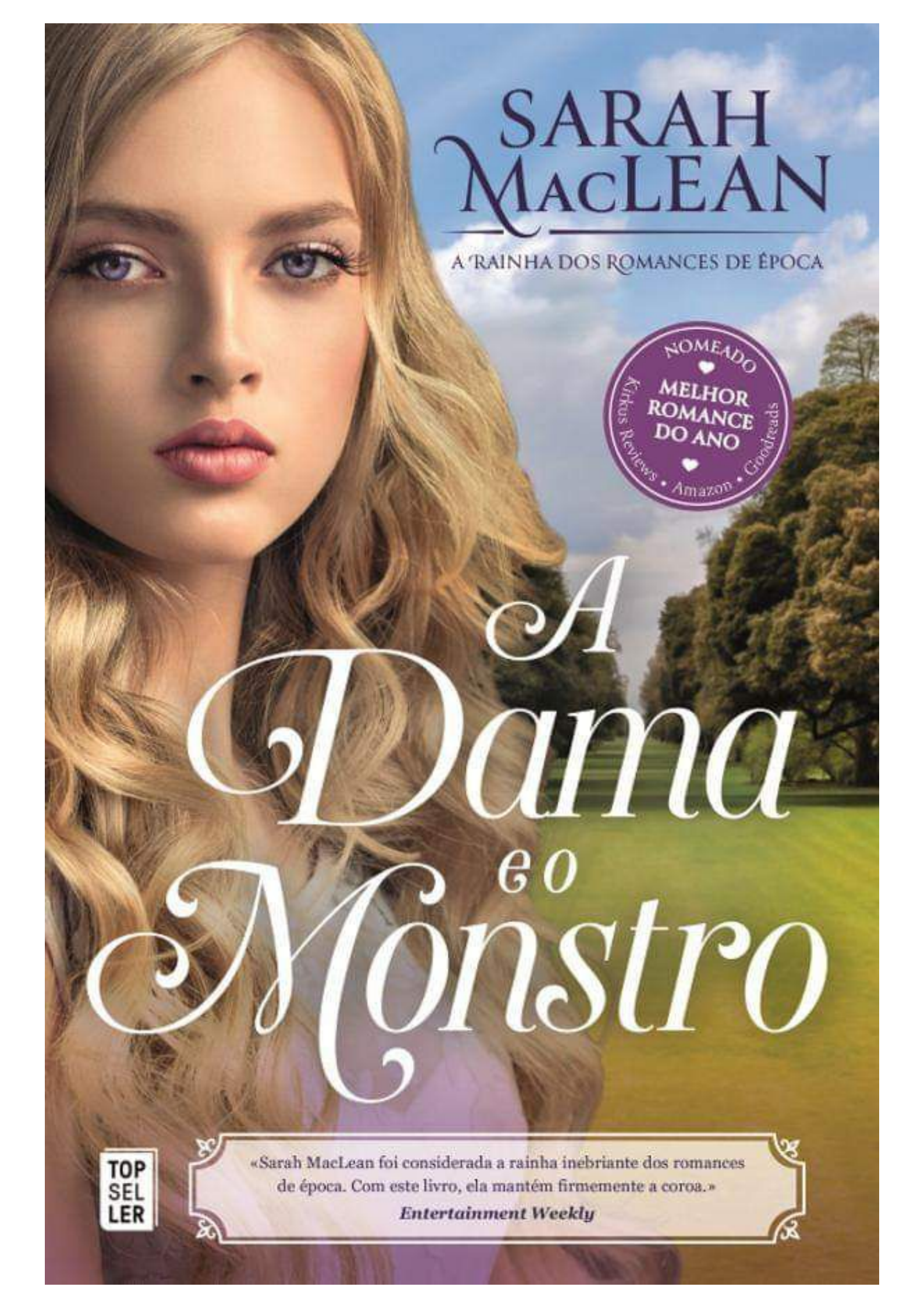




SARAH
MACLEAN

A RAINHA DOS ROMANCES DE ÉPOCA



A Dama e o Monstro

TOP
SELLER

«Sarah MacLean foi considerada a rainha inebriante dos romances de época. Com este livro, ela mantém firmemente a coroa.»

Entertainment Weekly

A Dama e o Monstro

Brazen and the Beast

(A Dama o Monstro)

Os Bastardos Bareknuckle 02

Sarah MacLean

Sínopse

O plano de uma Lady

Quando Lady Henrietta Sedley chega a seu vigésimo nono aniversário, ela tem planos de herdar os negócios de seu pai, fazer sua própria fortuna e viver sua própria vida. Mas primeiro, ela pretende experimentar um gosto do prazer que ela renunciará como uma solteirona confirmada. Tudo está indo perfeitamente... até que ela descobre o homem mais bonito que ela já viu amarrado em sua carruagem e ameaçando arruinar o aniversário da Hattie antes mesmo de começar.

A proposta do bastardo

Quando ele acorda em uma carruagem aos pés de Hattie, Whit, um rei de Covent Garden conhecido por todo o mundo como Beast, não pode deixar de pensar sobre a estranha mulher que o liberta - especialmente quando ele descobre que ela está indo para uma noite de prazer... em seu território. Ele é mais do que feliz em oferecer a Hattie tudo o que ela deseja... por um preço.

Uma paixão inesperada

Logo, Hattie e Whit se encontram rivais em negócios e prazer. Ela não vai desistir de seus planos; ele não vai desistir de seu poder... e nenhum deles vê que, se não for cuidadoso, não terá escolha a não ser desistir de tudo... incluindo seus corações.

Capítulo Um

Setembro de 1837

Mayfair

Em vinte e oito anos e trezentos e sessenta e quatro dias, Lady Henrietta Sedley gostava de pensar que havia aprendido algumas coisas.

Ela aprendeu, por exemplo, que se uma mulher não podia usar calças (uma realidade infeliz para a filha de um conde, mesmo uma que tivesse começado a vida sem título ou fortuna), então ela deveria certamente garantir que suas saias tivesse bolsos incluídos. Uma mulher nunca sabia quando poderia precisar de um pouco de corda ou uma faca para cortá-la.

Ela também aprendeu que qualquer fuga decente de sua casa em Mayfair exigia a cobertura da escuridão e uma carruagem conduzida por um aliado. Os cocheiros tendiam a falar de uma boa trama quando se tratava de guardar segredos, mas, em última análise, eles estavam em dívidas com aqueles que pagavam seus salários. Um adendo importante para essa lição em particular era o seguinte: o melhor dos aliados costumava ser o melhor dos amigos.

E, possivelmente a primeira coisa da lista que aprendeu em sua vida foi como dar um nó de Carrick¹. Ela nem conseguia lembrar há quanto tempo sabia fazê-lo.

Com uma coleção tão obscura e incomum de conhecimento, alguém poderia imaginar que Henrietta Sedley provavelmente saberia o que fazer quando ela descobriu um homem amarrado e inconsciente em sua carruagem.

Esse alguém estaria errado.

De fato, Henrietta Sedley nunca teria imaginado tal cenário como uma possibilidade. É verdade que ela poderia estar mais confortável nas docas de Londres do que em seus salões de baile, mas na impressionante coleção de experiências de vida de Hattie faltava algo próximo a um elemento criminoso.

E ainda assim, aqui estava ela, bolsos cheios, amiga mais querida ao seu lado, paradas no escuro, na noite anterior de seu vigésimo nono aniversário, prestes a fugir de Mayfair para uma noite de grandes planos, e...

Lady Eleanora Madewell assobiou, baixo e desalentada, no ouvido de Hattie. Filha de um duque e da atriz irlandesa que ele tanto amava que ele a tornara sua duquesa, Nora tinha o tipo de arrogância que era permitida aqueles com títulos impassíveis e montes de dinheiro. — Há um homem na carruagem, Hattie.

Hattie não desviou o olhar do sujeito em questão. — Sim, eu vejo isso.

¹ **Nó de Carrick** - é um nó usado para juntar duas linhas, muito usado na navegação. É particularmente apropriado para uma corda ou cabo muito pesado que é muito grande e rígido para ser facilmente formado em outras curvas comuns.

— Não havia um homem na carruagem quando pegamos os cavalos.

— Não, não havia. — Elas haviam deixado a carruagem atrelada e definitivamente vazia, na parte escura, nos fundos de Sedley House, menos de uma hora atrás, antes delas subirem para o quarto, para trocar seus vestidos de passeios por roupas mais apropriadas para seus planos noturnos.

Em algum momento entre espartilho e maquiagem, alguém tinha deixado aquele pacote extraordinariamente inoportuno.

— Parece que teríamos notado um homem na carruagem, antes — disse Nora.

— Acho que nós teríamos, — veio a resposta distraída de Hattie. — Este é realmente um momento terrível.

Nora lhe deu uma olhada. — Por acaso existe um *bom* momento para encontrar um homem amarrado e inconsciente na carruagem de alguém?

Hattie imaginou que não havia, mas... — Ele poderia ter escolhido uma noite diferente. Este é um presente de aniversário terrível. — Ela olhou para o interior escuro da carruagem. — Você acha que ele está morto?

Por favor, que ele não esteja morto.

Silêncio. Então, um pensamento: — Alguém guarda homens mortos em carruagens? — Nora estendeu a mão, o casaco de cocheiro apertando-lhe os ombros e cutucou o homem possivelmente morto em questão. Ele não se mexeu. Ele não estava se movendo, e ela ainda acrescentou com um encolher de ombros inútil. — Pode estar morto.

Hattie suspirou, retirando uma luva e apoiando-se na carruagem para colocar dois dedos no pescoço do homem. — Tenho certeza que ele não está morto.

— O que você está fazendo? — Nora sussurrou com urgência. — Se caso ele não esteja, você vai acordá-lo!

— Isso não seria a pior coisa do mundo, — apontou Hattie. — Então poderíamos pedir-lhe para gentilmente sair do nosso transporte e assim estaríamos em nosso caminho.

— Ah, sim. Esse bruto parece precisamente o tipo de homem que faria exatamente isso e não aquele que se vingaria imediatamente. Ele sem dúvida tiraria seu boné e nos desejaria uma boa noite.

— Ele não está usando boné, — disse Hattie, incapaz de refutar o resto da avaliação do misterioso homem provavelmente morto. Ele era muito forte e musculoso, e mesmo na escuridão ela podia dizer que este não era um homem com quem se revezava em um salão de baile.

Esse era o tipo de homem que saqueava um salão de baile.

— O que você sente? — Nora pressionou.

— Sem pulso. — Embora ela não tivesse certeza de onde encontraria um pulso. — Mas ele está...

Caloroso.

Homens mortos não eram quentes e este homem estava muito caloroso. Como um fogo no inverno. O tipo de calor que faz uma pessoa perceber o quão fria ela poderia estar.

Ignorando esse pensamento bobo, Hattie moveu os dedos ao longo do pescoço dele, para o lugar em que desaparecia sob o colarinho da camisa, onde o cume de seu ombro e a inclinação do... do resto dele... reunia-se em uma forma fascinante.

— Sente qualquer coisa agora?

— Calma. — Hattie prendeu a respiração. Nada. Ela balançou a cabeça.

— Cristo. — Não foi uma oração.

Hattie não poderia ter concordado mais. Mas, em seguida...

Ali. Uma pequena vibração. Ela apertou com um pouco mais de firmeza. O movimento era estável. Lento. — Estou sinto isso, — disse ela. — Ele está vivo. — Ela repetiu-se. — Ele está vivo. — Ela exalou, longamente aliviada. — Ele não está morto.

— Excelente. Mas isso não muda o fato de que ele está inconsciente na carruagem, e você tem um lugar para ir. — Nora fez uma pausa. — Devemos deixá-lo e levar a carruagem.

Hattie planejava a excursão especial dessa noite em particular por três meses inteiros. Esta era a noite que começaria seu vigésimo nono ano. O ano em que sua vida se tornaria *sua*. O ano em que *ela* se tornaria sua. E ela tinha um plano muito específico para um local muito específico em uma hora muito específica, para a qual ela havia vestido um vestido muito específico. E, no entanto, quando ela olhou para o homem em sua carruagem, esses detalhes pareciam não ser tão importantes.

O que parecia importante era ver o rosto dele.

Agarrando-se à maçaneta na beira da porta, Hattie pegou a lanterna no canto superior da carruagem antes de se virar para encarar Nora, cujo olhar cintilou imediatamente para o recipiente apagado.

Nora inclinou a cabeça. — Hattie. Deixe-o. Nós vamos levar a carruagem.

— Só uma espiada, — respondeu Hattie.

A inclinação se tornou lenta. — Se você espreitar, vai se arrepender.

— Tenho que dar uma espiada — insistiu Hattie, procurando uma razão decente - ignorando o estranho fato de que não podia contar a verdade à amiga. — Tenho que desamarrar ele.

— Não necessariamente, — apontou Nora. — Alguém achou que era melhor ele ficar amarrado e com quem devemos discordar? — Hattie já estava a enfiar a mão no bolso da porta da carruagem. — E os seus planos?

Havia muito tempo para seus planos. — Só uma espiada, — ela repetiu, o óleo na lanterna pegando fogo. Ela fechou a porta e se virou para encarar a carruagem, levantando a luz, lançando um lindo brilho dourado sobre...

— Oh, meu Deus.

Nora reprimiu uma risada. — Não é um presente tão ruim, afinal, parece.

O homem tinha o rosto mais bonito que Hattie já vira. O rosto mais bonito que *alguém* já viu. Inclinou-se mais para perto, observando sua pele quente e bronzeada, as maçãs do rosto salientes, o nariz comprido e reto, o corte escuro de suas sobrancelhas e os cílios incrivelmente longos que corriam como um pecado contra suas bochechas.

— Que tipo de homem... — Ela parou. Balançou a cabeça. Que tipo de homem era assim?

Que tipo de homem se parecia com isso e de alguma forma aterrissou na carruagem de Hattie Sedley - uma mulher que não estava acostumada a estar perto de homens que pareciam assim?

— Você está se envergonhando, — disse Nora. — Você olhando assim e com a mandíbula completamente frouxa.

Hattie fechou a boca, mas não parou de olhar.

— Hattie. Temos que ir. — Uma pausa. Então, — a menos que você tenha mudado de ideia?

A pergunta casual trouxe Hattie de volta ao momento. Para o plano dela. Ela balançou a cabeça. Abaixou a lanterna. — Eu não mudei.

Nora suspirou e colocou as mãos nos quadris, olhando Hattie que se preparava para entrar na carruagem. — Você pega as pernas dele, e eu vou pegar a parte de cima, então? — Ela olhou para uma alcova sombria atrás dela. — Ele pode retomar a consciência ali.

O coração de Hattie bateu forte. — Não podemos deixá-lo aqui.

— Nós não podemos?

— Não.

Nora lhe deu uma olhada. — Hattie. Não podemos levá-lo conosco só porque ele parece uma estátua romana.

Hattie corou na escuridão. — Eu não tinha notado.

— Você perdeu o poder da fala!

Ela limpou a garganta. — Não podemos largá-lo se *Augie* o deixou aqui.

Os lábios de Nora se achataram em uma linha reta perfeita. — Você não sabe disso.

— Eu sei, — disse Hattie, segurando a lanterna perto da corda nos pulsos do homem, e continuando sua análise para o lugar onde ele estava amarrado nos tornozelos, — porque August Sedley não sabe dar um nó de Carrick que valha a pena, e temo que, se deixarmos este homem aqui, ele se solte e vá direto para o meu irmão inútil.

Isso, e se o estranho não conseguisse se soltar, quem sabia o que Augie faria com ele. Seu irmão era tão impulsivo quanto imprudente - uma combinação que rotineiramente exigia a intervenção de Hattie. Que, aliás, foi um motivo significativo para sua decisão de reivindicar seu vigésimo nono ano como seu. E ainda assim, aqui estava seu irmão infernal, arruinando tudo.

Inconsciente dos pensamentos de Hattie, Nora disse: — Mesmo agora inconsciente ou não... esse não parece um homem que perde em uma briga.

O eufemismo não foi perdido por Hattie. Ela suspirou, estendendo a mão e pendurando a lanterna agora em chamas, aproveitando a oportunidade para olhar demoradamente para o homem em sua carruagem.

Hattie Sedley aprendera outra coisa em seus vinte e oito anos, trezentos e sessenta e quatro dias: se uma mulher tinha um problema, era melhor resolver o problema sozinha.

Ela subiu na carruagem, passando com cuidado sobre o homem no chão, antes de olhar de novo para Nora, de olhos arregalados, no caminho abaixo. — Vamos, então. Nós deixaremos ele pelo caminho.

Capítulo Dois

A última coisa que ele lembrava era o golpe na cabeça.

Ele estava esperando a emboscada. Era por isso que ele estava dirigindo a carroça, seis belos cavalos puxando um enorme veículo de aço carregado de bebidas alcoólicas, cartas de baralho e tabaco, destinados a Mayfair. Ele tinha acabado de atravessar a Oxford Street quando ouviu o tiro, seguido por um grito de dor de um de seus empregados.

Ele parou para checar seus homens. Para protegê-los.

Para punir aqueles que os ameaçavam.

Havia um corpo no chão. Sangue na rua abaixo dele. Ele acabara de mandar a segunda pessoa em busca de ajuda quando ouviu os passos em suas costas. Ele se virou, faca na mão. Jogou-a. Ouviu o grito na escuridão quando a lâmina encontrou seu lugar.

Então o golpe na cabeça.

E, em seguida... nada.

Não até que um leve toque insistente em sua bochecha o devolveu à consciência, suave demais para a dor, mas ainda firme o suficiente para ser irritante.

Ele não abriu os olhos, anos de treinamento permitindo que ele fingisse dormir enquanto se recompunha. Seus pés estavam amarrados. Suas mãos também nas costas. As amarras esticaram os músculos de seu peito apertados o suficiente para que ele notasse o que estava faltando - suas facas, oito lâminas de aço, colocadas em ônix. Roubadas junto com a cinta que os prendia em seu peito. Ele resistiu ao impulso de endurecer. Enfurecer-se.

Mas o Salvador Whittington, conhecido nas ruas mais escuras de Londres como Fera, não se enfurecia; ele punia. Rápido, devastador e sem emoção.

E se eles tivessem tirado a vida de um de seus homens - de alguém sob sua proteção - eles nunca conheceriam a paz.

Mas primeiro, liberdade.

Ele estava no chão de uma carruagem em movimento. Uma bem equipada, se a almofada macia em sua bochecha fosse qualquer indicação, e em uma vizinhança decente pelo ritmo suave dos paralelepípedos sob as rodas.

Que horas eram?

Ele considerou seu próximo passo - imaginando como ele iria incapacitar seu captor apesar de suas amarras. Ele imaginou quebrar o nariz com o osso plano de sua testa. Usando as pernas amarradas para derrubar o homem.

A batida em sua bochecha começou novamente. Então um sussurrou: — Senhor.

Os olhos de Whit se abriram.

Seu captor não era homem.

A chuva de luz dourada na carruagem brincava - parecendo não vir da lanterna balançando gentilmente no canto, mas da mulher.

Sentada no banco acima dele, ela não se parecia em nada com o tipo de inimigo que derrubaria um homem e o amarraria em uma carruagem. De fato, ela parecia estar a caminho de uma baile. Perfeitamente bem arrumada, perfeitamente penteada, perfeitamente maquiada - sua pele macia, seus olhos brilhantes, seus lábios cheios e pintados apenas o suficiente para fazer um homem prestar atenção. E isso foi antes de ele dar uma olhada no vestido - azul da cor de um céu de verão, perfeitamente ajustado à sua figura cheia.

Não que ele deveria estar percebendo algo sobre isso, considerando que ela o tinha amarrado em uma carruagem. Ele não deveria estar percebendo as curvas dela, suaves e acolhedoras em sua cintura, na linha de seu corpete. Ele não deveria estar percebendo o brilho da pele lisa e dourada em seu ombro redondo na luz da lanterna. Ele não deveria estar notando a suavidade bonita de seu rosto, ou a plenitude de seus lábios, manchados de vermelho com a pintura.

Ela não estava prestando atenção.

Ele estreitou seu olhar sobre ela e seus olhos - era possível que eles fossem violetas? Que tipo de pessoa tinha olhos violeta? — Bem. Se *esse* olhar é alguma

indicação do seu temperamento, não é de admirar que você esteja amarrado. — Ela inclinou a cabeça. — Quem te amarrou?

Whit não respondeu. Ele não acreditava que ela não soubesse a resposta.

— *Por que* você está amarrado?

Mais uma vez, silêncio.

Seus lábios se achataram em uma linha reta e murmuraram algo que soou como — *inútil*. — E então, mais alto, mais firme, — O ponto é que você é muito inconveniente, pois preciso desta carruagem hoje à noite.

— Inconveniente. — Ele não quis responder, e a palavra surpreendeu os dois. Ela assentiu. — De fato. É o ano de Hattie.

— O quê?

Ela acenou com a mão, como se para empurrar a pergunta. Como se não fosse importante. Exceto que Whit imaginou que fosse. Ela pressionou. — É meu aniversário. Eu tenho planos para mim. Planos que não incluem... o que quer que seja isso. — O silêncio se estendeu entre eles, então: — A maioria das pessoas me desejaria um feliz aniversário neste momento.

Whit não caiu na isca.

Suas sobancelhas se levantaram. — E aqui estava eu, pronta para ajudá-lo.

— Eu não preciso da sua ajuda.

— Você é muito rude, você sabe.

Ele resistiu ao instinto indesejável de ficar boquiaberto. — Fui nocauteado e amarrado em uma carruagem estranha.

— Sim, mas você deve admitir que a companhia mudou, não? — Ela sorriu, e uma covinha formada em sua bochecha direita foi impossível de ignorar.

Quando ele não respondeu, ela disse: — Tudo bem então. Mas me parece que você está em apuros, senhor... — Ela fez uma pausa, depois acrescentou: — Você vê como eu posso me divertir? Com um nó?

Ele trabalhou nas cordas em seus pulsos. Apertado, mas já folgado. Escapável — Eu vejo como você pode ser imprudente.

— Alguns me acham encantadora.

— Eu não acho as coisas encantadoras, — ele respondeu, continuando a manipular as cordas, imaginando o que o possuía para continuar com essa tagarelice.

— É uma pena. — Parecia que ela queria dizer isso, mas antes que ele pudesse pensar no que dizer, ela acrescentou: — Não importa. Mesmo que você não admita, você precisa de ajuda e, como você está preso e eu sou sua companheira de viagem, receio que você esteja preso a mim. — Ela se agachou a seus pés, como se tudo fosse perfeitamente comum, desatando as cordas com um toque suave e hábil. — Você tem sorte de eu ser muito boa com nós.

Ele grunhiu sua aprovação, esticando as pernas no espaço confinado quando ela o libertou. — E que você tem outros planos para o seu aniversário.

Ela hesitou, suas bochechas rosadas com as palavras. — Sim. Whit nunca entenderia o que o fez pressionar mais. — Que planos?

Seus olhos ridículos, de uma cor impossível e grande demais para o rosto, se fecharam. — Planos que, pela primeira vez, não envolvem limpar qualquer bagunça que você esteja.

— Da próxima vez que eu estiver inconsciente, tentarei fazê-lo onde não estiver no seu caminho, minha senhora.

Ela sorriu, aquela covinha em sua bochecha como graça particular. — Veja com que faça isso. — Antes que ele pudesse responder, ela disse: — Embora eu suponho que isso não será um problema no futuro. Nós claramente não corremos nos mesmos círculos.

— Nós nos encontramos hoje à noite.

Seu sorriso tornou-se um sorriso lento e fácil, e Whit não pôde deixar de admirar. A carruagem começou a desacelerar e ela espiou pela cortina. — Estamos quase lá, — ela disse baixinho. — É hora de você ir, senhor. Tenho certeza de que você concordará que nenhum de nós terá interesse em ser descoberto.

— Minhas mãos, — disse ele, mesmo quando as cordas afrouxaram ainda mais. Ela balançou a cabeça. — Eu não posso arriscar que você se vingue.

Ele encontrou seu olhar sem hesitação. — Minha vingança não é um risco. É uma certeza.

— Eu não tenho dúvidas disso. Mas não posso arriscar que você passe por mim. Não esta noite. — Ela passou por ele, buscando a maçaneta da porta, falando em seu ouvido, acima do barulho de rodas e cavalos da rua além. — Como eu disse...

— Você tem planos, — ele terminou por ela, virando-se para ela, incapaz de resistir ao cheiro dela, como um bolo de amêndoa, uma doce tentação.

Ela encontrou os olhos dele. — Sim.

— Diga-me o plano, e eu deixarei você ir. — Ele a encontraria.

Aquele sorriso de novo. — Você é muito arrogante, senhor. Devo lembrá-lo de que sou eu quem te deixa ir?

— Diga-me. — O comando foi áspero.

Ele viu a mudança nela. A hesitação se transformando em curiosidade. Pela bravura. E então, como um presente, ela sussurrou: — Talvez eu deva mostrar a você, em vez disso.

Cristo, *sim*.

E ela o beijou, pressionando seus lábios nos dele, macios e doces, e inexperientes e com gosto de vinho, tentadora como o inferno. Ele trabalhou em dobro para libertar as mãos. Para mostrar a essa estranha e curiosa mulher o quanto estava disposto a saber de seus planos.

Ela o libertou primeiro. Houve um puxão nos pulsos, e as cordas afrouxaram um pouco antes de ela tirar os lábios dos dele. Ele abriu os olhos, viu o brilho de um pequeno canivete na mão dela. Ela mudou de ideia. Ela o soltou.

Para ele abraçá-la. Para retomar o beijo.

Como ela avisou, no entanto, a moça tinha outros planos.

Antes que ele pudesse tocá-la, a carruagem diminuiu a velocidade e ela abriu a porta em suas costas. — Adeus.

O instinto fez Whit girar enquanto ele caía, dobrando o queixo, protegendo a cabeça, e se impulsionando a rolar, mesmo quando um único pensamento trovejou através dele.

Ela está fugindo.

Ele parou contra a parede de uma taverna próxima, espalhando a coleção de homens do lado de fora.

— Ei! — Um grito, vindo para ele. — Tudo bem, bruv²?

Whit ficou de pé, sacudindo os braços, revirando os ombros para trás, deslocando o peso de um lado para o outro para testar músculos e ossos - garantindo que tudo estava em ordem antes de extrair dois relógios do bolso e verificar as horas. *Nove e meia*

— Ora bolas! Nunca vi ninguém voando tão rápido — disse o homem, estendendo a mão para bater no ombro de Whit. A mão parou antes de tocá-lo, no entanto, quando os olhos dele pousaram no rosto de Whit, imediatamente se ampliando em reconhecimento. O calor se transformou em medo quando o homem deu um passo para trás. — *Fera*.

Whit ergueu o queixo em reconhecimento ao nome, foi quando ele tomou consciência. Se esse homem o conhecia - sabia seu nome...

Ele se virou, estreitando o olhar na curva da escura rua de paralelepípedos onde a carruagem havia desaparecido, junto com sua passageira, no labirinto de ruas emaranhadas que marcavam Covent Garden³.

A satisfação pulsou através dele.

Afinal, ela não estava fugindo.

² **Bruv** - é uma versão reduzida de Brother (no sentido de mano, irmão-camarada, parceiro).

³ **Covent Garden** (Jardim do Monastério) – é um distrito londrino localizado mais a leste da cidade de Westminster. **Covent**, um termo anglo-francês para designar uma comunidade religiosa, equivalente a "monastério" ou "convento"; **Garden** é Jardim.

Capítulo Três

— Você o *empurrou* para *fora*? — O choque de Nora foi claro quando ela espiou dentro do veículo vazio depois que Hattie desceu. — Pensei que não desejávamos a morte dele.

Hattie passou os dedos pela seda da máscara que vestira antes de sair da carruagem. — Ele não está morto.

Ela havia ficado pendurada na porta da carruagem por tempo suficiente para ter certeza disso - tempo suficiente para se maravilhar com a forma como ele se lançou rolando antes de saltar de pé, como se ele fosse frequentemente despachado de carruagens.

Ela supôs, desde o momento que o descobrira amarrado na carruagem, que ele poderia muito bem ser jogado de transporte regularmente. Ela o observou, no entanto, prendendo a respiração até que ele ficou de pé, ileso.

— Ele acordou, então? — Nora perguntou.

Hattie assentiu com a cabeça, os dedos chegando aos lábios, a sensação de seu beijo firme e suave, um eco persistente ali, junto com o gosto de alguma coisa como... limão?

— E?

Ela olhou para a amiga. — E o que?

Nora revirou os olhos. — Quem é ele?

— Ele não disse.

Uma pausa. — Não, eu não acho que ele faria isso.

Não. Não que eu não daria tudo para saber.

— Você deveria perguntar a Augie. — Hattie olhou para a amiga. Ela falou em voz alta? Nora sorriu. — Você esquece que eu conheço sua mente tão bem quanto a minha?

Nora e Hattie tinham sido amigas por toda a vida - mais de uma, a mãe de Nora costumava dizer, observando as duas brincarem embaixo da mesa em seu quintal, contando segredos. Elisabeth Madewell, a Duquesa de Holymoor e a mãe de Hattie foram lançadas juntas nos arredores da aristocracia. Nenhuma delas teve uma recepção calorosa, o destino interveio para fazer uma atriz irlandesa e uma garota que vinha de família de comerciante de Bristol em uma duquesa e uma condessa, respectivamente. Elas estavam destinadas a serem amigas muito antes de o pai de Hattie ter recebido o seu título, duas almas inseparáveis que fizeram tudo em conjunto, incluindo filhas biológicas - Nora e Hattie, nascidas a semanas uma da

outra, educadas tão perto quanto irmãs e sem chance de não se amarem, uma a outra, como tal.

— Vou dizer duas coisas, — acrescentou Nora.

— Só duas?

— Tudo bem. Duas *por enquanto*. Vou me reservar o direito de dizer mais, — corrigiu Nora. — Primeiro, é melhor que você esteja certa e acidentalmente não tenhamos matado o homem.

— Nós não fizemos, — disse Hattie.

— E *segundo*... — Nora continuou sem pausa. — Da próxima vez que eu sugerir que deixemos o homem inconsciente na carruagem e levemos meu curricle⁴, pegamos o maldito curricle.

— Se tivéssemos tomado o curricle, *poderíamos* ter morrido, — Hattie zombou. — Você dirige essa coisa muito rapidamente.

— Estou no controle total o tempo todo.

Quando suas mães morreram com poucos meses de diferença entre uma da outra - irmãs até nisso - Nora procurou conforto, coisa que não conseguia encontrar com o pai e o irmão mais velho, homens aristocráticos demais para se permitirem o luxo da dor. Mas os Sedleys, nascidos em uma vida comum e agora aristocratas que não eram considerados aristocráticos, não tiveram esse tipo de problema. Eles abriram espaço para Nora em sua casa e em sua mesa, e não demorou muito para que ela passasse mais noites em Sedley House do que sozinha, algo que seu pai e irmão pareciam não notar - assim como eles parecia não notar quando ela começou a gastar seu dinheiro em cabriolés⁵ e curricles para competir com os conduzidos pelos mais ostentosos dândis da sociedade.

Nora gostava de dizer: *uma mulher encarregada de seu próprio transporte é uma mulher encarregada de seu próprio destino*.

Hattie não estava inteiramente certa disso, mas não negava que era bom ter uma amiga com essa habilidade em guiar, especialmente nas noites em que ninguém desejava que os cocheiros falassem - o que qualquer cocheiro faria se tivesse deixado duas filhas aristocráticas solteiras na frente da Casa 72 da Rua Shelton. Não importava que essa casa não parecesse, à primeira vista, um bordel.

Ainda era chamado de bordel se fosse para mulheres?

Hattie supôs que isso também não importava, mas o prédio lindamente decorado não se parecia em nada com o que ela imaginava que fossem os lugares onde homens servissem e agradessem as mulheres. Na verdade, parecia quente e acolhedor, brilhando como um farol, janelas cheias de luz dourada, plantas florais

⁴ **Curricle** - o “carro de corrida” da era regencial. Com teto conversível, puxado por dois cavalos. Por ser leve, logo tornou-se a carruagem preferida entre os jovens e aqueles cavalheiros que se envolviam em apostas em Rotter Rown, o que na maioria das vezes terminava em tragédia.

⁵ **Cabriolé**: Uma carruagem leve, de duas rodas, com cobertura dobrável e com assentos para dois passageiros. Durante algum tempo foi usada como carro de aluguel.

explodindo com cores outonais penduradas em ambos os lados da porta e acima, em caixas em cada soleira.

Não escapou à observação de Hattie de que as janelas estavam cobertas, no entanto, o que parecia razoável, já que os acontecimentos no interior certamente eram de natureza privada.

Ela levantou a mão e verificou a colocação de sua máscara mais uma vez. — Se tivéssemos vindo com o curricle, teríamos sido vistas.

— Acho que você está certa. — Nora deu de ombros e lançou um sorriso a Hattie. — Bem, então, fora da carruagem com ele.

Hattie riu. — Eu não deveria ter feito isso.

— Não vamos voltar e pedir desculpas, — disse Nora, acenando com a mão para a porta. — E então? Você vai entrar?

Hattie respirou fundo. Era isso. Ela se virou para a amiga. — Isso é loucura?

— Absolutamente, — respondeu Nora.

— Nora!

— É louco da melhor maneira possível. Você tem planos, Hattie. E é assim que você chega a eles. Uma vez feito isso, não há como voltar atrás. E, francamente, você merece isso.

Dúvida apareceu, mínima, mas ela percebeu. — Você tem planos também, mas você não fará nada assim.

Uma pausa e Nora encolheu os ombros. — Eu não preciso fazer isso. — O universo tinha presenteado Nora com riqueza e privilégio, e uma família que não parecia se importar se ela usasse isso para tirar vantagens nas suas escolhas.

Hattie não teve tanta sorte. Ela não era o tipo de mulher que se esperava que colocasse a carroça na frente dos cavalos. Mas depois desta noite, ela pretendia mostrar ao mundo o quão bem ela pretendia fazer exatamente isso.

Mas primeiro, ela era obrigada a acabar com a única coisa que a continha.

E então ela estava aqui.

Ela se virou para Nora. — Você está certa de que este é...

Uma carruagem que se aproximava interrompeu, os cavalos barulhentos e as rodas rangendo em seus ouvidos quando parou. Um trio de mulheres rindo desceu em belos vestidos de seda que brilhavam como joias e máscaras arlequim quase idênticas às de Hattie. Pescoço comprido e cintura estreita, com sorrisos largos, era fácil dizer que essas mulheres eram bonitas.

Hattie não era bonita.

Ela deu um passo a trás, pressionando-se contra a lateral da carruagem.

— Bem, agora estou *certa de que* este é o lugar, — disse Nora secamente. Hattie olhou para a amiga. — Mas por que *elas*...

— Por que você?

— Mas elas poderiam ter... — *Qualquer um que elas quisessem.*

Nora lhe deu uma olhada, arqueando as sobrancelhas escuras. — Você também podia.

Não era verdade, claro. Os homens não clamaram por Hattie. Oh, eles gostavam dela. Afinal, ela gostava de navios e cavalos e tinha uma cabeça para o negócio, e ela era inteligente o suficiente para se divertir durante um jantar ou um baile. Mas quando uma mulher se parecia e falava como ela, os homens tinham muito mais probabilidade de lhe dar um tapinha no ombro do que abraçá-la com paixão. A sempre *boa e velha Hattie*, mesmo quando ela esteve em sua primeira temporada e ela nem velha era.

Ela não disse isso, porém Nora preencheu o seu silêncio. — Talvez elas também estejam procurando por algo... sem restrições. — Elas viram as mulheres bater na porta da Casa 72 da Rua Shelton, uma pequena janela ser aberta e depois fechada antes que a porta em si se abrisse, e as mulheres desaparecerem dentro, deixando a rua em silêncio mais uma vez. — Talvez elas também estejam procurando captar seus próprios destinos.

Um rouxinol murmurava acima delas, respondido quase imediatamente por outro, à distância.

O ano de Hattie

Ela assentiu. — Tudo bem então.

Sua amiga sorriu. — Tudo bem então.

— Você tem certeza de que não quer entrar?

— E fazer o que? — Nora perguntou com uma risada. — Não há nada lá dentro para mim. Pensei em dar uma volta - ver se consigo superar meu tempo no Hyde Park.

— Duas horas?

— Eu estarei aqui. — Nora deu um tapa no boné do cocheiro e deu um sorriso para Hattie. — Divirta-se, milady.

Esse tinha sido o plano de Hattie o tempo todo, não foi? Para se divertir nisto, a primeira noite do resto de sua vida, quando ela fechasse a porta do passado e tomasse seu futuro bem na mão. Com um aceno de cabeça para a amiga, ela se aproximou do prédio, os olhos fixos na grande porta de aço e na pequena abertura que se abriu no momento em que ela bateu, revelando um par de olhos sombrios e avaliadores. — Senha?

— Regina.

A janelinha se fechou. A porta se abriu. E Hattie entrou.

Levou um momento para os olhos dela se ajustarem ao interior escuro do edifício, uma mudança bastante chocante do exterior iluminado que ela instintivamente verificou a máscara. — Se você removê-la, você não pode ficar, — veio um aviso da mulher que abriu a porta, alta, ágil e bonita, com cabelos e olhos escuros e a pele mais pálida que Hattie já tinha visto.

Ela baixou a mão da proteção. — Eu sou...

A mulher sorriu. — Nós sabemos quem você é, minha senhora. Aqui não há necessidade de nomes. Seu anonimato é uma prioridade.

Ocorreu a Hattie que talvez fosse a primeira vez que alguém lhe dissesse que ela era uma prioridade de qualquer forma. E ela gostou bastante disso. — Oh, — ela respondeu, por falta de mais nada a dizer. — Que gentil.

A dama virou-se, empurrando uma cortina espessa e entrando na sala de recepção principal, as três mulheres que Hattie vira do lado de fora pararam a conversa para estudá-la. Hattie começou a se mover para um sofá vazio próximo, mas sua escolta a manteve, empurrando outra porta. — Por aqui, minha senhora.

Ela seguiu. — Mas elas chegaram antes de mim.

Outro pequeno sorriso nos lábios cheios da beleza. — Elas não têm hora marcada.

A ideia de que alguém pudesse aparecer em um lugar como este sem avisar correu loucamente por Hattie. Afinal, tal coisa significava para essa pessoa que *frequentava* esse local, seria o tipo de mulher que não apenas tinha acesso a tal lugar, mas regularmente se aproveitava disso? Então isso significava que ela tinha *gostado*.

A excitação percorria-a enquanto entravam na sala ao lado, esta grande e oval, ricamente decorada com sedas vermelhas e brocado de ouro, luxuriantes veludos azuis e travessas de prata carregadas de chocolates e pequenos petiscos.

O estômago de Hattie roncou. Ela não tinha comido desde o almoço, porque ela estava muito nervosa.

Sua bela acompanhante se virou para encará-la. — Você gostaria de algum refresco?

— Não. Eu gostaria de fazer logo isso. — Seus olhos se arregalaram. — Isso é... eu quero dizer...

A mulher sorriu. — Compreendo. Me siga.

Ela a seguiu, através dos corredores labirínticos do edifício, que do lado de fora parecia enganosamente pequeno para o amplo espaço interno. Subiram por uma escadaria larga e Hattie não resistiu a passar os dedos pelas paredes de seda da cor de safira em alto relevo com vinhas de prata. Todo o lugar estava cheio de luxo, e ela não deveria ter ficado surpresa com isso - ela pagou uma fortuna pelo privilégio de um compromisso, afinal.

Naquela ocasião, ela achava que estava pagando pelo sigilo, não pela extravagância. Parecia que ela estava pagando por ambos.

Ela olhou para a acompanhante quando chegaram ao topo da escada e se dirigiram para um corredor bem iluminado, alinhado com portas fechadas. — Você é Dahlia?

A Casa 72 da Rua Shelton era a propriedade de uma mulher misteriosa, conhecida pelas damas da aristocracia apenas como Dahlia. Foi com Dahlia que Hattie havia se correspondido no período que antecedeu essa noite. Foi Dahlia, que

lhe fizera algumas perguntas sobre desejos e preferências – perguntas que Hattie mal conseguira responder por suas bochechas quentes. Afinal, mulheres como Hattie raramente tiveram a oportunidade de explorar o desejo ou de ter preferências.

Ela tinha preferências agora.

O pensamento chegou ilustrado - o homem na carruagem, bonito no sono e depois... acordado, inegavelmente bonito. Aqueles olhos âmbar que avaliavam e valorizavam, que pareciam ver diretamente dentro dela. A ondulação de seus músculos enquanto ele lutava contra as amarras. E o beijo dele...

Ela o beijou.

O que ela estava pensando?

Ela não tinha pensado.

E ainda assim... ela estava agradecida pela lembrança, pelo eco de sua inspiração quando pressionou os lábios nos dele, pelo grunhido suave que se seguiu, o som se acumulando profundamente dentro dela, uma pontuação quando ele se entregou a ela. Como ele se submeteu ao desejo dela. Como ele se tornou sua preferência.

Suas bochechas ficaram quentes novamente. Ela limpou a garganta e olhou para sua escolta, cujos lábios cheios estavam curvados em um sorriso secreto. — Eu sou Zeva, minha senhora. Dahlia não está aqui esta noite, mas não se preocupe. Na ausência dela, nós preparamos tudo para você. — continuou a beldade. — Acreditamos que você encontrará tudo ao seu gosto.

Zeva abriu uma porta, permitindo que Hattie entrasse.

Seu coração começou a bater acelerado quando ela olhou ao redor do quarto. Ela engoliu o nó na garganta, recusando-se a permitir que aparecesse o nervosismo, apesar do que outrora fora uma ideia maluca, agora tornando-se uma eventualidade concreta.

Este não era um quarto comum. Era um quarto de dormir.

Um quarto lindamente decorado, com sedas e cetins, e uma colcha de veludo em um azul vibrante que brilhava contra os postes elaboradamente esculpidos da peça central da sala - uma cama de ébano.

O fato de que as camas eram tradicionalmente as peças centrais dos quartos pareciam repentinamente, completamente irrelevantes, e Hattie tinha certeza de que nunca em sua vida tinha visto uma cama assim. Que explicava por que ela não conseguia parar de olhar para ela.

Era impossível ignorar a diversão na voz de Zeva quando ela disse: — Há algum problema, minha senhora?

— Não! — Hattie disse, mal reconhecendo o grito da palavra, que veio em um tom reservado apenas para cães. Ela limpou a garganta, o corpete de seu vestido de repente parecia totalmente apertado demais. Ela colocou a mão nele. — Não. Não. Tudo está perfeito. Tudo está como esperado. Inteiramente como planejado. — Ela pigarreou novamente, ainda impressionada com a cama. — Obrigada.

De trás dela, Zeva falou. — Você gostaria de um momento de paz antes de Nelson se juntar a você?

Nelson. Hattie se virou para a outra mulher com a menção do nome. — Nelson? Como o herói de guerra?

— Justamente. Um dos nossos melhores.

— E pelo melhor, você quer dizer...

As sobrancelhas escuras subiram. — Além das qualidades que você pediu, ele é charmoso, experiente e *extremamente* completo.

Extremamente completo na cama, ela quis dizer.

Hattie se engasgou com a areia que parecia encher sua garganta. — Entendo. Bem. O que mais se pode pedir?

Os lábios de Zeva se contraíram. — Por que não alguns momentos para se familiarizar com o quarto...

Com a cama, ela quis dizer.

Ela acenou para um puxão na parede. — E tocar a campainha quando você estiver pronta?

Pronta para se deitar, ela quis dizer.

Hattie assentiu. — Sim. Isso soa ideal.

Zeva flutuou da sala, o clique silencioso da porta, a única evidência de que ela tinha estado lá.

Hattie soltou um longo suspiro e se virou para o quarto vazio. Sozinha, ela foi capaz de absorver o resto, o papel de parede dourado reluzente, a bela lareira de azulejos e as grandes janelas que, sem dúvida, revelariam a teia dos telhados de Covent Garden durante o dia, mas agora, à noite, eram feitos espelhos na escuridão, refletindo a luz da vela do quarto, e Hattie no centro.

Hattie Pronta para começar sua vida novamente.

Ela se aproximou de uma grande janela, tentando o seu melhor para ignorar o seu reflexo, considerando, em vez disso, a escuridão em torno dela, sem limites, como seus planos. Seus desejos. A decisão de parar de esperar por seu pai para ver seu potencial e, em vez disso, pegar o que ela queria. Para provar que era forte o suficiente, inteligente o bastante, sem restrições o bastante.

E talvez um pouco imprudente.

Mas qual seria o caminho para o sucesso sem um pouco de imprudência?

Essa imprudência a tiraria da corrida como esposa para qualquer homem decente, e tornaria impossível para seu pai recusar o que ela realmente queria.

Um negócio próprio. Uma vida própria. Um futuro dela mesma.

Respirou fundo e se virou para uma mesa próxima, cheia o suficiente para alimentar um exército: pequenos sanduíches, canapés e aperitivos. Uma garrafa de champanhe e dois copos estavam colocados ao lado da comida. Ela não deveria se

surpreender – a pesquisa de suas preferências para a noite tinha sido bastante minuciosa, e ela solicitara tal propagação, não porque ela se importava com champanhe e comida deliciosa. Embora quem não o faria? Era mais porque parecia o tipo de coisa que uma mulher experiente iria querer em tal ocasião.

E assim, uma mesa estava à espera de um acompanhante, como se aquele lugar fosse uma estalagem na Great North Road, e o quarto destinado a recém-casados. Hattie sorriu para o pensamento tolo e romântico. Mas esse era o serviço vendido pela *Casa 72 da Rua Shelton*, não era? Romance, como a pessoa preferia, comprado e embalado.

Com champanhe e aperitivos, e uma cama de dossel.

De repente, isso tudo parecia *muito* ridículo.

Ela deu uma risadinha nervosa. Não havia como ela estar comendo canapés ou aperitivos. Não sem imediatamente expulsá-los de seu estômago agitado. Mas champanhe - talvez champanhe fosse apenas a coisa certa.

Ela se serviu de uma taça da bebida e tomou como água de limão, o calor se espalhando por ela mais rápido do que ela esperava. Calor e coragem suficiente para impulsioná-la através da sala para puxar a campainha. Para convocar Nelson. Excessivamente completo como o herói de guerra Nelson.

Ela supunha que havia nomes piores para o homem que a livraria de sua virgindade.

Hattie puxou a campainha - em silêncio no quarto, mas tocando em algum lugar distante no misterioso prédio, onde Hattie imaginou que um bando de homens bonitos esperavam para prover um excesso de perfeição, como cavalos em um início de corrida. Ela sorriu para a imagem selvagem, para um Nelson sem rosto - usando um uniforme completo e um chapéu de almirante por falta de imaginação mais criativa - pulando para o som, correndo em sua direção, pernas longas subindo dois degraus, talvez três de cada vez, bufando. Sua respiração dificultosa pela corrida para chegar até ela.

Como ela deveria estar posicionada quando ele chegasse aqui? Ela deveria estar na janela? Ele gostaria de vê-la em pé? Para avaliar a situação? Ela não estava louca por esse pensamento.

O que deixava a opção para uma cadeira junto à lareira ou da cama.

Ela duvidava muito que ele desejasse conversar com ela. De fato, ela não tinha certeza de que estava interessada em conversar. Este era um meio para um fim, afinal.

Assim, a cama era o ideal.

Ela deveria deitar-se? Isso, sinceramente, parecia um tanto precipitado, embora, ela provavelmente tivesse avançado em algum ponto entre procurar a Casa 72 da Rua Shelton meses atrás e pegar a carruagem naquela noite. Ela tinha perdido completamente a noção do que seria isso enquanto beijava um homem na carruagem.

E por um momento, não seria um almirante sem rosto que correria em sua direção. Seria um tipo de homem inteiramente diferente. Lindamente vestido. Com feições perfeitas, olhos âmbar, sobrancelhas escuras e lábios que eram mais suaves do que ela jamais imaginou que os lábios poderiam ser.

Ela limpou a garganta e afastou o pensamento, voltando a sua questão. Deitar parecia errado, assim como sentar, de tornozelos cruzados, naquela cama. Talvez houvesse um meio termo? Uma pose sedutora de algum tipo?

Ugh. Hattie nunca foi sedutora em sua vida.

Ela se empoleirou no canto mais mal iluminado da cama e recostou-se, passando um braço pelo poste para se manter firme, pressionando-se a ele, desejando-se parecer com o tipo de mulher que fazia esse tipo de coisa o tempo todo. Uma sedutora que conhecia seus desejos e suas preferências. Alguém que entendia frases como *extremamente completo*.

E então a porta estava se abrindo e seu coração batendo forte, e uma grande figura sombria estava entrando, e ele não estava usando um chapéu de almirante ou um uniforme. Ou qualquer coisa remotamente elegante. Ele estava vestindo preto. Uma imensa quantidade de preto.

Ele estava dentro então, e a luz projetou seu rosto perfeito em um brilho dourado e quente.

Seu coração parou e ela se endireitou, compensando demais sua posição cambaleante, quase se jogando para fora da cama.

Ele se movia com singular graça, como se não tivesse estado inconsciente em sua carruagem uma hora antes. Como se ela não o tivesse despachado.

Seu olhar traçou sobre ele, procurando por arranhões e hematomas, por dores e sequelas de sua queda. Nada.

Ela engoliu em seco, agradecida pela pouca luz. — Você não é Nelson.

Ele não respondeu. A porta se fechou atrás dele.

E eles estavam sozinhos.

Capítulo Quatro

Ela deveria ter sido uma agulha em um palheiro.

Ela deveria ter desaparecido.

Ela deveria ter sido uma entre mil mulheres, em mil carruagens, correndo como escorpiões pelos cantos mais escuros de Londres, sem ser vista pelos homens comuns do mundo além.

E ela teria sido apenas isso, exceto que Whit não era um homem comum. Ele era um Bastardo de Bareknuckle - um rei das sombras de Londres, com dezenas de espiões postados na escuridão - e nada acontecia em seu território sem que ele soubesse. Era ridiculamente fácil para a sua ampla rede de vigias encontrar a única carruagem preta que se dirigia para a noite.

Eles estavam seguindo-a antes que ele subisse aos telhados. Eles tinham sua localização tão rapidamente quanto tinham as informações que sabiam que ele iria querer. A remessa que ele dirigia havia sumido, os ajudantes que haviam sido atacados estavam vivos e seus atacantes desapareceram. Não identificados.

Mas não por muito tempo.

A mulher o levaria ao inimigo - um inimigo que os Bastardos de Bareknuckle estiveram procurando por meses.

Se Whit estivesse certo, um inimigo que eles conheciam há anos.

Não foi mal que seus garotos estivessem sempre observando as entradas do bordel. Um irmão protegia uma irmã, afinal de contas - mesmo quando a irmã em questão era poderosa o suficiente para pôr uma cidade de joelhos. Mesmo quando a irmã estava escondida da única coisa que poderia tirá-la desse poder.

Whit facilmente encontrou o caminho para dentro do prédio e passou por Zeva, parando apenas o tempo suficiente para descobrir a localização da mulher que ela não daria o nome. Ele sabia que ela não iria. A Casa 72 da Rua Shelton só progrediu por causa da discrição intransigente, e segredos eram mantidos por todos - Bastardos de Bareknuckle incluídos.

Por causa disso, ele não pressionou Zeva. Em vez disso, ele passou por ela, ignorando o modo como as sobranceiras escuras se ergueram em silenciosa surpresa. Silenciosa no momento; Zeva era a melhor das tenentes e mantinha segredos de todos, menos da sua empregadora. E quando Grace - conhecida por toda Londres como Dahlia - retornasse ao posto de legítima dona deste lugar, ela saberia o que aconteceu. E ela não hesitaria em perguntar sobre isso.

Não havia curiosidade mais implacável, do que a de uma irmã.

Mas, por enquanto, não havia Grace para importuná-lo. Havia apenas a mulher misteriosa da carruagem, cheia de informação, a última peça da engrenagem que ele estava esperando para pôr em movimento. A fonte, esperando para ser atacada. Ela tinha os nomes dos homens que haviam disparado em seu carregamento. Atirado em seus meninos. Os nomes dos homens que estavam roubando dos bastardos.

Os nomes dos homens que estavam trabalhando com seu irmão ausente. Seu inimigo. E aqui estava ela, em um prédio pertencente à irmã dele, no terreno que pertencia ao próprio Whit.

Esperando por um homem para lhe dar prazer.

Ele ignorou a vibração de excitação que o atravessou com esse pensamento e o fio de irritação que se seguiu. Ela era negócios, não prazer.

Era hora de fazer negócios.

Ele a viu no momento em que entrou no quarto, seus olhos a encontrando, empoleirada na beira da cama, agarrando-se a um poste na escuridão. Ao deixar a porta se fechar atrás de si, ele foi consumido por um pensamento singular: sentada ali, em um dos bordéis mais extravagantes da cidade - projetado para mulheres de bom gosto e que prometiam a máxima discrição - a mulher não poderia ter parecido mais fora do lugar.

Ela deveria parecer estar completamente em casa, considerando que ela o havia acordado, conversado com ele como se fosse inteiramente comum, e então o empurrou de uma carruagem em movimento.

Depois de beijá-lo.

O fato de que ela estava vindo para cá parecia totalmente de acordo com o resto de sua noite selvagem.

Mas algo estava errado.

Não era o vestido, as luxuosas saias de seda explodindo na escuridão em ondas turquesas que sugeriam uma modista de habilidade superior. Não eram os chinelos combinados, os dedos dos pés aparecendo por baixo da batinha.

Não era o jeito que o corpete brilhava na escuridão, abraçando a curva de seu torso e exibindo o adorável aumento acima dele - não, esse pedaço era perfeito para a Rua Shelton.

Não era nem mesmo a sombra de seu rosto - quase irreconhecível na escuridão, mas apenas visível o suficiente para revelar sua boca aberta de surpresa. Outro homem poderia achar aquela boca aberta ridícula, mas Whit conhecia melhor. Ele sabia o gosto. Como aqueles lábios cheios suavizaram e cederam. E não havia nada remotamente fora de lugar sobre isso.

A Casa 72 da Rua Shelton era mais que acolhedora de corpos cheios e lábios carnudos de mulheres que sabiam como usá-los.

Mas essa mulher não sabia como usá-los. Ela estava rígida como pedra, agarrada à cabeceira da cama com uma das mãos brancas e uma taça com champanhe vazia na outra, mantendo-se em um ângulo estranho, parecendo totalmente fora do lugar.

Ainda mais quando se endireitou impossivelmente mais e disse: — Peça perdão, senhor. Eu estou esperando por alguém.

— Hum. — Ele se recostou contra a porta, cruzando os braços sobre o peito, desejando que ela não estivesse na sombra. — Nelson.

Ela assentiu com a cabeça, o movimento como um tremor relampejante. — Perfeitamente. E como você não é ele...

— Como você sabe disso?

Silêncio. Whit resistiu ao impulso de sorrir. Ele quase podia ouvi-la entrar em pânico. Ela estava prestes a recuar, o que o colocaria na posição de poder. Ela daria as informações que ele desejava em minutos, fácil como dar doces para criança.

Exceto, ela disse: — Você não corresponde à minha lista de qualificações. *Que diabos? Qualificações?*

De alguma forma, milagrosamente, ele evitou fazer essa pergunta de imediato. No entanto, a tagarela forneceu informação adicional. — Eu pedi especificamente alguém menos...

Ela parou e Whit se viu disposto a fazer quase qualquer coisa para que a frase terminasse. Quando ela acenou com a mão em sua direção, ele não conseguiu se conter. — Menos...?

Ela franziu o cenho. — Precisamente isso. Menos.

Algo suspeitosamente como orgulho explodiu dentro de seu peito, e Whit afastou-o, deixando o silêncio cair.

— Você não é menos, — disse ela. — Você é mais. Você é *muito*. É por isso que eu joguei você da carruagem mais cedo - peço desculpas por isso, a propósito. Espero que você não tenha se machucado demais na queda.

Ele ignorou o último. — Muito o que?

Aquela onda de mão novamente. — Muito de tudo. — Ela alcançou o tecido volumoso de suas saias e extraiu um pedaço de papel, consultando-o. — Altura mediana. Construção mediana. — Ela olhou para cima, avaliando-o francamente. — Você não é nenhum desses.

Ela não precisava parecer desapontada com isso. O que mais estava no papel?

— Eu não percebi o quão grande você era quando nos encontramos mais cedo.

— É assim que estamos chamando? Um encontro?

Ela inclinou a cabeça em consideração. — Você tem um termo melhor?

— Um ataque.

Seus olhos se arregalaram atrás da máscara e ela ficou de pé, revelando uma altura que ele não imaginara na carruagem. — Eu não ataquei você!

Ela estava errada, claro. Tudo nela era um ataque, desde suas curvas exuberantes até o brilho de seus olhos, o brilho de seu vestido e o cheiro de amêndoas nela - como se ela tivesse acabado de chegar de uma cozinha cheia de bolos.

A mulher parecia-se com um ataque desde o momento em que ele abriu os olhos naquela carruagem e a encontrou lá, falando como uma tempestade sobre aniversários, planos e o Ano de Hattie.

— Hattie. — Ele não queria dizer isso. Definitivamente não tinha a intenção de *desfrutar de* dizê-lo.

Seus olhos ficaram impossivelmente maiores atrás da máscara. — Como você sabe o meu nome? — Ela perguntou, levantando-se, pânico e indignação vindo dela. — Eu pensei que este lugar era o cúmulo da discrição?

— O que é o ano da Hattie?

Realização brilhou, memória de revelar seu nome mais cedo. Uma pausa, e então ela disse: — Por que você se importa?

Ele não tinha certeza da resposta, então ele não ofereceu.

Ela preencheu o silêncio, como ele estava descobrindo que ela estava acostumada a fazer. — Eu suponho que você não vai me dizer seu nome? Eu sei que não é Nelson.

— Porque eu sou demais para ser Nelson.

— Porque você não combina com minhas qualificações. Você é muito largo nos ombros e muito longo nas pernas e *não é charmoso, e certamente nem um pouco afável.*

— Você fez uma lista de qualificações próprias para um cão, não para uma fornicção.

Ela não mordeu a isca. — E tudo isso antes mesmo de considerar seu *rosto.*

O que diabos havia de errado com o rosto dele? Em trinta e um anos, ele nunca teve uma queixa, e essa mulher maluca ia mudar isso? — Meu rosto.

— Muito bem, — disse ela, a palavra vindo como uma carruagem em alta velocidade. — Eu pedi um rosto que não era assim...

Whit ficou pendurado na pausa. *Agora* a mulher decidiu parar de falar?

Ela balançou a cabeça e ele resistiu ao desejo de amaldiçoar. — Deixa pra lá. O ponto é que eu não pedi por você e não *ataquei* você. Eu não tinha nada a ver com você ficando inconsciente na minha carruagem. Embora, para ser honesta, agora estou começando a achar que você é o tipo de homem que merece uma pancada na cabeça.

— Eu não acredito que você fez parte do ataque.

— Boa. Porque eu não fiz.

— Quem fez?

Ela suspirou — Eu não sei.

Mentira.

Ela estava protegendo alguém. A carruagem pertencia a alguém em quem ela confiava, ou ela não teria usado para trazê-la até aqui. Seu *pai*? Não é impossível. Mas mesmo essa louca não usaria o cocheiro de seu pai para levá-la a um bordel no meio de Covent Garden. Cocheiros falavam.

Amante? Por um momento fugaz, ele considerou a possibilidade de que ela não estava simplesmente trabalhando com seu inimigo, mas dormindo com ele. Whit não gostou do sentimento que veio com essa ideia antes que a razão chegasse.

Não. Não é um amante. Ela não estaria em um bordel se tivesse um amante. Ela não teria beijado Whit se tivesse um amante.

E ela o beijou, suave, doce e inexperiente.

Não havia amante.

Mas ainda assim, ela era leal ao inimigo.

— Eu acho que você sabe quem me amarrou naquela carruagem, Hattie — ele disse suavemente, aproximando-se dela, uma onda de consciência percorrendo-o quando percebeu que ela era quase da altura dele, o peito subindo e descendo em ritmo acelerado acima da linha de seu vestido, os músculos de sua garganta trabalhando enquanto ela engolia. — E acho que você sabe que pretendo ter um nome.

Os olhos dela se estreitaram na luz fraca. — Isso é uma ameaça? — Ele não respondeu, e no silêncio, ela parecia se acalmar, sua respiração saindo quando seus ombros se endireitaram. — Eu não aceito ameaças gentilmente. Esta é a segunda vez que você interrompe a minha noite, senhor. Você faria bem em se lembrar, que fui *eu* quem salvou sua pele mais cedo.

A mudança nela foi notável. — Você quase me matou.

Ela zombou. — Por favor. Você foi perfeitamente ágil. Eu vi você sair da carruagem como se não fosse a primeira vez que você foi jogado de uma. — Ela fez uma pausa. — Não foi, foi?

— Isso não significa que eu estou procurando fazer disso um hábito.

— O ponto é, sem mim, você poderia estar morto em uma vala. Um *cavalheiro razoável* me agradeceria gentilmente e iria para outro lugar neste momento.

— Você é azarada, então, que eu não sou isso.

— Razoável?

— Um cavalheiro.

Ela deu uma risadinha surpresa com isso. — Bem, como atualmente nós estamos em um bordel, acho que nenhum de nós pode reivindicar muita gentileza.

— Isso não estava na sua lista de qualificações?

— Oh, estava, — ela disse, — mas eu esperava algo mais perto da gentileza do que a realidade dela. Mas tem um problema: eu tenho planos, e não vou deixar você arruiná-los.

— Os planos que você falou antes de me jogar fora da carruagem.

— Eu não joguei você. — Quando ele não respondeu, ela disse: — Tudo bem, eu joguei. Mas você se saiu perfeitamente bem.

— Não graças a você.

— Eu não tenho a informação que você quer.

— Eu não acredito em você.

Ela abriu a boca. Fechou. — Que rude.

— Tire sua máscara.

— Não.

Seus lábios se contraíram com a resposta inflexível. — O que é *o ano da Hattie*?

Ela levantou o queixo em desafio, mas ficou em silêncio. Whit deu um grunhido e atravessou o quarto em direção ao champanhe, retornando para encher a taça. Quando a tarefa terminou, ele devolveu a garrafa ao seu lugar e recostou-se no peitoril da janela, observando-a se mexer.

Ela estava sempre em movimento, alisando as saias ou brincando com sua manga - ele absorvia a longa figura do vestido, o modo como envolvia suas curvas indisciplinadas e fazia promessas que um homem desejava que ela cumprisse. A luz de vela brincou sobre sua pele, dourando-a. Esta não era uma mulher que tomava chá. Esta era uma mulher que tomava sol.

Ela tinha dinheiro, claramente. E poder. Uma mulher precisava de convite ou indicação para entrar na Casa 72 da Rua Shelton. Mesmo sabendo que aquele lugar existia, era necessário uma rede de contatos ou conexão com alguém daquela casa, o que não era fácil. Havia mil razões pelas quais uma pessoa poderia desejar acesso, e Whit ouvira todas elas. Tédio, insatisfação, imprudência. Mas ele não podia ver nenhuma daquelas razões em Hattie. Ela não era uma garota impetuosa - tinha idade suficiente para saber o que queria e fazer suas escolhas. Tampouco era simples ou superficial.

Ele se aproximou dela. Lentamente. Deliberadamente.

Ela endureceu. Seu aperto aumentou no papel em sua mão. — Eu não vou ser intimidada.

— Ele pegou algo meu, e eu desejo ter de volta.

Mas isso não era tudo.

Ele estava perto o suficiente para tocá-la. Perto o suficiente para medir a altura que ele havia notado nela antes, quase igual à sua. Perto o suficiente para ver os olhos dela, escuros atrás da máscara, fixos nele. Perto o suficiente para ser envolvido pelo aroma de amêndoas.

— Seja o que for. — Ela empurrou os ombros para trás. — Verei isso devolvido.

Quatro embarques. Três empregados baleados. E depois desta noite, as próprias facas de Whit, que ele valorizava acima de tudo. E, se ele estivesse certo, mais do que poderia ser reembolsado.

Ele balançou sua cabeça. — Não é possível. Eu preciso de um nome.

Ela enrijeceu. — Eu imploro seu perdão. Mas eu não falarei.

Outro homem poderia ter achado as palavras divertidas. Mas Whit ouviu a honestidade nelas. Como ela estava envolvida nessa bagunça? Ele não pôde resistir a se repetir. — Que é *o ano da Hattie*?

— Se eu te disser, você vai me deixar em paz? *Não.* Ele não disse isso.

Ela respirou fundo no silêncio, parecendo considerar suas opções. E então: — é o que parece. É o meu ano. O ano que eu me reivindico para mim mesma.

— Como?

— Tenho um plano de quatro pontos para eu capitalizar o meu próprio destino. Suas sobrancelhas se levantaram. — Quatro pontos.

Ela levantou a mão, assinalando as respostas em seus longos dedos enluvados. — O negócio. Casa. Fortuna. Futuro. — Ela fez uma pausa. — Agora, se você me dissesse o que exatamente foi tirado de sua posse, eu vou ver isso devolvido, e podemos seguir nossas vidas sem nos incomodarmos novamente.

— O negócio. Casa. Fortuna. Futuro. — Ele testou o plano. — Nessa ordem?

Ela inclinou a cabeça. — Provavelmente.

— Que tipo de negócio? — Whit tinha dinheiro de sobra e poderia ajudá-la em qualquer negócio que desejasse... pelas informações que ele queria dela.

Seu olhar se estreitou e ela permaneceu em silêncio. Ela provavelmente tinha aspirações como costureira ou chapeleira, e ambas comprariam uma casa para ela, mas nenhuma delas lhe daria uma fortuna. Mas essa mulher, futuramente, não seria mais adequada como esposa e mãe em alguma propriedade rural.

Isso, e nenhum de seus quatro pontos fazia sentido no contexto do bordel da Rua Shelton. Ele apontou para o papel apertado em seu punho. — O que você esperava de Nelson? Investimento?

Ela bufou uma risadinha com a pergunta. — De um tipo.

Whit estreitou seu olhar. — Que tipo?

— Há um quinto ponto, — disse ela.

Um relógio ecoou no corredor, alto e baixo, e Whit extraiu seus relógios sem pensar, verificando o tempo em ambos antes de guardá-los. — E o que seria?

Seu olhar seguiu seus movimentos. — Que horas são?

Ele não perdeu a provocação na pergunta. — Onze.

— Nos dois relógios?

— O quinto ponto?

Uma lavagem de vermelho passou por suas bochechas com a pergunta, e a curiosidade de Whit sobre essa mulher tornou-se quase insuportável. E então ela disse, claro como o relógio no corredor além, — Corpo

Quando Whit tinha dezessete anos, ele saiu do ringue recuperando-se de uma luta que durou muito tempo com um oponente que era muito grande, o rugido da multidão preso em seus ouvidos pelos pesados golpes que ele suportou. Ele havia pousado no beco de um armazém, onde sugou ar frio para os pulmões e imaginou-se em qualquer lugar, menos lá, em um clube de luta de Covent Garden.

A porta atrás dele se abriu e fechou, e uma mulher se aproximou, com um lenço na mão. Ela se ofereceu para limpar o sangue do rosto dele. Suas palavras suaves e o toque gentil marcaram o maior prazer que ele já sentiu em sua vida.

Até o momento em que ouviu Hattie falar a palavra *corpo*.

No silêncio que se estendia entre eles, ela deu uma risadinha nervosa. — Suponho que é mais um primeiro ponto, considerando que é essencial para os outros pontos.

Corpo.

— Explique. — A palavra veio em um rosnado.

Ela pareceu considerar a possibilidade de não explicar, como se ele a deixasse sair deste lugar sem fazê-lo. Ela deve ter percebido, porque, finalmente, ela disse: — Há duas razões.

Ele esperou.

— Algumas mulheres passam a vida inteira em busca de casamento.

— E você não?

Ela balançou a cabeça. — Talvez em algum momento eu tenha gostado... — Ela parou e Whit prendeu a respiração, esperando por suas próximas palavras. Ela deu de ombros. — Amanhã terei vinte e nove anos. Neste ponto, sou um dote e nada mais.

Whit não acreditou nem por um momento nisso.

— E eu não quero ser um dote. — Ela olhou para ele. — Eu não quero ser comercializada. Eu desejo ser dona de mim. Para escolher por mim mesma.

— O negócio. Casa. Fortuna. Futuro, — ele disse.

Ela sorriu, largamente e cativante, aquela maldita covinha surgindo, e ele não pôde resistir a lembrança do início da noite, da sensação daqueles lábios. Eles se mudaram novamente. — Só há uma maneira de garantir que eu tenha permissão de poder escolher por mim mesma. — Ela fez uma pausa. — Eu acabo com a única coisa que tem valor sobre mim. Eu me reivindico. E eu ganho.

— E você veio aqui para... — Ele parou, sabendo a resposta. Querendo que ela dissesse isso.

Querendo ouvir isso.

Que ela corasse novamente. Então, magnificamente ela disse: — tirar a minha virgindade.

As palavras soaram em seus ouvidos.

E de alguma forma esta mulher *riu*. — Bem, eu não posso tirar minha própria virgindade, obviamente. É mais uma metáfora. Nelson deveria ter feito isso.

Ele deixou o silêncio reinar por um momento enquanto ele coletava uma série de pensamentos. — Você se livra da sua virgindade e fica livre para viver sua vida.

— Precisamente! — ela disse, como se estivesse encantada por alguém ter entendido.

Ele grunhiu. — E qual é o segundo motivo?

O vermelho tingiu seu rosto novamente. Quem era essa mulher, de alguma forma ousada e corada? — Eu suponho que... — Ela parou. Limpou a garganta. — Eu acho que quero isso.

Cristo.

Ela poderia ter dito mil coisas que ele teria esperado. Coisas que o teriam mantido quieto, indiferente. E em vez disso, ela disse algo tão honesto, que ele não teve escolha a não ser se emocionar.

Isso mexeu com ele.

Ele se obrigou a parar aquilo antes que começasse. Reprimindo seu desejo, deslizou a mão no bolso e tirou um saco de papel, pegou um doce de dentro. Ele colocou o doce em sua boca, limão e mel explodindo em sua língua.

Qualquer coisa para distraí-lo de das palavras dela.

Quero isso.

Hattie olhou para o saco. — São aqueles doces?

Ele olhou para os doces. Grunhiu seu reconhecimento.

Ela inclinou a cabeça. — Você não deve consumir guloseimas, se você não está disposto a compartilhar, você sabe.

Outro grunhido. Ele estendeu o saco para ela.

— Não, obrigada, — ela disse com um sorriso.

— Então por que pediu?

Outro sorriso. — Eu não pedi por um. Eu só falei para *oferecer* um. O que é uma coisa completamente diferente.

Ela era incrivelmente frustrante. E fascinante. Mas ele não tinha tempo para ficar fascinado por ela.

Ele devolveu o doce ao bolso, tentando se concentrar no limão, um doce prazer azedo - um dos poucos que se permitia. Tentando ignorar o fato de que não era o gosto de limão que ele desejava naquele momento.

Tentando não pensar em amêndoas.

Ele exigiria a informação dela. E seria isso. Ela sabia quem estava atacando seus homens. Quem estava roubando sua carga. Ela poderia confirmar a identidade de seu inimigo. E ele faria o que fosse necessário para que ela fizesse exatamente isso.

— Você não vai me dizer que eu estou errada? — Ela perguntou.

— Errada sobre o que?

— Errada por querer... — Ela parou por um momento, e um fio de medo frio passou por Whit enquanto considerava a possibilidade de que ela poderia dizer

isso de novo. Quando esta mulher dizia *isso*, alguém queria preencher o espaço entre essas duas letras minúsculas com uma pontuação de coisas sujas. — ...explorar.

Bom Cristo. Isso foi pior.

— Eu não vou lhe dizer que está errada.

— Por que não?

Ele não sabia por que ele disse isso. Não deveria ter dito isso. Ele deveria tê-la deixado lá naquele quarto e a ter seguido para casa e esperado que ela revelasse o que sabia. Pois não havia como essa mulher guardar segredos. Ela era honesta demais. Honesta o suficiente para ser um problema.

Mas ele disse isso mesmo assim. — Porque você deveria explorar. Você deve explorar cada centímetro de si mesma e cada centímetro do seu prazer e definir o curso para o seu futuro. — Os lábios dela se abriram quando ele fechou o espaço entre eles, falando uma série de palavras mais longa do que ele havia oferecido há tempos. Em uma vida.

Ele estendeu a mão para ela. Levantando as mãos lentamente, deixando-a vê-lo chegando. Dando a ela tempo para pará-lo. Quando ela não fez isso, ele removeu sua máscara, revelando seus grandes olhos escuros. — Mas você não deve contratar Nelson.

O que ele estava fazendo?

Era a única opção.

Mentira.

Ela pegou a máscara em sua mão livre, abaixando-a entre eles. Seus dedos roçando e brincando com isso. Chamuscando ele. — Vai ser difícil encontrar outro homem para me ajudar sem repercussões.

— Eu garanto que não vai, — disse ele, inclinando-se, abaixando a voz.

Ela engoliu em seco. — Você pretende me encontrar um homem assim?

— Não.

Suas sobrelanceiras se uniram e ele correu o polegar sobre o sulco lá. Uma vez, duas vezes, até que suavizou. Ele traçou as linhas de seu rosto, a varredura de suas maçãs do rosto, a curva suave de sua mandíbula. Seu lábio inferior rechonchudo, tão macio quanto ele se lembrava.

— Eu pretendo ser ele.

Capítulo Cinco

Quando chegara à Casa 72 da Rua Shelton com a intenção de se arruinar, Hattie realmente deveria ter considerado a possibilidade de que o negócio da virgindade perdida pudesse ser prazeroso. Mas, ela nunca pensou nisso de tal maneira. De fato, ela pensou que seria um negócio superficial. Um tipo de negócio. O tipo de negócio que era um meio para um fim.

Mas quando esse homem a tocou - misterioso e bonito, inquietante e mais bem-vindo do que ela gostaria de admitir - ela não conseguia pensar em nada além dos meios.

Os meios muito prazerosos.

Meios muito prazerosos que se apoderou dela quando ele sugeriu que ele seria o único a ajudá-la a perder sua virgindade.

Mas a combinação de seu rosnado baixo e a lenta carícia de seu polegar sobre o lábio inferior dela fez Hattie pensar que ele poderia fazer mais do que isso. Pensou que ele poderia queimá-la. Pensou que ela poderia permitir isso, que a incineração seria condenada.

E então isso fez Hattie pensar muito pouco, mas *sim*.

Ela tinha chegado neste lugar mais cedo, com a promessa de que seria recebida por um homem *extremamente completo* que se mostraria ser um assistente estelar. Mas este homem aqui, com seus olhos âmbar que viam tudo, com seu toque que entendia tudo, com a voz que enchia as lacunas escuras e secretas dela, era mais que um assistente.

Este homem era o domínio - do tipo que Hattie não tinha imaginado, mas agora não poderia *não* imaginar.

E ele estava se oferecendo para fazer tudo o que ela realmente imaginava.

Sim.

Ele estava tão perto. Impossivelmente grande - grande o suficiente para fazer Hattie se sentir pequena - e incrivelmente bonita - bonita o suficiente para ter dado uma pausa em outra noite menos impetuosa - e incrivelmente quente na sala fria.

E inacreditavelmente, ele ia beijá-la.

Não porque ela estava pagando a ele, mas porque ele queria.

Inacreditável.

Ninguém nunca...

O deslizar da mão no cabelo dela afastou o pensamento antes que ele terminasse.
— Você irá...

Silêncio.

— ...me ajudar...

Seus dedos se apertaram.

— ...com... — Ele segurou a sua refém com seu toque e seu silêncio. Ele estava fazendo ela terminar o pensamento, droga. A sentença. *Qual seria a ideia?* — ...isso?

Ele encontrou a palavra com um grunhido, um estrondo de som que ela não teria entendido se ela não estivesse tão extasiada. Se ela não estivesse tão ansiosa por isso. — Tudo isso.

Seus olhos se fecharam. Como é que um homem poderia transformar tão poucas palavras em tal prazer? Ele certamente iria beijá-la. Era assim que começava, não era? Mas ele não estava se movendo. Por que ele não estava se movendo? Ele deveria se mover, não era?

Ela abriu os olhos novamente, encontrando-o ali, tão perto, observando-a. Olhando para ela. Vendo *ela*. Quando foi a última vez que alguém a viu assim? Ela passou a vida toda se tornando tão boa em se esconder, que nunca seria vista.

Mas esse homem - ele a viu.

E ela descobriu que odiava isso tanto quanto gostava.

Não. Ela odiava mais. Ela não queria que ele realmente a visse. Não queria que ele catalogasse suas inúmeras falhas. Suas bochechas cheias, sobrancelha muito larga e nariz muito grande. Sua boca, que outro homem descrevera como *boca de cavalo*, como se estivesse lhe fazendo um favor. Se esse homem visse tudo aquilo, ele poderia mudar de ideia.

E isso a deixou descarada o suficiente para dizer: — Podemos começar agora?

Um baixo ronco de assentimento anunciou seu beijo, o som tão glorioso quanto o toque quando ele colocou os lábios nos dela e lhe deu exatamente o que ela queria. Mais que isso. Ela não deveria ter ficado surpresa com a sensação dele contra ela – ela o beijou com ousadia na carruagem antes de jogá-lo para fora - mas aquela tinha sido *sua* carícia.

Esta era *deles*.

Ele a puxou, inclinando-se, devagarinho, até que estivessem perfeitamente emparelhados, até que sua linda boca estivesse alinhada com a dela. E então a segunda mão dele veio para combinar com a primeira, para embalar seu rosto, acariciando sua bochecha enquanto ele tomava sua boca em pequenos beijos, um após o outro, repetidas vezes, até que ela pensou que poderia enlouquecer com aquelas provocações. Até que ele capturou seu lábio inferior e lambeu, sua língua quente e áspera e com gosto de açúcar de limão deixando-a...

Faminta.

Era assim que se sentia. Como se ela nunca tivesse sido consumida antes e agora aqui era devorada, abundante e acolhedora e tudo isso por ela.

Essas lambidas a deixaram enlouquecida. Ela não sabia como desfrutar. Como gerenciá-las. Tudo o que ela sabia era que ela não queria que elas parassem.

Ela o pegou, agarrando seu casaco e puxando-o para mais perto, pressionando-se contra ele, querendo seu toque contra cada centímetro seu. Querendo rastejar dentro dele. Ela deu um pequeno suspiro de frustração, e ele entendeu, seus braços se aproximando dela como aço, levantando-a, forçando-a a se entregar a ele, as mãos dela deslizando sobre os ombros maciços e ao redor do pescoço dele, os músculos rígidos e *tão quentes*.

Ela ofegou com o calor dele, e ele se afastou. Ele estava parando? Por que ele estava parando? — Não!

Bom Deus, ela disse isso em voz alta?

— Eu... — Suas bochechas estavam instantaneamente em chamas. — Isso é...

Uma sobranceira subiu em silenciosa pergunta.

— Eu preferiria...

E então este homem disse: — Eu sei o que você preferiria. E eu darei a você. Mas primeiro...

Ela recuperou o fôlego. Primeiro *o que?*

Ele pegou a mão dela, que segurava seu ombro, uma personificação do medo que ele poderia parar antes que eles tivessem a chance de começar. Ele puxou-a para longe, forçando-a a soltá-lo, mas não afrouxando seu poder sobre ela.

O que ele estava fazendo? Ele girou seu pulso e colocou os dedos na linha de botões ao longo do interior do braço dela. Ela observou por um momento. — Você é muito especialista em botões.

Um grunhido enquanto ele trabalhava.

— Você nem tem um gancho de botão, — ela disse inanimadamente, desejando que ela pudesse pegar as palavras de volta antes mesmo de deixarem sua boca boba.

Ele tirou a luva da mão dela, revelando seu pulso, coberto de manchas de tinta de sua tarde nos escritórios, debruçada sobre livros de cargas e registros. Ela torceu o braço para esconder as marcas desagradáveis, mas ele não a deixou. Em vez disso, ele as estudou por um momento, o polegar acariciando as manchas como chamas antes de ele voltar a colocar a mão dela no ombro dele. Os dedos dela agora nus alcançaram o lugar onde o colarinho encontrava a pele morna do pescoço dele, desesperada pelo toque sincero, e ele lançou um estrondo de prazer quando apertou sua pele. A tinta foi logo esquecida.

— Primeiro isso — disse ele.

Alguém mais deve ter respondido, porque certamente não foi Hattie quem deslizou os dedos em seus cabelos pretos ondulados, puxou-o para ela e disse: — E agora você vai me dar o que eu quero?

Mas foi Hattie quem o recebeu, seu beijo a reivindicando com uma das mãos abaixada para puxá-la contra ele, para levantar sua coxa sobre o quadril, para pressioná-la contra o espesso colchão de ébano em suas costas.

Sua língua acariciou, entrou, e ela o encontrou ansiosamente, combinando seus movimentos com os dela, aprendendo. Aprendendo sobre isso. Ela deve ter feito

bem, porque ele rosnou novamente - o som de triunfo puro - e ele pressionou contra ela, áspero e perfeito na junção de suas coxas, chamando sua atenção para a dor lá, uma dor que ela tinha certeza de que ele poderia curar. Se ao menos ele...

Ele afastou sua boca da dela com uma maldição - uma palavra que a atravessou, fazendo ela se sentir perversa, maravilhosa e imensamente poderosa. Uma palavra que não a fez querer parar o que estava fazendo. E assim ela levantou os quadris novamente, aumentando a pressão, desejando que suas saias desaparecessem.

O polegar dele pressionou contra o queixo dela, erguendo-o alto quando ele encontrou seus impulsos e colocou os lábios na pele macia lá, beliscando ao longo de sua mandíbula em seu ouvido, onde ele sussurrou: — Aqui?

Sim.

Ele desceu ao longo do pescoço dela. Um deslize glorioso. Uma deliciosa chupada. — Hum. Aqui?

Sim.

— Mais?

Mais. Ela pressionou contra ele. Isso era seu gemido?

— Pobre amor, — ele roncou. Ele a ergueu mais alto, seus pés saindo do chão. Como ele era tão forte assim? Ela não se importou. Ele estava na beira do vestido dela, o tecido apertado. Muito constrangedor. Muito limitante. — Isso parece desconfortável. — Ele passou a língua sobre a quente e cheia elevação de seus seios, tornando-os incrivelmente mais quentes. Impossivelmente mais cheios. Ela ofegou por ar.

Não, Hattie falou novamente. — Faça.

Ele não hesitou em obedecer, colocando-a na borda alta da cama, seus dedos poderosos chegando à borda do corpete. Seus olhos se abriram e ela olhou para baixo, suas mãos fortes contra a seda brilhante.

A sanidade retornou. Ele certamente não era forte o suficiente para...

O vestido rasgou como papel sob seu toque, o ar frio perseguindo seu choque e depois...

Fogo.

Lábios. Língua.

Prazer.

E ela não conseguia parar de assistir. Ela nunca tinha visto nada assim. O homem mais bonito que ela já viu, inteiramente a seu gosto. A respiração deixou seus pulmões enquanto observava, incerta do que ela mais amava - a visão dele ou a sensação dele...

A visão de suas mãos em seus cabelos, segurando-o para ela.

A sensação delas guiando-o para o prazer dela.

O som de seu consentimento, de seu *desejo*.

Estava além de tudo que ela jamais imaginou. Este homem estava além de qualquer coisa que ela já imaginou. Com esse pensamento, ela o arrastou para cima novamente, seus dedos empurrando em seu cabelo, puxando-o para ela até que eles se beijassem novamente. Desta vez, porém, foi *ela* quem lambeu seus lábios cheios. Foi *ele* quem se abriu para ela. *Ela* que saqueou. *Aquele* que se submeteu.

E foi *glorioso*.

As mãos dele chegaram aos seios dela, os polegares dele amassando os bicos duros, acariciando, beliscando, até que ela ofegou e contorceu-se contra ele, perdida para ele.

E ela nem sabia o nome dele.

O pensamento era aterrador.

Ela nem sabia o nome dele.

— *Espere*. — Ela se afastou dele, arrependendo-se instantaneamente da decisão quando ele a soltou sem hesitar, seu toque desaparecendo como se nunca tivesse estado lá para começar. Ele recuou.

Ela empurrou o corpete sobre os seios nus que protestavam e cruzou os braços, sua fome retornando com uma grande dor em todos os lugares em que se tocaram. Seus lábios começaram a formigar, seu beijo um fantasma ali. Ela os lambeu, e seu olhar âmbar caiu em sua boca.

Ele parecia faminto também, enquanto observava as palavras saírem dela. — Eu não sei o seu nome.

Pela primeira vez, ele não hesitou. — Fera.

Ela ouviu mal. Certamente. — Eu imploro seu perdão?

— Eles me chamam de Fera.

Ela balançou a cabeça. — Isso é... — ela procurou pela palavra — ridículo.

— Por quê?

— Porque... você é o homem mais bonito que eu já vi. — Ela fez uma pausa. Depois: — você é o homem mais bonito que *alguém* já viu. Empiricamente.

Suas sobranceiras se levantaram e ele levantou a mão, passando-a pelo cabelo e por trás da cabeça em algo como - era possível que fosse *embaraço*? — É raro que as pessoas apontem isso.

— Isso é porque é óbvio. Como o calor. Ou a chuva. Mas suponho que as pessoas lhe apontam sempre que te chamam por esse apelido absurdo. Eu imagino que isso seja irônico.

— Não é, — disse ele, abaixando a mão.

Ela piscou. — Eu não entendo.

— Você irá.

A promessa enviou um fio de desconforto através dela. — Eu vou?

Ele a alcançou novamente, segurando sua bochecha na palma da mão, fazendo-a querer se transformar no calor dele. — Aqueles que roubam de mim. Quem ameaça o que é meu. Eles veem a verdade disso.

Seu coração começou a bater. Ele quis dizer Augie.

Este não era um homem que punia pela metade.

Quando ele viesse buscar o irmão dela, ele não se seguraria.

Seu irmão era um grande imbecil, mas ela não o queria arruinado. Ou pior. Não, o que quer que Augie tenha feito, o que quer que ele tenha roubado, Hattie iria devolver. E foi quando ela percebeu - o beijo que eles acabaram de compartilhar - a oferta que ele fez a ela - não foi porque ele a desejou.

Foi porque ele desejou vingança.

Não tinha sido por ela.

Claro que não.

Afinal de contas, esse homem, com sua paixão controlada e sua avaliação silenciosa, não era o tipo de homem que procurava por Henrietta Sedley, solteirona gorducha com manchas de tinta nos pulsos.

A menos que ela pudesse entregar algo para ele.

Este homem pode não desejar um dote, mas ele desejava algo, no entanto.

Ela ignorou a pontada de tristeza que surgiu com o entendimento - fingiu não notar a pontada na parte de trás de seus olhos ou a sugestão de emoção indesejada em sua garganta. Cruzando os braços com mais força sobre o peito, ela passou por ele e foi até onde ela havia descartado o xale anteriormente.

Uma vez que estava embrulhada no rico tecido turquesa, ela se voltou para ele. Seu olhar cintilou para o lugar onde o envoltório cobria seu corpete rasgado, o rasgão que ele causou ali.

Ela inalou. Se ela podia fazer uma troca, então ela poderia fazer uma exigência. — Parece-me, senhor, que você pode estar no mercado para uma troca. Uma sobancelha negra levantou-se em curiosidade.

— Eu não nego que sei quem teve uma mão no seu... dilema... esta noite. Nós dois somos inteligentes demais para brincar com jogos tolos.

Ele grunhiu sua afirmação.

— Eu vou buscar o que você perdeu. Eu devolverei a você. Por um preço.

Ele a observou por um longo momento. — Sua virgindade.

Ela assentiu. — Você quer vingança; Eu quero um futuro. Duas horas atrás, eu estava preparada para uma espécie de transação, então por que não fazer isso agora? — Quando ele não respondeu, ela ergueu o queixo, recusando-se a deixá-lo ver sua decepção. — Não há necessidade de você fingir que queria fazer isso pela bondade do seu coração. Eu não sou uma senhorita de olhar romântico. Eu enxergo bem e tenho um espelho.

Ela tinha sido por um momento, no entanto. Ele quase a levou a fazer esse papel.

— E você não é um cavaleiro de armadura brilhante, ansioso para me cortejar.

— Silêncio. Maldito silêncio. — Você é?

Ele encostou-se na cabeceira da cama e cruzou os braços. — Eu não sou.

O homem poderia ter pelo menos *fingido*.

Não.

Ela não queria fingimento. Ela preferia a honestidade.

— E então?

Ele a observou por um longo momento, aqueles infernais olhos que tudo veem recusando-se a libertá-la. — Quem é Você?

Ela deu-lhe um pequeno encolher de ombros. — Hattie.

— Você tem um sobrenome?

Ela não ia contar para ele. — Todos nós temos sobrenomes.

— Hum. — Ele fez uma pausa, então disse: — Então, você oferece o nome do meu inimigo - embora não o seu próprio - em troca de uma noite de sexo.

— Se você pensa em me chocar com a sua língua, não vai funcionar. — Ela acenou com a palavra. — Eu cresci nas docas. — Ela brincou no cordame dos navios de seu pai.

Ele estreitou seu olhar nela. — Você não é da sarjeta.

— Você é? — *Quem é você?* Ela não ficou surpresa por ele não responder. — Não importa. O ponto é que eu cresci ouvindo a linguagem chula de marinheiros e estivadores, então eu sou inacessível. — Ela puxou o xale, apertando-o em volta dela e considerou este homem, a quem ela encontrou amarrado em sua carruagem, que achava que seu irmão era inimigo dele, e que se chamava Fera. Ironicamente.

Ela deveria ir embora. Terminar esta noite antes de ir mais longe. Voltar outra hora e retomar o *Ano de Hattie* com outro homem.

Mas ela não queria outro homem, não depois que este homem a beijou tão bem.

— Eu não vou te dar um nome. Mas vou devolver o que você perdeu. — Ela iria para casa, resolveria a parte de Augie nessa trama, buscaria o que fora tirado desse homem e o devolveria.

— Isso provavelmente é o melhor.

O alívio explodiu, depois a incerteza. — Por quê?

— Se você me der o nome, você se sentirá responsável quando eu o destruir.

Seu coração bateu forte com as palavras. Ao destruir Augie ele estaria destruindo o negócio de seu pai. *Destruindo seus negócios*.

Ela deveria acabar com isso agora. Nunca mais veria esse homem. Ela ignorou a decepção que surgiu com essa ideia. — Se você não tem interesse em minha oferta, então você deveria sair. Eu tenho um compromisso.

Talvez ela pudesse salvar a noite.

Não que ela ainda desejasse o tal do Nelson.

Isso não importava. *Um meio para o fim.*

Um músculo marcava sua mandíbula perfeita e quadrada. — Não.

— O que então?

— Você não está em posição de me fazer uma oferta. — Ele a alcançou mais uma vez, seus dedos longos e quentes deslizando sobre sua nuca, tirando-a do equilíbrio o suficiente para ela colocar as mãos no peito dele para se estabilizar. — Eu recebo tudo...

Ele arrastou os lábios nos dela, um firme e quente deslizar de prazer. Ele quebrou o beijo.

— ... o que é meu, — ele rosnou.

O que quer que seu irmão tenha roubado. — Sim. — Ela encontrou seus lábios novamente. Suspirou quando sua língua encontrou a dela em um longo e lento deslize.

Ele se afastou. — E o que é seu.

Sua virgindade. — Sim, — ela sussurrou, chegando na ponta dos pés para outro beijo.

Ele resistiu a um fio de cabelo dela. — E o nome.

Nunca. Isso o aproximaria demais de tudo o que importava para Hattie. Ela balançou a cabeça. — Não.

Uma sobrancelha escura subiu. — Eu não perco, amor.

Ela sorriu, deslizando as mãos em seus cabelos e puxando-o para ela, beijando-o profundamente. Ela estava se divertindo imensamente. — Preciso te lembrar que eu te empurrei de uma carruagem em movimento mais cedo? Eu também não perco.

Ela não tinha certeza se sentiu ou ouviu o estrondo baixo em seu peito. Tampouco tinha certeza de que era riso, mas queria que fosse, quando ele a ergueu no ar e se virou para a cama mais uma vez. *Para fazer bom negócio.* Ele a colocou no colchão e se inclinou sobre ela para se apossar de seus lábios novamente, e ela não podia conter seu suspiro de prazer, antes dele soltá-la e beijar a ponta de sua orelha, onde ele sussurrou, — Preciso *lembrá-la* que eu achei você? — Ele roçou a orelha dela com os dentes, e ela respirou fundo. — Uma agulha em um palheiro em Covent Garden.

— Dificilmente uma agulha. — Ela comentou na defensiva. Sempre ficava.

Ele a ignorou. — Esperando por um homem que conhecia as suas... como você as chamou? Qualificações?

Suas qualificações haviam mudado. Não que ele soubesse disso. Ela virou a cabeça, seu olhar encontrando o dele, cheio de fogo. — Me disseram que ele é extremamente completo.

— Hum, — disse ele, antes de acrescentar: — Eu encontrei você primeiro.

— Então vamos dizer que estamos quites. — Ela mal reconheceu suas palavras ofegantes.

— Hum. — Ele a beijou então, profundo e meticuloso, suas mãos se movendo para o xale que cobria seu vestido destruído, e ela prendeu a respiração, sabendo o que estava por vir. Mais beijos. Mais toques. E todo o resto. *Tudo*.

Mas antes que ele pudesse desfazer o nó que a escondia dele, uma batida veio, clara e firme na porta.

Eles congelaram.

A porta mal se abriu – nem o suficiente para uma cabeça passar. Apenas o suficiente para as palavras serem ditas. — Minha senhora, sua carruagem voltou.

Droga. Nora. Já tinha passado duas horas?

— Eu devo ir. — Ela empurrou em seus ombros.

Ele se moveu instantaneamente, afastando-se dela, dando-lhe o espaço para o qual ela pedira e não queria. Ele tirou os relógios do bolso e verificou os dois com uma velocidade tão graciosa que Hattie se perguntou se ele sabia que tinha feito isso. — Algum lugar para estar?

— Casa.

— Isso foi rápido, — disse ele.

— Eu não estava esperando essa conversa brilhante. — Ela fez uma pausa, em seguida, acrescentou: — Embora a conversa não é uma coisa que acontece muitas vezes com você, é? — Depois de um longo momento de silêncio, ela sorriu, incapaz de se conter. — Precisamente.

Ela atravessou a sala, pegou sua capa e se virou para ele.

— Como vou encontrar você? Para... — *Cobrar*. Ela quase disse *cobrar*. Suas bochechas arderam.

Um lado de sua linda boca se contorceu, o canto mal se levantando antes de cair. Mas ele sabia o que ela estava pensando, sem questionar. E então ele disse: — Eu *te* encontrarei.

Era impossível. Ele nunca a encontraria em Mayfair. Mas ela poderia voltar a Covent Garden. *Faria isso*. Eles fizeram promessas, afinal, e Hattie pretendia que fossem mantidas.

Mas ela não teve tempo para apontar tudo isso. Nora estava lá embaixo, com a carruagem, e Covent Garden não era um lugar para se prolongar a noite. Augie saberia como encontrá-lo. Ela deixou seu sorriso virar um grande sorriso. — Outro desafio, então?

Algo como surpresa brilhou em seus olhos, afugentado por outra coisa - admiração? Ela se afastou dele e colocou a mão na maçaneta da porta, o prazer percorrendo-a. Prazer, excitação e...

Ela voltou-se. — Lamento ter jogado você de uma carruagem.

Sua resposta foi instantânea. — Eu não lamento.

O sorriso permaneceu em seus lábios enquanto ela se movia pelos corredores escuros da Casa 72 da Rua Shelton, o lugar onde ela pretendia começar de novo. Para reclamar a si mesma e ao mundo o que era dela por direito.

Talvez ela já tivesse feito isso. Embora não exatamente do jeito que ela esperava.

Uma sensação passou através dela. Algo parecido com liberdade.

Hattie saiu do prédio e encontrou Nora encostada na lateral do carruagem, com a cabeça baixa e as mãos nos bolsos da calça. Dentes brancos brilharam quando Hattie se aproximou.

— Como passou o seu tempo? — Hattie foi logo perguntando a sua amiga.

Nora encolheu os ombros. — Encontrei um toff⁶ para correr e aliviar os seus bolsos.

Hattie sacudiu a cabeça com uma risadinha. — Você sabe que é uma toff também, não é?

Sua amiga fingiu estar chocada. — Você acha isso? — Quando Hattie riu, Nora inclinou a cabeça. — Não me deixe em suspense. Como foi?

Hattie escolheu sua resposta com cuidado. — Inesperado.

As sobranceiras de Nora levantaram-se quando ela abriu a porta da carruagem e abaixou o degrau. — Isso é um grande elogio. Ele tinha suas qualificações?

Hattie congelou, um pé no degrau. *Qualificações*. Ela deu um tapinha nos bolsos ocultos em seu vestido. — Ah não.

— O que? — Nora se inclinou e sussurrou, em voz alta demais: — Hattie. Você usou uma proteção, não foi? Eu estava certa de que eles iriam fornecer.

— Nora! — Hattie mal conseguia pensar numa repreensão. Ela estava muito ocupada em pânico. Ela não tinha mais a sua lista. Estava na mão dela. E depois... O homem chamado Fera a beijou.

E agora se foi.

Ela se virou e olhou para as janelas alegremente iluminadas da Casa 72 da Rua Shelton. Lá estava ele, em uma bela janela larga no terceiro andar - não mais coberta. Agora, estava aberta para o mundo, para que todos pudessem vê-lo, uma sombra iluminada por trás - um espectro perfeito na escuridão.

Ele levantou a mão e pressionou alguma coisa na janela. Um retângulo que ela identificou instantaneamente.

Fera, de fato.

Ela estreitou o olhar. Ele havia vencido essa rodada e Hattie não se importava com isso. Ela se virou para Nora. — Leve-me para o meu irmão.

— Agora? É a calada da noite.

— Então, vamos esperar que não estraguemos o sono dele.

⁶ **Toff** - uma pessoa rica, bem-vestida ou de classe alta; Janota, Almofadinha, dândi, etc.

Capítulo Seis

Lorde August Sedley, filho único e filho mais novo do Conde de Cheadle, não estava dormindo quando Hattie e Nora entraram na cozinha de Sedley House meia hora depois. Ele estava muito acordado, sangrando na mesa da cozinha.

— Onde você *estava*? — Augie choramingou de seu lugar na cabeceira da mesa quando Hattie e Nora entraram na cozinha, com um pano ensanguentado pressionado em sua coxa nua. — *Eu precisava de você*.

— Oh, querida, — disse Nora, logo que chegou. — Augie não está vestindo calças.

— Isso é um mau presságio, — disse Hattie.

— Você está certa, é um mau presságio. — Augie cuspiu sua indignação. — Fui *esfaqueado*, e você não estava aqui e ninguém sabia onde encontrá-la e estou sangrando há *horas*.

Hattie cerrou os dentes com as palavras dele - lembrando a si mesma que era um benefício o estado neutro de Augie. — Por que diabos você não pediu a Russell para cuidar disso? — Seu irmão tomou um gole da garrafa de uísque em sua mão livre.

— Onde ele está?

— Ele saiu.

— É claro. — Hattie não disfarçou seu desgosto quando foi buscar uma tigela de água e um pedaço de pano. Russell - às vezes, o criado particular de Augie, às vezes amigo, às vezes segurança e constante peste - era perfeitamente inútil na melhor das hipóteses. — Por que ele ficaria, já que você está sangrando por toda a maldita cozinha?

— Mas ainda está respirando — disse Nora, feliz, quando abriu o armário e pegou uma pequena caixa de madeira, colocando-a ao lado de Augie.

— Mal, — Augie se agachou. — Eu tive que arrancar essa maldita coisa de mim.

O olhar de Hattie se iluminou com a impressionante faca colocada de lado no carvalho. A lâmina tinha oito centímetro de comprimento, com uma borda curva que brilharia na escuridão se não estivesse tão encharcada de sangue.

Se não estivesse tão encharcada de sangue, teria sido linda.

Sabia que tal pensamento não era apropriado no momento, mas ainda assim, Hattie pensou, querendo pegar a arma e testar seu peso; ela nunca tinha visto algo tão perverso. Tão perigoso e poderoso.

Exceto o homem a quem ela pertencia.

Porque ela sabia instantaneamente, sem questionar, que essa faca pertencia ao homem que se chamava Fera.

— O que aconteceu? — ela perguntou, colocando a tigela com água sobre a mesa e inspecionando a coxa do irmão que ainda estava sangrando. — Você não deveria ter tirado a faca.

— Russell disse...

Hattie balançou a cabeça, limpando a ferida, aproveitando as maldições e assovios do irmão mais do que deveria. — Eu não me importo. Russell é um bruto e você deveria ter deixado a faca enfiada. — Ela bateu duas vezes na mesa. — Deite-se.

Augie gemeu. — Eu estou sangrando.

— Sim, vejo isso, — respondeu Hattie. — Mas como você está consciente, isso tornaria meu trabalho mais fácil se você estivesse deitado.

Augie se deitou. — Seja rápida com isso.

— Ninguém irá culpá-la se demorar — disse Nora, aproximando-se com uma lata de biscoito na mão.

— Vá para casa, Nora, — Augie retrucou.

— Por que eu faria isso quando estou me divertindo tanto aqui? — Ela estendeu a lata de biscoitos para Hattie. — Você gostaria de um?

Ela balançou a cabeça, concentrada na lesão, agora limpa. — Você tem sorte de a lâmina ser tão afiada. Isso deve costurar bem. — Ela extraiu uma agulha e linha da caixa. — Segure firme.

— Vai doer?

— Não mais do que a faca fez.

Nora deu uma risadinha e Augie fez uma careta. — Isso é cruel. — Ele seguiu as palavras com um assobio quando Hattie começou o trabalho de fechar a ferida. — Não acredito que ele atingiu sua mira.

A respiração de Hattie ficou presa na garganta. *Fera*. — Quem?

Ele balançou sua cabeça. — Ninguém.

— Não pode ser ninguém, Aug, — Nora apontou, a boca cheia de biscoito. — Você tem um ferimento em você.

— Sim. Eu notei isso. — Outro assobio quando Hattie continuou a costurar.

— Em que você anda metido, Augie?

— Nada. — Ela apertou a agulha com mais firmeza no próximo ponto. — Inferno!

Ela encontrou o olhar azul claro de seu irmão. — Em que você *nos* meteu?

Seu olhar deslizou para longe. *Culpado*. Porque o que quer que tenha feito, o que quer que o tenha colocado em perigo naquela noite, colocou todos em perigo. Não

apenas Augie. O pai deles. O negócio. Hattie. Todos os planos que ela fez e tudo o que ela colocou em ação para o Ano da Hattie. *O negócio. Casa. Fortuna. Futuro.* E, se o homem com quem ela fez um acordo estivesse envolvido, isso ameaçaria o resto – o corpo.

A frustração a percorreu, fazendo-a querer gritar. Sacudi-lo até que ele lhe dissesse a verdade, que alguém havia acertado uma faca em sua coxa. Aquilo havia levado um homem inconsciente e amarrado na carruagem. E Deus sabia o que mais.

Outro ponto.

Outro.

Ela ficou quieta e fervilhava.

Não fazia seis meses, que o pai convocara Augie e Hattie, e informou a ambos que ele não era mais capaz de administrar o império que construía. O conde já estava velho demais para trabalhar nos navios, para administrar os homens. Para vigiar os meandros do negócio. E assim ele lhes ofereceu a única solução que um homem com uma vida aristocrática e um negócio ativo possuía - herança.

As duas crianças haviam crescido sob o cordame dos navios Sedley; os dois haviam passado seus primeiros anos - aqueles antes de seu pai receber um título - nos calcanhares do pai, aprendendo o negócio do transporte marítimo. Ambos haviam aprendido a levantar uma vela. Dar um nó.

Mas apenas um deles havia aprendido bem.

Infelizmente, essa era a garota.

Então, o pai deles dera a Augie a chance de se provar, e nos últimos seis meses Hattie havia trabalhado, da maneira mais difícil que já havia feito, para fazer o mesmo - para provar que *era* digna de assumir o controle dos negócios, enquanto Augie descansava em sua vida e não fazia qualquer esforço para fazer qualquer coisa, aguardando que o pai deles decidisse entregar a coisa toda a seu filho sem nenhuma razão a não ser porque Augie era homem e era assim que funcionava a herança.

Não havia outra maneira de intuir o raciocínio do conde:

“Os homens nas docas precisam de uma mão firme.”

Como se Hattie não tivesse forças para administrá-los.

“As remessas precisam de um corpo capaz.”

Como se Hattie fosse suave demais para o trabalho.

“Você é boa, garota, e com uma cabeça para o negócio...”

Um elogio, mas nunca falado como tal.

“...mas e se um homem aparecer?”

Aquele foi o mais traiçoeiro. Foi aquele que gritou solteirona e enfatizou isso. Foi o que apontou sem esforço que as mulheres não eram para aquela vida de comércio se isso pudesse ser passado para homens.

E a pior parte, foi o que lhe disse que o pai não acreditava nela.

O que, claro, ele não fez. Não importa quantas vezes ela lhe assegurasse que sua vida era apenas para ela, e não para um casamento. Em vez disso, o conde voltava ao trabalho e dizia: "*Não está certo, menina*".

Ela começou a provar que ele estava errado. Elaborou estratégias para aumentar a receita. Mantendo livros e anotando registros e passando tempo com os homens nas docas, então, quando ela tivesse a chance de liderá-los, eles confiariam nela. E eles a seguiriam.

E hoje à noite, o Ano de Hattie começou. O ano em que ela garantia tudo pelo qual ela trabalhou tanto. Ela só precisava de um pouco de ajuda para colocá-lo em movimento - ajuda que se poderia pensar que teria sido mais facilmente obtida.

Ela tinha toda a intenção de voltar para casa para dizer ao pai que o casamento não era mais uma opção. Que ela tinha se arruinado. Ela não ficou muito feliz por ter voltado com a virgindade ainda intacta, mas ficou mais do que feliz em saber que havia encontrado um cavalheiro ideal para cuidar dessa situação.

Bem. Talvez não fosse um cavalheiro.

Fera.

O nome veio em uma onda quente de prazer, totalmente inadequado e não facilmente ignorado. Mas ela fez o melhor que pôde.

Mesmo ele, seria um meio para um fim.

E de alguma forma, Augie saiu e foi esfaqueado *pelo mesmo homem*.

Ela deixou seu irmão ficar quieto enquanto ela terminava de costurar e enfaixá-lo... um processo que teria ido muito mais rápido se ele ficasse imóvel e parasse de choramingar.

Deixou que ele ficasse quieto enquanto lavava as mãos na grande pia e mandava uma empregada ao farmacêutico buscar ervas para evitar a febre.

Ela deixou que ele se acalmasse e quando voltou para a mesa e olhou o punho da faca descartada, reluzente e preto, um desenho prateado embutido, como um favo de mel. Ela traçou o metal. E então ela pegou a faca, testando seu peso e encontrou os olhos do seu irmão novamente. — Você vai me dizer agora em que você está metido.

Augie era um retrato de fanfarronice arrogante. — Porque eu faria isso?

— Porque eu o encontrei.

Seus olhos se arregalaram enquanto ele lutava para encontrar uma resposta. — Quem?

— Você nos insulta com essa pergunta. Eu também deixei ele ir.

Augie se levantou, estremecendo com o movimento. — Por que você faria *isso*?

— Porque ele estava na minha carruagem, e nós tínhamos um lugar para ir.

Augie fez uma careta para ela e depois para Nora. — Eu acho que você quer dizer *minha* carruagem.

Hattie bufou sua frustração para ele. — Se estamos analisando termos, então não é nossa carruagem. Ela pertence ao nosso pai.

— E acabará por pertencer a mim, — disse Augie, como uma afirmação.

Hattie engoliu seu desgosto com essas palavras. Nunca ocorrera a seu irmão que ela pudesse fazer um trabalho melhor na administração do negócio. Ou que ela poderia saber mais sobre o negócio do que ele. Nunca lhe ocorrera que ele não receberia precisamente o que desejava no momento exato em que pensava tê-lo. — Mas por enquanto, pertence ao nosso pai.

— E ele não lhe deu permissão para usá-la quando quiser.

Ele tinha, na verdade, mas ela não tinha interesse em usar tal argumento.

— Oh, mas ele lhe deu permissão total para sequestrar homens e deixá-los amarrados dentro dela? — Ambos olharam para Nora na sequência da pergunta. Nora, que se mudou para encher a chaleira. — Não se importem comigo. Eu mal estou prestando atenção.

— Eu não ia deixá-lo lá.

Hattie virou-se para o irmão. — O que você ia fazer com ele?

— Eu não sei.

Ela recuperou o fôlego com a hesitação nas palavras. — Você ia *matá-lo*?

— Eu não sei!

Seu irmão era muitas coisas, mas um criminoso não era uma delas. — Bom Deus, Augie, em que você está metido? Você acha que um homem daquele tipo simplesmente desapareceria - possivelmente morreria - e ninguém iria procurá-lo? — Hattie prosseguiu. — Você é muito sortudo que tudo o que você fez foi nocauteá-lo! O que você estava *pensando*?

— Eu estava pensando que ele colocou uma faca em mim! — Ele acenou para a coxa enfaixada. — A que está em sua mão!

Ela apertou os dedos ao redor do cabo e balançou a cabeça. — Não até você ir atrás dele. — Ele não negou. — Por quê? — Ele também não respondeu. Deus a livrasse de homens que decidem exercer o silêncio como uma arma. Ela bufou sua frustração. — Parece-me que você deve ter merecido, Augie. Ele não parece o tipo de homem que anda por aí esfaqueando pessoas que não merecem isso.

Tudo parado, o único som na sala era o fogo embaixo da chaleira de Nora. — Hattie... — Ela fechou os olhos e desviou o olhar do irmão. — O que você sabe de que tipo de homem ele é?

— Eu falei com ele.

Mais que isso.

Eu o beijei.

— O quê? — Augie saiu da mesa com um estremecimento. — Por quê?! *Porque eu queria.*

— Bem, fiquei bastante aliviada por ele não estar morto, Augie.

Augie ignorou o aviso em suas palavras. — Você não deveria ter feito isso.

— Quem é ele? — Ela esperou.

Ele começou a andar pela cozinha. — Você não deveria ter feito isso.

— Augie! — Disse ela com firmeza, chamando sua atenção novamente. — Quem é ele?

— Você não sabe?

Ela balançou a cabeça. — Eu sei que ele se chama Fera.

— Isso é como todos o chamam. Ele é o Fera. E o irmão dele é o Devil. Nora tossiu.

Hattie olhou para ela. — Eu pensei que você não estivesse ouvindo.

— Claro que estou ouvindo. Esses nomes são ridículos.

Hattie assentiu. — Concordo. Ninguém é chamado de Fera ou Devil fora dos romances góticos. E mesmo assim...

Augie não tinha paciência para a brincadeira delas. — Esses dois são chamados assim. Eles são irmãos - *criminosos*. Embora eu não devesse ter que lhe dizer isso, considerando que ele *me apunhalou*.

Ela inclinou a cabeça. — Que tipo de criminosos?

— Que tipo de... — Augie olhou para o teto. — Cristo, Hattie. Isso importa?

— Mesmo que não importasse, eu gostaria de saber a resposta, — disse Nora de seu lugar junto ao fogão.

— Contrabandistas. Os Bastardos de Bareknuckle.

Hattie inalou com aquelas palavras. Ela podia não saber como os homens se chamavam, mas sabia dos Bastardos de Bareknuckle - os homens mais poderosos do leste de Londres, possivelmente do resto de Londres também. Eles eram sussurrados nas docas, apenas movendo a carga de seus navios sob a proteção da noite e pagando muito bem pelos homens com os braços mais fortes.

— Também com nomes ridículos, — disse Nora enquanto servia o chá. — Quem são eles?

Hattie olhou para o irmão. — Eles são negociantes de gelo.

— *Contrabandistas de gelo*, — ele corrigiu. — Brandy e Bourbon, e outras coisas também. Sedas, cartas de baralho, dados. Quaisquer que sejam, sem os impostos da Grã-Bretanha, eles se movem sob o aviso da Coroa. E eles ganharam os apelidos que vocês acham que são ridículos. O Devil é o charmoso, mas é mais rápido para tomar sua cabeça, se ele acha que você está fazendo desserviço em Covent Garden. E Fera... — Hattie avançou durante a pausa de Augie. — Dizem que o Fera é...

Ele se interrompeu, parecendo nervoso.

Parecendo *assustado*.

— O quê? — Hattie disse, desesperada para que ele concluísse. Quando ele não respondeu, ela forçou uma zombaria. — Rei da floresta?

Ele encontrou seus olhos. — Dizem que, uma vez que ele vem atrás de alguém, ele não descansa até que ele o encontre.

Um arrepio a atravessou com as palavras. Na verdade, por elas.

Eu vou te encontrar.

As palavras fizeram uma excelente promessa e uma terrível ameaça.

— Augie, se o que você está dizendo é verdade...

— Isto é verdade.

— Então, o que na terra fez você pensar que poderia ir contra esses homens? Que você poderia roubar deles? Que você poderia *machucá*-los?

Por um momento, ela pensou que ele negaria tudo. Por saber que ele não era páreo para esses homens. Havia poucos homens no mundo que correspondessem ao que ela conhecera mais cedo naquela noite. E isso foi *sem* saber da faca na coxa.

Augie parecia saber disso. Porque em vez de arrogância masculina, ele baixou a voz e disse: — Preciso de ajuda.

— Claro que ele precisa. — O comentário sarcástico veio do fogão.

— Cala a boca, Nora, — disse Augie. — Isso não é da sua conta.

— Também não deveria ser de Hattie — apontou Nora. — E, no entanto, aqui estamos nós.

Hattie levantou a mão. — Pare com isso. Vocês dois.

Eles fizeram, milagrosamente.

Ela se virou para Augie. — Fala.

— Eu perdi uma remessa.

As sobrancelhas de Hattie se franziram e ela considerou os registros dos navios que ela deixou em sua mesa no final do dia. Nenhuma remessa estava faltando nos registros de seu pai. — O que você quer dizer com: *perdi*?

— Lembra das tulipas? — Ela balançou a cabeça. Não havia tulipas em uma carga desde... — Foi no verão, — acrescentou.

O navio chegara carregado de bulbos de tulipa, frescos de Antuérpia, já marcados para propriedades em toda a Grã-Bretanha. Augie foi responsável pela carga e pela entrega. O primeiro que ele supervisionou depois que seu pai anunciou seu plano para transmitir o negócio. A primeira vez que o pai dela *insistiu* que Augie manejasse do começo ao fim - para provar sua coragem.

— Eu perdi elas.

Não fazia sentido. Ela viu a remessa marcada descarregada nos livros. O transporte terrestre foi marcado como completo. — Perdeu elas onde?

— Eu pensei... — Ele balançou a cabeça. — Eu não sabia que precisavam ser entregues imediatamente. Eu adiei. Não consegui encontrar os homens para fazer o

trabalho quando a mercadoria chegou. Eles estavam trabalhando em outra carga, e então eu deixei todo o carregamento de tulipas parado.

— No armazém, — disse ela.

Ele assentiu.

— No auge de verão londrino. — *Verão úmido de*

Londres. Outro aceno de cabeça.

Ela suspirou. — Por quanto tempo?

— Eu não sei. Pelo amor de Deus, Hattie, não era carne. Eram malditas *tulipas*. Como eu ia saber que elas iriam apodrecer?

Hattie pensou que ela demonstrava imensa contenção quando queria dizer: *Você saberia que iriam apodrecer se você tivesse prestado mais atenção ao negócio*. — E o que aconteceu?

— Eu sabia que teríamos que devolver o pagamento aos clientes. Eu sabia que ele ficaria furioso. — O pai deles teria se enfurecido, e ele estaria certo em fazer isso. Uma boa quantidade de boas tulipas holandesas valia pelo menos dez mil libras. Perder isso teria custado boa vontade e dinheiro suficiente para importar.

Mas eles não tinham perdido. De alguma forma, Augie havia camuflado isso. O temor espiralou baixo em seu estômago. — Augie... o que você fez?

Ele balançou a cabeça, olhando para os pés. — É para ser apenas uma vez.

Hattie se virou para Nora, que desistira de qualquer pretensão de não prestar atenção. Quando sua amiga deu de ombros, ela se virou para o irmão e disse: — O que deveria ser apenas uma vez?

— Eu tive que pagar a dívida para os clientes. Sem o pai descobrir. E então havia um jeito. — Ele olhou para cima, encontrou seu olhar. — Eu encontrei a rota de entrega deles.

Ele pegou algo meu. Foram as palavras de Fera mais cedo.

Nora soltou uma maldição suave.

Hattie respirou fundo. — Você roubou dele.

— Foi apenas...

Ela o interrompeu. — Quantas vezes?

Ele hesitou. — Eu paguei a dívida com o primeiro.

— Mas você não parou. — Augie abriu a boca. Fechou. Claro que ele não parou. Foi a vez de Hattie amaldiçoar. — Quantas vezes?

Ele encontrou seus olhos, e ela viu o medo neles. — Esta noite foi a quarta.

— Quatro vezes. — Ela deu uma risada pouco sem graça. — Você roubou quatro vezes... É um milagre você não ter sido morto.

— Espere, — disse Nora em seu lugar do outro lado da cozinha. — Como *você* subjugou *aquele homem*?

Ele fez uma careta para ela. — O que isso significa?

Ela lhe lançou um olhar. — Augie. Aquele homem é duas vezes mais forte que você, no sentido mais amplo. E você tem uma facada na sua coxa.

Parecia que ele iria argumentar, depois admitiu: — Russell o derrubou.

Claro que aqueles dois tinham feito uma bagunça com isso. E agora, como de costume, coube a Hattie esclarecer tudo. — Deveria ser ilegal para vocês dois falarem um com o outro. Vocês fazem um ao outro menos inteligente. — Ela olhou para o teto, com a mente em disparada, e então disse com um suspiro: — Você fez uma grande bagunça.

— Eu sei, — disse seu irmão, e ela se perguntou se ele realmente sabia.

— Sabe o que você me contou sobre ele? O Fera? — Augie encontrou seus olhos, trepidação nos dele. — Ele está vindo atrás de você, Augie. É um milagre que ele ainda não tenha te encontrado. Mas hoje à noite - o que você fez - foi imensamente estúpido. O que deu em você para amarrá-lo? Na *carruagem*?

— Eu não estava pensando. Eu fui esfaqueado. E Russell...

— Ah sim. Russell. — Ela o deteve. — Você também acabou essa ligação com ele. Isso termina *agora*. Não venderão outra gota de sua carga. Onde está a carga que você pegou hoje à noite?

— Russell levou para o nosso comprador.

Ela levantou uma sobrancelha. — Outro estrategista brilhante, sem dúvida. Quem é ele?

Se possível, seu irmão ficou ainda mais pálido. — Eu não vou envolvê-la com ele.

— Como se eu não estivesse no fundo o suficiente com você?

Augie balançou a cabeça. — Você não tem ideia de quão profundo você poderia se encontrar. O homem é quase sensato.

— Agora você encontra seu senso de preservação familiar? — Hattie resistiu à vontade de gritar. — Suponho que eu deveria ser grata pelo nosso inimigo mais premente ser meramente vingativo, não louco.

— Sinto muito, — disse Augie.

— Não, você não sente, — disse Hattie. — Se eu tivesse que adivinhar, você está feliz por eu estar disposta a consertar isso. E eu *posso* consertar isso.

Augie ficou quieto. — Você pode?

— Eu posso, — disse ela, o plano se cristalizando. O caminho a seguir. E então *o caminho dela*. — Eu posso.

— Como? — Não foi a pior questão do mundo. Ela olhou para Nora, cujas sobrancelhas estavam quase em seu couro cabeludo em um eco silencioso da pergunta de Augie.

Hattie endireitou os ombros, mais certa do que nunca. — Nós faremos um acordo pela carga. Compartilharemos a renda de nossas remessas até que tudo seja pago.

— Não será o suficiente.

— Será. — Ela faria o suficiente. Prometeria não haver mais sequestros. E lhe pagaria. Com juro. Se ele fosse um homem de negócios, reconheceria um bom acordo, quando visse um. Matar Augie não traria de volta sua carga perdida e isso ainda traria a coroa sobre sua cabeça - algo que contrabandistas não querem.

Mas dinheiro - dinheiro era real. Ela o convenceria disso.

Ela encontrou os olhos azuis de seu irmão. — Você fica fora disso.

— Você não o conhece, Hattie.

— Eu sei que fiz um acordo com ele.

Augie congelou. — Que tipo de acordo?

— Sim, que tipo de acordo? — Nora ecoou, seus lábios se curvando em diversão.

— Nada sério.

Você não está em posição de me fazer uma oferta.

Eu terei tudo isso.

O que é meu. O que é seu. E o nome.

Um chiado de prazer percorreu Hattie com a lembrança do que ele havia tomado, mesmo quando prometera aquela retribuição. O calor de seus beijos. A promessa de seu toque.

Augie interrompeu seus pensamentos. — Hattie, mesmo que ele tenha concordado em vê-la novamente... o que ele disse... você precisa saber que... ele não está interessado em *você*.

Ela engoliu sua decepção. Augie não estava errado. Homens como o que ela conheceu naquela noite - homens como Fera - não eram para mulheres como Hattie. Eles não notavam mulheres como Hattie. Eles notavam mulheres bonitas com corpos pequenos e esguios, e disposições delicadas. Ela sabia disso.

Ela sabia disso, mas ainda assim... a honestidade irrestrita sobre sua falta de fascínio doeu.

Ela cobriu a dor com uma risada, do jeito que ela sempre fazia. — Eu sei disso, Augie. E agora sei exatamente o que ele está procurando. Meu irmão idiota. — Ela gostou do calor que lavou o rosto de Augie mais do que deveria. — Mas pretendo que ele mantenha nosso acordo. E para fazer isso, ele terá que aceitar nossa oferta.

— Eu vou com você.

— Não. — A última coisa que ela precisava era de Augie perto dela, estragando as coisas. — Não.

— Alguém tem que ir com você. Ele não sai do Covent Garden.

— Então irei a Covent Garden — disse ela.

— Não é lugar para damas, — disse Augie.

Se houvesse cinco palavras que colocariam uma mulher em movimento, elas certamente seriam aquelas. — Preciso te lembrar que eu cresci junto a operações e manuseio de cargas em navios?

Augie mudou de rumo. — Ele fará o que for preciso para me punir. E você é minha *irmã*.

— Ele não sabe disso. Ele não vai saber, — disse ela. — Tenho a vantagem.

Eles não se separaram com um desafio? Que um encontraria o outro? E agora... ela sabia como encontrá-lo. Prazer a percorreu. Triunfo. Algo perigosamente perto de se deliciar.

— E se o Fera te machucar?

— Ele não vai. — Isso, ela sabia. Ele poderia provocá-la, tentá-la e testá-la. Mas ele não a machucaria.

Ela viu a aceitação de Augie, perseguida como um coelho por alívio. Claro que ele ficou aliviado. Ela estava prestes a limpar sua bagunça. Como sempre.

Ele exalou. — Tudo certo.

— Mas Augie? — Seu irmão levantou o olhar e ela fez uma pausa, seu coração batendo. — *Se* eu fizer isso. — Suspeita cruzou seu rosto, mas ele não falou. — *Se eu salvar sua pele...* então você deve fazer algo por mim.

Sua testa franziu. — O que você quer?

— Não é o que eu quero, Augie. O que você deve alegremente fornecer.

— Vá em frente, então.

Agora ou nunca.

Pegue isso.

Você disse para o Fera que não perdia também.

Faça isso.

— Você vai dizer ao papai que não quer o negócio. — Os olhos de Augie se arregalaram, enquanto Nora soltava um assobio baixo que Hattie ignorou, frustração, determinação e triunfo percorrendo-a de uma só vez. — Você vai dizer a ele para passar o negócio para mim.

Parecia que hoje era o começo do Ano de Hattie, afinal de contas.

Capítulo Sete

Na tarde seguinte, quando o sol se pôs no céu a oeste, Whit estava na pequena e silenciosa enfermaria em Covent Garden, vigiando o garoto que havia sido levado para lá depois do ataque ao carregamento.

A sala, cheia de luz dourada, estava meticulosamente limpa, em nítida comparação com o mundo exterior - um mundo onde a imundície reinava, lá fora - e a limpeza da sala deveria ter dado a Whit um pouco de paz.

Isso não aconteceu.

Ele foi imediatamente para lá depois de deixar a Casa 72 da Rua Shelton – para verificar os homens que estavam com ele na noite anterior. Para conferir esse garoto, Jamie, que estava no chão quando Whit foi nocauteado, a rua embaixo dele escura de sangue. Mesmo antes dele perder a consciência, Whit estava enfurecido. Ninguém feriu os homens dos Bastardos de Bareknuckle e viveu.

O coração de Whit latejou com a lembrança, mesmo quando a porta da sala abriu e fechou, e o jovem médico de óculos, limpando as mãos com um pano limpo entrou e se aproximou. — Eu o sedei, — disse o médico. — Ele não vai acordar por horas. Você não precisa ficar aqui.

Whit precisava ficar. Ele protegia os seus.

Os Bastardos de Bareknuckle reinavam no labirinto sinuoso de Covent Garden, além das tavernas e teatros que eram seguros para a alta-sociedade de Londres, onde nada era seguro para quem estava de fora. Mas Whit havia atravessado aquela área ao lado de seu meio-irmão e da garota que chamavam de irmã - aprendendo a lutar como cães por qualquer coisa que conseguissem encontrar. Os combates tinham se tornado uma segunda natureza, e eles se agarraram mais alto, iniciando um negócio e puxando o distrito lotado com eles - contratando homens e mulheres do bairro para trabalhar em seus inúmeros negócios: tortas girando em suas tabernas, rastreando apostas em ringues de luta, vendendo carnes bovina em açougues e curtindo peles, e transportando a carga que vinha dos navios duas vezes por mês.

Se eles não tivessem garantido a lealdade de Covent Garden quando crianças, o dinheiro teria feito isso. O território dos bastardos era conhecido em toda Londres como um lugar que oferecia trabalho honesto por bons salários e condições seguras - por um trio que se construía da sujeira das ruas do Jardim.

Aqui, os bastardos eram reis. Reconhecidos e reverenciados além do próprio monarca; e porque não? O outro lado de Londres poderia muito bem ser o outro lado do mundo para aqueles que cresceram naquela área.

Mas mesmo um rei não conseguia impedir a morte.

O jovem inconsciente – ainda um adolescente - havia levado uma bala por eles. Por isso, ele estava deitado em uma sala branca sob lençóis brancos ofuscantes, nas mãos do destino, porque Whit estava muito atrasado para protegê-lo.

Sempre tarde demais.

Ele enfiou a mão no bolso, os dedos esfregando o metal quente de um relógio, depois do outro. — Ele vai viver?

O médico olhou da mesa no canto da sala, onde misturava um tônico. — Possivelmente.

Whit rosnou baixo em sua garganta, sua mão segurando o lado do corpo... ansioso por um rosto. Por uma vida. Ele esteve tão perto disso na noite anterior - se ele tivesse acordado com o inimigo, ele poderia ter retribuído.

Mas ele acordou com a mulher em vez disso. Hattie, ansiosa para curtir em um bordel enquanto seus homens lutavam nas mãos de um cirurgião. E então ela se recusou a lhe dar um nome.

Ele observou aquela forma adormecida, a cama de certo modo deixando Jamie menor e mais magro do que ele era quando estava são, de quando ele riu com seus irmãos de armas e piscou para garotas bonitas enquanto elas passavam.

Hattie daria a Whit o nome do homem que ela protegia - quem roubou dele – quem ameaçou o que era dele. Aquele que trabalhava com o inimigo verdadeiro - e que levaria Fera até ele, uma vez que ele sofresse a força da ira do Fera.

Ele se enfurecia por Jamie e por todos aqueles sob sua proteção aqui no Jardim, onde a escassez ameaçava a menos de um quilômetro de algumas das casas mais ricas da Grã-Bretanha. Ele se enfurecia pelos outros sete que vieram antes desse. Pelos três que haviam saído desta sala e foram direto para debaixo da terra.

Outro rosnado.

— Eu entendo que você não gosta, Fera, mas é a verdade. A medicina não é perfeita. Porém o ferimento do garoto está o mais limpo que uma ferida pode ser, — acrescentou o médico. — A bala entrou e saiu, nós conseguimos estancar o sangramento e agora a ferida está coberta e protegida. — Ele deu de ombros. — Ele poderá viver. — Ele chegou perto e estendeu o copo na mão para Whit. — Beba.

Whit balançou a cabeça.

— Você ficou acordado por mais de um dia, e Mary me disse que você não tem comida ou bebida desde que chegou.

— Eu não preciso de sua esposa me observando.

O médico lhe deu uma olhada. — Como você esteve de sentinela em pé nesta sala por doze horas, ela teve pouca escolha. — Ele estendeu a bebida novamente. — Beba. É para a dor de cabeça que você não vai admitir que tem.

Whit tomou a bebida, ignorando a dor latejante na parte de trás de seu crânio quando ele engoliu, antes de xingar o gosto do suor podre. — O que diabos é isso?

O médico pegou o copo e voltou para sua mesa. — Isso importa?

Não, não importava. O médico era pouco ortodoxo, raramente usava uma cura comum quando ele poderia misturar uma pasta ou fazer um esboço de algo repulsivo, e tinha uma obsessão pela limpeza que Covent Garden nunca vira. Whit e Devil o haviam trazido de uma pequena aldeia do norte dois anos antes, depois de ele ter salvado uma jovem Marquesa de um tiro na rodovia *Great North* com uma curiosa combinação de extratos e tônicos.

Um homem com habilidade para vencer balas valia seu peso em ouro, no que dizia respeito a Whit - e o médico provara que estava certo, salvando mais vidas do que havia perdido desde sua chegada ao Jardim.

Hoje, ele pode salvar outra.

Whit voltou-se para Jamie. Observou-o no silêncio da tarde.

— Vou enviar alguém para buscá-lo quando ele acordar, — disse o médico. — No momento em que ele acordar.

— E se ele não o fizer?

Uma pausa. — Então eu enviarei alguém para buscar você quando ele não fizer.

Whit grunhiu, a lógica lhe dizendo que não havia nada a ser feito. Esse destino viria, e esse menino viveria ou morreria por causa disso.

— Eu odeio esse lugar. — Whit não podia mais ficar parado. Ele foi até o final do quaro, até a parede externa do prédio, construído pelos melhores pedreiros que o dinheiro dos Bastardos poderia comprar. Sem hesitar, ele enterrou o punho ali.

A dor percorreu sua mão e seu braço, e ele a acolheu. Uma punição.

A cadeira do médico rangeu quando se virou para Whit. — Você está sangrando?

Ele olhou para os nós dos dedos. Eles estiveram pior. Ele grunhiu sua negação, sacudindo o membro. O médico assentiu e voltou para o trabalho.

Boa. Whit não estava com disposição para conversar, fato irrelevante quando a porta do quarto se abriu e seu irmão e sua cunhada entraram, e atrás deles, Annika, a brilhante tenente norueguesa dos Bastardos, que podia mover um porão cheio de contrabando em plena luz do dia como uma feiticeira.

— Nós viemos assim que soubemos. — Devil foi direto até a cama, olhando para Jamie. — Dane-se. — Ele olhou para cima, a cicatriz de seis polegadas que corria pela bochecha direita dele agora branca de raiva.

— Estamos procurando pela irmã dele, — disse Nik quando ela se moveu para o outro lado da cama, a mão pousando suavemente no menino. — Ela vai estar aqui em breve, Jamie. — Algo apertando impossivelmente ainda mais no peito de Whit; Nik amava os homens e mulheres que trabalhavam para eles como se ela fosse décadas mais velha que seus vinte e três anos, e eles seus filhos.

E ele não podia mantê-los seguros.

Devil limpou a garganta. — E a bala?

— Na lateral. Completamente limpa, — o médico respondeu.

— Eu quase o peguei. Deixei uma faca nele — acrescentou Whit. — A mira foi certa.

— Boa. Espero que você tenha decepado suas bolas — disse Devil, batendo a bengala com ponta de prata no chão duas vezes - um sinal de seu desejo de desembainhar a lâmina perversa e passar por alguém.

— Espere — disse a cunhada de Whit, Felicity, aproximando-se dele, forçando-o a olhar para ela. — Você *quase* o pegou?

Vergonha percorreu Whit, quente e inevitável. — Alguém me nocauteou antes que eu pudesse terminar a ação.

Nik praguejou baixo quando Felicity pegou as mãos de Whit, apertando-as com força. — Você está bem? — Ela se virou para o médico. — Ele está bem?

— Parece-me que sim.

Felicity estreitou seu olhar no outro homem. — Seu grande interesse pela medicina nunca deixa de impressionar, doutor.

O médico removeu os óculos e limpou-os. — O homem está em pé diante de você, não é?

Ela suspirou. — Eu suponho que sim.

— Bom, então, — ele disse, e saiu da sala.

— Um homem tão estranho. — Felicity voltou-se para Whit. — Que aconteceu?

Whit ignorou a pergunta, em vez disso, pegou o olhar de Nik do outro lado da sala. — E Dinuka? — O segundo boleeiro. Whit havia enviado o jovem para as cavalariças. — Ele está seguro?

Nik assentiu. — Ele atirou, mas não acha que acertou. Fez como lhe foi dito. Veio correndo para as cavalariças.

— Bom homem, — disse Whit. — A carga?

Ela balançou a cabeça. — Perdida antes que pudéssemos rastreá-la.

Whit passou a mão pelo peito, onde faltava o coldre de faca. — Junto com minhas facas.

Devil se virou para ele. — Quem levou?

Whit encontrou os olhos de seu irmão. — Eu não tenho certeza.

Devil não hesitou. — Mas você tem um palpite.

— Tudo o que eu tenho diz que é Ewan.

Ele não usava mais esse nome, Ewan agora era Robert, Duque de Marwick, seu meio-irmão e tinha sido noivo de Felicity. Ele deixou Devil quase morto há três meses e desapareceu, fazendo Grace precisar se esconder até ele ser encontrado. Houve uma pausa nos sequestros depois que Ewan desapareceu, mas Whit não conseguia afastar a sensação de que ele estava de volta. E responsável por Jamie.

Exceto...

— Ewan não teria deixado você inconsciente, — disse Devil. — Ele teria feito um estrago muito pior.

Fera sacudiu a cabeça. — Tem dois homens trabalhando para ele. Pelo menos dois.

— Quem?

— Estou perto, — disse ele. *Ela vai me dizer em breve.*

— Tem algo a ver com a mulher na Shelton Street?

A atenção de Whit voou para Nik por aquelas palavras. — O que?

— Ah sim. A mulher. Nós também ouvimos sobre isso, — disse Devil. — Aparentemente você foi jogado de uma carruagem em um grupo de bêbados e depois seguiu o que Brixton se referiu como... — Ele sorriu para sua esposa. — Do que foi mesmo amor?

A boca de Felicity se contorceu em um sorriso irônico. — Uma dama rica.

— Ah! sim. Ouvi dizer que você seguiu uma dama para o bordel de Grace. Whit não respondeu.

— E *permaneceu*, — acrescentou Nik.

Droga.

Whit encontrou os olhos da norueguesa. — Você não tem para onde ir? Ainda administramos um negócio ou dois, não?

Nik encolheu os ombros. — Eu vou buscar saber essa história dos rapazes.

Whit fez uma careta, fingindo não notar quando ela passou a mão sobre a testa de Jamie, sussurrou algumas palavras encorajadoras para o garoto antes de sair.

Depois de um longo silêncio, Felicity disse: — Vamos também ter que tirar essa história dos rapazes?

— Eu já tenho uma irmã curiosa.

Felicity sorriu. — Sim, mas como ela não está aqui, devo defender os dois.

Ele franziu o cenho. — Acordei em uma carruagem com uma mulher.

As sobrelanceiras de Devil franziram. — E suponho que isso não ocorreu da maneira excelente que tal cenário poderia oferecer?

Foi o beijo mais quente que Whit já havia experimentado, mas isso não era para o irmão saber. — Quando saí da carruagem...

— Ouvimos dizer que você foi jogado, — disse Felicity.

Ele deu um pequeno rosnado. — Foi mútuo.

— Mútuo, — Felicity repetiu. — Jogado da carruagem.

Senhor! Libertai-o de irmãs indiscretas. — Quando *saí da carruagem*, — ele disse, — ela estava entrando mais fundo no jardim. Eu a segui. Devil assentiu. — Quem é ela?

Ele ficou quieto.

— Cristo, Whit, você tem o nome da Lady rica, não é?

Ele se virou para Felicity. — Hattie.

Ter uma cunhada que já foi aristocrata era generosamente bom às vezes, particularmente quando alguém exigia o nome de uma nobre. — Solteirona?

Não era a primeira descrição que ele atribuía a ela.

— Muito alta? Loira? — Felicity pressionou.

Ele assentiu.

— Cheinha?

A palavra trouxe de volta a lembrança dos mergulhos e vales de suas curvas. Ele rosnou seu assentimento.

Felicity se virou para Devil. — Bem então.

— Hum, — disse Devil. — Quanto a isso, você sabe quem é a mulher?

— Hattie é um nome bastante comum.

— Mas?

Ela olhou para Whit, depois de volta para o marido. — Henrietta Sedley é filha do Conde de Cheadle.

A verdade bateu Whit, junto com o prazer triunfante da revelação da identidade de Hattie. Cheadle ganhara o condado - recebera do próprio rei por nobreza no mar. "*Eu cresci nas docas*", ela disse a ele quando ele tentou assustá-la com linguagem chula. — É ela.

— Então Ewan está trabalhando com Cheadle? — disse Devil, balançando a cabeça. — Por que o conde viria contra nós? Não faz sentido.

E não fazia mesmo. Andrew Sedley, Conde de Cheadle, era amado nas docas. Seus negócios era uma fonte de trabalho honesto e bom salário, e os homens que trabalhavam no Tâmis a o conheciam como um homem justo, disposto a contratar alguém com um corpo capaz e um gancho forte, independentemente do nome, país ou fortuna.

Os Bastardos nunca tiveram motivos para interagir com Sedley, já que ele dirigia exclusivamente embarques de primeira linha, pagava seus impostos de embarque e mantinha seus negócios limpos, sem sequer um sopro de impropriedade. Sem armas. Sem drogas. Nada. As mesmas regras que os Bastardos usavam, embora atuassem na lama, seu contrabando correndo com bebida e papel, cristal e perucas, e qualquer outra coisa taxada além da razão pela Coroa. E eles não tinham medo de se defender com força.

A ideia de que Cheadle poderia ter disparado o primeiro canhão neles estava além da compreensão. Mas Cheadle e sua filha ousada não estavam sozinhos.

— O filho, — disse Whit. August Sedley era, de todas as formas, indolente ignorante, desprovido da ética e do respeito do trabalho de seu pai.

— Pode ser, — disse Felicity. — Ninguém pensa muito nele. Ele é charmoso, mas não muito inteligente.

O que significava que o jovem Sedley não tinha o senso necessário para entender que ir contra os criminosos mais conhecidos e queridos de Covent Garden não era para ser feito com leviandade. Se o irmão de Hattie estivesse por trás dos sequestros, isso poderia significar apenas uma coisa.

Devil também viu. — Ewan tem o irmão fazendo o trabalho dele, e a irmã protege a família dela.

Whit sabia o preço disso. Ele grunhiu seu acordo.

— Ela falhou, — disse Devil, batendo no chão novamente e olhando para Jamie. — Isso vai acabar. Nós pegamos o filho, o pai, toda a maldita família, se necessário. E eles nos levam até Ewan. E isso também acaba. — Eles lutaram contra Ewan por duas décadas. Escondendo-se dele. Protegendo a Grace dele.

— Grace não vai gostar disso, — Felicity disse, suavemente. Há tempos atrás, Devil e Whit fizeram uma promessa à irmã deles - que eles não machucariam Ewan. Não importava que ele fosse o quarto membro da família deles ou que ele os traísse além da razão. Grace o amava. E ela os fez prometer nunca tocá-lo.

Mas Grace não fazia parte disso. Whit sacudiu a cabeça. — Grace terá que sofrer. Ele vem por mais do que nós agora. Por mais do que o passado dele. Agora, ele vem para os nossos homens.

Para todos, os Bastardos protegiam a todo custo.

Era hora de acabar com isso.

Whit encontrou os olhos de seu irmão. — Eu vou fazer isso.

As palavras foram pontuadas por uma batida na porta do prédio, o som abafado ao longe. Outro corpo, sem dúvida. Havia sempre alguém precisando de cuidados no Jardim - e ele seria amaldiçoado se ele deixasse um aristocrata autoritário aumentar a contagem de corpos.

Os irmãos trancaram olhares. — Tudo?

— O negócio, o nome, tudo o que ele valoriza. Vou derrubá-lo. O jovem Sedley atravessou os Bastardos e, com isso, trouxe destruição para si mesmo.

— E Lady Henrietta? — disse Felicity, pondo Whit no limite com o respeito. Ele não gostava dela como uma aristocrata. Ele preferia ela como Hattie. — Você acha que ela faz parte disso? Você acha que ela trabalha com Ewan?

Não. A negação se manifestou através dele.

Devil observou-o atentamente e disse: — Como você sabe?

Eu sei.

Não foi o suficiente.

— Ela vai desistir do irmão.

Devil olhou para ele em silêncio. — Você desistiria do seu?

Whit cerrou os dentes.

— Se ela não o fizer? — Felicity perguntou. — E então, o que será dela?

— Então ela é um dano colateral, — disse Devil. Whit ignorou o desagrado que acompanhava as palavras.

Felicity olhou para o marido. — Não era isso que eu fui um dia?

Devil teve a graça de parecer envergonhado. — Só por curto momento, amor. Apenas o tempo suficiente para eu voltar aos meus sentidos.

— Se ela é o inimigo, eu vou fazer isso, — disse Whit.

Uma das sobranceiras de Devil subiu. — *Se?*

Você é muito inconveniente.

É o ano da Hattie.

Trechos da conversa na carruagem.

— Mesmo que ela não seja o inimigo, — disse Devil, — ela protege o homem que é. — Ele cruzou os braços sobre o peito e nivelou seu irmão com um olhar firme.

— O que a torna valiosa.

Isso a fez uma vantagem.

— Você não terá escolha a não ser mostrar a ela a verdade sobre nós, bruv, — Devil disse calmamente. — Não importa o quanto você goste da aparência dela.

A verdade deles. Os Bastardos de Bareknuckle não deixaram inimigos vivos.

— Organize isso antes de movermos mais produtos, — disse Devil. Um novo carregamento chegaria ao porto na próxima semana.

Whit assentiu quando a porta do quarto se abriu, revelando o médico. — Você tem uma mensagem. — Ele abriu a porta e revelou um dos melhores espão dos Bastardos.

— Brixton, — Felicity disse ao menino, que imediatamente prendeu a atenção de Felicity. Todos os garotos da área a adoravam - metade gênio de arrombamento, metade perfeição maternal. — Eu pensei que você tivesse ido para casa?

— Para aprender a manter sua boca fechada, espero, garoto — disse Whit, certificando-se de que Brixton soubesse que Whit já sabia de tudo o que o menino dissera a Devil sobre Hattie.

— Ignore-o, — disse Felicity. — O que você quer nos dizer?

Brixton levantou o queixo para Whit. — Há um comentário de que tem uma menina no mercado. — Olhando para Fera. Uma pausa, e então, — Não uma menina, na verdade. Uma mulher. — Ele baixou a voz. — Os meninos dizem que ela é uma *dama*.

Um estrondo soou baixo no peito de Whit.

Hattie.

— Fazendo todos os tipos de perguntas.

Felicity olhou para Whit. — Ela está perguntando?

— Sim. Mas ninguém responde. — É claro que ninguém responde. Ninguém em Covent Garden daria informações sobre os Bastardos a Lady Henrietta Sedley. Essa era a primeira das regras não ditas lá. Os Bastardos pertenciam apenas a comunidade.

— Bom trabalho, Brixton — disse Devil, jogando uma moeda para o garoto, que a apanhou no ar com um sorriso e se foi antes que Devil pudesse acrescentar: — Parece que você não precisará encontrá-la, afinal, Fera.

O grunhido de Whit escondeu o fio de descrença que o percorria. E a cautela. E o desejo de persegui-la. Não, ele não teria que encontrá-la.

Ela o encontrou primeiro.

Capítulo Vito

Não havia nada no mundo inteiro como o mercado de Covent Garden.

O mercado era enorme, com uma grande colunata de pedra que dava acesso a uma coleção interminável de lojas e barracas que vendiam qualquer coisa que uma pessoa pudesse precisar - carregado de frutas e legumes, flores e doces, tortas de carne, e porcelana, antiguidades e tecidos.

Hattie estava cheia de prazer enquanto percorria o mercado, entrando e saindo dos vendedores, tentada pelas cores tumultuadas da colheita do final do outono - barracas de flores transbordando de vermelhos e laranjas, cabaças magníficas empilhadas ao lado de arbustos de beterraba em uma miríade de cores e pilhas de batatas ainda escuras com o rico solo em que haviam crescido.

Para outros, o próprio edifício era o orgulho do mercado - uma maravilha arquitetônica, maciça e impressionante, com imensas vigas, trabalhos em pedra e ferragens que faziam dele, o maior e mais amplo mercado de Londres, a inveja de todo o mundo.

Mas o prédio não era nada para Hattie. Para ela, o atrativo do mercado eram as pessoas de dentro. E agora estava lotado até as vigas com pessoas. Fazendeiros e comerciantes, floristas e açougueiros, padeiros e barbeiros, funileiros, costureiras e alfaiates, todos apregoando seus produtos por uma multidão de clientes que variava de empregada mais humilde a joias da *alta-sociedade*. Se alguém pudesse entrar no prédio, não importava de onde eles viessem - o mercado de Covent Garden era um dos raros lugares da cidade onde um mendigo gastava tanto quanto um criado de príncipe - talvez até melhor, porque um mendigo não tinha escrúpulos em levantar a voz quando necessário... que sempre esteve no mercado.

Porque além da cor e do cheiro do lugar estava o som. Uma cacofonia rouca de gritos e gargalhadas, de compradores dedicados e vendedores ávidos, de cães latindo e galinhas cacarejando, cachimbos, violinos e crianças rindo.

Era uma comoção pura e magnífica. E Hattie adorava isso.

Desde criança, quando seu pai a deixava passear pelos navios da empresa enquanto eles eram descarregados - os porões levavam horas para serem esvaziados, mesmo com dezenas de homens fazendo o trabalho árduo. E quando terminava, o Sr. Sedley (ele não era um conde na época) buscava sua filha mais velha e prometia uma viagem ao mercado de Covent Garden para um deleite de sua escolha.

Ela pensou naqueles dias enquanto se demorava no mercado, o pôr do sol no oeste, seu arco-íris de luz fazendo Londres - mesmo as partes esquecidas - mágico. Ela pensou neles e no modo como venerara o pai, no modo como se apaixonara pelos navios, pelos negócios e pelas docas. E o jeito que ela amava esse mercado, barulhento, estridente e coberto de serragem para absorver o fedor e a imundice que nunca pareciam tão fora de propósito quanto deveria.

E assim como ela fazia quando criança, Hattie aproveitou o tempo esta tarde. Lembrando-se de como certa vez ela se demorara em cada barraca, sorrindo para os mercadores e conversando com os agricultores em busca de seu prêmio perfeito, e agora ela retornou à mesma estratégia. Procurando por um tipo diferente de prêmio.

Fera.

Ela fez isso metodicamente, encontrando os comerciantes mais amigáveis. A lavradora de maçãs, a mulher com uma cesta de gatinhos no quadril, a costureira bordando uma minúscula rosa de tonalidade rosa em um quadrado de linho, que de alguma forma mantinham-se imaculados no mercado. Ela falou com eles, comprou uma maçã, abraçou um gatinho, pediu uma dúzia de novos lenços.

E então ela perguntou sobre Fera.

Eles o conheciam? Sabiam dele?

Eles tinham alguma ideia de onde ele poderia ser encontrado?

Ela tinha algo dele, entende? e ela queria devolvê-lo.

Era notável, no entanto, quão pouco importava a sua amabilidade. Quão pouco seu patrocínio importava. No momento em que ela falou o nome - aquele nome bobo e fantástico -, os comerciantes deslizaram por entre os dedos.

Desculpe, senhora, a lavradora disse, virando-se para tentar outro cliente.

Não ouvi falar dele, a senhora com os gatinhos assegurou, *mas você planeja comprar?*

Tenho certeza que me lembraria de tal nome. As mãos da costureira nem sequer hesitaram.

Parecia que todos os moradores de Covent Garden estavam no mercado para proteger o Fera.

Com um suspiro, Hattie deu uma mordida em sua maçã, o sabor doce e crocante explodiu em sua língua enquanto ela passava pelos caixotes, não mais empilhados

depois de um duro dia de venda. Os sons no mercado haviam se acalmado quando o sol se esgueirou para pelo céu - as pessoas voltavam para suas camas para acordar cedo e repetir o dia de novo amanhã.

— Flores, senhora? — Uma menina, com mais-ou-menos sete ou oito anos, de pele escura e olhos ansiosos, encontrou-a quando ela saiu em direção à igreja de St. Paul. Seu cabelo preto estava enfiado sob um boné, alguns cachos desgrenhados pelo longo dia, e estava usando um vestido e um xale que tinha uma vida inteira de remendos. Uma cesta surrada pendia de seu braço, a alça retorcida e furos lascados em sua base, cinco dalias solitárias no fundo, murchas de um dia fora d'água na praça do mercado.

Hattie encontrou o olhar castanho escuro da menina, reconhecendo a incerteza e a resignação ali. A garota sabia que suas flores não eram o que poderiam ter sido horas antes. Sabia também que não podia voltar, para onde quer que fosse, sem vendê-las.

Hattie também sabia disso. Então ela as comprou, pagou pelas flores e deu outra moeda para a menina, que saiu em disparada, sem dúvida pensando que, se não fizesse isso, Hattie mudaria de ideia. Mas quando Hattie disse: — Espere, — a garota hesitou. Hattie se inclinou para encontrar seus olhos cautelosos. — Eu estou procurando por alguém. Talvez você possa me ajudar?

A cautela se estreitou em desconfiança. — Não sei nada de ninguém, senhora.

— Estou à procura de um homem — insistiu Hattie. — Seu nome é Fera.

Reconhecimento. Lá, no rico olhar castanho da garota. Estava lá, então desapareceu. Escondido enquanto a garota olhava ao redor, observando as pessoas que permaneciam na praça que escurecia rapidamente. Procurando por alguém? Por espiões?

— Eu não quero machucá-lo, — acrescentou Hattie.

O sorriso da garota foi inesperado, como se Hattie tivesse feito uma piada hilária. — Ninguém *machuca* Fera, — disse ela antes que percebesse que tinha dado um pouco de informação que ela não deveria ter. Seus olhos se arregalaram, mas antes que Hattie pudesse pressionar por mais informações, ela disse: — Não, senhora. Não tenho como ajudá-la, — e saiu correndo com uma velocidade impressionante, como se ela nunca tivesse estado lá em primeiro lugar.

Hattie suspirou frustrada observando a garota ir, depois puxou seu xale com força enquanto o ar do final de setembro perdia o calor do sol. O homem tinha todo o Covent Garden em seu enlaço?

Ela teria que sair em breve - assim que escurecesse, seria mais difícil de encontrar uma carruagem de aluguel, mas ela precisava encontrá-lo. Ele era a chave de tudo - de seus desejos, de seus planos, de seu futuro. Se ela conseguisse convencê-lo a cancelar sua busca por Augie, se ela conseguisse um acordo com ele para devolver o que seu irmão idiota havia feito, se ela pudesse convencê-lo de que tinha o poder de pôr um fim a esses ataques severamente equivocados...

Se ela pudesse *encontrar* o homem que procurava, provavelmente ela teria uma chance.

Sem mencionar o fato de que ele fez uma promessa a ela.

O pensamento enviou fogo através dela, aglomerando-se profundamente e acelerando seu pulso e colocando seus lábios formigando com a lembrança do beijo dele na noite anterior. Ele fez promessas com aquele beijo. Para fazer melhor no resto.

E ela pretendia que ele cumprisse.

— Tente a sua sorte, senhora?

Ela virou-se ao som, para onde um homem estava sentado a vários metros de distância em uma mesa improvisada, com um barril de cerveja e uma tábua de madeira. Ele arrastou um baralho de cartas devagarinho e metodicamente, mal prestando atenção aos movimentos, seus olhos azuis brilhando sob a aba do seu boné, um largo sorriso amigável focado nela.

— Eu imploro seu perdão?

O ritmo suave de seu próximo embaralhar provocou-a. Ele espalhou as cartas em toda a madeira, em seguida, pegou-as em um único movimento suave.

Ela balançou a cabeça. — Eu não jogo cartas.

— Nem eu — O homem piscou. — Hábito horrível.

Ela riu, aproximando-se. Ele a lembrava de uma raposa astuta e ardilosa de Covent Garden. Ele era como uma erva daninha que brotava das rachaduras nas lajes de pedra do mercado, com raízes fortes e resistentes que certamente se regenerariam, não importando quantas vezes fossem puxadas. Um homem criado no Jardim conheceria o rei disso, sem dúvida. Ela se aproximou. — Então o que é isso em suas mãos?

Ele espalhou as cartas novamente. — Escolha seus três, milady.

Ela levantou uma sobrancelha e ele riu, abrindo as mãos.

— Que desconfiança!

— Por pensar que você estava planejando me enganar?

Ele colocou a mão no peito e fingiu afronta. — Como uma flecha no meu coração.

Ele estava *absolutamente* planejando enganá-la, mas Hattie não crescera em torno de marinheiros por nada, e ela tinha seus próprios planos. Ela se abaixou e deslizou três cartas do baralho, deixando-as viradas sobre a mesa. O jogador recolheu o resto do baralho, colocando-o de lado, levantando a carta do topo da pilha com um sorriso largo. — Nada abaixo da tábua.

Tudo estava abaixo do tabuleiro, mas Hattie estava disposta a segui-lo.

Usando o carta que selecionara como ferramenta, ele trocou as três que Hattie escolhera: o três de espadas, o oito de paus e depois... a rainha dos corações. Ele levantou os olhos arregalados para ela. — Bem, você achou a dama, ao que parece.

Hattie inclinou a cabeça. — E o que eu recebo por um ato tão grande?

Aquele sorriso de novo. — A chance de jogar a sua sorte, é claro.

— Quanto?

— Sixpence⁷. — Era uma quantia exorbitante - o suficiente para provar a Hattie que ele achava que ela a tinha.

E assim ela o tentou, cavando no bolso e tirando a moeda em questão. Ela a colocou na mesa. — E se a minha sorte continuar?

— Então eu dobro isso, é claro!

— Claro, — disse ela. Este homem não perdia. Todo o seu sustento era feito aqui, no limite da praça do mercado, fugindo daqueles que se imaginavam acima dele. — E agora?

— Não é problema. — Ele sorriu, virando as três cartas, voltando seus rostos para a mesa. O cartão da rainha estava mais curvado do que os outros, abaulado à mesa. — Onde está a dama?

Hattie apontou para a rainha. Ele virou a carta, revelando-a, em seguida, virou-a novamente. — Você já é natural, — disse ele com uma piscadela. — Isso é tudo o que é... observe a dama.

E então ele começou a mover as cartas, jogando-as por cima e por baixo umas das outras, em largos lançamentos de arco no início, para que Hattie pudesse seguir a rainha, depois cada vez mais rápido, até as cartas se moverem quase borradas. Um novato estaria seguindo as cartas na mesa, é claro, observando atentamente, acompanhando a rainha.

Hattie não era novata.

Quando o homem parou, as cartas finalmente se acomodaram em outra linha de três, ele virou o rosto largo para Hattie e disse: — Encontre a dama, senhora.

Hattie enfiou a mão no bolso e tirou uma coroa de ouro - mais dinheiro do que esse arremessador ganharia em uma semana aqui no mercado. — Vamos adoçar o negócio?

A ganância brilhou. — Estou ouvindo.

— Se eu perder, é seu.

Então triunfo.

— Mas se eu encontrar a dama... você me diz onde eu posso encontrar o Fera.

Surpresa, então dúvida, como se talvez ele não devesse fazer o acordo. Mas a arrogância venceu, como tantas vezes aconteceu com os homens. Negar a oferta era admitir que ele poderia perder.

Ele não percebeu que Hattie jogava um jogo muito maior.

⁷ **Sixpense** - uma pequena moeda de prata, usada no Reino Unido até 1971, valia um quadragésimo de uma libra esterlina, ou seis pence.

— Certo, senhora. Você faz uma barganha difícil. — Ele acenou com a mão sobre a mesa. — Onde está a rainha?

Ele esperava que ela escolhesse a carta do meio. Era a carta que qualquer bom alvo teria escolhido se eles estivessem observando as cartas na mesa, para não mencionar ter o meio abobadado que estariam procurando. Mas Hattie não estava observando as cartas na mesa. Ela estava observando as que estavam em suas mãos.

Ela colocou um dedo na carta a esquerda.

Aquele sorriso largo de novo. — Vamos ver, vamos? — Ele pegou a carta mais à direita e com ele, virou a carta no meio, revelando o três de espadas - a carta que ele teria deixado ela virar se ela a tivesse escolhido. — Um passo mais perto.

Mas ele estava preparado. Ele pedia para ela se mexer e o deixava virar a carta para ela, e no processo, ele executaria o mesmo truque de mão que colocara a rainha na mesa em primeiro lugar. Ele acenou com a mão para indicar que ela deveria se afastar.

Em vez de se mover, ela virou a carta, revelando a rainha.

Seus olhos voaram para os dela.

— Parece que a dama me escolheu, afinal, — disse ela, levantando a coroa da mesa, devolvendo-a ao bolso. — De acordo com o nosso acordo, você me deve. Sixpence e alguma informação.

Seus olhos se estreitaram quando ele a reconsiderou, vendo além do capô e do xale que rapidamente a rotularam de novata. — Você é uma trapaceira. É uma fraude, é isso.

— Bobagem, — disse Hattie calmamente. — Simplesmente igualei as probabilidades. E se alguma coisa for uma fraude, é o fato de que você faria a jogada como um bucaneiro⁸ e trocaria minha rainha pelo oito de paus na sua mão.

O homem fez uma careta e recolheu as cartas em um movimento suave, desaparecendo rapidamente qualquer indício de impropriedade. — Eu não lido com truques.

— Por favor, não fique desapontado, — disse Hattie. — Eu nunca vi um lançador melhor. Mas trato é trato e fizemos uma aposta.

— Sim, mas você não jogou limpo. — Ele deslizou o baralho de cartas em seu bolso e ficou de pé, revelando sua pequena figura - pelo menos quinze centímetros menor do que ela, e magro. Ainda assim, ele não teve dificuldade em levantar a mesa e colocá-la debaixo do braço. — Sem acordo.

Ela ofegou quando ele se afastou, balançando e tecendo através daqueles que permaneciam na praça. — Eu joguei tão bem quanto você! — Ela seguiu atrás. — Você me prometeu informações.

⁸ **Bucaneiro** era um pirata. Os bucaneiros frequentemente atacam e roubam navios espanhóis nos séculos XVII e XVIII. Se você descreve alguém como bucaneiro, quer dizer que eles são espertos e bem-sucedidos, especialmente em negócios, mas não confiam completamente neles.

— Eu não tenho informações. — Ele acelerou, passando por um beco da praça principal, levando mais fundo para dentro do labirinto de ruas.

Ele virou uma esquina e Hattie correu para segui-lo. — Espera! Por favor! — Este homem crescera nas ruas de Covent Garden. Ele sabia sobre Fera. Ela o viu no outro extremo de outro beco, fazendo outra curva.

Ele se virou quando ela virou a esquina. — Pare! — Então retomou sua corrida. Abaixo um segundo beco. Se transformou em um terceiro.

A frustração cresceu. Ela ia perdê-lo. — Apenas me diga onde encontrá-lo! — Ela chamou atrás dele. Outra volta. Outra.

Ele se foi. Perdido para as ruas labirínticas.

— Droga, — ela sussurrou para o crepúsculo, seu coração batendo forte, o único som na rua vazia, sua respiração dura em seus pulmões. Ele tinha sido sua chance. — Droga.

— Eu sei onde encontrá-lo, minha senhora.

— Sim, eu também.

Ela girou para encontrar quem disse aquelas palavras.

Dois outros homens se aproximando por trás. Maior do que aquele que ela havia perseguido. Um usava um gorro baixo sobre a testa, escondendo tudo menos a ponta do nariz. O outro tinha cabelo laranja, brilhante o suficiente para ver na luz que escurecia rapidamente. Ele sorriu, mostrando os dentes podres. Mas não foram os dentes dele que fizeram Hattie estremecer. Foi seus olhos. Cheios de ganância.

Ela deu um passo para trás. — Eu não preciso de sua ajuda, obrigada.

— Oh, que Lady, — disse o de boné. — Tão educada.

— E o sotaque - como se ela tivesse nascido em pilhas de dinheiro, — os de dentes podre respondeu. — Dinheiro suficiente para que ela possa nos pagar de volta porque ela nos fez perder esta tarde.

Ela balançou a cabeça. — Eu não... eu nunca coloquei os olhos em vocês antes.

O de boné chupou os dentes. — Não, mas você quebrou nosso homem. Ele poderia ter trabalhado mais uma hora se você não atrapalhasse o tempo dele.

O homem das cartas. Ele não estava trabalhando sozinho. Ele trabalhava para esses homens. Esses homens que queriam seu dinheiro aqui e agora neste beco vazio, onde ela tinha sido estúpida o suficiente para se entregar. Ela procurou uma solução. — Eu vou te dar o que eu ofereci a ele. Uma coroa.

— Uma coroa, ela diz, — Dentes podres cuspiu.

— Ela nos perdeu, três vezes isso? — Veio a resposta ridícula. Impossível. Os jogadores levariam dias para ganhar essa quantia.

Isso não importava. — Eu não tenho isso. — Ela enfiou a mão no bolso. Extraiu sua moeda restante. — Eu tenho seis xelins.

Eles estavam quase em cima dela.

— Arre... Ela não o tem, Eddie — disse o de boné.

— O que devemos fazer então, senhora? — perguntou Eddie. — Talvez você pudesse resolver isso? Mikey não se importa com garotas grandes.

Ela ergueu o queixo, puxando o xale apertado com uma mão, enquanto a outra desaparecia nas dobras da sua saia. — Não chegue mais perto.

— Ou você?

— Talvez ela grite — disse Mikey, os dentes amarelos brilhando como se ele fosse gostar disso, o monstro.

— Ela pode, — disse Eddie suavemente, perto o suficiente para tocá-la se ele tentasse. — Mas ela não vai encontrar nenhum salvador.

Seu coração batia forte, medo e fúria guerreando por dentro. Fúria venceu. — Então terei que me defender.

Capítulo Nove

Ele não gostava dela no Jardim.

Fera seguiu para o mercado, ciente do pôr-do-sol - de como o lugar poderia passar de amistoso para perigoso em um instante, especialmente para a filha de um conde, cheia demais de Mayfair, não importava quanto tempo passasse nas docas. Ela ainda seria do outro lado do mundo, não daqui, onde a escuridão vinha como uma promessa, e trazia com ela todo tipo de malícia.

E se ela tivesse saído antes dele chegar lá?

Ele aumentou seu ritmo, correndo para alcançá-la antes que os últimos raios de luz se acalmassem, entrando e saindo de prédios e becos, fazendo a curva final e quase colidindo com um corpo minúsculo correndo no sentido oposto. Ele estendeu a mão para a criança que ameaçava tropeçar em suas pernas e aterrissar na lama, pegando sua cesta vazia e seu gorro puído.

— Bess, — disse ele uma vez que ela estava estável novamente, o sotaque das ruas de espessura em sua língua. — O que tem você correndo?

Seus olhos se arregalaram. — Fera! — Ela disse. — Eu não disse nada a ela! Eu pensei que ela seria uma bom alvo para minhas últimas flores.

Hattie

Ele olhou para a cesta vazia. — Parece que ela foi isso.

A garota assentiu, o boné ficando mais torto. — Sim. Comprou o *lote todo*. E por *thruppence*⁹.

Não ficou surpreso com os gastos generosos de Hattie, mas fazendo uma demonstração de impressionar. — E agora, pequena? Onde está a moça?

Ela balançou a cabeça. — Eu não disse a ela onde te achar. *Nunca*.

— Eu não duvido disso.

Seu peito se curvou com orgulho. — Mas deixei escapar algo na praça, foi isso. Disse a ela que ninguém bate em você.

Ele imaginou que Hattie não se importava com isso. Ele enfiou a mão no bolso e extraiu sua sacola de doces, oferecendo-os a Bess. Quando ela colocou um em sua boca, ele afagou a menina sob o queixo e disse: — Bom trabalho hoje, Bess. Está chegando perto de escurecer. Melhor encontrar a sua mãe. — A dupla teria outro dia cedo amanhã - de madrugada para recolher suas flores e depois voltar para a praça para vendê-las.

Se dependesse dos Bastardos todas as crianças do cortiço acordariam cedo para ir às aulas, mas as famílias tinham que comer, e o melhor que Devil e Whit podiam fazer era dar-lhes água limpa e tanta proteção quanto fosse possível.

O que significava que ele não tinha tempo para proteger damas riquinhas que se empolgavam em aventuras quando ele expressamente lhe dissera que a encontraria, e não o contrário. Ele viu Bess sair, depois seguiu para a praça do mercado, atravessando-a em tempo suficiente para ver Hattie do outro lado, sendo apanhada por um dos homens de cartas da praça.

Ele imaginou que ela escolheu aquele vestido para se misturar com a multidão do Jardim ou algo parecido, um simples vestido de passeio verde musgo suave com um gorro combinando, coberto com um xale de malha apertado em volta dos ombros numa tentativa de: *que a tornasse disforme?* Whit supôs que ele poderia ter ignorado todo o conjunto, se não fosse a mulher, lá dentro, que era impossível não notar e nada perto de disforme. Ela era mais alta que a maioria das pessoas e com curvas enlouquecedoras que ninguém deixaria de notar. Especialmente, não um homem que as tivesse provado na noite anterior.

Memória brilhou, sua língua encontrando a dele em um delicioso golpe, sua respiração vindo rapidamente em seus lábios, seus dedos apertados em seus cabelos, como se ela desejasse poder dirigir a carícia.

Cristo, ele permitiria que ela dirigisse sua carícia onde quisesse.

Ele resistiu ao desejo de permanecer no que poderia acontecer, ignorando o despertar de seu pênis enquanto se dirigia para ela sem hesitar, acelerando quando percebeu que ela não estava sendo depenada. *Ela estava depenando*.

⁹ **Thruppence** - uma pequena moeda de latão usada na Grã-Bretanha até 1971, ou uma moeda anterior de cor prata, que valia três centavos antigos, ou essa quantia em dinheiro.

O trapaceiro ficou de pé, com sua raiva clara no rosto, pegou a mesa e virou-se indo para o beco mais próximo. E Hattie o seguiu... não sabendo que ela estava sendo levada para a escuridão, para ser atacada por ladrões.

Whit começou a correr.

Ele seguiu pela estrada escura e vazia onde eles haviam desaparecido, virando-se por um beco, depois outro, procurando os becos sem saída que esse caminho levava - cada um deles um lugar perfeito para roubar toffs. Para fazer o pior com eles. Ele amaldiçoou alto na escuridão.

— *Não chegue mais perto!*

Não, ele não gostava de Hattie no Jardim. Ele não gostava de suas botas naquela imundície, ou sua voz ricocheteando em suas paredes de pedra. Mas ele absolutamente não gostou do medo contido lá.

Ele quebraria qualquer um que a tocasse.

Ele estava em uma corrida plana naquele momento, desesperado para chegar até ela. Dizendo a si mesmo, enquanto corria pela rua, que ele só corria para protegê-la porque ela era a chave para a morte de seu inimigo.

Protegê-la.

Ao redor do final do beco, ainda nas sombras, Whit descobriu que os irmãos Doolan - verdadeiros guardiões do Jardim, criados na própria área e muito mais fortes do que espertos - recuavam para ele.

Enfrentando Hattie.

Whit não podia ver seu rosto por trás dos ombros grossos da dupla, mas ele podia imaginar, e ele odiava isso. Pálida com seus olhos violetas - aquela cor impossível - arregalados de medo, e seus lábios carnudos se abrindo enquanto a respiração dela entrava em pânico.

Raiva passou por ele, deixando seu coração batendo forte.

Protegê-la.

Ele não podia vê-la. Mas ele sabia que ela estaria se afastando do fedor dos irmãos, da podridão de seus dentes e das cicatrizes em seus rostos e da sujeira em suas mãos.

Espera.

Ela não estava se afastando deles. — Do jeito que eu vejo, senhores — disse ela, sua voz soando firme como um aço — vocês julgaram mal minha capacidade de me defender sozinha. Eu não acho que vocês gostariam de ver como eu faria isso.

Ela tinha uma pequena faca no bolso na carruagem na noite passada - uma lâmina afiada o suficiente para cortar as cordas de seus pulsos, mas pequena demais para causar medo nos corações dos Doolans, que afinal, lidavam com armas em suas mãos, armas muito mais perigosas. E ainda assim...

Eles estavam se afastando dela.

O que diabos? Whit se aproximou nas sombras.

— Onde você conseguiu isso, moça? — Perguntou Eddie Doolan. Sua voz estava vacilando?

— Você conhece isso, então? — Ela ficou surpresa.

— Todos nessa área conhecem isso, — Mikey disse, seu pânico inegável.

Ela apareceu, iluminada de cima por um raio de luz solar refletida, e Whit quase se balançou sobre os calcanhares ao vê-la. Alta e forte, os ombros para trás e a mandíbula definida como uma guerreira. E na mão dela... uma lâmina que prometia uma punição perversa.

Punição que Whit sabia sem questionar, porque ele tinha dado uma centena de vezes. Mil.

A mulher segurava uma de suas facas de arremesso.

O choque foi seguido por um zumbido de antecipação quando Eddie perguntou, com as palavras muito finas de medo: — Você é do Fera?

Whit ignorou sua reação instantânea por aquela pergunta.

— Eu tenho a lâmina dele, não tenho?

Garota esperta, passando por tudo.

— Merda, — cuspiu Mikey, — Eu não faço parte disso. — Ele saiu correndo como o rato de rua que ele era, lá, e depois se foi.

Ela virou os olhos surpresos para Eddie. — Muito desleal dele, você não acha?

Eddie engoliu em seco. — Você não contará ao Fera, não é, moça?

Whit respondeu por ela, saindo das sombras. — Ela não vai precisar.

Hattie ofegou quando Eddie girou em sua direção, com as mãos levantadas quando Whit avançou. — Nós não estávamos fazendo nenhuma asneira, Fera. Apenas assustando um pouco. Apenas o suficiente para que ela não bagunce com os nossos homens das cartas novamente.

Ele chegou mais perto. — Quais são as regras, Eddie?

A garganta do outro homem trabalhou, procurando a resposta que não viria. — Nenhuma mulher ferida. Mas...

Whit odiava a palavra. Não havia qualificadores para a regra. Essa única sílaba fez com que ele quisesse despedaçar o outro homem.

Os olhos de Eddie se arregalaram quando Whit se aproximou, seu medo derramando palavras estúpidas no crepúsculo. — Não esperava que ela puxasse uma faca, Fera. Se você pensar nisso, a moça começou.

Que imbecil de merda.

Ele assentiu. — Começou a correr de você.

O minúsculo cérebro de Eddie clamava por uma resposta. — Correndo *atrás* do homem de cartas. Procurando por você. — Pensando que ele encontrou algo valioso, ele sorriu. — Estávamos protegendo *você*, viu?

— Oh, por favor, — Hattie zombou do ombro de Eddie, mas Whit se recusou a olhar para ela, com medo do que poderia acontecer se ele fizesse.

Em vez disso, estendeu a mão para o homem, apertando as lapelas sujas de Eddie em suas mãos e puxando-o para perto. — Se eu te ver ameaçando uma mulher novamente, vou mostrar a você como é essa lâmina. Lembre-se, eu estou em todo lugar. Eu vejo tudo.

Eddie engoliu em seco, suando na testa. Assentiu

— Você tem algo a dizer para a senhora?

— Des-desculpe, — a sujeira sussurrou.

Não foi bom o suficiente. — Mais alto.

— Desculpe, senhora. Peço perdão. Desculpa.

Whit olhou para Hattie então, com os olhos arregalados de surpresa. — Sim. Tudo bem. — Ela deslizou o olhar para ele, e ele não gostou da incerteza ali. — Eu aceito. Ele parece ter aprendido uma lição.

— Sai daqui. — Ele jogou Eddie longe deles, não olhando quando o homem caiu no chão e levantou-se imediatamente, correndo. Em vez disso, Whit virou-se para os telhados e assobiou, longo e penetrante, à noite. — Encontre-me Michael Doolan. Diga a ele que seria melhor vir me encontrar nas lutas. E se ele não vier até mim, ele não vai gostar do que vai acontecer quando eu for até ele.

Voltou-se para Hattie, cuja incerteza se transformara em curiosidade. — Você tem o hábito de falar com edifícios?

— Eu vou parar quando eles não fizerem mais o meu lance.

— As pedras vão buscar esse homem para você? — Quando ele não respondeu, ela acrescentou: — Então é verdade o que eles dizem?

Quem falou com ela? O que eles disseram?

Ele grunhiu sua resposta, ignorando a raiva que girou através dele pela ideia de que ela poderia ter sido ferida aqui, em seu território. Ignorando profundamente a ideia inquietante de que ele poderia não ter sido capaz de protegê-la se ele tivesse chegado alguns minutos depois. Se a mulher segurava ou não sua faca.

Falando disso. Ele estendeu a mão. — Me dê a arma.

Ela apertou com mais força a lâmina de ônix, e ele imaginou o calor de sua palma contra o desenho ali, a suavidade de suas luvas polindo os finos sulcos de aço que mantinham firme e asseguravam uma pontaria direta e um golpe certo. — Quais são essas lutas?

Seu único consolo.

Ignorando a pergunta, ele disse: — A faca, Hattie.

Ela olhou para ele. — Eles estavam com medo disso.

Ele não respondeu, esperando que ela dissesse o que realmente queria dizer.

— Eles estavam com medo de *você*.

Ele tentou encontrar o nojo nas palavras dela. Ela era suavidade e brilho - mais limpa e fresca em seu gorro engomado e seu xale branco do que aquele lugar jamais tinha sido. Ela não era nada parecido, e não deveria estar aqui. E ela deveria estar enojada com o que ela havia testemunhado. Pela grosseria disso. Pela sujeira.

Por ele.

— Não, não de você, — disse ela, e por um momento selvagem, Whit imaginou que ela tinha ouvido seus pensamentos. Ela levantou a lâmina, inspecionou-a na luz que desapareceu rapidamente e acrescentou, num sussurro: — Eles estavam com medo da *ideia* de você.

— Todo medo é medo de uma ideia, — disse ele. Ele sabia disso melhor que a maioria. Tinha sido desmamado com terror e aprendido a sobreviver. O tangível era suportável. Era o intangível que roubaria a respiração, o sono e a esperança.

Ela inclinou a cabeça, considerando-o. — E qual é a ideia de você?

Fera. Ele não deu voz à palavra. Para a promessa disso. Por algum motivo, ele não queria que ela pensasse nele como uma Fera quando ela olhava para ele.

Ele não queria que ela olhasse para ele.

Mentira.

— Onde está sua acompanhante?

Ela piscou. — O que?

— Faz sentido que você não tenha tido uma na noite passada - não há necessidade de acompanhante em um bordel - mas você é uma mulher de recursos, Henrietta Sedley, e há um grande número de pessoas no mercado que teriam motivo para reconhecê-la.

Seus lábios, largos e cheios, abriram em um suspiro surpreso. — Você sabe quem eu sou.

Ele não respondeu. Não houve necessidade.

— Como? — Ela pressionou.

Ignorando sua pergunta, ele disse: — Você ainda não sabe quem eu sou, se você pensou que me procurar era uma boa ideia.

— Eu sei que eles o chamam de Fera. — Ele disse a ela isso. — E sei que seu irmão é o Devil. — A incerteza sussurrou através dele. O que mais ela sabia? — O que me faz questionar o protocolo de nomenclatura da sua família.

— Ele é meu meio-irmão. Nós nos nomeamos, — disse ele, odiando a rapidez com que ele respondeu. Odiando que ele respondeu em tudo.

O rosto dela se suavizou e ele odiava isso também, irracionalmente. — Sinto muito por isso, se esses foram os nomes que vocês escolheram. Mas suponho que os Bastardos de Bareknuckle mereçam nomes que causam um impacto.

Ele deu um passo em direção a ela. — Para alguém que afirma não saber nada sobre como eu fiquei inconsciente em sua carruagem na noite passada, você sabe muito.

Aqueles lábios pecaminosos se curvaram em um sorriso, a expressão como um golpe. — Você acha que eu não faria perguntas depois do nosso encontro?

Ele deveria ter franzido a testa. Deveria ter se aproveitado da evidência de que ela tinha um relacionamento próximo com o inimigo que havia atirado em seu empregado e roubado seus carregamentos e o nocauteado. Deveria ter mantido a família dela e seus negócios em chamas e prometido incendiá-la se ela não lhe desse as informações que ele desejava.

Ele devia ter. Mas em vez disso, ele disse: — E o que mais você descobriu sobre mim?

Que merda ele estava falando com ela?

O sorriso dela se transformou em segredos. — Disseram-me que uma vez que você procura alguém, você não para até encontrá-lo.

Isso era verdade.

— Mas eu não tinha certeza de que você viria atrás de mim.

Claro que ele teria. Ele teria ido atrás dela em sua torre em Mayfair, mesmo que ela não tivesse a informação que ele desejava.

Não. Whit resistiu ao pensamento - uma proeza impressionante até que ela acrescentou, aquela covinha punitiva aparecendo em sua bochecha, — Então eu vim atrás de você.

Ele nunca admitiria o prazer que passou por ele com aquela confissão. Nem ele admitiria o prazer que veio quando ela pegou a mão dele, levantando-a em uma das dela.

— O que aconteceu com a sua mão? — As luvas de pelica que ela usava não paravam a picada de seu calor enquanto ela acariciava seus dedos sobre os nós dos dedos vermelhos e ardendo com o golpe que ele havia dado na parede mais cedo. — Você está ferido.

Ele respirou fundo e tirou a mão da dela, sacudindo-a. Querendo apagar o toque dela. — Não é nada.

Ela o observou por um momento, e ele a imaginou vendo mais do que desejava. E então, suavemente, disse — Ninguém me falaria qualquer sobre você.

Ele resmungou. — Isso não te impediu de perguntar. O que nos leva de volta à questão da sua acompanhante. Qualquer pessoa da alta-sociedade poderia ter visto você. E imagino que qualquer pessoa da alta-sociedade teria questionado sua falta de sutileza ao perguntar por mim.

Seus lábios se contorceram em um sorriso irônico. — Eu não sou conhecida por sutileza. — Havia algo mais em seu tom do que humor, no entanto, algo que ele descobriu que não gostava.

Ele se recusou a mostrar. — Não consigo imaginar o porquê. Conheço você há menos de um dia e, durante o tempo em que eu não estava inconsciente, você frequentava um bordel e ameaçava matar um par de criminosos do Jardim.

— Não é como se você fosse um cavalheiro de Mayfair. — Ela sorriu. — Ou você esqueceu a parte em que eu fiz um acordo impróprio com você ontem?

Acordo. A palavra chiou através dele com a lembrança da noite anterior. Do gosto dela. Da sensação dela em seus braços. Do maldito olhar dela - como um banquete.

— Por que não fazer um acordo com um de seus riquinhos?

Ela parecia considerar a opção. *Não pense nisso*, ele quis silenciosamente dizer isso antes dela responder: — Bem, primeiro, não tenho um único, e muito menos mais do que um. — *Porque os riquinhos eram imbecis.*

Ele resmungou. — Não há escolha a não ser o território pobre.

Seus olhos se arregalaram. — Eu não considero isso... — Ela não conseguiu repetir as palavras. Cristo, ela era suave — ...assim.

— O que, então?

Ela inclinou a cabeça. — Eu não me importo se você não é um cavalheiro. Não preciso de alguém que conheça Mayfair. Não vejo razão para que nosso acordo tenha algo a ver com sua capacidade de valsar ou seu conhecimento da hierarquia da nobreza.

Mas ele sabia todas essas coisas. Ele foi treinado para ser um aristocrata. Ele passou dois anos aprendendo as complexidades da aristocracia. De seu mundo de merda. E só por um momento, duas décadas atrás, ele poderia ter sido um homem diferente. Ele poderia tê-la conhecido sob uma circunstância diferente. Se Ewan tivesse perdido e Whit tivesse vencido, ele teria sido um duque.

E ele poderia ter conhecido ela de outra maneira.

Não que ele quisesse. Tudo o que ele queria era tirá-la de Covent Garden.

Sobre o que eles estavam falando mesmo? — Sua acompanhante.

Ela ergueu um ombro e deixou cair debaixo daquele seu xale finamente tricotado, que ele imaginou que nunca mais seria branco depois de uma tarde na lama. — Eu não preciso de uma.

Seu exalar poderia ter sido um choque se ele fosse um tipo diferente de homem. — Sim, você precisa.

— Não, eu não preciso de uma acompanhante. Eu não sou mais uma criança. Tenho vinte e nove anos hoje, o que, a propósito, normalmente merecia algum tipo de felicitação.

Ele piscou. — Feliz aniversário. — Por que diabos ele tinha dito isso?

Ela sorriu, brilhante como o maldito sol, como se estivessem em um salão de baile em algum lugar, em vez de um beco. — Obrigada.

— Você não precisa de uma acompanhante. Você precisa de um carcereiro.

— Literalmente ninguém se importa nem um pouco sobre onde eu vou.

— Eu me importo.

— Excelente, — ela disse espertamente, — pois eu vim atrás de você.

Foi a segunda vez que ela disse isso, e na segunda vez ele gostou, e não quis repetir a experiência. — Por quê?

Ela estendeu a faca para ele então, abrindo a palma para revelar o cabo, escuro contra a luva pálida que ela usava - uma luva que ele desejava não estar lá, então ele podia ver as manchas de tinta em seus pulsos e ler a história que contavam com a palma da mão. — Isso pertence a você, — ela disse simplesmente. — Eu prometi a você que iria devolvê-lo.

Ele olhou para a arma. — Por que você tem isso?

Ela hesitou e ele detestou a pausa - a ideia de que aquela mulher, cheia de honestidade e verdade, ocultara sua resposta.

— Porque eu prometi que iria devolvê-la, — ela repetiu. — Eu sinto Muito.

Ele pegou a faca. Por que ela se desculpou? Era tão simples quanto a faca? Como o conjunto de onde veio essa? Foi pelo ataque ao carregamento na noite anterior? Ou pelos que vieram antes? Ela sabia que eles tinham levado milhares de libras? Que eles ameaçaram a vida de seus homens?

Ou alguma outra coisa?

Foi Ewan?

Fúria e descrença rugiam através dele com a ideia. E algo mais. Algo como pânico. Se ela estivesse em qualquer lugar perto de Ewan, Whit não seria capaz de mantê-la segura.

Ele empurrou o pensamento para longe. Ela não estava trabalhando com Ewan. Ele saberia se ela o estivesse traindo tão intensamente, não saberia?

Ele lutou para desviar o olhar dela, odiando o modo como a luz a tirava dele, as ruas estreitas do Jardim desaparecendo prematuramente, e sua frustração o fez alcançá-la, pegasse sua mão e a puxasse pelo labirinto de ruas, de volta à praça do mercado, onde a pedra branca estava em chamas com o último vestígio alaranjado.

Ele a soltou no momento em que eles entraram na clareira. — Aí. De volta onde você começou.

Ela se virou para ele. — Não é apenas a faca.

— Não, — ele respondeu. — Não é. A enorme quantidade do que foi tirado de mim é muito mais do que essa faca.

— Eu sei disso agora. Eu não sabia ontem à noite.

Ele acreditava nela porque queria, mesmo sabendo que não deveria. Mesmo que ele não tivesse absolutamente nenhuma razão para isso. — Quero um nome, Lady Henrietta.

Prove que você não faz parte disso.

Diga-me a verdade.

Ela balançou a cabeça. — Certamente você pode entender porque eu não posso lhe dar isto.

— Pode? Ou esteja disposta?

Sem hesitação. — Disposta.

Ela era mais honesta do que qualquer um que ele já conheceu. De longe, mais honesta do que ele. — E assim estamos em um impasse.

— Não estamos, no entanto. — Ela virou um rosto brilhante em direção a ele, cheio de verdade e uma simplicidade que Whit não estava certo de que ele já exibiu por conta própria. — Eu tenho uma solução.

Ele não deveria ter pensado nas palavras dela nem mesmo um momento. Deveria tê-la impedido de falar e acabar com qualquer loucura que ela estivesse prestes a sugerir ali, enquanto o sol se punha na praça do mercado.

Em vez disso, ele disse: — Que tipo de solução?

— Reembolso — disse ela, feliz, como se tudo fosse perfeitamente fácil, e correu em direção ao mercado, deixando-o sem escolha a não ser segui-la.

Ele sabia, como um cão de caça, que os espiões nos telhados acima não hesitariam em relatar suas ações para seu irmão, sua irmã e Nik. Sabendo daquilo, e de alguma forma não se importando. Em vez disso, seguiu Hattie em direção às bancas do mercado, ficando vários degraus atrás dela, observando, até que ela se agachou para inspecionar o conteúdo de uma cesta aos pés de uma mulher mais velha do cortiço. Hattie olhou para cima, uma pergunta não formulada em seu rosto aberto e amigável, e recebeu a única resposta que tal expressão provocou. *Sim*.

Alcançando a cesta, Hattie extraiu um pequeno filhote de cachorro que se contorcia, levantando-se para abraçar a bola preta perto do peito e murmurar suavemente. Whit se aproximou então, algo apertando em seu peito - algo que ele não queria sentir, e certamente não queria lembrar. Hattie não pareceu se importar com isso, no entanto, virando-se com um sorriso brilhante para dizer: — Eu amo isso aqui.

As palavras foram um golpe, essa mulher tão inesperada e deslocada em seu território, tão impossível de ignorar, com uma alegria suave em sua voz que era impossível não perceber. Ele não queria que ela amasse isso aqui. Ele queria que ela odiasse isso. Para deixar isso.

Para deixar isso, e ele sozinho.

Mas ela não fez. Em vez disso, ela comentou. — Quando eu era criança, meu pai me trazia ao mercado.

Não foi uma surpresa. O mercado era um destino para a classe alta de Londres - uma maneira de brincar na lama do Jardim sem correr o risco de se sujar. Whit tinha visto centenas de criaturas ricas descendo do alto do mercado. Milhares deles. Quando menino, ele os havia roubado, apanhado de seus bolsos, desviando deles. Ele observara os homens com seus ternos pretos imaculados e as mulheres com seus vestidos incrivelmente brancos e as crianças, construídos à imagem de seus pais perfeitos.

E ele os odiava.

Odiava isso, mas por uma reviravolta infinitesimal do destino, ele poderia ter sido um deles.

Ele tinha tido uma grande alegria em roubar os ricos. Ele ficou acordado à noite, imaginando o choque, a raiva e a frustração em seus rostos quando descobriram seus bolsos cortados, as bolsas cortadas, seu dinheiro sumido. O dinheiro deles poderia dominar o mundo, mas naqueles momentos, aqui, não era páreo para a astúcia de Whit. Pelo poder dos Bastardos.

— Antes de tudo mudar, — disse ela para o cachorro, e para ele. Antes de Sedley receber seu título, ele imaginou que ela queria dizer isso. Ele sabia que tipo de mudança teria causado. Ele desejou isso para si mesmo uma vez. Mais de uma vez. Mil vezes, mesmo quando ele estava nesta praça e cuspiu na ideia.

Mas agora, enquanto observava essa mulher, acariciando uma bola de pelo preto em seus braços, ele se perguntou se alguma vez a tinha visto. Se ele já a viu das vigas acima, ou atrás de uma banca de mercado. Se ele já se imaginou seus estranhos olhos violeta. Se ele já tinha visto seu sorriso largo e ganancioso e invejado. Houve dias em que seu estômago estava tão vazio de comida que ele se alimentou de inveja - e ele teria invejado Hattie em seus vestidos limpos e seus sorrisos felizes e seu pai amoroso.

Ele teria invejado a vida dela tanto quanto ele gostaria de fazer parte dela.

Não mais, é claro. Ele não tinha tempo para a filha de um conde, com uma vida em Mayfair, morando no Jardim.

Hattie esfregou a bochecha contra a cabeça macia do filhote, com um sorriso suave nos lábios, e ele resistiu ao desejo que corria por ele com a ideia daquele toque suave nele. — Havia um fazendeiro que tinha uma barraca antiga... e na primavera vendia os feijões franceses mais doces e crocantes. — Ela riu, o som mexendo com ele. — Meu pai me comprava um saco cheio deles e eu nunca chegava além da entrada do mercado antes que eu o tivesse aberto e estivesse mastigando. — Ela fez uma pausa, então, cheia de vergonha, — Ele ainda me chama de feijão.

Whit não queria essa história. Ele não queria se encantar com isso. Ele certamente não queria saber o nome bobo que o pai dela a chamava. Ele não queria pensar naquela garotinha de cabelos louros, com olhos muito grandes e que gostava de feijão francês, ele não queria a lembrança do gosto daqueles grãos de alguma forma em sua própria língua.

Ela se abaixou, devolvendo o filhote a cesta. Era de dar água na boca.

Ela se endireitou, oferecendo um largo sorriso para a mulher mais velha. — Obrigada. Isso foi adorável.

A vendedora assentiu. — Você gostaria de levar um senhor? — Ela olhou para Whit, com expectativa, como se comprar um cão fosse um impulso perfeitamente comum.

— Oh, eu adoraria ter um, — disse Hattie, baixinho, saudosa, enquanto olhava para a cesta como a criança que ele acabara de imaginar.

Por um momento, Whit considerou comprar o lote inteiro deles.

— Mas não agora. Hoje, eu simplesmente precisava de um afago.

Ele quase se ofegou com as palavras dela, tão inocentes e doces, e de alguma forma, tão sujas em sua mente. Ele rosnou baixo e enfiou a mão no bolso, tirando uma moeda e passando para a mulher mais velha. — Para você, Rebecca. Por alegrar a dama.

A mulher fez uma reverência. — Obrigada, Fera.

Ele chamou a atenção dela. — Você e eu sabemos que esses filhotes não deveriam estar longe de sua mãe ainda. Se você e Seth estão passando lutas, você vem para o Devil e para mim.

— Nós não precisamos da sua caridade, Fera. — As palavras eram severas e cheias de orgulho. O único filho de Rebecca perdera uma perna em um acidente um ano antes, e a mulher envelhecia a cada dia, mas havia maneiras de garantir que o casal pudesse comer.

— Não estou oferecendo caridade. Nós encontraremos um trabalho honesto para vocês.

Os olhos da velha mulher ficaram vítreos e seus lábios se estreitaram enquanto ela reprimia sua resposta; ela finalmente acenou com a cabeça uma vez e se abaixou para pegar sua cesta, colocando-a em seu quadril e fazendo seu caminho para casa através da praça. Whit observou por um momento antes de voltar-se para Hattie, com seu inflexível olhar violeta.

Ele resistiu ao impulso de desviar o olhar - para se esconder daqueles olhos que pareciam ver tudo nele. Resistiu também ao desejo de perguntar o que, na verdade, ela via nele.

Ela não contou a ele. Em vez disso, ela disse: — Tenho o poder de garantir seu reembolso.

Ele acreditava nela, mesmo sabendo que outros não acreditariam. Ela não mentiria para ele. Mas ainda assim, ele perguntou: — Como vou saber disso?

— Eu sei o suficiente por nós dois, — disse ela, como se tivesse tido essa conversa uma dúzia de vezes antes. *E talvez ela tivesse.* Incerteza passou por ele enquanto ela continuava. — Eu sei que quatro remessas foram roubadas. Sei que elas valem quase quarenta mil libras. Sei que as carroças sequestradas estavam cheias de contrabando - bebidas e tecidos, papel e vidro, tudo contrabandeado pelo Tâmis e saindo de Covent Garden sem impostos e sob os olhos da Coroa. — Ele escondeu a surpresa dela, permanecendo em silêncio enquanto ela acrescentava: — E estou preparada para devolver esses fundos.

Por quê?

Ele resistiu à vontade de perguntar a ela. Em vez disso, cruzou os braços sobre o peito e se balançou para trás em seus calcanhares. — E onde você vai encontrar quarenta mil libras?

Ela estreitou seu olhar nele. — Você acha que eu não posso?

— É exatamente isso o que eu penso.

Ela assentiu e olhou em sua volta, na escuridão que finalmente cobria a praça do mercado, tornando impossível ver mais do que alguns metros. Ela se aproximou, para que ele pudesse ouvi-la? Ou será para que os outros não pudessem?

— Encontrarei onde encontrei a faca que lhe devolvi, — disse ela.

Aquela maldita faca. O significado disso. A mensagem. Ela teria puxado da coxa onde ele havia enfiado? Ela havia limpado? Quão envolvida ela estava nas ações de seu irmão? Quão envolvida ela estava com Ewan? Possivelmente mais do que ele pensou já que ela estava aqui agora sem proteção e com a faca de arremesso de Whit.

E ainda assim... quando as mãos dela se moveram para a abertura de seu xale, agarrando-se à suave e branca malha lá, ele se inclinou para frente, atraído pelo movimento, para o aroma de amêndoas que o acompanhava. *Ela estava com frio?* Sem pensar, ele estava pegando seu próprio casaco, tirando e entregando para ela.

Ela falou antes que ele pudesse dizer algo, suave e provocante, e com um toque de... aquilo era triunfo? — E onde eu encontrei as outras. — Ela abriu o tecido, revelando o vestido por baixo, onde o verde musgo perfeito agora era cinza no crepúsculo, uma cor calma condizente para uma solteirona fazendo compras no mercado.

Mas não foi a cor pálida do vestido que enviou desejo através de Whit, roubando seu fôlego; era o couro preto sobreposto, com suas tiras grossas e resistentes. O couro que ele conhecia como segunda pele, porque era *sua* segunda pele.

Cristo.

A mulher estava usando seu coldre. Todo preenchido com o resto de suas facas, brilhando no crepúsculo como se pertencessem a ela - uma rainha guerreira.

E a visão dela, orgulhosa, forte e deslumbrante, ameaçou colocá-lo de joelhos.

Capítulo Dez

Ela deveria ter entrado em pânico com a maneira como os olhos dele se estreitaram quando ela revelou o resto das facas. Ela deveria ter tremido com o olhar penetrante dele, na forma como ele se acalmava, como um animal selvagem, sintonizando cada um dos seus sentidos com o batimento cardíaco acelerado de sua presa.

E o coração de Hattie bateu forte. Mas não de medo.

De excitação.

Ela ergueu uma sobrancelha e levantou o queixo, sabendo que tentava o destino.
— Você acredita que eu tenho o poder de negociar um acordo agora?

Um grunhido baixo soou na garganta de Fera antes que ele dissesse: — Onde você as conseguiu?

Ela não podia dizer isso a ele, é claro. — Estou aqui para devolvê-las, assim como prometi que devolveria o resto. Cada libra.

Ele chegou mais perto, alcançou as bordas de seu xale, seus dedos ásperos roçando as luvas dela, fazendo ela desejar que não as estivesse usando. A respiração dela era superficial quando ele o fechou, escondendo suas facas e olhando em volta, exatamente como ela havia feito, como se procurasse testemunhas.

Como se esse homem chamado Fera pudesse revelar a origem exata desse nome.

— Você não sabe o que toca, Lady Henrietta.

Um arrepio passou por ela. Ela deveria ter ficado aterrorizada. Mas ela não estava. Ela colocou os ombros para trás. — Não tenho interesse em jogar. Eu vim te encontrar e te informar sobre meus planos.

O ano de Hattie

Ele não hesitou. Ele agarrou a mão dela e puxou-a pelo mercado, de volta pelo caminho que eles tinham vindo. Ela tinha uma dúzia de coisas para dizer e ainda mais perguntas para fazer, mas permaneceu quieta enquanto ele a conduzia por uma rua escura de paralelepípedos, afastando-se da praça do mercado, até uma única lanterna balançando alegremente acima de uma placa pintada. *The Singing Sparrow* (*O pardal cantante*).

— Este lugar é nomeado como *Singing Sparrow*? — A cantora de renome mundial foi reverenciada pelos londrinos, e foi dito ter nascido aqui, em Covent Garden, onde ela ainda cantava quando estava em casa de suas viagens lendárias.

Com um grunhido que poderia ser uma confirmação, Whit empurrou a porta para a taverna escura, passando por um punhado de homens, sentados em suas cadeiras. Hattie se esticou para ver o espaço, puxando a mão das garras de Fera, enquanto ele a apertava mais, não diminuindo a velocidade ao passar pelo bar, atrás do qual um grande homem loiro estava parado, limpando um copo de cerveja. — Tudo bem, Fera?

Outro grunhido.

O homem, que parecia americano, virou-se para ela. — Tudo bem, senhorita?

Ela sorriu alegremente. — Ele não fala muito.

O americano piscou sua surpresa. — Não, ele não faz isso.

— Eu falo o suficiente por nós dois.

— Não há nós dois, — Fera rosnou, antes de abrir uma porta do outro lado da sala, puxá-la para dentro e fechá-la - e as risadas do garçom sumiram.

Ela examinou a grande sala cheia de caixas e barris, iluminada por uma pequena tocha no alto de um canto. — Você tem o hábito de comandar nos depósitos das tavernas?

— Você tem o hábito de comandar as armas dos homens?

— Eu não tinha, até agora. Mas admito que elas foram bastante úteis. — O olhar dele se estreitou nela, intenso o suficiente para roubar o fôlego. Ele deu um passo em sua direção, e ela se perguntou se ele podia ouvir seu coração batendo em seu peito. Parecia que poderia. Parecia que toda Londres poderia ser capaz de ouvir o trovão daquilo.

— Tire-as.

O rosnado chiou através dela, e por um momento selvagem e louco ela pensou que ele queria dizer algo diferente das facas. Algo parecido com as roupas dela.

Por um momento selvagem e louco, ela quase fez isso.

Felizmente – *felizmente?* – ela voltou a si.

Ou não?

— Ainda não. — A resposta não pareceu sensata. Não quando as palavras voaram de seus lábios e certamente não quando ele se aproximou, perto o suficiente para que o calor dele a envolvesse. Foi a primeira coisa que ela notou sobre ele, aquele calor, e agora ele ameaçava incinerá-la.

Ela deixou seu xale cair, revelando as armas dele, mas o movimento não fez nada para aliviar o calor. Se alguma coisa aconteceu ao descobrir-se para ele, foi apenas deixá-la mais quente. Seu olhar seguiu a tira complicada de couro que a segurava em seu abraço perverso, o peso das armas uma dor tentadora.

Ele se inclinou, o cheiro de seus doces de limão dando água na boca com a lembrança do gosto deles. De *seu* gosto. — Ainda não?

Ela poderia diminuir a distância entre eles sem esforço. Tudo o que seria necessário era um pequeno gesto - apenas o suficiente para pressionar seus lábios nos dele. Ele iria gostar? Ele não parecia assim. Ele parecia... irritado.

Já que tinha começado, agora ela tinha de continuar, Hattie supôs. — Não até você concordar com o acordo que estou oferecendo.

— Você está enganada se pensa que está em uma posição de poder, Hattie.

Ela engoliu em seco — M-meu pai é dono de uma companhia de navegação. Você certamente sabe disso.

Um grunhido de reconhecimento.

— Eu pretendo herdar isso. — Surpresa brilhou através de seus olhos, lá, então se foi tão rapidamente quanto ela poderia dizer. Era isso. Seu primeiro acordo como chefe da empresa. O começo do ano de Hattie. Não importava que isso estivesse acontecendo na sala dos fundos de uma taverna de Covent Garden com um homem que era mais criminoso que cliente.

O que importava era que ela faria o acordo, e então se sairia bem. O pensamento clareou sua mente. Ela endireitou os ombros. Levantou o queixo. — Eu estou preparada para lhe dar cinquenta por cento da receita de nossas remessas até devolvermos os quarenta mil. Mais... dez por cento de juros.

Uma sobrancelha escura subiu. — Trinta por cento.

Era uma quantia enorme, mas Hattie se recusou a mostrá-lo. — Quinze.

— Trinta.

Ela apertou os lábios em uma linha fina e desaprovadora. — Dezesete.

— Trinta.

Exasperação explodiu. — Você deveria estar negociando.

— Deveria?

— Você não administra um negócio?

— De certa forma, — disse ele.

Homem obstinado. — E como parte desse negócio, você não negocia?

Ele cruzou os braços sobre o peito largo. — Não frequentemente.

— Suponho que você apenas pegue o que quiser.

Uma sobrancelha negra se levantou em resposta. — Devo lembrá-la de que é a sua propensão a aceitar o que você quer que nos trouxe aqui, Lady Henrietta.

— Eu te disse, eu não tive nada a ver com isso. Eu estou aqui apenas para reparar o dano.

— Por quê?

Porque esse negócio é a única coisa que eu sempre quis na minha vida.

— Porque não gosto de roubo. — Ele a observou por um longo momento - tempo suficiente para ela ficar desconfortável. Ela se mexeu e disse: — E então... vinte por cento.

Ele não se mexeu. — Até agora, você não me ofereceu nada que eu não teria tomado sem a sua oferta. Na verdade, você ofereceu menos do que eu pretendo tomar.

Ela piscou. — Mais de vinte por cento de juros?

Ele era enorme no espaço silencioso. — Mais do que dinheiro, Hattie.

Ela limpou a garganta. — O acordo é por dinheiro. Dinheiro e suas facas.

Ela se arrependeu das palavras assim que elas saíram, o olhar âmbar dele nos suspensórios de couro cruzando seu peito fazendo-a desejar não ter removido o xale.

— Então não é um acordo, — disse ele. — Um acordo implica que eu recebo algo em troca. Então, eu pergunto novamente. O que eu ganho com este acordo que até agora é simplesmente um reembolso de fundos e uma devolução de mercadorias roubadas, sem garantia de que sua empresa evitará uma ação contra meus negócios no futuro?

Sua empresa. Ela não perdeu as palavras, suaves e certas na língua dele. Não deixou de sentir o prazer tumultuando através dela – a empresa dela. Ela estava tão perto de tudo. O futuro que ela sempre quis. Ela não deixaria ele tirar isso dela. — Você tem minha garantia.

— E devo acreditar que seu pai não iria se repetir quando ele decidir que precisa de dinheiro novamente?

A sua defensiva aumentou. — Não foi meu pai. — Ele não reagiu às palavras dela. Ela estreitou seu olhar nele. — Mas você sabe disso.

— Diga-me porque você protege a verdade.

Porque ele é minha única chance de ter o negócio. Esse foi o acordo com Augie. Ela faria isso desaparecer, ela o manteria seguro, e ele iria dizer ao pai para lhe dar o negócio.

Tudo estava em jogo. E esse homem - sua aceitação do acordo oferecido - era tudo o que se interpunha entre ela e seu futuro. Mas se ela lhe dissesse isso, ele manteria todo o poder. E ela não podia permitir isso.

Então ela ficou em silêncio.

Ele fechou a distância entre eles com graça predatória que teria colocado qualquer número de homens no limite. E isso a colocou no limite quando ele levantou a mão, e estendeu-a para ela. Sua respiração ficou presa na garganta. O que ele faria? *Ela a tocaria?*

Ele não a tocou. Em vez disso, ele colocou um único dedo na grossa tira de couro em seu ombro, o que levava até suas facas, traçando-o com uma pressão quase inexistente. — Diga-me por que ele te deu minhas facas e mandou você para o meu mundo.

O toque viajava cada vez mais para baixo, sobre as costelas, onde estavam as lâminas profundamente sentadas em suas bainhas de couro. Sua respiração ficou rouca enquanto ele seguia a segunda alça, a que cruzava sob seus seios, sobre a fivela que conectava uma metade do coldre ao outro.

— Diga-me por que ele enviou você para mim, como um sacrifício. — Seu toque permaneceu no bronze, seu polegar chegando a acariciá-lo uma vez, duas vezes. Na terceira passagem, os dedos se espalharam sobre o torso dela, e ela simultaneamente ansiava e temia a carícia - ao mesmo tempo sugerindo imenso prazer e um caloroso embaraço. Afinal, Hattie não era exatamente magra, e ali, onde o couro atravessava seu corpo, havia uma onda de carne que ela preferiria que ele não notasse.

Ela deu um passo para trás, odiando a perda de seu toque, mesmo quando ela encontrou a respiração que tinha sido difícil para ela recuperar. Ela ergueu o queixo, tirando força da porta fria de carvalho atrás dela. Ela quis que sua voz soasse firme. — Ele não me mandou para lugar algum. Eu sou a heroína do meu próprio jogo, senhor.

— Hum... Uma guerreira por direito próprio. — Ele avançou, sua proximidade pressionando-a com mais firmeza na porta. — Então é você quem me oferece esses

termos ruins. Dinheiro que era meu para começar e nenhuma das retribuições que eu pretendia exigir.

— Retribuição é um objetivo bobo, — disse ela. — É intangível. Como o ar.

— Hum... — O baixo estrondo de assentimento estava em seu ouvido, tão perto que ela imaginou que podia sentir a respiração dele em sua pele. — Assim como o ar. Essencial. Vital. Dando vida.

Ela se inclinou para longe, torcendo para ver seus olhos, amaldiçoando a escuridão na sala mal iluminada. — Você acredita nisso?

Ele ficou em silêncio o tempo suficiente para ela acreditar que ele poderia não responder. E então ele respondeu, baixinho e sombrio: — Acredito que passamos a vida toda lutando pelo que merecemos. Ar ou não.

As palavras pareceram verdadeiras. Deus sabia que Hattie passara seu tempo fazendo exatamente isso. Lutando pela autonomia, pelo futuro, pela aprovação de seu pai e pelos negócios de sua família. Ela nasceu mulher no mundo de um homem e passou a vida inteira lutando por um lugar nele. Desesperada para provar que era digna disso.

Mas esse homem - quando falava em lutar por ar - Hattie não achava que estivesse falando em metáforas.

Incapaz de se conter, ela ergueu a mão e, movendo-se devagar o suficiente para que ele pudesse detê-la, se quisesse, apoiou a palma da mão na bochecha dele, o calor queimando através de sua luva, sentindo a aspereza da sua barba crescida pelo dia. — Sinto muito, — ela sussurrou.

Foi a coisa errada a dizer. Os músculos de sua mandíbula se contraíram e seu corpo inteiro se transformou em aço. Ela deixou a mão cair no momento em que ele pegou seu olhar. — Você sugere que eu espere que meus recursos sejam devolvidos, assim como espero agora, pelas minhas facas. Assim como eu esperava ontem à noite... pelo ponto culminante do acordo que fizemos.

O acordo que ele levaria sua virgindade. Que ele iria arruiná-la para todos os outros. Ela não precisava disso agora. Não se Augie fosse apoiar sua concorrência para administrar o negócio de seu pai. Ela não precisava dele nem de ruína.

Mas ela queria isso. Nas mãos habilidosas deste homem.

Seu olhar caiu para as mãos em questão, os dedos frouxamente enrolados como se, a qualquer momento, ele pudesse ter que lutar. Ela se lembrou da sensação daqueles dedos em sua pele. Os calos ásperos nas palmas das mãos. A maneira como eles a colocaram em chamas.

Ela os queria novamente.

— Não quero esperar, Lady Henrietta. — As palavras baixas, que emitiram um suspiro em sua orelha, enviaram um calor através dela. — Então deixe-me perguntar novamente. O que eu ganho com o seu acordo?

Ontem à noite, tudo parecia tão simples. Ele concordou - embora sob pressão - em tirar a virgindade dela em troca de seus itens perdidos. Mas ontem à noite, Hattie

não sabia que os itens que faltavam incluíam quarenta mil libras em mercadorias contrabandeadas.

Droga, Augie.

E agora, ela sabia que lhe faltava tanto vantagem quanto poder. Este homem chamado Fera de alguma forma não precisava dos fundos que seu irmão havia roubado, e ele não exigia os bens que haviam sido distribuídos para onde quer que eles tivessem sido enviados. Não se tratava de reembolso, mas de restituição. E isso o tornou mais benfeitor do que parceiro de negócios.

O que significava que Hattie não tinha escolha a não ser renunciar a tudo pelo bem do negócio. Pelo bem de sua família. Ela respirou fundo e encontrou o olhar de Fera, e sacrificou seu único desejo - um desejo que ela não sabia que tinha até a noite anterior. — Eu liberto você da negociação da noite passada.

Ele permaneceu em silêncio, não revelando nada de seus pensamentos. Ele entendeu?

— Minha... — Hattie acenou com a mão. —

Aflicção. Uma sobrelha escura subiu.

— Minha virgindade.

Mais uma vez, sem resposta.

Ele iria fazê-la dizer isso. Deus sabia que Hattie havia dito isso antes. Mas ela tinha que dizer isso a ele? Para esse homem que a beijou e a fez se sentir como se ele a desejasse? — Eu entendo que tal evento... comigo... não é exatamente... — *Ugh*. Isso era horrível. — Eu sei que você estava sendo gentil. Pela oferta. Mas você não precisa, ou seja, estou bem ciente do tipo de mulher que sou. Igualmente, o tipo de mulher que não sou. E o tipo de homem que você é... bem, você prefere o tipo de mulher que eu não sou.

Ela fechou os olhos com força, desejando que ele desaparecesse. Quando ela os abriu, infelizmente ele ainda estava lá, imóvel como pedra. O que era insuportável.

— E que tipo de mulher é essa?

Assim, sua presença era bastante suportável, porque essa questão tornou-se a nova definição de insuportável. Ela pensou em lhe responder. Em lhe dizer qualquer uma das palavras que vieram a sua mente: *Excessivamente grande. Desagradável*. — Deixa pra lá.

Milagrosamente, ele não pressionou. — Sem acordo.

A frustração explodiu. Frustração, raiva e muita decepção. Ela trabalhou para esse negócio a vida inteira, e aqui estava ela, a beira de perder tudo. — Trinta por cento.

Ele não respondeu.

Hattie perdeu a paciência. — Cinquenta e duas mil libras e uma promessa de nunca revelar seu anel criminoso de nome ridículo para a Coroa - que certamente gostaria de ouvir sobre isso, a propósito.

— Isso é uma ameaça, Lady Henrietta?

Ela suspirou. — Claro que não é. Mas o que mais você quer de mim? Eu devolvi suas facas e lhe ofereci dinheiro e a oportunidade de se livrar de mim pelo resto do tempo.

— Você ainda usa minhas facas.

Ela alcançou o fecho do coldre, desafivelando o couro com movimentos precisos e rápidos, deslizando-o de seus ombros e ignorando a inquietante sensação de perda do estranho abraço das armas. Ela largou as facas aos pés dele, sem cerimônia, resistindo ao desejo de estremecer com o descuido da ação.

— Pronto. O que mais você quer?

— Eu te disse: eu quero vingança.

— Então, nós andamos em círculos, senhor. Como eu lhe disse: eu não vou deixar você castigá-lo.

— Ele é seu amante?

Hattie se engasgou com a pergunta. — Não.

Um longo período de silêncio terminou com um aceno de cabeça e ele se afastou dela, espreitando, através do labirinto de caixas e barris.

— Por que você se importa? — Ela perguntou atrás dele. E por que diabos ela havia feito tal pergunta?

Ele examinou uma caixa próxima, marcada com uma bandeira americana. — Eu não tenho o hábito de me deitar com as mulheres de outros homens.

Seu coração começou a bater acelerado com aquelas palavras e a maneira como elas pintavam imagens maravilhosas e perversas em sua mente. Não que ela estivesse disposta a revelar tal coisa. — Devo pensar que é nobre de sua parte, que você atribua uma visão sem sentido, de que as mulheres são pessoas que não podem tomar suas próprias decisões sobre seus companheiros de cama?

Sua atenção voltou para ela.

— Pois, deixe-me ser clara, sirrah¹⁰, — disse ela, saindo da porta e andando em direção a ele sem pensar, incapaz de manter a irritação arrogante de sua voz. — Se eu estivesse aqui em nome do meu amante, você faria bem em observar quem possui quem em tal descritor.

Sua mandíbula apertada afrouxou no silêncio pesado que veio logo após suas palavras, mas Hattie não teve tempo de se orgulhar da sugestão de seu choque. Ela estava ocupada demais se surpreendendo.

Ela parou, ladeada por pesados barris de cerveja. — E além disso, eu libertei você da tarefa de me livrar da minha virgindade, então você pode ficar tranquilo, e

¹⁰ **Sirrah** - é um termo desdenhoso usado para se referir a alguém que é de um nível social mais baixo. O status social oposto da palavra senhor. Uma forma de falar que não mostra respeito por um homem.

me diga o que é que você precisa para que você possa me deixar ir e eu possa voltar aos meus planos bem definidos.

Ele se virou, seu olhar caindo para o caixote mais uma vez. Seus ombros subiram e desceram em um movimento suave, e Hattie pensou que ela poderia ter sido dispensada.

Ela pensou errado. Porque quando ele se virou para ela e falou, era baixo e sombrio, e com uma promessa de algo absolutamente devastador. E possivelmente muito delicioso. — Fique sabendo, Henrietta Sedley, que livrar você da sua virgindade não será um tipo de tarefa. — Ele se aproximou dela em movimentos lentos e suaves - movimentos que a fizeram recuar, mesmo quando a promessa de sua proximidade a emocionou. — E se você pensa em renegar essa parte do nosso acordo, você ainda não aprendeu o que é fazer transações com os Bastardos de Bareknuckle.

A respiração dela ficou presa na garganta, e ele ainda avançou, vindo em sua direção. *Sim por favor. Por favor, venha para mim.*

E ainda assim ele falou, mais palavras do que ela o ouviu falar antes. Promessa baixa e exuberante. — Você pode não ter chegado nem perto dos sequestros. Você pode não ter visto um xelim do dinheiro que os homens que você protege roubaram de nós, mas você está aqui agora, e eles não estão, e você se colocou no meu caminho, e eu não perco.

Ela ergueu o queixo. Destemida. — Eu também não.

— Eu vi você brandir minha faca mais cedo, guerreira. — Um fantasma de um sorriso passou por seus lábios, em seguida, até mesmo a sugestão dela deslumbrante. Ou foi a palavra que ele usou pela segunda vez? *Guerreira*. Ela gostaria de ser isso. Ela gostaria de combinar com ele nisso.

Como se ela tivesse falado em voz alta, ele disse suavemente: — Estaremos bem combinados. Aqui está o seu acordo, o único com o qual devo concordar.

Hattie estava perdendo a cabeça, ao mesmo tempo desesperada para fugir daquele lugar e se fincar na segurança de sua casa longe dali, e ansiosa para se firmar e dar boas-vindas a esse homem que lhe prometeu tudo que ela nunca soube que poderia pedir.

— Eu recebo tudo. Tudo o que você ofereceu. Tudo o que eu exijo. Inclusive você. — O calor a inundou, se espalhando pelas bochechas e se acumulando dentro dela. Ela ofegou - de que outra forma ela conseguiria ar nesta sala, com ele preenchendo o lugar como fumaça, prometendo queimar o lugar e ela com ele? E então ele falou. — Você pensou que eu iria deixar você ir? Pelo contrário. Você me deve, Hattie. Você me deve em seu lugar.

Sim. *Sim*. O que ele quisesse.

Ele estava lá, agora, estendendo a mão para ela, os dedos de uma mão forte curvando-se em sua nuca, a outra mão encontrando sua cintura, puxando-a para perto. O polegar dele inclinou o queixo dela para cima. Par sua promessa. — Você me deve e eu pretendo cobrar. De inúmeras maneiras.

Triunfo explodiu. Ela conseguiria tudo. Ele aceitaria o pagamento que ela oferecia, o retorno de suas lâminas, o retorno da segurança de seus negócios e Augie diria a seu pai que ela deveria administrar o negócio. E Hattie finalmente teria a vida que planejara. E, de alguma forma, ela pegaria esse homem também. Ou pelo menos um gosto dele. Ela conseguiria o beijo e o toque dele e ele lhe mostraria a experiência completa que ele lhe prometera na noite anterior.

O Ano de Hattie estava apenas começando e estava provando ser propriamente auspicioso.

Ela não podia deixar de sorrir.

— Você gosta disso?

Ela assentiu.

— Você não sabe com o que concorda.

Hattie ignorou a promessa sombria nas palavras dele. Em vez disso, com o coração batendo forte, ela subiu na ponta dos pés, incapaz de se impedir de alcançá-lo. De fazê-lo manter essa promessa. Ele recuou um pouco antes de seus lábios se tocarem. — Aqui não.

— Por que não? — As palavras saíram antes que ela pudesse detê-las, constrangimento quente a consumindo.

— Não é privado.

Ela olhou ao redor do quarto. — A porta está fechada, a luz é fraca e o lugar é silencioso como um túmulo. — Ela parou antes de dizer francamente: *Beije-me, maldito*.

— Esta é uma das tavernas mais barulhentas de Covent Garden, e em breve será cheia com dezenas de pessoas esperando pelo entretenimento noturno. Calhoun precisará ter acesso a seu estoque no momento em que começar a bebedeira. Não é privado.

Hattie teve o instinto desmedido de bater o pé. — Então onde?

— Eu vou te encontrar quando for a hora.

Ela piscou. — Você está me mandando para casa?

— Estou.

Hattie não era tola. Ela viveu vinte e nove anos inteiros e sabia algumas coisas sobre isso, e a mais importante delas era: se um homem estivesse interessado em pegar uma mulher no depósito de uma taverna em Covent Garden, então ele provavelmente iria fazer o trabalho lá mesmo. A menos, claro, que ele não estivesse totalmente interessado em começar. — Eu entendo.

— Você entende?

— Muito bem. — Ela pigarreou. Ela não ficaria desapontada. Ela certamente não ficaria *triste*. Em vez disso, ela ficaria irritada. A irritação parecia viável. — Você não pode querer me seduzir, se é mesmo isso que você pretendia. Imaginá-lo como uma possibilidade insulta a nós dois. Vou enviar-lhe um cheque bancário no

momento em que nossa próxima remessa for paga. — Ela pegou o xale do chão coberto de serragem, sacudiu-o e virou-se para dirigir-se à porta.

Quando a mão dela pousou no maçaneta, ele disse: — Henrietta.

Ela se acalmou. — Ninguém me chama assim.

Silêncio. Então, — Hum. — Perto. Muito perto. Ele a seguiu. E então ele a tocou, um dedo traçando sua espinha, enviando uma emoção através dela. Não. Não era uma emoção. Ela não estava emocionada.

Ela enrijeceu, envolvendo os braços sobre si mesma. Fechando-se ao prazer de seu toque. — Você não precisa dignar-se a me tocar.

— Você acha que eu não quero tocar em você? — As palavras eram quentes contra a parte de trás do seu pescoço.

— Acho que homens que têm a intenção de deflorar uma mulher - duas vezes - não a manda para casa - duas vezes - sem defloramento adequado. — Ela virou a cabeça. — Seria diferente se você fosse um cavalheiro de Mayfair. Mas nós dois sabemos que você não é isso.

Ela odiou as palavras no momento em que estavam fora de sua boca. Ela não se importava que ele nunca tivesse posto os pés em Mayfair. Deus sabia que a maioria dos homens aristocráticos que ela conhecia não eram bem cavalheiros. Não quando o mundo não estava os vendo. — Eu sinto Muito.

— Não sinta.

— Eu não quis dizer...

— Fui criado na sarjeta.

Ela encontrou o olhar dele instantaneamente. — Isso não importa. — Quando ele não respondeu, ela voltou para a porta, envergonhada.

— Eu não sou nenhum tipo de cavalheiro, — ele disse no ouvido dela, uma promessa sombria. — Eu nunca fingi ser. — Ele lentamente traçou sua coluna de volta até os ombros, demorando-se na pele exposta do seu pescoço, e sussurrou: — E quando eu deflorar você, estará muito longe de ser adequado.

E, assim, ela estava em chamas. Fora de seu equilíbrio. E ainda assim, a dúvida sussurrou. — Mas não esta noite. — Ela soou petulante. Ela sabia disso. Mas ela tinha estado bastante esperançosa para essa noite, e era, afinal de contas, seu aniversário, e agora ela deveria ir para casa e quem sabia quando ele apareceria novamente. Provavelmente nunca.

Mais silêncio interminável, tempo suficiente para ela se mexer embaixo dele. E então, — Hattie?

Ela não olhou para ele. — O que?

— Devo dizer-lhe que tipo de pensamentos estou tendo agora?

Ela levantou um ombro. Deixou cair. Desejou que ele pensasse que ela não se importava de um jeito ou de outro. Queria que ele dissesse a ela todas as palavras que ele estava pensando.

— Estou pensando que sua pele é a mais macia que já toquei, — disse ele, aquele dedo enlouquecedor movendo-se em círculos perfeitos. — Estou pensando que quando estivermos sozinhos - totalmente sozinhos - vou te desnudar e testar sua suavidade em todos os lugares.

Ela respirou fundo quando o dedo mergulhou em seu ombro, traçando a pele de suas costas, ao longo da linha de seu vestido. — Estou pensando como você parece aqui, suave como seda, e de alguma forma, ainda mais suave em outro lugar. Estou pensando em como seus seios reagem ao meu toque — disse ele, o tom lento e lânguido de sua voz deixando-os doloridos e pesados. — Mais suave, ainda, e as dicas das reações deles — Ele rosnou. — Estou pensando em como eles reagem contra a minha língua. — Ela choramingou quando as pontas dos mamilos em questão endureceram, reagindo por ele, mesmo quando ele resistiu a tocá-la além daquele lugar perturbador onde a ponta de seu dedo acariciava em seu ombro. — De como eles têm gosto doce e de pecado. — Ele falava em seu ouvido, e ela oscilou com suas palavras, do jeito como elas a ameaçavam. — De como você se curvou ao meu toque ontem. Você se lembra?

Ela fechou os olhos, querendo novamente. Assentindo

— Diz.

— Eu lembro.

— Hum. — Cada um dos sons desse homem era um tumulto sobre sua pele. Através do corpo dela. — E você quer de novo.

Outro aceno de cabeça.

— Em voz alta.

— Sim. — Respiração, não som. Ela engoliu em seco. Falou mais alto. — Sim, *por favor*.

— Toque eles.

Ela empurrou o comando. — Eu... o quê?

— Você os quer. Você quer minhas mãos em você. Mostre-me como. Ela balançou a cabeça. — Eu não posso.

— Você pode. Toque eles. Eles anseiam por isso, pelo seu toque.

“Não”, ela queria gritar, “*eles doem por você*.”

E então, como se tivesse ouvido o pensamento: — Pense nas suas mãos como se fossem as minhas. É isso que estou pensando. Estou pensando em segurá-los, senti-los derramando-se nas minhas mãos, levantando-os e levando-os a minha boca. Em lamber e chupar até que você esteja chorando e molhada.

Ela choramingou, suas mãos subindo pela porta, seus dedos espalmados sobre a madeira, mantendo-a em pé contra o ataque de seus pensamentos. Como ele pôde dizer essas coisas? Esse homem que lidava em silêncio e grunhia? Como ele pôde ficar aqui, em um lugar que declarou não ser privado o suficiente, e dizer coisas tão sujas e maravilhosas?

Como ela poderia querer mais disso?

Como ele estava tão calmo? Ele a desarmou com cada palavra, e de alguma forma, ele permaneceu calmo, sua respiração controlada, como sempre, seu único movimento, aqueles circulares, pequenos e devastadores sobre seu ombro, atrás de sua nuca. — E você está molhada, não está, Hattie?

Não havia nada que ele pudesse dizer que a fizesse confessar *isso*.

— Estou pensando no que vai fazer comigo quando você diz isso, Hattie. — Nada além daquele rosnado baixo, deslizando em seu sotaque de Covent Garden. Nada além da ideia de que até mesmo o pensamento de seu desejo por ele poderia deixá-lo abatido.

Ela mordeu o lábio e pressionou a testa na porta. Assentindo.

— Dane-se. — A maldição veio em um sussurro. — Fale.

— Sim.

— Diz.

— Eu estou - você me fez...

— Espere. — O gemido dele a interrompeu, e de repente não foi apenas um dedo pintando sua pele com círculos, foi a mão inteira dele, correndo por cima do ombro, descendo pelo braço dela, enfiando os dedos nos dela. Puxando-a para encará-lo.

E quando ela o encarou, viu a verdade que seu sotaque sugeria. Ele não estava calmo.

Ele estava enlouquecido de desejo.

— Termine, — ele rosnou. — Como eu fiz você ficar?

— Molhada, — disse ela, e isso pareceu atingi-lo como um golpe, colocando-o de joelhos em uma longa e devastadora maldição.

Ele sentou-se nos tornozelos e olhou para ela, com as mãos cerradas em punhos em suas coxas. Ele levantou uma mão, correndo as costas sobre os lábios, como um homem faminto. Querido Deus, ele estava impressionante. A visão dele ali, de joelhos, a inundou em necessidade. Desejo puro e dolorido.

Ela balançou a cabeça, confusa. — Por favor, Fera...

— Agora, acho que você deveria levantar suas saias.

E assim, com esse único comando sugerido, a sanidade fugiu. Ela fez isso, as mãos sob o feitiço dele enquanto ele observava a barra de seu vestido subir, como se por pura força de vontade. Ou talvez fosse a vontade dela. Porque quando as saias passaram por seus joelhos, ela não parou. Ela continuou indo. E ele continuou xingando, uma ladainha de palavras suaves e sujas na sala silenciosa.

— Mais, Hattie. Mais alto. Mostre-me. Tudo isso.

Suas mãos em suas coxas, espalhando-as e subindo até encontrar suas calças¹¹. O som de tecido rasgando decadente e indecente, mas ela não se importou, embora soubesse que deveria, e ele se inclinou para frente, levantou uma das pernas dela e passou por cima do ombro dele, e os dedos dele não estavam mais no tecido, mas na pele, e palavras... Elas jorravam dele como uma tempestade.

— É isso, amor, uma buceta tão linda.

— Você...

— Hum?

— Você não deveria usar essa palavra.

— Você gostaria que eu usasse outra? — Ele soprou uma corrente preguiçosa de ar contra ela.

Ela ofegou de surpresa e prazer. — Você conhece muitas?

— Hum. Muitas. E vou ensinar-lhes todas elas, mas hoje à noite, agora mesmo, você está tão macia e úmida, e eu quero tanto um gosto. Deixe-me sentir um gosto?

Ela estava ansiosa demais para ficar envergonhada. Ela era devassa e carente e não importava que ela soubesse desse ato em particular apenas pelas músicas que os marinheiros costumavam cantar nas plataformas quando pensavam que ela não estava ouvindo. Mais tarde, ela se maravilhariam com a maneira como seu corpo parecia saber exatamente o que ele faria com ela. A maneira como os dedos dela encontraram o cabelo dele, a forma como ele prendeu a respiração quando ela os agarrou e ele soltou uma longa e lenta maldição na pele macia de sua coxa. No jeito que ela falou. — Sim por favor.

No jeito que ele respondeu, sua boca como o céu.

Ele separou suas dobras e deu a ela o que ela queria, colocando a língua nela, lambendo devagar e com firmeza, sua língua um presente magnífico, explorando cada centímetro dela em traços longos e firmes que a deixaram ofegante. Ele rosnou contra ela, a vibração a elevando nos dedos dos pés com prazer, os dedos apertando seus cabelos. — Hum, — ele disse contra ela. — Mostre-me onde você quer que eu te toque.

Ela balançou a cabeça, a dura porta de carvalho em suas costas um conforto na tempestade que ele causava. — Eu não sei, — ela sussurrou, ofegante quando sua língua encontrou um ponto glorioso.

Ele ficou quieto, então disse, sua voz cheia de satisfação, — eu sei.

E ele fez. Ele trabalhou naquele local, sua língua achatada contra ela, esfregando suavemente, repetidas vezes, até que ela sentiu como se pudesse gritar com o prazer. Até que ela estava se balançando contra ele, seu aperto o segurando nela, indecente e exuberante.



— Por favor, — ela sussurrou, incapaz de convocar mais do que essa palavra.
— Por favor.

E ele parou. O homem *parou*.

— Não! — Seus olhos se abriram e ela olhou para ele. — Por quê?

Ele não respondeu. Ele estava ocupado demais olhando para ela. — Isso... — ele disse suavemente, colocando aquele dedo maravilhoso e perverso nela. Acariciando sua parte mais íntima - a parte que parecia não ser mais dela, mas dele. A parte que ela daria a ele felizmente se ele terminasse o que ele começou. — ...é a coisa mais bonita que já vi.

Ela fechou os olhos com as palavras. — Fera...

Ele se inclinou para frente e a lambeu, longa e luxuriante, demorando-se no broto que ele estava tentando. Parou novamente. — Era nisso que eu pensava, — disse ele. — Nesse calor úmido. Nesse ponto rígido - tão ansioso por mim, não é? — Ele olhou para ela então, seus lindos olhos cheios de calor e promessa. — Você não está?

Seus quadris se moviam em vez de sua resposta, ondulando em seu toque.

Aquele sorrisinho dele brilhou. — Hum. Pensamentos enlouquecedores, de fato.

E então ele retomou seu beijo, espalhando-a enquanto ela se apertava contra ele, e ele estava lambendo e *chupando*, e sua maravilhosa língua a tinha quase...

A parede atrás dela se moveu. Não. Não parede. A *Porta*.

Ela guinchou, sua mão descendo para bater na madeira atrás dela. Ele ainda estava trabalhando nela, e ela ainda estava se enrolando, e havia...

Uma batida soou em seu ouvido.

Ela ficou rígida. — Pare.

— Não. — Ele redobrou seus esforços.

Ela engasgou com o imenso prazer, planado e agora subindo mais uma vez. — Sim, — ela sussurrou. — Aí. — Um grunhido delicioso vibrou através dela. Seus dedos encontraram o cabelo dele novamente. — Sim. Oh... oh meu... sim.

— Ei! Fera! — O americano gritava a poucos centímetros de distância, além da porta.

Ele se afastou dela, rosnando sua impaciência antes de levantar a voz para dizer: — Agora não, americano.

Através da porta, o garçom disse: — Você tem seu próprio quarto a menos de cem metros de distância.

Seus olhos encontraram os de Hattie quando ele respondeu: — Eu estava provando um ponto.

E bem.

Uma pausa. Então, divertindo-se: — Parece que há um “*nós dois*”, afinal de contas, Bastardo - seja rápido - e traga uma caixa de bourbon quando você vier.

Os olhos de Hattie se arregalaram. — Ele sabe o que estamos fazendo.

— Hum. — Ele se inclinou e a beijou novamente, até que ela suspirou. — Você se importa?

— Não - inteiramente. — Ela balançou contra ele. — Mais. Aí.

Ele rosnou, sua língua acariciando com força, em círculos, mais firme e apertada até que ele estava trabalhando no lugar onde ela estava desesperada por ele, e ela estava na ponta dos pés, tremendo com um prazer além do que ela já sentiu. Ele a estava devorando, comendo-a viva, e ela não se importava, desde que ele lhe desse o que ela...

Ela voou para longe, as mãos no cabelo dele, seus quadris apertando contra ele, e suas palavras sussurradas tão selvagens quanto os sons que ele fez, puro pecado em seu núcleo. Ele ficou lá, de joelhos, contra ela, gentil e firme, até que ela soltou o longo suspiro que ela segurou no final, seu aperto relaxando em seu cabelo, e a força deixando suas pernas.

Ele a pegou nos braços enquanto se levantava, uma mão forte capturando seu rosto e inclinando-a até ele para que ele pudesse beijá-la. Ela provou o doce sabor de si mesma em seus lábios, e ele rosnou quando ela se abriu para ele, lambendo profundamente até que ela estava choramingando pelo prazer do beijo.

Quando levantou a boca da dela, foi para dizer: — Nos meus pensamentos mais selvagens, eu não imaginei que você teria um gosto assim.

Ela baixou a cabeça, o embaraço passando através dela. E ainda assim, ela não conseguiu parar de perguntar: — Como o quê?

Ele a beijou novamente. — Delicioso. — Era ele quem estava delicioso, ela queria dizer, mas ele a estava beijando novamente, roubando as palavras e o pensamento. — Devassa. — Ela estava devassa. Que mais ele mostraria a ela?

Muito mais, se o próximo beijo fosse uma indicação, profundo e demorado - tempo suficiente para que ambos lutassem por ar.

Ele olhou para ela, seu peito subindo e descendo com a respiração áspera, uma mão emaranhada em seus cabelos e disse suavemente: — Malditamente perigosa.

Uma emoção a percorreu com as palavras dele, enchendo-a de prazer e algo muito mais intoxicante. Era disso que as pessoas falavam quando falavam de prazer sexual? Sempre terminava com uma sensação tão inebriante de... poder?

Ela queria mais disso. Imediatamente.

Mas antes que ela pudesse falar, ele estava se abaixando para pegar o xale que ela tinha deixado cair na emoção. Ele passou para ela e imediatamente se virou para pegar suas facas, deslizando fora o casaco e atirando-o sobre um barril próximo antes de puxar o coldre e prendê-lo com facilidade, como se tivesse feito isso todos os dias de sua vida.

O que ele provavelmente fez. *Por quê?* Que tipo de perigo um homem usava oito facas de arremesso iguais, como se fossem botas ou calções? Quantas vezes ele as usou? Quantas vezes elas não conseguiram protegê-lo?

Ela não gostou da ideia de que ele pudesse se machucar.

Ela não gostou da ideia de que ele pudesse estar ferido, e ela nunca saberia.

Ela não disse isso, no entanto. Não quando ele se flexionou sob as tiras de couro, acolhendo-as como pele. Não quando ele vestiu seu sobretudo, o pesado tecido os escondendo de vista e de alguma forma não fazendo absolutamente nada para fazê-lo parecer menos perigoso.

Malditamente perigoso.

A lembrança das palavras em seus belos lábios cheios de beijos sussurrou através dela. Ele era perigoso. Mais perigoso do que ela jamais imaginou.

Ela se perguntou se o perigo o fazia se sentir poderoso também.

Mas ela também não perguntou isso.

Não quando ele levantou uma caixa próxima - a que tinha a bandeira - com um braço, como se fosse feito de penas de ganso, e passou por ela para abrir a porta da taverna. Ele recuou para deixá-la sair na frente dele, a única indicação de que ele se lembrava que ela estava lá.

O homem que ele tinha sido - aquele que a tinha devastado com prazer - tinha ido embora. Retornou o Fera silencioso.

Fera.

— Eu ainda não sei o seu nome, — ela disse baixinho.

Ele não pareceu ouvir suas palavras. Pelo menos, ela assumiu que ele não sabia quando ele a levou do quarto. Ele mal parou para colocar o caixote no bar com um aceno de cabeça para o americano quando eles saíram da taverna, já cheios de pessoas e risadas, o ruído lá dentro fazendo a rua curva além de cacofonia silenciosa.

O silêncio da rua e do homem fez Hattie querer gritar.

Mas ela não fez isso, quando ele chamou uma charrete e abriu a porta, sem tocá-la - nem mesmo para ajudá-la a subir no veículo.

Ele não tocou nela, e ele não falou.

Isto é, até a porta estar quase fechada. E então ele disse uma única palavra, uma que ela pensou que talvez tivesse ouvido mal pelo jeito que veio em desuso, como se ele estivesse dizendo isso pela primeira vez.

— Whit.

Capítulo Onze

Um assobio baixo e surpreso soou atrás de Whit enquanto permanecia parado nos jardins escuros da Berkeley Square¹², prestando atenção a Warnick House, considerando as luzes brilhantes que passavam pelas janelas da casa.

Whit enfiou a mão no bolso e extraiu os relógios. Nove e meia. Ele os devolveu ao lugar quando o visitante indesejado se aproximou.

— Ouvi dizer que você estava aqui, mas eu tinha que ver para acreditar.

Whit não respondeu às palavras secas do irmão, mas isso não impediu que ele continuasse. — Sarita me disse que você estava usando roupas formais - a pobre menina tinha estrelas em seus olhos. — Devil enviou sua voz em um registro alto, imitando uma de suas redes no telhado. — *Você não vai acreditar! O Fera está usando uma gravata!*

O acessório já irritante parecia apertar em torno do pescoço de Whit, e ele resistiu à vontade de puxar as dobras elaboradas.

Devil assobiou novamente. — Eu não acreditei, e ainda assim, aqui está você. Meu Deus. Quando foi a última vez que você amarrou uma gravata?

Fera estreitou o olhar para a casa do outro lado da rua, observando enquanto uma fluxo de nobres se aproximavam para o baile. — Eu usava uma gravata no seu casamento. Com uma mulher que você não merece, devo salientar.

— Deus sabe que isso é verdade, — Devil respondeu alegremente, girando sua bengala, o cabo de cabeça de leão de prata cintilando à luz das lâmpadas ao redor da praça. — Quem te ajudou com isso? Está tão... elaborado.

— Ninguém me ajudou. Eu me lembro das lições.

Fazia vinte anos, e ainda assim, ele se lembrava das lições. Devil também, ele imaginou. Seu malvado pai tinha treinado seus filhos, insistindo que eles estivessem preparados para entrar na aristocracia assim que ele decidisse qual dos três bastardos - nascidos de diferentes mulheres no mesmo dia - seria aquele que pegaria seu nome e assumia a vida como seu herdeiro. E os outros?

A amarração de gravatas não tinha sido útil nas ruas de Londres. Valsas não tinham colocado comida em suas barrigas. Sabendo qual era o garfo adequado para o peixe não tinha colocado um teto sob suas cabeças. E ainda assim, Whit se lembrava das lições.

E ele se lembrava do quanto ele queria a vida que seu pai tinha pendurado na frente deles, forçando-os a lutar por uma chance disso. Quanto ele queria o controle

¹² **Berkeley Square (Praça Berkeley)** é uma praça da cidade em Mayfair. Foi originalmente criada em meados do século XVIII pelo arquiteto William Kent. Suas árvores muito grandes estão entre as mais antigas do centro de Londres, plantadas em 1789.

que isso oferecia. A segurança que isso poderia ter proporcionado às pessoas que ele amava.

Mas o competição nunca fora para Whit. O prêmio nunca fora para ele, o menor e mais quieto dos três irmãos. Devil tinha língua afiada e Ewan cheio de astúcia e fúria, e seu pai gostava mais desses traços do que os de Whit, cheios de nada além de um desejo de proteger as pessoas que amava.

Ele falhou.

Mas ele ainda se lembrava das malditas lições.

E então ele ficou ali no escuro, esperando, com a gravata apertada no pescoço, observando a *alta-sociedade* sair de suas carruagens e entrar num baile onde, a não ser por uma única reviravolta do destino duas décadas antes, ele poderia ter pertencido.

— Você tem planos para a noite além de ficar na Berkeley Square com uma gravata perfeitamente amarrada? — Devil fez uma pausa. — Onde você conseguiu uma gravata?

— Continue falando da gravata, e eu vou usá-la para estrangular você.

O sorriso de Devil brilhou branco na escuridão quando ele se virou para a casa da cidade. — Então, esperamos por alguém?

— *Eu* espero por alguém. Não sei porque você está aqui.

Devil assentiu, observando a casa por um longo momento antes de se afastar, para uma árvore vizinha. Ele se inclinou contra o tronco, cruzando uma bota preta sobre a outra. Whit fez o que pôde para ignorá-lo.

Devil não era para ser ignorado. — Suponho que estamos esperando Lady Henrietta?

Claro que sim. Whit não respondeu.

— Eu só pergunto porque você está muito arrumado.

— Não estou. — Whit usava tudo preto, das botas ao chapéu, com exceção da camisa e da gravata que eles não estavam discutindo novamente.

— Sarita me disse que seu sobretudo é bordado em ouro.

Whit voltou sua atenção para Devil, horrorizado. — Não é.

Devil sorriu. — Mas você está usando um sobretudo, que não tem lugar no Jardim, então... claramente, estamos tentando impressionar.

— Eu gostaria de impressionar meu punho em seu rosto. — Whit se voltou para a casa, onde uma nova carruagem havia chegado, o laçaio saltou com uns degraus para ajudar seus ocupantes a descerem. Saiu um homem mais velho, que imediatamente colocou o chapéu.

— Cheadle, — disse Devil, como se ele o conhecesse.

Ele não o conhecia. Whit mal entendia por que ele estava aqui em Mayfair, em trajes formais, observando o pai de Hattie. Não que ele admitisse isso. — Eu disse a você que eu cuidaria disso, não disse?

— De fato você disse. Você está aqui pelo pai ou pelo filho? Você sabe que não pode matá-los em um salão de baile de Mayfair, não é?

— Não vejo porque não, — respondeu Whit.

Devil sorriu largamente e bateu com a bengala na bota. — Você deveria ter me dito que estava planejando um show; Eu também teria procurado roupas formais.

— Não. Alguém tem que manter as aparências — disse Whit, observando o laçao ajudar uma mulher de cabelos escuros em um brilhante vestido laranja, que se virou para inspecionar o resto da assembleia, seu sorriso corajoso cheio de confiança e falta de cautela.

— Lady Henrietta, eu suponho?

As sobrancelhas de Whit se uniram. — Não é ela. — Ele deu um passo em direção à rua. *Onde ela estava?*

— Faz muito tempo desde que eu vi o interior de um salão de baile, mas você não pode simplesmente atravessar a rua e enfrentar o inimigo, Fera.

O nome trouxe Whit de volta. Ele se virou para Devil. — Essa não é Hattie.

Uma das sobrancelhas escuras do irmão se levantou. — Ah. Esperamos por *Hattie*, afinal de contas.

A ênfase no diminutivo colocou Whit na borda. Irritação queimando. — Eu não disse isso.

— Você não precisava, — disse Devil, tocando um ritmo ao lado de sua bota. — Brixton me disse que você levou *a dama* para o pardal...

— Se nossos olhos nos telhados não tiverem o suficiente para fazer, fico feliz em encontrá-los mais trabalho.

— Eles têm muito o que fazer.

— Observar-me não faz parte disso.

Devil não respondeu. — Eu posso apontar que a última vez que eles não estavam te observando, você ficou inconsciente e desapareceu.

Um grunhido. — Não desapareci.

— Não, suponho que não. Graças aos céus pela dama rica. — Whit cerrou os dentes. Devil sempre fora tão idiota? — Calhoun me disse que vocês dois se perderam no depósito - quem, entre nós, já não perdeu a cabeça por causa de uma mulher no Pardal? Embora o estoque não esteja exatamente lugar para sedução...

Inferno, seu irmão tinha que falar. — Eu não perdi a cabeça.

Devil parou. — Não?

— Não. Claro que não. — Ela era uma ameaça ao negócio deles - a melhor ligação com Ewan. Ele não tinha vindo atrás dela até hoje à noite. Ela o encontrou inconsciente em sua carruagem. Ela veio ao *seu* território. Para Shelton Street. Para a praça do mercado. Ela seguiu criminosos em *sua* escuridão.

Tudo o que ele fez foi segui-la. Para saber mais sobre o inimigo.

Para mantê-la segura.

Ele empurrou o pensamento de lado. Foi um absurdo, afinal. O fato de ele não ter sido capaz de manter as mãos longe dela, uma vez que ele chegou a ela, era irrelevante. Como era o fato de que ele não conseguia parar de pensar na sensação de sua pele sob seu toque, seus lábios contra os dele, a dor de seus dedos apertando em seus cabelos, o som de seus gritos quando ela veio em sua língua. O gosto dela. *Cristo. O gosto dela.*

— Então, você fica na escuridão...

Dela.

— Os negócios do pai dela foi oferecido para pagar nossa dívida.

Uma das sobrancelhas negras de Devil se ergueu. — Por quê?

— Suponho que foi porque o filho nos roubou, e eles temem que nossa punição seja devastadora.

— E será?

— Isso depende do conde.

— Qual é o plano?

— Ele me dá a localização de Ewan ou eu cuido dos negócios dele. O filho também.

— E a filha? — Por um momento, Whit deixou a incompreensão chegar, imaginando o que aconteceria se ele também levasse Hattie. Se ele a fizesse sua - uma rainha guerreira. Se juntos eles governassem o Jardim e as docas. Prazer passou por ele, por um momento antes dele afastá-lo e balançar a cabeça. — Ela não tem nada a ver com isso.

— Não é inteligente o suficiente para participar?

Ela era malditamente brilhante. — Não é maliciosa o suficiente.

A bengala do Devil bateu duas vezes contra sua bota, o seu dizer, aterrorizante para aqueles que não entendia e enfurecedor para aqueles que entendia; isso significava que havia algo que ele não estava dizendo. — Bem então. Presumo que você resolverá o problema?

Whit grunhiu.

— E bem?

O que isso significa? Eles não haviam surgido juntos da lama, construíram um negócio da sujeira e se tornaram reis juntos? Que Whit nem sempre escolhia sua história sobre todo o resto? — Sim.

— E rápido? Temos outra remessa chegando...

— Eu sei quando a remessa vai chegar, — rosnou Whit, irracionalmente irritado pelo lembrete. — É da minha conta e da sua. Você não precisa ser tão irritante.

Um longo silêncio. Então, inteiramente casual, — Então você o encontra aqui, vestido para dançar, em vez de nos escritórios dele, vestido para danos, por que? Porque você ama tanto Mayfair?

Whit não respondeu. Ele detestava Mayfair. Abominava o excesso e o desempenho. Abominava o povo daquele lugar que poderia ter sido dele, se seu pai não tivesse sido um monstro.

Devil se inclinou para perto e disse: — Sua Lady chegou.

Whit voltou-se para a casa, onde a carruagem que havia trazido Cheadle tinha saído. A mulher de laranja ainda estava lá - Hattie agora ao seu lado. Hattie, alta, loura e de olhos brilhantes, os cabelos arrumados revelando o longo pescoço e os ombros curvos, nus acima da linha do exuberante vestido cor de vinho, o brilho dourado da casa transformando a seda em brasa. Ela carregava um xale escuro em uma das mãos, mas não parecia se importar em ficar diante de toda Londres, sem que ele estivesse artisticamente envolta dela. Ela nunca procurou por artimanhas.

O que, ele supunha, era por isso que ela parecia tanto uma arte. Como um mosaico que ocupava um pátio, cada pedaço digno de inspeção. Como música, preenchendo cada espaço de uma sala. Impossível ignorar.

Magnífica.

Ela sacudiu as saias, o movimento de flexão apertando o corpete, deixando os seios mais proeminentes. O olhar de Whit seguiu para a saliência perfeita, sua boca subitamente seca. Ele se perguntou se a pele dela tinha ficado rosada no ar frio - ela era tão fácil de corar, ele não podia imaginar que não. Ele teve uma visão perturbadora de tirar o casaco e colocar nela, envolvendo-a em seu calor. Roubando-a. Aquecendo-a.

Em vez disso, ele a observou - mais alta que seu pai, sua companheira e os outros reunidos do lado de fora da casa. Maior, sim, e mais aberta. Mais honesta. Autêntico demais para Mayfair. Lembrou-se dela no Jardim, provocando o vigarista, brandindo a faca dele de arremesso, abraçando um maldito cachorrinho, parecendo se misturar com o mundo.

Aqui, porém, ela não se misturou. Ela se destacou.

Ela estava concentrada na amiga - ele teria apostado dinheiro, nelas serem melhores amigas pela facilidade entre elas e a maneira como a mulher de cabelos escuros sorria sem artifícios, ouvindo Hattie falar.

E, claro, Hattie estava falando. Whit focou em sua boca, observando aqueles belos lábios se moverem com uma velocidade fascinante. Imaginando o que ela estava dizendo, odiando a distância entre eles e o modo como isso o impedia de ouvi-la.

Sua amiga riu ruidosamente, alto o suficiente para ele ouvir, e Hattie relaxou em um grande sorriso, a covinha na bochecha direita aparecendo. O pênis de Whit acordou enquanto ele observava e ele rosnou sua irritação, um fio de ciúme correndo através dele. Ele queria essas palavras. A força total desse sorriso. Aqueles olhos violetas nos dele.

Ele a queria.

Ele parou com o pensamento. Claro que ele a queria. Que homem não iria atrás dela? Que homem não gostaria de outro sabor doce? Outro toque exuberante? Outro grito de seu prazer delicioso?

Mas era isso. Ele queria o corpo da mulher e o negócio do pai dela.

Não *ela*.

— Ela não é minha Lady, — disse ele.

— Você sabe o que está fazendo?

Não. — Eu tenho um plano. — Ele endureceu, endireitando o casaco. — E um convite para o baile da Duquesa de Warnick.

Devil amaldiçoou sua surpresa. — Como diabos você conseguiu isso?

— Warnick ficou feliz em nos conceder um favor. — O Duque de Warnick possuía uma destilaria na Escócia que fazia fortuna com uísque envelhecido em barris de bourbon americanos, fornecidos a ele como prêmio pelo negócio de transporte terrestre dos Bastardos de Bareknuckle. É claro que levar bourbon dos Estados Unidos para a Inglaterra, sob a taxação usurária da Coroa, não era tão fácil quanto se poderia pensar, e mover barris vazios era um risco adicional para a operação de contrabando - algo que Warnick sabia.

O enorme escocês havia fornecido imediatamente o convite solicitado por Whit, com uma única advertência. *Se você envergonhar minha esposa, eu vou acabar com você.*

Whit absteve-se de apontar que a Duquesa de Warnick foi uma das figuras mais escandalosas da sociedade londrina - algo sobre uma pintura nua que atualmente estava viajando pela Europa em exposição -, não que qualquer um da *sociedade* tenha falado disso, por medo de perturbar seu enorme marido e levar uma surra por isso.

Whit não tinha intenção de envergonhar a duquesa esta noite. Ele tinha outros planos. Outros pontos a provar.

Eu não me importo se você não é um cavalheiro.

Em vinte anos, Whit nunca havia sido um falador. Ele conteve-se a cada passo. Ele reivindicou o nome Fera e se construiu nessa imagem, enchendo seus dias e suas noites com o negócio. Ele se orgulhava de sua capacidade de mover arduamente um depósito cheio de mercadorias contrabandeadas por duas horas ininterruptas, e ainda mais de sua capacidade de punir qualquer um que atrapalhasse o trabalho dos Bastardos, ou o seu pessoal.

Não havia lugar para a gentileza na imundície de Covent Garden, e esse era o material a partir do qual ele havia sido feito - construído da sujeira para o que ele era agora, uma Fera.

E foi por isso que ele ficou na escuridão, observando-a de longe. Porque tudo o que ele pretendia naquela noite ia contra o que ele era. E ainda assim, ele vestiu roupas formais. Uma gravata. As armadilhas dos cavalheiros.

E ele a observou, desejo correndo através dele, lembrando-o que ela estava certa. Que ele não era nada como um cavalheiro. Que ele nunca seria.

Mas ele poderia desempenhar o papel.

— Não é um favor para *nós*, — disse Devil, seu sorriso em seu tom. — Entrar em um poço de víboras aristocráticas não é algo que eu pretendo fazer.

— Você se casou com uma aristocrata.

— Não, — disse Devil. — Eu casei com uma rainha.

Whit resistiu ao impulso de revirar os olhos ante a resposta do irmão. Quando Devil conhecera Lady Felicity Faircloth do lado de fora de um baile muito parecido com o da casa do outro lado da rua, ela era a rainha dos párias - atirada para a borda da sociedade onde se esperava que ela desaparecesse na obscuridade. Mas Devil não tinha visto um pária; Ele tinha visto a mulher que ele amaria, casaria e adoraria pelo resto de sua vida.

Eles se casaram, chocando a sociedade, o que não importava nem um pouco para Felicity, que felizmente evitava o mundo em que ela nascera, tornando-se cada vez mais uma moça de Covent Garden a cada dia.

— Como você a conquistou está além da compreensão, — disse Whit.

O sorriso de Devil foi quase audível. — Eu me pergunto isso todos os dias. — Uma rajada de vento soprou, e ele mergulhou a cabeça no colarinho de seu casaco, saltando sobre as pontas dos pés. — Eu estaria mentindo se não desejasse uma cama quente com ela agora, em vez de o que quer que seja isso.

Whit ofereceu um grunhido desaprovador. — Eu não exigi tal imagem. Cristo. Vá para casa para ela então.

— E perder de ver você entrar na sociedade como um maldito alvo? Ele olhou para o irmão. — Você queria vingança. Isso faz parte disso.

Exceto que não era. Era uma maneira de ele chegar até ela. Para mostrar-lhe que ela não era a única que poderia encontrar uma agulha em um palheiro. Ele imaginava a surpresa nos olhos dela quando ele se aproximasse dela no salão de baile. Imaginava a confusão quando ela o encontrasse no território dela. Imaginou virando o mundo dela de cabeça para baixo, assim como ameaçava o dele toda vez que chegava a Covent Garden.

— Eu sempre quero vingança. Mas eu quero esculpir isso com uma lâmina. Não... — Ele acenou com a mão para indicar o traje de Whit. — O que quer que seja isso.

— Você não esculpiu com uma lâmina quando se tratava de sua esposa. — Felicity tinha sido um ato de vingança antes de se tornar um ato de amor.

Devil virou os olhos para ele. — Esta é uma situação comparável?

Merda. — Não.

— Whit, você não esteve dentro de um salão de baile desde os doze anos.

Não tinha sido um salão de baile; tinha sido uma câmara de tortura. Foi o homem que o gerou, lembrando Whit a cada passo em falso dele, que seu futuro estava na balança. Seu futuro e o de sua mãe.

Estava cheio de raiva, medo e pânico.

Whit enfiou a mão no bolso, segurando um dos dois relógios de bolso, passando o polegar sobre o rosto de metal quente. — Eu me lembro de tudo.

Silêncio e depois, disse baixinho — Ele era um maldito monstro.

O pai deles. Espalhando sua semente por toda a Inglaterra, não sabendo que os três filhos que ele gerou em mulheres diferentes se tornariam sua única chance de ter um herdeiro. E então sua própria esposa o impossibilitou de ter quaisquer filhos legítimos, colocando uma bala em seus testículos, como ele merecia, e o Duque de Marwick veio procurá-los, não se importando que a ilegitimidade deles pudesse salvá-los dos terríveis testes que ele os fez prová-los completamente. Pensando apenas em seu nome e sua linhagem.

Pensando apenas em si mesmo e não nas cicatrizes que ele deixaria em três garotos, e na garota que ocupara o lugar diante deles.

Memória brilhou. Da última noite na Burghsey House, a sede do ducado de Marwick. De Grace - a substituta - a garota batizada como um garoto para que toda a Inglaterra pensasse que o duque tinha um herdeiro legítimo, seus cabelos ruivos emaranhados, tremendo, enquanto o monstro que ela sempre pensara ser seu pai lhe contava a verdade - que ela era dispensável. Então ele se virou para Devil e Fera e disse o mesmo a eles. Eles não eram bons o suficiente. Eles não eram dignos do ducado. E que eles também eram dispensáveis.

Mas nada doera mais do que quando o velho monstruoso dirigiu sua atenção para Ewan, o terceiro irmão, nascido de uma quarta mulher. Ewan, inteligente, forte e com punhos como ferro. Ewan, determinado a mudar seu futuro. Ewan, que uma vez prometeu proteger todos eles.

Até que seu pai lhe dissesse para fazer exatamente o oposto.

E então eles tiveram que se proteger.

Whit olhou para Devil, a cicatriz horrorosa na bochecha direita de seu irmão brilhando na escuridão, evidência de seu passado.

Eles se protegeram naquela noite e todas as noites desde então.

Whit não falou o que estava pensando. Ele recusou a ressuscitar essa memória. Seu irmão não comentou. Em vez disso, a atenção de Devil permaneceu em Hattie, e Whit descobriu que não podia resistir a se juntar a ele, observando enquanto ela entrava na Warnick House, o balanço de suas saias vinho o tentando, doce e pecaminoso como a bebida em si.

— Aqui está minha pergunta. — Devil perguntou baixinho: — Em sua mente, como isso termina? A mulher está protegendo uma família e um negócio que surgiu por conta própria, o que a torna na pior das inimigas e, na melhor das hipóteses, um bloqueio entre nós e Ewan.

Whit não respondeu. Devil não precisava falar o que ambos sabiam ser verdade. O que ameaçava os negócios dos Bastardos ameaçava todo o território. Todo o Covent Garden. E todas as pessoas que confiaram neles.

As pessoas que ele prometeu proteger.

— Como isso termina? — Devil repetiu, suavemente.

Ela sumiu de vista, a borda de suas saias desapareceu, bloqueada por um novo grupo de foliões, ávidos por entrar. Ele odiava que ele não pudesse vê-la, mesmo que sua retirada da vista tornasse mais fácil para ele ir atrás dela. Para endireitar os ombros e alisar as mangas e dizer — Vingança.

Ele quase chegou à rua quando Devil o chamou, baixo da escuridão. — Whit Whit parou, mas não se virou.

Nem mesmo quando o jardim escorregou na voz do Devil. — Você esquece, bruv... Eu também fiquei na escuridão, observando a luz.

Capítulo Doze

— Diga-me novamente por que estamos aqui?

Hattie falou sobre a multidão de pessoas que clamavam para chegar a entrada do salão de baile da Warnick House. Ela e Nora haviam perdido o Conde de Cheadle na confusão selvagem das pessoas, e agora eram apanhadas como peixes em uma correnteza, subindo os degraus até o andar principal da casa.

— Bailes são uma distração, — disse Nora, lançando um sorriso para alguém ao longe. — E gosto mais da Duquesa de Warnick do que da maioria das pessoas.

— Eu não sabia que você conhecia a Duquesa de Warnick.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre mim, — disse Nora com afetado mistério.

Hattie riu. — Não há nada que eu não saiba sobre você.

— Estou pensando em uma coisa ou duas, honestamente, — veio a resposta quando Nora passou seu xale para um laçaio que esperava. — Não gosto que você esteja mantendo segredos sobre o seu novo *amante*. — Ela murmurou a palavra de uma forma exagerada que permitiria a qualquer um que quisesse saber exatamente o que ela havia dito.

Hattie não piscou. Não havia absolutamente ninguém olhando. Ninguém olhava para as solteironas de vinte e nove anos, uma das quais carecia de beleza e a outra faltava tato. — Ele não é isso.

Nora sorriu. — Ah não. Claro que não. Ele apenas... — seus olhos se arregalaram e ela baixou a voz — em uma *taverna*.

— Oh, pelo amor de Deus. — Hattie olhou para o teto e baixou a própria voz.
— Podemos falar sobre isso *em outro lugar*?

— Certamente, — Nora respondeu como se estivessem discutindo o tempo. — Mas ninguém está ouvindo. Eu apenas acho que você deveria considerar o fato de que encontrar um homem que cuide de seus desejos antes dos dele é realmente raro. Ou assim me disseram.

— Nora! — As bochechas de Hattie tinha ficado carmesim, e o grito estridente *chamou* olhares chocados e desaprovadores daqueles ao seu redor.

— De qualquer forma, conheço a duquesa porque o duque gosta de correr em carruagens e, por acaso, eu também. — Nora aceitou dois cartões de dança de um lacaio próximo com uma gargalhada encantada. — Veja como são inteligentes. Pequenas paletas de tinta. Presumo que vamos escrever o nome do nosso parceiro de dança nos espaços pontilhados.

Ela estendeu um para Hattie, que balançou a cabeça. — Eu não preciso de um.
Nora suspirou. — Pegue.

Hattie fez, mesmo quando ela disse — Eu não danço. Eu não danço há anos. — Certamente não com alguém que não tivesse sido forçado à situação com algum tipo de pena. — E eu nem gosto de dançar — ela disse nas costas de Nora quando a outra mulher acenou com a mão e empurrou a porta para entrar na casa.

O salão de baile era mais quente do que o corredor, uma parede de portas se abria para a noite em um lado da sala, incapaz de combater a multidão de corpos dentro. Os candelabros do alto banhavam os foliões com uma luz quente e maravilhosa que tremeluzia com a brisa do lado de fora, forte o suficiente para mandar gotas de cera quente para o chão. Não que alguém notasse. A orquestra era barulhenta e os refrescos abundantes, e o duque maciço e a deslumbrante duquesa - já nos braços um do outro na pista de dança e perto demais para se adequarem - estavam muito apaixonados, o que chamaria a atenção de qualquer outra coisa.

Hattie observou-os por um momento, do jeito que o duque, um escocês que ao passar pelas portas tinha que se erguer acima do resto da sala, segurou a esposa nos braços, abraçando-a, como se ela precisasse de proteção. A duquesa, ruiva e linda - outrora chamada a mulher mais bonita de toda Londres - ergueu o olhar e encontrou os olhos do marido com um sorriso brilhante e amoroso, e o rosto severo do homem ficou suave e amoroso. A expressão causando estragos por sua honestidade.

Hattie imaginou como seria receber esse olhar.

Para ser tão facilmente dado.

Ser tão amada assim.

Ela engoliu o nó em sua garganta, levando a mão ao peito quando chegaram ao topo da meia dúzia de degraus que levavam ao salão de baile. Nora se virou e falou com o mordomo, que anunciou a toda a assembleia: — Lady Eleanora Madewell. Lady Henrietta Sedley.

Como era de se esperar, ninguém olhou para os nomes e as duas foram até a sala principal. — Bom Deus, Warnick é grande, — disse Nora casualmente. — Se eu estivesse interessada em algo assim, bem que eu poderia me interessar por alguém dessa forma, com toda a honestidade.

Hattie riu. A falta de interesse de Nora por uma coisa dessas a tornava uma companheira perfeita para noites como aquela - ela nunca insistiria para que Hattie dançasse com alguém desesperado por um dote - e uma amiga perfeita, pois nunca insistiria que Hattie estava louca por evitar a ideia de um casamento sem amor, só para conseguir qualquer marido que pudesse ter.

Não que Nora não pretendesse fazer parceria, mas, no futuro, ela planejava que a parceria viesse com amor, duradouro, com uma mulher - o que era um pouco mais complicado para a filha de um duque com um enorme dote e a tentação para toda mãe casamenteira com um filho na idade para casar. Essa filha de um duque em particular era rica, corajosa e bonita, e metade de Londres era louca por seu sorriso ousado e seu charme deslumbrante, por isso Hattie não tinha dúvida de que Nora conseguiria exatamente o que desejava - a vida com uma parceira que amava aventura e a Nora em medidas iguais.

Hattie, no entanto, não tinha essa garantia.

De fato, quando Hattie envelhecia, enquanto se afastava da sociedade e se atirava cada vez mais nos negócios de seu pai, sua falta de beleza tornou-se cada vez mais uma responsabilidade, e qualquer desejo que ela pudesse ter em seu coração por parceria ou amor tinha sido afastada em favor de um desejo diferente, mais realizável.

O negócio.

Sem casamento. Sem filhos.

Seu olhar deslizou sobre as cabeças dos dançarinos reunidos, permanecendo nos ombros largos e na cabeça escura do Duque de Warnick. Nenhum parceiro para olhá-la assim, com tanta devoção.

Ela tinha colocado o desejo por essas coisas longe.

Até Fera.

O pensamento mal se formou quando suas bochechas coraram, a lembrança dele vindo como o calor da sala. A lembrança do toque dele em sua pele. Do seu beijo. Do gosto dele, doce e azedo como o doce que ele carregava para todo lugar. E sua voz, baixa e escura e perfeita em seu ouvido, em seus lábios, em seu peito. Mais baixo.

Ela queria que ele mostrasse o que ela estava perdendo. Para arruiná-la com prazer, para que ela pudesse sempre lembrar, mesmo que nunca fosse capaz de tê-lo novamente. E ele fez exatamente isso.

E prometeu-lhe ainda mais.

Claro, ele a mandou para casa em vez de cumprir essa promessa. E agora, três dias depois, ela não ouvira nada dele. Ele sabia o nome dela, mas ele seria capaz de encontrá-la? Ele viria mesmo procurá-la?

E aquela palavra sussurrada quando a mandou para casa. O que significava? *Whit*.

Ela balançou a cabeça, recusando-se a permanecer naquela única sílaba confusa que a consumira desde que ele a pronunciara. Ela o ouviu corretamente? O que isso significava? Quando contara a Nora daquele sílaba, Nora sugerira que ele poderia estar admirando o delicioso senso de humor de Hattie.

Considerando os eventos que antecederam a noite, Hattie teve dificuldade em imaginar isso. De qualquer forma, isso não importava. Não aqui, onde ele certamente não iria aparecer.

Em vez disso, ela olhou para a amiga, ainda observando o anfitrião sobre a multidão de pessoas. — Se você estivesse interessada nesse tipo de coisa, ele ainda não teria você, Nora. Ele está apaixonado demais por sua esposa.

— E ninguém pode culpá-lo, — disse Nora alegremente. — Champanhe?

— Vamos, — respondeu Hattie. — É preciso encontrar diversão onde se pode.

As palavras mal haviam saído de seus lábios quando o mordomo falou dos degraus do salão de baile. — Sr. Salvador Whittington.

Não havia motivo para Hattie ouvir o nome. O homem de libré no alto da escada anunciara uma dúzia de nomes no decorrer do tempo que Hattie e Nora levaram para atravessar a sala. Duas dúzias. E Hattie não havia prestado muita atenção a eles.

Exceto que este enviou uma onda através da sala.

Ela tinha certeza disso.

Ao redor dela, os participantes se viraram para olhar. Não apenas as mulheres - primeiro curiosas, depois rebitadas, suas palavras presas em suas gargantas -, mas também os homens, a conversa comum se tornando silenciosa quando olharam para a escada atrás dela. Sobre a multidão, ela viu o olhar do Duque de Warnick na entrada da sala, e teve um vislumbre dos cabelos ruivos da duquesa subindo e descendo, como se a mulher estivesse indo até os dedos dos pés para ver também.

Hattie não teria que subir na ponta dos pés. Um sussurro de ar veio na parte de trás do pescoço dela - uma brisa do lado de fora, nada mais. Ainda assim, ela se virou lentamente, sabendo quem estaria lá, mesmo que não tivesse nenhuma ideia terrena. Mesmo que ela não conseguisse entender como era possível que um rei das sombras de Londres tivesse encontrado seu caminho até aqui - para as luzes brilhantes de um salão de baile em Mayfair.

Por um momento, parecia que ele era um rei, ali parado, de pé no topo da escada, impecavelmente vestido, incrivelmente bonito, como se tivesse sido deixado lá por direito divino.

Mas a realeza não teria interesse em uma solteirona muito simples, grande demais e velha demais, tão perdida quanto essa mulher poderia estar na multidão. E este homem estava olhando diretamente para ela.

Hattie ficou com frio, depois ardendo, desejando que ele desviasse o olhar, porque ela não conseguia encontrar a força de vontade para fazê-lo sozinha. Como ele a encontrou naquela multidão de pessoas? Ela supôs que estivesse vários centímetros acima da maioria dos convidados e certamente ela não era uma pessoa que desaparecia facilmente em uma sala. Mas isso não significava que ele pudesse encontrá-la tão facilmente.

E isso não significava que ele tinha permissão para olhar para ela de tal maneira - o tipo de maneira que a fazia lembrar precisamente o que era tê-lo olhando para ela quando estavam longe da sociedade. Sozinhos. Em uma taverna. Ou em um bordel.

Suas bochechas arderam quando as cabeças giraram ao redor delas, tentando seguir seu olhar, para descobrir seu alvo.

Várias pessoas se esticaram para ver Hattie, sobre ela, ao redor dela. Não tanto para Nora. Se o sorriso nos lábios de sua amiga era qualquer indicação, Nora estava totalmente ciente da direção da atenção do olhar de Fera.

Não Fera.

Salvador Whittington.

Whit.

Era um nome.

Ela pediu que ele lhe dissesse o nome dele, e ele fez isso. *Whit.* Mas agora, mais que isso. Agora ela conhecia seu nome inteiro. Salvador Whittington. Sem título, mas ele parecia ter simplesmente deixado em casa, no bolso de outro casaco, trocado pelo que usava esta noite - escuro e perfeitamente adaptado, com uma gravata branca brilhante e um rosto bonito e, de alguma forma, com um convite para um baile ducal - que nenhuma pessoa que se chamava de Fera deveria ter acesso.

— Quem é ele? — As palavras saíram de sua boca antes que ela pudesse detê-las.

— Você não se lembra? — Nora perguntou, provocando ao lado dela quando ele desceu os degraus e a sala voltou à vida. Hattie girou nos calcanhares e abriu caminho mais a fundo na multidão. Nora seguiu, impossível perder. Esclarecendo, como se fosse necessário — De Covent Garden? — Outra pausa. — Da *taverna*?

A resposta de Hattie era quase irreconhecível como algo além de estrangulado — Cala a boca, Nora.

Nora não calou a boca. — Ele parece ainda melhor na luz, Hat.

Ele parecia lindo na luz. Ele estava lindo o tempo todo. Hattie absteve-se de dizer uma coisa dessas.

— Eu disse a você que a duquesa sempre tem convidados interessantes, — disse Nora presunçosamente.

Hattie abaixou a cabeça e seguiu em frente, passando pelos foliões, ansiosa para chegar ao outro lado da sala, o champanhe de repente tornando-se muito mais urgente. Quando chegaram na mesa de refrescos, ela pegou uma taça, e bebeu profundamente.

Nora observou atentamente e depois disse — Você está se abaixando.

— Eu sou muito alta.

— Bobagem, — disse Nora. — Você tem a altura perfeita. Todo mundo ama uma Amazônia.

Hattie lançou-lhe um olhar. — Ninguém ama uma Amazônia.

— Parece que o Sr. Whittington não tem muita aversão a elas. — Nora sorriu. — Especialmente desde que ele está aqui por você.

Ele me chamou de guerreira. Bem. Ela não ia contar isso a Nora, pois nunca acreditaria na parte final do que ela acabou de dizer. Então ela respondeu: — Ele não está aqui por mim.

— Hattie. Aquele homem nunca pôs os pés em um salão de baile de Mayfair antes.

— Você não sabe nada disso.

Sua amiga lhe deu um olhar. — Você acredita honestamente que um homem assim poderia casualmente participar de eventos da sociedade e as mães de Londres não achariam isso digno de fofoca? Fofoca suja e maravilhosa? Meu senhor, Hattie, tivemos que passar seis horas ouvindo Lady Beaufetheringstone nos presenteando com as cores de colete usadas pelos cavalheiros solteiros da temporada da última vez que fomos forçadas a tomar chá com ela.

— Não foram seis horas.

— Não foi? Parecia *sessenta*. — Nora bebeu. — O ponto é, Hattie, aquele homem nunca esteve na sociedade, e até esta semana, ele nunca a tinha beijado também.

Os olhos de Hattie se arregalaram. — Essas duas coisas não estão de forma alguma correlacionados.

Uma das sobrancelhas escuras de Nora se ergueu em um arco presunçoso. — Claro que não.

Hattie se endireitou, dizendo a si mesma que apenas daria uma olhadela - apenas uma rápida olhada para ver se o encontraria no meio da multidão. No momento em que ela fez isso, deixando-se chegar à sua altura total, seu olhar encontrou o dele. Não era como se ele a estivesse procurando. Ela simplesmente levantou a cabeça e lá estava ele. Como mágica.

Ela imediatamente se abaixou novamente. — Droga.

Nora deu uma risadinha. — Você percebe que não pode se esconder dele?

— Por que não? Você se escondeu com sucesso do Marquês de Bayswater durante uma temporada inteira.

— Isso porque o Marquês de Bayswater não conseguia encontrar um elefante se estivesse escondido na casa de uma boneca. Seu cavalheiro é mais equilibrado.

Ele era um par perfeito. Isso é o que Hattie gostava tanto dele - a sensação de que a qualquer momento eles poderiam lutar, e qualquer um deles poderia ganhar. Isso foi o que fez seu coração bater. Foi o que alimentou seu desespero para voltar a Covent Garden e procurá-lo. Foi o que a manteve acordada durante toda a noite anterior, jogando-se e virando-se em sua cama e pensando sobre o que ele queria dizer com *as lutas* e que tipo de problema ela poderia ter se metido se saísse de casa e procurasse descobrir.

Imaginar-se em seu mundo era uma coisa; o fato dele aparecer no dela era completamente diferente.

Ela agarrou a mão de Nora e puxou-a para longe das mesas de bebidas, levando-a finalmente para fora por uma grande porta aberta que levava para a sacada do outro lado. Depois de se afastar de um grupo particularmente estridente, Hattie acabou ficando encostada na balaustrada de pedra com vista para os jardins de Warnick e disse: — Não deveríamos ter vindo aqui.

— Não sei porque não, — disse Nora. — Estou me divertindo muito. — Quando Hattie gemeu, ela acrescentou: — Além disso, Hattie, não era a razão do seu tempo no... — ela lançou um olhar por cima do ombro para ter certeza de que eles não estavam sendo ouvidos e então continuou — ...bordel para começar o Ano de Hattie com sua própria ruína? Não era tudo para evitar a possibilidade de se casar? — Ela fez uma pausa, depois acrescentou: — Esta é a sua chance! Marche até ele e deixe-se levar!

Nora não estava errada. Certamente, essa era a intenção no início disso - uma rápida ruína e isso seria tudo. Apenas o suficiente para garantir que seu pai soubesse que o casamento não era mais uma possibilidade para ela. Que ela se casaria com o negócio, e cuidaria disso até a sua morte.

Ela balançou a cabeça. — Eu não posso. Não até eu entender porque ele está aqui. Não, se ele está prestes a mudar o jogo. — Ela parou. Ela estava tão perto de conseguir o que queria. Por que o homem não podia ser agradável? — Droga, — ela sussurrou. — Por que ele está aqui?

— Se ao menos houvesse uma maneira de adivinhar essa resposta. Por exemplo, pode-se perguntar a ele.

— Se ele contar tudo ao meu pai, então Augie será descoberto. E então eu não vou conseguir o negócio.

Nora zombou. — Augie merece ser colocado em sua bunda. Ele deveria ter que limpar sua própria bagunça. *Você* deveria contar tudo ao seu pai. Este problema com Fera também. Deixe-os lidar com Augie.

Hattie olhou para ela. — Ele é meu irmão.

Nora estreitou o olhar e Hattie ficou desconfortável. Ela conhecia aquele olhar. Avaliando. Antes que ela pudesse mudar de assunto, Nora disse: — Mas isso não é tudo, é?

— O que você quer dizer? Claro que é. Não quero que Augie se machuque.

Nora sacudiu a cabeça. — Não. Você quer resolver isso. Você quer provar que pode resolvê-lo. Provar que você pode corrigir os problemas com o negócio sozinha. Você quer provar que é digna disso. Então seu pai vai passá-lo para você. Porque você quer a aprovação dele.

Hattie assentiu. — Sim.

— E então você está disposta a enfrentar este homem sozinha.

Nora queria dizer *sozinha* em um sentido perfeitamente apropriado. No singular. Hattie administrando uma negociação e efetuando o pagamento do que foi roubado dos Bastardos sozinha, sem a ajuda de seu pai. Mas quando Hattie ouviu *sozinha*, ela teve uma visão muito clara de estar *sozinha* no plural. Os dois sozinhos em uma carruagem. Em um quarto de dormir. Em um depósito de taverna. Sozinha com ele.

De qualquer forma, Hattie descobriu que a resposta era a mesma. — Eu estou.

Ela olhou por cima do ombro em direção à porta. Com medo de que ele estivesse lá. Decepcionada, porque ele não estava.

— Sem ajuda, — esclareceu Nora.

— Sem *interferência*. — E seu pai *iria* interferir. Seu pai diria que ela mantinha um registro arrumado e ninguém monitorava a redistribuição de uma remessa melhor do que ela, e sim, os estivadores gostavam dela, mas a empresa era deixada para os homens.

Os dentes de Hattie rangeram. Quantas vezes ela ouviu aquela réplica horrível? *Os negócios eram deixados para os homens*.

Ela odiava isso. E não queria deixar o negócio para os homens por mais tempo. Ela queria o negócio deixado para as mulheres. Para uma mulher. Para ela.

E ela poderia não ser a última escolha de seu pai, porém ela era a melhor. E ela não deixaria o Salvador Whittington tornar tudo mais complicado aparecendo aqui e arruinando tudo, droga. Não quando ela estava tão perto.

Ela ergueu os olhos para Nora, sombria, curiosa e entretida do modo que só uma boa amiga poderia ser. — Isso não é divertido.

Nora soltou uma risadinha. — Receio que seja imensamente divertido; você me disse que ele te prometeu suas lições, não foi? Ele não concordou em ajudá-la em sua exploração do Ano de Hattie?

Hattie ficou grata pela escuridão que cobria seu rubor. — Ele prometeu.

E ele me chamou de malditamente perigosa.

Um arrepio atravessou-a com o pensamento. Que coisa deliciosa para alguém pensar nela assim.

— Então talvez seja por isso que ele está aqui.

— Não é.

— Deveria ser, — disse Nora. — Pelo que você me disse, ele perdeu alguns pontos importantes.

— Nora!

— Estou apenas argumentando em favor da igualdade! — Nora abriu bem as mãos com uma risada. — Tudo bem, então, para onde vamos a partir daqui?

— Eu realmente não consigo imaginar como ele sabia que eu estaria aqui hoje à noite. Eu nunca... — Ela se acalmou. Virou-se para Nora, que parecia paralisada pelo céu estrelado acima deles. — Você.

Nora olhou para ela. — Hum?

— Você disse que nós deveríamos vir aqui. Você empurrou isto. Eu queria ficar em casa e examinar os livros.

— Eu gosto de bailes, — disse Nora.

— Você detesta bailes.

— Bem! A Duquesa de Warnick enviou uma nota especial pedindo que eu comparecesse e trouxesse você e seu pai. Não gosto de decepcionar duquesas.

— Você não se importa nem um pouco com as decepções de duquesas.

— Isso é verdade. Mas eu gosto muito desta, e ela nos prometeu um momento maravilhoso.

Hattie apontou um dedo acusador. — Você é uma traidora.

Nora ofegou. — Eu não sou!

— É sim! Você deveria ter me dito que era uma armadilha!

— Eu pensei que seria outro homem precisando de um dote! Eu não sabia que seria uma artimanha armada para seu parceiro em aventuras eróticas!

Foi a vez de Hattie suspirar.

— Não é que eu não apoie totalmente essas escapadas, — Nora qualificou com um sorriso.

— Ele não é meu parceiro em... — Ela fez uma pausa. — Nora. Esse homem é tudo o que existe entre mim e meu sonho de toda a vida.

— E as escapadas?

Hattie deu um pequeno suspiro. — Obviamente, foram bem legais. — Antes que Nora pudesse falar, Hattie acrescentou: — Mas ele não está aqui para isso hoje à noite. O que torna muito desconcertante pensar que ele está aqui para outra coisa.

— Você quer dizer, como outra mulher?

Ela não quis dizer isso, mas essa ideia fez seu estômago afundar, se fosse honesta. — Não. Quero dizer, aqui por algo que impactaria nossa negociação. Eu

não sei... informações sobre Augie ou... encontrando meu pai. Isso *não pode* acontecer. Eu devo convencê-lo a sair imediatamente.

— Hum, — disse Nora, o som superficial chamando a atenção de Hattie.

— O que?

— Bem, eu não tenho certeza se é um plano razoável.

— Por que não? — Perguntou Hattie. — Eu só vou voltar lá e... encontrá-lo primeiro.

— Isso pode ser difícil, — disse Nora.

Uma rajada de ar frio atravessou a varanda. Hattie estreitou seu olhar em sua amiga. — Por quê?

Nora apontou para o ombro dela, para o salão de baile iluminado emoldurado pela porta aberta. — Porque ele está falando com seu pai agora.

Hattie girou na direção do dedo da outra mulher.

Claro que ele estava.

Ela tinha planos tão selvagens e maravilhosos para o Ano de Hattie quando isso começou. E agora, aqui estava ela, preparada para conquistar o mundo de assalto – para passar seu vigésimo nono ano resolvendo o passado para poder começar o futuro. E parecia que ninguém havia dito ao Ano de Hattie que deveria cooperar com esses planos.

Certamente ninguém dissera ao Sr. Salvador Whittington que *ele* deveria cooperar com esses planos. — Droga, — ela sussurrou.

— O que quer que seja, — disse Nora suavemente, — ele é muito bom nisso.

Seus dedos apertaram ao redor do cartão de dança bobo que Nora insistiu que ela pegasse. Era o tipo de coisa para mulheres que se importavam - não para mulheres que se preocupavam com negócios, dinheiro ou vingança, ou se o homem que colocara uma faca em seus irmãos (embora merecedores) vários dias antes, poderia contar tudo para seus pais. Era o tipo de coisa que Hattie nunca se importou. E ainda, por algum motivo, naquele momento, tudo que ela podia fazer era olhar para o lindo rosto de Fera e se deleitar com o aperto do pergaminho na palma da sua mão.

Não que isso fizesse bem a ela na batalha que estava por vir. Hattie poderia muito bem estar segurando um violino por todo o valor que lhe dava. De fato, um violino poderia ter sido mais útil, já que ela poderia tê-lo rachado na cabeça dele, o que teria feito uma cena, sim, mas também teria resultado em que os dois homens não se falassem.

Como se ele sentisse a ameaça em seus pensamentos, ele ergueu a cabeça de onde ele tinha se abaixado para falar com seu pai sobre o barulho do salão de baile, seu estranho olhar âmbar encontrando o dela. E então, como se tivesse passado toda a sua vida em salões de festas em Mayfair, ele *piscou* para ela.

— Interessante. — Nora demorou.

— Não. Não é nada interessante. Que jogo ele está fazendo? — E por que ela não estava mais zangada com ele por estar aqui, na frente de todo o mundo? Ela deveria estar apavorada. Ela deveria estar furiosa. Mas em vez disso... ela estava *animada*.

Guerreira.

— Devemos ir para mais bailes.

— Nós nunca mais iremos para outra baile novamente, — Hattie falou por cima do ombro quando ela começou a se mover, seu coração acelerado.

E então algo brilhou em seus olhos, e ela reconheceu a emoção como aquela que se agitava através dela.

Antecipação.

Ele voltara a falar com o pai dela quando ela empurrou a porta. Em outras circunstâncias, teria sido uma cena cômica: o enorme jovem encostado no ouvido do conde idoso, notoriamente diminuto. Seu pai gostava de afirmar que era sua baixa estatura que o tornava o marinheiro perfeito, o que era parcialmente verdade - ele mal tinha que se abaixar para se mover abaixo do convés em seus navios. Mas este homem - o que ela não pensava mais como Fera, a pessoa que ela não podia deixar de pensar como Whit, apesar de ser totalmente inadequado - eclipsou como o sol.

Não. Não era como o sol. Era como uma tempestade, num navio em alto-mar, um céu azul roubado e substituído por nuvens silenciosas e escuras.

Uma tempestade grande e bonita, e imprevisível.

O que ele estava dizendo ao pai dela?

Poderia ser qualquer coisa, já que eram apenas os dois, aparentemente alheios ao resto da sala. Hattie calculou rapidamente a probabilidade de estarem tendo uma discussão mundana - tempo, refrescos, a temperatura da sala ou o número de lacaios presentes.

Era possível que tivesse algo a ver com uma probabilidade negativa?

Era muito mais provável que eles estivessem falando sobre ela.

Hattie aumentou sua velocidade, quase derrubando a Marquesa de Eversley, lançando um rápido pedido de desculpas. Se fosse qualquer outra pessoa, ela *poderia ter* parado para pedir desculpas, mas a marquesa vinha de uma das famílias mais escandalosas da Grã-Bretanha, então se alguém iria entender a necessidade de anular qualquer que seja a conversa que estava ocorrendo entre seu pai e um homem que sabia muito sobre seus negócios nos últimos dias, era ela.

Hattie estava quase em cima deles quando o conde assentiu com uma sombra na testa. Hattie prendeu a respiração - não conseguiu identificar aquela emoção, mas não gostou. E então ela estava lá, e as palavras estavam chegando antes que ela pudesse detê-las. — Isso é o suficiente.

Os olhos do conde se arregalaram e ele se virou para Hattie quando Whit se endireitou e...

Oh céus.

— Isso é encrenca, — disse Nora suavemente de algum lugar atrás do ombro direito de Hattie.

Ninguém deveria ter um sorriso tão deslumbrante. Hattie teve um desejo louco de levantar as mãos e bloquear toda a força dele. Para resistir à sua atração estrangeira. *Mantenha a cabeça, Hattie.*

Ela engoliu em seco. — O que você está fazendo aqui?

Ele pegou a pergunta grosseira no passo, estendendo a mão. — Lady Henrietta. — As palavras foram trabalhadas e suaves, perdendo sua habitual escuridão grosseira.

As sobrancelhas de Hattie se juntaram e ela inclinou a cabeça, confusão e algo surpreendentemente perto da decepção provocando através dela. Esse era o mesmo homem? Não poderia ser. Onde estava o rugido? O sotaque, de alguém crescido na sarjeta?

Uma chama acesa em seus olhos âmbar - o que desencadeou uma chama gêmea no fundo dela.

Não. Ele não podia simplesmente tentá-la com essa docilidade. Seu olhar deslizou para sua mão estendida, cautelosa. Ela não tentou alcançá-lo. — Responda a minha pergunta, por favor. — Quando ele não fez - é claro *que essa* característica tinha permanecido - ela se virou para o pai, registrando a censura nele. — O que vocês estavam discutindo?

Os lábios do conde se achataram. — Reconsidere seu tom, mocinha.

Ela engoliu seu desgosto com as palavras, mal conseguindo considerar sua resposta antes de Whit falar. — Cheadle

Havia escuridão. Advertência também, mais áspera e dura que a advertência que tinha vindo de seu pai. Ela virou os olhos surpresos para Whit, perfeito e belo como uma estátua grega, de repente acidentada como uma rua de paralelepípedos.

A transformação deveria tê-la perturbado, mas isso não aconteceu. Em vez disso, isso a confortou.

Que quase piorou tudo. Ela chegou a sua altura total e levantou o queixo. — Você não fala com ele.

Nora soltou uma exclamação de surpresa quando conversas se acalmaram ao redor deles, uma coleção dos aristocratas mais reverenciados de Londres fazendo o melhor para não olhar, mas se esforçando ao máximo para ouvir. Ela pigarreou sob o peso da curiosidade de seu pai e disse: — Quer dizer, Sr. Whittington — seus lábios se curvaram em diversão com o uso de seu nome, — eu preciso de você. — Uma sobrancelha negra subiu na pausa que se seguiu ao rastro das palavras, e Hattie saltou para acrescentar: — Para uma dança.

Ela levantou o cartão de dança amassado em sua mão. — Você está no meu cartão de dança. — Ela se virou para seu pai. — Ele está no meu cartão de dança.

Um silêncio interminável caiu. Meses de duração. Anos.

Hattie se virou para Nora. — Ele está no meu cartão de dança.

Nora, abençoada Nora, pegou o fio. — Sim. É por isso que estamos aqui. Claramente!

Hattie poderia ter ficado sem o *claramente*, mas aceitaria o que pudesse conseguir.

— Você deve dançar... com ele? — seu pai disse.

Hattie acenou com o cartão preso ao pulso. — É o que diz aqui!

— Então, façam isso. — O conde parecia menos convencido.

— Certamente! — disse ela, o tom de sua voz em algum lugar no reino de uma dobradiça estridente, quando ela se virou para o homem em questão. — Não é?

Ele ficou em silêncio, os acordes da valsa, o único som começando atrás deles, como um tiro de partida, para a preocupação de Hattie. Talvez ele não pudesse dançar. Não, talvez não. Ele *definitivamente* não sabia dançar. Esse era o tipo de homem que usava coldres cheios de facas e era deixado amarrado e inconsciente em carruagens. Ele frequentava bordéis e tavernas de Covent Garden e ameaçava os criminosos de rua... *ele mesmo* era um criminoso. Ele poderia vestir o papel, mas ele não valsava.

Foi por isso que ela perdeu o fôlego quando ele baixou a cabeça como um aristocrata experiente e polido e disse, com toda a calma: — Sim, é verdade, minha senhora.

Foi apenas uma surpresa que ele estava disposto a dançar. Não tinha nada a ver com o honorífico. Nada a ver com o fato de que ele nunca a chamara de sua senhora antes. Nem um pouco a ver com o fato de que, de repente, aquelas duas pequenas palavras - as que ela ouvira a vida inteira - assumiram um significado inteiramente novo nos lábios dele.

E então a mão dela estava na dele, e ele a estava levando para a multidão de dançarinos, puxando-a para seus braços, as mãos dela pousando nos músculos sob o casaco dele, duro como aço. *Claro que ele não sabia dançar*, o pensamento sussurrou através dela. *Ele é feito para coisas mais fortes do que isso*.

Ela se inclinou, apenas o suficiente para falar suavemente em seu ouvido, garantindo que ninguém mais ouvisse — Se você quiser, eu posso torcer um tornozelo.

Ele se afastou, com surpresa e algo parecido com humor em seus olhos. — Eu não gostaria disso, na verdade.

— Mas isso salvaria você de ter que dançar.

Suas sobranceiras se levantaram. — Tem certeza de que isso não salvaria *você* de ter que dançar?

— Claro que não. Eu danço perfeitamente bem, — ela disse. — Eu estava simplesmente ajudando você, como você não dança.

— E você sabe disso porque...

Ela revirou os olhos para ele. — Porque é claro que você não sabe dançar.

Ele assentiu com a cabeça, apertando as mãos contra ela, fortes, firmes, seguras e maravilhosamente quentes, fazendo-a desejar que não estivessem aqui, na frente de todo o mundo. Sua respiração ficou presa, o desejo se acumulou profundamente e distraiu-se - distraiu-se o suficiente para que ela não notasse que eles estavam se movendo até que ele disse, em seu ouvido: — Acho que vou me sair bem.

E ele se saiu muito bem. Ele dançava mais do que bem. Ele se movia graciosamente, como se tivesse valsado todas as noites de sua vida, evitando com destreza os outros casais enquanto deslizavam pela sala. Hattie já tinha dançado centenas de danças por um tempo - naqueles primeiros anos, seu dote a tornara vagamente atraente para os homens da *sociedade*, mas ela nunca se sentira assim, do jeito que estava em meros segundos nos braços dele. Como se ela também tivesse praticado.

Seu olhar voou para encontrar o dele, âmbar líquido, focado nela. — Você sabe dançar!

Ele resmungou sua resposta, e Hattie se consolou com aquele barulho - finalmente, algo dele sem surpresa. Ela abriu os dedos sobre a manga do casaco dele, o calor dele passando pelo tecido, e suspirou, fechando os olhos e se deixando cair no simples balanço da dança.

Deixando-se esquecer por um momento. Esquecer de Augie e dos negócios e do por que ela estava tão preocupada - esquecer do acordo que eles fizeram e de seus sonhos para o futuro dela, e o Ano de Hattie. O mundo se destilou naquele lugar, nos braços daquele homem, seu calor, seu movimento e sua força envolvendo-a em um fio de doce de limão.

E, por um momento, Hattie esqueceu-se também.

Mas um momento não dura. Logo, ela abriu os olhos para encontrar o olhar dele extasiado, e ela enrijeceu sob a atenção dele, profundamente consciente das coisas que ele podia ver - o rosa avermelhado de sua pele - nada como um pêssego maduro, nada nem perto de frutas e creme - o nariz largo demais, as bochechas muito redondas, o queixo cheio - as razões visíveis demais do porquê que ela estava encalhada.

O silêncio não era amigo de uma mulher pouco atraente. Deixava muito tempo para a análise estética. Quando ele respirou fundo, ela não pôde resistir a preencher o silêncio. — Você poderia ter me dito que sabia dançar, — disse ela, afastando-se dele por um momento antes de perceber que agora ele estava olhando para a orelha dela, e não eram as orelhas as partes mais estranhas do corpo humano. Ela preferia que ele olhasse nos olhos dela. Seus olhos eram bastante uniformes em tamanho e cor incomum, e possivelmente sua melhor característica. Não que ela se importasse que ele notasse sua melhor característica.

Oh, quem ela estava tentando enganar com essa linha de pensamento? Ela absolutamente queria que ele notasse sua melhor característica. Ela queria que ele reconhecesse da melhor forma. Não apenas em relação a todos os outros recursos, mas também em relação aos recursos de todos os outros. O que não era possível, ela

sabia, mas ela deveria reconhecer esse desejo, não deveria? Não era isso que o Ano de Hattie era? Reconhecendo o desejo? Perseguindo isto?

Então, lá estava ela, querendo que ele pensasse que seus olhos eram bonitos. *Alguém já usou a palavra bonita para descrevê-la?*

— Porque eu faria isso?

Ela piscou com a resposta, instantaneamente pensando que ele estava se referindo aos olhos dela e se sentindo estranhamente na defensiva sobre isso antes de se lembrar de sua pergunta anterior sobre a dança. — Porque você deve ter se sentido insultado pela minha insinuação de que você não sabia dançar.

Ele balançou a cabeça, o movimento mal ali. — Eu não fiquei.

Ela não acreditou nele. — Eu pensei que você não dançasse, o que claramente você faz; achei que você não entendia a nobreza, e aqui está você com um convite para a casa de um duque, então isso também é totalmente incorreto. Eu subestimei você.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo, o balanço da dança era a única coisa entre eles antes de virar o olhar âmbar para ela e dizer: — Você disse que não se importava se eu soubesse alguma dessas coisas.

A verdade veio instantaneamente. — Eu não me importo.

Sua garganta funcionou quando ele considerou suas próximas palavras. — Você não valoriza isso.

Ela balançou a cabeça. — Eu não.

Ele assentiu uma vez. — Parece que você pode ter me *superestimado*, então.

Ela exalou com uma risadinha, seu significado se instalando. — Sim, não foi? — Outra pausa. Então: — como você aprendeu a dançar tão bem?

A camaradagem provisória que surgira da conversa desapareceu, seu olhar se fechando imediatamente. Arrependimento inundou Hattie, um pouco confusa - como uma pergunta tão simples causou uma resposta tão imediata e desagradável?

Sob seus dedos, seus músculos se transformaram em aço, como se ele estivesse pronto para a batalha. Ela olhou para ele, seus olhos fixos em um ponto acima de sua cabeça, à distância. Ela se virou, torcendo para ver, esperando encontrar um inimigo correndo na direção deles. Mas não havia nada lá. Nada além de sedas, cetins e risos rodopiando com divertimento.

O que tinha acontecido? O que estava errado? Ela não o conhecia bem, mas o conhecia o suficiente para saber que ele não lhe diria se ela perguntasse. Nem que ele responderia as outras perguntas assim que ela perguntasse.

Ela olhou para o rosto dele, agora pálido em vez do oliva quente que ela esperava. A preocupação veio, quente e desagradável. Ela apertou o braço dele com a mão ali, apertou com mais força. Abaixando a voz, ela disse: — Sr. Whittington? — Ele engoliu em seco. Balançou a cabeça uma vez, como se estivesse sentindo um gosto ruim. — Whit, — ela disse, ainda mais baixo. — Você está doente?

Sua respiração estava ficando mais forte agora, a ascensão e queda de seu peito impossível de ignorar por sua proximidade. Gotas de suor pontilhavam sua testa e um músculo em sua mandíbula pulsava como se estivesse cerrando os dentes, resistindo ao que quer que o estivesse consumindo.

Ela apertou a mão na dela com força. Apertado o suficiente para machucar. Seus olhos âmbar encontraram os dela. Entendendo à pergunta neles.

Ela assentiu e eles pararam de dançar, mas ela não soltou a mão dele, em vez disso, agarrou-se a ele com força. Sem um pingo de hesitação, ela virou-se e foi até a beira do salão de baile e continuou, passando por uma meia dúzia das melhores fofoqueiras da *alta-sociedade*, em linha reta, através das portas e na escuridão além.

Capítulo Treze

Ele não podia soltar a mão dela.

Ele tinha estado totalmente no controle. Ele desempenhou o papel, fez os ruídos, acenou para os cavalheiros, sorriu para as damas e falou com o conde, lançando ameaças ao território do inimigo - uma ação destinada a causar medo. Ele pôs em movimento a vingança dos Bastardos.

Sem a Hattie.

Hattie, que fugira dele no momento em que o vira entrar no salão de baile, como se ele não percebesse. Como se ela fugindo dele não deixaria pensar em outra coisa senão persegui-la. Ele não a perseguiu. Não no sentido clássico. Em vez disso, Whit manteve seu plano original e lançou as bases para a vingança.

Mas ele nunca a perdeu de vista.

Não quando ela tomou duas taças de champanhe em rápida sucessão. Não quando saiu correndo para a varanda com sua amiga - uma mulher que ele sabia agora que era Lady Eleanor, a imprudente filha de um duque que participava de corridas de carruagem. E não quando ele encontrou o pai dela, deliberadamente movendo-os para um lugar onde pudesse vigiar Hattie, ciente da possibilidade - da probabilidade - de que ela tentasse escapar. Considerando as inúmeras localidades em que ele havia encontrado Hattie antes, Whit não duvidava que ela escalaria uma parede, comandaria uma carruagem, e faria o seu caminho para o inferno de jogos mais próximo, onde, se ele tivesse que colocar as probabilidades, encontraria Lady Eleanor por perto como sua parceira e ajudante.

Se elas tivessem tentado, Whit as teria seguido.

Ele estava totalmente no controle.

E ele manteve esse controle quando ela entrou no salão e veio atrás dele, alta, forte e determinada, o olhar fixo nele enquanto se aproximava sem se importar com as dezenas de olhos que observavam, consideravam, julgavam. Ela veio até ele, seu vestido vinho da cor do pecado - para o qual ele pretendia levá-la, se ela o deixasse.

E ela deixaria. Ele não tinha dúvidas.

Whit havia terminado de falar com o pai dela, sabendo que uma vez que ela os alcançasse, ele perderia a chance de falar com o conde - conhecimento que se fez verdade quando ela chegou, seus olhos violetas brilhando tão quentes quanto o rubor irritante em suas bochechas, e ele não teve que forçar o sorriso para aquela senhora. Tinha vindo a sério, e ainda assim, ele estava totalmente no controle.

Mas quando eles começaram a dançar, o controle desmoronou em torno dele. Ele sentiu isso no momento em que os passos chegaram a ele, impressos na memória de seus músculos, vinte anos mais velhos, mas retornando facilmente à dança que um dia ele havia praticado, segurando a escuridão em seus braços e imaginando a bela mulher que iria enchê-los um dia, quando ele ganhasse e se tornasse duque.

Ele nunca imaginou alguém como Hattie.

Hattie, que de alguma forma se tornou um porto seguro na tempestade de seus pensamentos - lembranças do seu monstruoso pai, da maldito competição que ele tinha colocado todos eles, da ardência do chicote do duque na parte de trás de suas coxas quando ele errou. Da dor em seu estômago naquelas noites, quando ele foi enviado para sua cama sem comida. *Estômago vazio deve deixar você mais faminto pela vitória*, o monstro gostava de dizer aquilo. Quantas noites haviam passado fome em suas mãos? E quantas mais depois de terem escapado dele?

A lembrança tinha sido clara e fria, e seu coração começou a bater como se ele ainda tivesse doze anos de idade novamente, passando por uma aula de dança, o controle começando a escorregar. Ele tentou se segurar. Ele se concentrou em Hattie, mapeou o rosto dela com seu olhar, observando seu cabelo loiro dourado e suas bochechas cheias, coradas de excitação pela dança deles. Ele catalogou a longa inclinação de seu nariz, sua ponta arredondada e a plenitude de seus lábios, amplos e bonitos, a lembrança deles incrivelmente macios.

Seus olhos estavam fechados, o rosto inclinado para ele como uma obra-prima, e isso o acalmava. Ela tinha três sardas escuras, uniformemente espaçadas em um pequeno triângulo em sua têmpora direita, e ele não queria nada mais do que colocar seus lábios ali, demorar-se e prová-las. Ele respirou fundo, apreciando o consolo que veio ao olhar para ela.

Ela se virou em um passo, e Whit ficou paralisado pela curva de sua orelha, seu lóbulo suave e macio, mergulhados em cachos. Outra sarda provocou-o, uma marca de beleza logo atrás da orelha direita na borda do couro cabeludo. Um segredo, compartilhado apenas com ele. Um que ela nem conhecia - não havia como ela ver isso por ela mesma. A mulher tinha orelhas magníficas.

Eventualmente, ela se virou e deu a ele o melhor de tudo - seus olhos. Uma cor selvagem e impossível que não era razoável para os humanos - mas ele já havia

presumido que Hattie estava além do humano. Feiticeira em parte. E em outra Parte guerreira. Tão bonita.

E aqueles olhos impressionantes, provando isso.

Um homem poderia se perder naqueles olhos.

Um homem poderia se entregar a eles. Ceder o controle. Só uma vez. Apenas durante a dança. Apenas até que ele pudesse recuperar o fôlego e escapar de suas lembranças.

E então ela perguntou como ele aprendeu a dançar. E tudo voltou. A lembrança, o desconforto. Ele ficou muito tenso sob o toque dela, lutando por controle.

Perdendo.

Ele só precisava de um momento. Um pouco de ar. A mordida fria do mundo além deste salão de baile. Um lembrete de que seu passado não era seu presente. Que ele não precisava daquele lugar, com muitas pessoas e seu perfume muito enjoativo.

Naquele momento, porém, ele precisava de Hattie.

Porque, naquele momento, ela o salvou, tomando a mão dele com firmeza e o conduzindo para fora do salão diante de toda Londres, como um cão na pista. Ele a deixou leva-lo. Ele queria isso. E ela sabia disso de alguma forma - sabia que não deveria levá-lo simplesmente para a varanda, porém mais longe, pelos degraus de pedra e além da luz que se espalhava do salão de baile, para os jardins. Na escuridão.

Não foi até que eles estavam lá, sob a cobertura de um grande carvalho, que ela o soltou.

Ele odiava que ela o tivesse soltado.

Odiava também que a perda de seu toque o fizesse lutar por respirações profundas novamente.

Odiava, mais do que tudo isso, que ela parecia entender tudo isso.

Ela ficou lá, serena, silenciosa e parada, por uma eternidade, esperando que ele se restaurasse. Ela não o empurrou para falar, parecendo entender que, mesmo que ele quisesse, ele não saberia o que dizer. Em vez disso, ela esperou, observando-o até ele voltar ao presente. Para esse lugar. Para ela.

Hattie, cuja inclinação natural era preencher o silêncio com perguntas, não fez nenhuma. Nem sobre sua conversa com o pai dela ou sobre como ele sabia valsar. Ela não perguntou como era que ele sabia como amarrar uma gravata impecável.

Em vez disso, essa mulher a quem ele conhecia a tão pouco tempo e quem já assombrava seus sonhos disse: — Obrigada.

As palavras foram um choque. Não deveria ter sido ele a agradecer?

Antes que ele pudesse responder, ela acrescentou: — Eu não tenho valsado há três anos. A última vez que fiz isso... Não deu muito certo. — Ela riu. Ele não gostou da autodepreciação no som. — Ele era um barão com um olho no dinheiro

do meu pai, e eu tinha quase vinte e seis anos, que parecia ser oitenta e seis quando se está encalhada em Londres.

Ele não se mexeu, com medo de que, se o fizesse, ela parasse de falar.

— Fiquei grata por ele, honestamente. Ele era bonito o suficiente e jovem - apenas trinta anos. E com um sorriso que me fez pensar que talvez fosse mesmo para mim. — Whit descobriu que ele tinha uma aversão repentina por esse jovem e bonito barão, antes mesmo de Hattie acrescentar suavemente: — Eu não sabia que ele era um dançarino terrível.

A confusão explodiu com isso. Ela não parecia do tipo que se importava com a capacidade de dançar. Ela não tinha acabado de dizer que não?

— Havia rumores de que ele estava atrás de mim na verdade, o que, é claro, deixara meu pai satisfeito - seu condado é um presente de vida, você vê, e Augie não será capaz de transmitir nobreza, por isso o casamento com um barão era uma benção. Meu pai ficou ainda mais feliz quando o barão se animou para uma valsa. As valsas são um tesouro de ouro nos salões de baile em Mayfair. — Ela fez uma pausa, respirando fundo e olhando para o céu. — É uma lua pequena.

Ele não queria olhar para a maldita lua. Ele queria olhar para ela. Mas ele fez, seguindo o olhar dela para o brilhante crescente baixo sobre os telhados.

— É um cenário, — ela disse, simplesmente.

— Sim. — Os olhos dela voaram para os dele, sua linda boca se abrindo de surpresa por ele ter falado. Para seu choque absoluto, suas bochechas ficaram quentes. Whit nunca ficou tão agradecido pela escuridão e ele havia se escondido nela dos soldados da Coroa em mais de uma ocasião.

— Pisei no pé dele, — disse ela, suavemente, — ele não era um bom dançarino, e eu pisei no seu pé, e ele me chamou... — Ela parou. Sacudiu a cabeça e olhou para a lua antes de falar de novo, tão baixinho que mal podia ser ouvida. — Bem. Não foi gentil.

Whit a ouviu. Ouviu seu constrangimento. Sua dor. Sentiu como se fosse nele. Ele iria encontrar este barão maldito e estrangulá-lo. Ele lhe traria a cabeça indigna do homem.

A batida desmedida do coração de Whit começou a se acalmar.

— Então... obrigada pela dança hoje à noite. Você me fez sentir... — Ela parou de falar, e Whit percebeu que ele ficaria feliz em entregar o conteúdo do armazém dos Bastardos aos ladrões, só para ter a chance de ouvir o final daquela frase.

Mas ela não terminou. Em vez disso, ela acenou com a mão, o cartão de dança atado a ele flutuando na brisa. Ele a alcançou, puxando-a para mais perto dele com um puxão mal feito no frágil pergaminho, já amassado por causa de seus maus-tratos.

Ele virou-o e olhou para ele.

Ela tentou puxar de volta, mas ele não deixou. — Está vazio. Eu te disse — ela disse defensivamente, — ninguém nunca reivindica minhas danças.

Whit a ignorou, erguendo o lápis que pendia do cartão. — Eu reivindiquei uma.

Ele podia ouvir o sorriso em sua réplica quando ela disse: — Na verdade, *eu* reivindiquei a *sua* dança. — Ele colocou o lápis na língua, lambendo a ponta antes de colocá-lo no pequeno papel oval. — É um pouco tarde para reivindicar sua valsa, você não...

Mas ele não estava reivindicando a valsa. Ele escreveu seu nome em todo o cartão, reivindicando tudo. Reivindicando tudo dela, essa mulher que o resgatou, em um rabisco sombrio e ousado. *Fera*.

Hattie olhou para o apelido, seus belos lábios caindo em um perfeito — Oh. — Ele não respondeu, e ela finalmente olhou para ele e acrescentou: — É isso aí.

Ele ofereceu um pequeno grunhido, com muito medo do que poderia dizer se falasse.

Ela encheu o silêncio. — Você é muito gracioso. Como um falcão.

— Como um pássaro? — Whit repetiu, incapaz de se conter. Se Devil soubesse daquilo, ele nunca ouviria o final disso.

Ela riu, o som baixo, rolando como um soco no estômago. — Não. Como um predador. Lindo e gracioso, sim, mas forte e poderoso. E dançando com *você*, não era como qualquer coisa que eu já fiz antes. Você *me* fez sentir graciosa. — Ela deu uma risadinha, e ele não podia perder a autodepreciação ali. — Por associação, é claro. Como se meus movimentos fossem uma extensão do seu. Como se eu também fosse um falcão, dançando ao vento. — Ela olhou para ele, as luzes do salão de baile distantes mal refletiam em seus olhos. — Eu nunca me senti assim. Eu nunca tive isso. E você me deu isso esta noite. Então...

Ele se moveu, finalmente, vindo para ela com a velocidade do maldito pássaro que ela o comparou. Mergulhando para ela, coletando-a em suas mãos. Ele não podia suportá-la agradecendo novamente. Não pelo que aconteceu lá dentro. Não pela dança que ele não terminou. Ele não lhe dera a dança que ela merecia.

Sua gratidão se dissolveu em um belo suspiro. *Boa*.

Ele não merecia seu agradecimento. Ele não era digno disso. Não com os planos que ele tinha para a família dela. Para o negócio do pai dela.

Não com os planos que ele tinha para ela.

Então ele parou as palavras dela com um beijo, roubando-as com as mãos nas bochechas bonitas e arredondadas, os polegares esfregando as maçãs do rosto enquanto ele puxava seu rosto para o dele e continuava tomando, sua gratidão, depois sua surpresa, depois o prazer dela, lambendo o lábio inferior cheio e exuberante até que ela se abriu para ele, acolhendo-o dentro como se tivesse feito isso mil vezes antes. E por um momento, quando ele provou seu suspiro, parecia que ela tinha.

Whit teria jurado que mal haviam começado quando Hattie se afastou, mas o fôlego, pesado e desesperado, sugeriu que tinha demorado mais do que ele pensava

— mas nunca era o suficiente. Suas mãos enluvadas vieram para ele, segurando suas bochechas, e ele queria arrancar o tecido de suas mãos, para sentir seu calor.

Ele quase fez aquilo. Podia ter feito, se ela não tivesse sussurrado em seus lábios, sua língua saindo em uma pequena lambida enlouquecedora, como se ela não pudesse se impedir de tomar outro gosto dele. — Você sempre tem gosto de limão, mesmo quando não há doces à vista.

Ele gemeu, endurecendo como aço e puxando-a com força para ele, desejando que ela ficasse mais perto, odiando suas volumosas saias e seu espartilho sob seu vestido - se fosse do jeito dele, ela nunca usaria um espartilho novamente. Ela não usaria nada que o impedisse de sentir sua suavidade, suas curvas. Em frustração, ele a ergueu na ponta dos pés. — Você está errada. É você quem parece doce... — Ele pegou a língua dela e deu uma chupada antes de liberá-la e acrescentou: — ...em todo lugar.

Ele a beijou profundamente, recompensando a maneira como ela deslizou as mãos sobre os ombros e o peito dele, explorando-o. Seus dedos traçaram as tiras de couro de suas facas pelo quarteto de lâminas, como se estivessem sobre suas costelas e ela se afastou, apenas o suficiente para que seus olhos encontrassem os dele na escuridão. — Você veio armado.

Ele grunhiu. Então disse: — ataques vêm de todos os lugares.

Uma das sobrelanceiras loiras de Hattie arqueou-se. — Mesmo em salões de festas em Mayfair?

Ele puxou-a para mais perto, sabendo que era loucura. — Especialmente nos salões de baile em Mayfair. Vê-la neste vestido foi um assalto. — Seus dedos se curvaram em suas costas, agarrando a borda da seda do vestido vinho, e por um momento de loucura, ele considerou o que poderia acontecer se ele arrancasse este vestido dela e a deitasse nas folhas visíveis aos pés deles e desse a ela tudo o que ela pediu a ele.

Seu pênis pulsou sua aprovação quando ela disse, incerta, — Você gostou?

Eu gosto de você.

O pensamento o quebrou, por mais devastador que a dança tivesse sido, e ele a soltou como se tivesse sido chamuscado. Os olhos dela se arregalaram, e ele detestou a surpresa e o desapontamento fugaz neles, enquanto se afastaram um do outro, libertando-se do toque.

Ele viu quando ela sacudiu as saias, fingindo não notar o inchaço de seus seios, mesmo enquanto ele se sentia como um idiota.

Depois de um longo tempo, ele disse: — Eu lhe devo outra valsa.

Ela balançou a cabeça. — Eu acho que vou acabar com valsas por agora. — Ela fez uma pausa. — E parece que, talvez, você também deveria.

Não foi uma pergunta. Ela não esperava que ele respondesse. Ele não esperava responder. E ainda assim, por razões que ele nunca entenderia, ele fez. — O homem que me gerou insistiu que eu aprendesse a dançar valsa.

Ela se endireitou devagar, com cuidado, como se acabasse de descobrir que estava na presença de um cão raivoso. E talvez ela estivesse. — O homem que te gerou.

— Eu não o conhecia, — disse ele, sabendo que não poderia contar nada a ela e querendo contar tudo a ela do mesmo jeito. — Não pelos primeiros doze anos da minha vida.

Hattie assentiu, como se entendesse. Ela não entendia, é claro. Ninguém entenderia. Ninguém poderia, exceto os dois outros meninos que viveram a mesma vida. — Onde você estava... antes disso?

A pergunta cuidadosa e empolgada veio como se ela quisesse fazer mil delas, e essa fora a que havia lutado para sair. Era uma pergunta estranha, uma que Whit não esperava. Ele sempre pensara em sua vida dividida em dois momentos - antes do dia em que seu pai chegou e depois disso. Mas não tinha sido simplesmente o dia em que conheceu seu pai. E ele não pensava no tempo antes dele. Só não queria se lembrar disso.

Então ele nunca entenderia porque ele contou a verdade a Hattie. — Em Holborn.

Outro aceno de cabeça. Como se fosse o suficiente. Mas, de repente, não parecia que poderia ser o suficiente. Ele enfiou a mão no bolso, tirando um de seus relógios, o ouro quente na palma da mão e acrescentando: — Minha mãe era costureira. Ela consertava as roupas de marinheiros que saíam dos navios. — Quando havia roupas para consertar.

— E seu... — Ela hesitou e ele conhecia o dilema. Ela não queria dizer *pai*. — Ele era marinheiro?

O que Whit teria feito para seu pai ter sido um marinheiro. Quantas vezes ele havia sonhado - que nascera de sua mãe e de um homem que partira para fazer fortuna, com uma miniatura de sua esposa e filho recém-nascido costurados no forro de seu casaco - um lembrete de casa para a qual ele voltaria quando se tornasse rico do outro lado do mundo.

Quantas vezes ele ficou deitado, observando sua mãe se debruçar sobre uma pilha de roupas sujas entregues por homens que sempre pediam mais do que consertar, mal conseguindo ver seu trabalho pela escassa luz da vela ao lado dela, e sonhavam que a próxima batida na porta seria seu pai, voltado para salvá-los?

E então chegou o dia em que a batida era de seu pai, alto e bonito, com um rosto que fora abrasado num calor de desdém aristocrático e olhos como vidro colorido. Um homem encapuzado em uma fortuna que ele não teve que fazer, porque ele tinha nascido com isso, tudo lá em seu rosto e no tecido de suas roupas e no brilho de suas botas.

Vinte anos e Whit ainda se lembrava do respeito que sentira àquelas botas - reluzindo como a luz do sol, o espelho mais claro de Holborn. Ele nunca tinha visto nada parecido com elas, nem um arranhão nelas, mais uma prova de riqueza e poder do que se o homem tivesse se inclinado e anunciado seu nome e título.

E então ele soube. O Duque de Marwick. Um nome que tinha todas as portas abertas, desde o nascimento. Um nome que tinha privilégios além da razão. Um nome que poderia garantir tudo.

Tudo menos a única coisa que ele queria mais do que todo o resto - tudo, menos um herdeiro.

Para isso, ele exigiu Whit.

— Ele não era marinheiro, — disse Whit finalmente. — Ele não era nada, até que ele apareceu na porta do nosso quarto em Holborn e nos prometeu o mundo, se eu fosse com ele.

— E sua mãe? — Havia medo na pergunta, como se ela já soubesse a resposta.

Ele não respondeu, seu punho apertando o relógio. Em vez disso, Whit virou o rosto para o salão dourado do outro lado, o que possuía o privilégio que o tentara todos aqueles anos antes, e disse: — Eles estarão falando de você esta noite, Lady Henrietta. Levando um homem para a escuridão.

Magnificamente, ela não hesitou na mudança de assunto. Em vez disso, ela seguiu seu olhar e sorriu, a expressão preenchida com o conhecimento irônico das mulheres no mundo. — Você não se preocupa, que eles devem estar falando de você por ter sido levado? — Uma pausa, então, — Eu disse que queria ser arruinada, não disse? — A pergunta poderia ter sido coquete nos lábios de outra pessoa, mas não nos de Hattie. Nos dela, soava honesta e direta. Um passo claro na direção em que ela decidira caminhar.

A admiração aumentou. — Você deveria ter feito isso anos atrás.

Ela se virou para ele. — Não havia ninguém que me ajudaria anos atrás.

Ele estendeu a mão para ela, empurrou uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. — Acho isso muito difícil de acreditar. — Essa mulher poderia levar um homem bom para a escuridão, e Whit estava muito, muito longe de ser um bom homem.

Ela sorriu, recuando mais uma vez, endireitando os ombros, e ele sentiu a mudança nela. A determinação. Ele já tinha visto isso antes, e a lembrança, combinada com o conjunto determinado de sua mandíbula e o brilho inabalável em seus olhos, enviaram uma excitação através dele, sabendo que eles estavam prestes a lutar novamente.

Ele segurou a respiração.

— O que você estava discutindo com meu pai?

Ele cruzou os braços sobre o peito, as tiras do coldre das facas apertando em torno de seus músculos, um lembrete de seu papel nessa trama - do trabalho que ele veio fazer. — Quem disse que estávamos discutindo outra coisa senão um baile perfeitamente agradável?

Ela deu uma risadinha com isso. — Em primeiro lugar, meu pai nunca se referiu a um baile como sendo perfeitamente agradável. E nem você.

Ele levantou uma sobrancelha. — Esta noite pode ter mudado de ideia.

— Se mudou, foi a parte que veio *depois de* eu te escoltar do salão de baile que mudou sua mente, senhor.

Isso era verdade, e foi a vez de Whit oferecer uma pequena risada. Seu olhar voou para o dele. Ele inclinou a cabeça. — O que foi isso?

— É só que... você não ri.

— Eu rio, — disse ele.

Ela lançou-lhe um olhar incrédulo. — Você mal *fala*. — Ela afastou qualquer resposta que ele poderia ter encontrado. — Não importa. Eu não vou ser dissuadida. O que você disse para ele?

O pai dela. — Nada.

Não era verdade, e ela sabia disso. — Eu te disse, — disse ela. — Ele não está por trás dos ataques ao seu negócio.

Whit sabia disso, mas ele queria a informação dela. — E eu devo acreditar em você?

— Sim.

— Por quê?

— Porque vai contra todas as razões eu mentir para você. — Suas sobrancelhas subiram com essas palavras; verdade, mas não é algo que a maioria dos homens de negócios admitiriam. — Eu entendo que você está na posição de poder, Sr. Whittington.

— Não me chame assim.

— Eu não posso te chamar de Fera na frente de todo mundo.

A irritação dele amentou. — Não é todo mundo, Hattie. É um subconjunto infinitesimal do mundo. Um subconjunto fraco. Um subconjunto inútil. Nada como o resto de nós, que trabalhamos pela comida e dançamos de alegria e vivemos nossas vidas sem medo de julgamento.

Ela o observou enquanto ele falava, o tempo todo fazendo-o desejar que ele não estivesse correndo sua maldita boca na frente dela. Mais ainda, quando ela respondeu: — Ninguém vive sem medo de julgamento.

— Eu faço isso.

Foi uma mentira e ela sabia. — Eu acho que você vive com mais do que a maioria de nós. — Whit resistiu ao instinto de recuar com as palavras dela enquanto ela girava a conversa de volta para onde eles tinham começado. — Você não precisa acreditar que eu mentiria para você. Acredite que a história não mente. Meu pai está no comando da Navegação Sedley desde que voltou das guerras. Ele navegou com uma habilidade incomparável - uma que teve todos os negociantes nefastos na Inglaterra atrás dele, oferecendo a fortuna do rei para levá-lo a bordo de seus navios.

E ela continuou falando

— Ele foi abordado pelos piores do mundo - homens que desejavam transportar armas, ópio, *pessoas*. — Ela balançou a cabeça, como se tivesse visto o rosto do mal

e ainda não acreditasse que existisse. Whit conhecia esse mal. Ele e Devil receberam os mesmos convites que o pai dela. Recusou-os sem hesitação, assim como o conde.
— Nossa empresa teve seus altos e baixos, mas ele *nunca* teria autorizado o roubo de vocês. Nunca.

Nossa empresa. Whit passara tempo suficiente no mundo para saber que as filhas eram muitas vezes dominadas pela lealdade filial quando se tratava de seus pais - mas havia algo mais do que isso nas palavras de Hattie. Ela não se limitou a defender a integridade de seu pai... ela defendeu a integridade de um negócio sobre o qual ela sabia muito. *Por si mesma.*

E uma vez que Whit viu isso, ele não hesitou. — Eu sei.

— *Nunca*, — ela repetiu, antes de perceber o que ele disse. — Você sabe?

— Eu sei. Posso dizer o que mais eu sei? — Ela não respondeu, e ele acrescentou:
— Alguém cometeu um erro, não foi, Hattie?

O mais breve de hesitações. — Sim.

— Eu acredito que não foi ele. E eu acredito que não foi você. E eu acredito que você não quer que eu saiba quem foi, porque você tem medo de outra coisa.

Perder.

Ela balançou a cabeça. — Não, porque nós tínhamos um acordo.

Aquele acordo, o que o mataria se ele deixasse - o que terminava com ela nua em sua cama. — Nós tínhamos isso. E ainda temos. Mas eu lhe disse que não poderia deixar tudo voltar ao normal. Há muita coisa em jogo.

— Não vai, — disse ela, com toda a certeza. — Você será reembolsado. Meu pai nunca se arriscaria a cruzar com você. E eu só quero...

Ele odiava o jeito que ela parou, as palavras que ela se recusou a confiar a ele. *Garota esperta. Você não deveria confiar em mim.* Foi bom que ela não tenha terminado a frase. Se ela tivesse, ele poderia ter decidido dar a ela, o que quer que ela quisesse.

Em vez disso, na esteira de seu silêncio, ele disse, sabendo que ele estava prestes a mudar tudo: — Seu pai não arriscaria, Hattie. Mas seu irmão sim.

Ela congelou por um instante, apenas o tempo suficiente para ele ver como as palavras a golpearam - um golpe que ele tentou dar suavemente, mesmo sabendo a dor que isso traria. Quase instantaneamente ela escondeu a surpresa e ele não pôde ignorar sua admiração.

— Há quanto tempo você sabe?

Ele não queria que ela soubesse que ele sabia desde o começo. — Isso importa?

— Eu suponho que não, — disse ela. — Você prometeu que descobriria tudo.

— Eu fiz.

— Você planeja... — Ela hesitou, e ele se perguntou sobre a pergunta dela - o pânico urgente, mas de alguma forma, sem medo. Por que ela estava protegendo seu irmão tão completamente?

“Minha garota Hattie é inteligente como um chicote”, o conde disse a ele mais cedo, orgulho nos olhos irritados do homem. “Sempre se imaginava como a herdeira - o que era minha culpa por desfrutar de sua companhia. O garoto nunca foi tão esperto. Mas Hattie precisa encontrar um bom homem e ter um bom filho.”

Hattie era esperta, astuta e inteligente, e seria uma herdeira magnífica dos negócios de seu pai. Seria possível que, devido à frustração dela, ele tivesse resolvido o envolvimento de seu irmão nos ataques às remessas dos Bastardos?

Antes que ele pudesse seguir o pensamento, sua frustração explodiu, e ela estreitou os olhos em Whit. — Você negociou de má fé. Você brincou comigo. Você sabia o tempo todo.

— Não foi difícil colocar tudo junto, Hattie. Presumo que seu irmão tenha pensado que ele poderia ganhar algum dinheiro conosco e impressionar seu pai.

— Não foi tão simples assim.

Ele sabia que ela estava escondendo isso, mas a defesa indiferente de seu irmão levou a questão para casa, e Whit descobriu que a admissão tácita nas palavras era mais frustrante do que o esperado.

— Não, não foi simples. Porque ele não está trabalhando sozinho. — Ela se acalmou, surpresa em seus olhos. Surpresa que Augie estava trabalhando com outra pessoa? Ou surpresa que Whit sabia?

— Com quem ele está trabalhando? — Perguntou ela.

Ele não a queria perto de Ewan, que a machucaria sem hesitação se soubesse que puniria Whit. *E puniria.*

— Como você sabe? — Ela pressionou.

Essa foi uma pergunta mais fácil. — Eu fui à procura de informações sobre o seu irmão no momento em que eu soube seu nome e, no final das contas, ele não é muito inteligente.

Ela não respondeu. Ele estava certo.

Whit pressionou. — Pelo que ouvi, Augie Sedley não tem metade do senso comercial de seu pai ou um quarto do cérebro de sua irmã.

Um pequeno tique na esquina de sua boca exuberante. Ele a agradou com isso. E agradá-la agradou-o. Mas agora não era a hora do prazer. — Pelo que ouvi, ele tem um criado que é igualmente pouco inteligente, mas tem um punho pesado e está disposto a dobrar como o gorila pessoal de Sedley.

Ela fez uma careta. — Russell.

Ele endureceu com o nome. No tremor de nojo que ela deu enquanto falava. A raiva disparou através dele enquanto considerava todas as razões possíveis para esse desgosto. Não era raiva. Fúria. Ódio. — Ele tocou em você?

— Não. — Ela balançou a cabeça rapidamente, e a verdade o deixou tonto de alívio. — Não. Ele é apenas um bruto.

— Isso, eu acredito. Ele dá um soco infernal. — Ele levou a mão à nuca, ao local onde ele tinha sido atingido na noite do sequestro.

— Sinto muito, — disse ela, como se fosse a responsável pelo golpe.

Ele ignorou o prazer que as palavras suaves provocaram. — Se isso fosse há um ano, eu não ficaria preocupado nem um pouco, porque os Bastardos são mais inteligentes e mais espertos do que seu irmão e seu comparsa em seu melhor dia. Mas quatro carregamentos foram comprometidos nos últimos meses. Em três rotas diferentes. Eu sei quem está por trás disso e pretendo destruí-lo. Mas eu preciso do seu irmão para fazer isso.

Houve uma pequena pausa enquanto as palavras caíam entre eles, sua lógica clara e infalível. Ela assentiu, parecendo entender que ele não estava pedindo ajuda. Entendendo que ele não poderia permitir outro sequestro. Que ele não permitiria os que já haviam sido cometidos, não se fossem de um inimigo real. De um que ele tinha que se preocupar mais com seu irmão e seu músculo.

— Então, você foi ao meu pai, — ela disse, baixinho. Claro que ele foi até o pai dela. Seu negócio estava em perigo. O mundo que ele construiu. As pessoas que viveram dele. E Hattie não sabia o suficiente para mantê-lo seguro. — Você disse a ele sobre Augie.

Ele ouviu a devastação nas palavras dela. A traição. E inferno se não doesse. — Eu disse.

Ela assentiu, mas não olhou para ele. — Você deveria ter me dito que você ia fazer isso.

— Por quê?

— Porque isso teria sido justo.

Ele desejou poder ver seus olhos na escuridão. Ficou grato por não poder. Porque ele não tinha escolha a não ser desapontá-la. — Justiça não ganha guerras.

Uma pausa. — E isso é guerra?

— Claro que é. Tem que ser.

— Comigo, — disse ela. *Não se você lutar do nosso lado.*

De onde diabos esse pensamento veio? Ele empurrou de lado. — Com nossos inimigos.

— Augie é meu irmão.

Ele não respondeu. O que ele poderia dizer? Ele também tinha um irmão. Uma irmã. Centenas de pessoas que confiaram nele. Pessoas que ele prometeu manter em segurança. Todos ameaçados por Ewan. E pelo irmão de Hattie. Este era o seu único caminho para encontrar vingança.

Ela falou em seu silêncio. — Eu pensei que nós tínhamos um acordo.

Ele deliberadamente entendeu mal. — Você terá seu defloramento.

Ela exalou, firme na noite escura. — Não é como se ele fosse entregar Augie, você sabe. Você colocou uma faca na coxa dele - um fato que meu irmão vai alegremente divulgar no momento em que meu pai o confrontar.

Ela não sabia que seu pai já sabia.

Em outros lábios, as palavras podem ter sido combativas. Mas aqui, nos lábios dela, eram outra coisa. Com raiva, sim. Mas frustradas novamente. Perturbada. Quase em pânico.

Ele deixou o silêncio cair ao redor deles - tempo suficiente para ela se mexer com a atenção dele. E então ele disse: — Do que você tem medo, Hattie?

— Nada.

Ele balançou sua cabeça. — Isso é uma mentira.

— Como você sabe, já que você tem tudo? — As palavras vieram como um choque. — Você, com seu feudo e seu mundo cheio de pessoas que adoram você e seu negócio, um imenso sucesso, enchendo seus bolsos. Você, o tipo de homem temido e reverenciado por seus concorrentes e nenhum deles duvida de sua habilidade. Você é um maldito rei. E como se isso não bastasse, você também é o homem mais bonito que alguém já viu - o que é ridículo, a propósito. — Qualquer prazer que ele pudesse ter sentido com essas palavras desapareceu em sua irritação, e depois sua própria confusão quando ela acrescentou. — Imagine o que é ser *eu*.

O que diabos isso significa?

— Imagine sempre ser aquela pessoa que *nunca vence*. Durante toda a minha vida tenho estado pessimamente perto do que eu deveria ser. Ninguém anseia por Hattie Sedley em seus salões de baile. — Não era verdade. Ele não podia imaginar alguém que não a quisesse em todos os lugares, o tempo todo. — Sou convidada em virtude de ser filha de um homem rico. Um amigo para uma mulher bonita. Hattie, boa para rir, mas alta demais, você não acha? Muito alta, você não acha? Não pode ser ignorada, mas não precisa ser considerada. *Boa e velha Hattie*. Esperta o suficiente, suponho, mas ninguém quer montar uma casa com alguém inteligente... *E Hattie*, tachada no final. Como o cachorro de alguém.

Os dentes de Whit se cerraram com as palavras dela. Com a mágoa nelas, na loucura falada por esta mulher que ele tinha sido incapaz de esquecer desde o momento em que ela tocou sua bochecha naquela carruagem escura. — Quem fez você se sentir assim?

A pergunta veio como uma ameaça e era uma. Whit queria um nome. E ela deu um, como se ele fosse uma criança e ela estivesse explicando algo tão simples quanto o nascer do sol. — Todos.

Houve muitas vezes na vida de Whit que ele quis dizimar Mayfair, mas nunca mais do que naquele momento, quando se viu cheio de um desejo incandescente de destruir o mundo inteiro que fez com que essa mulher se sentisse menos que perfeita. Ele engoliu em seco. — Eles estão errados.

Ela piscou, e algo como desapontamento brilhou em seus olhos. — Não. Se há algo pior do que saber que você está fora do lugar, é ser dito que você se encaixa. —

Ela deu uma risadinha, que desmentia suas palavras. — E, além disso, quando você nasce a antítese de tudo o que o mundo valoriza, você aprende a se ajustar. Você aprende a ser o cachorro. Todo mundo gosta de cachorros.

Ele balançou a cabeça. Abriu a boca para dizer como ela estava errada.

Mas ela ainda estava falando, essa mulher que parecia nunca parar de falar. E ele esqueceu de falar, porque gostava tanto de ouvi-la. — Não posso ganhar o jogo dentro daquele salão. Mas eu pensei que poderia ganhar outro. Eu poderia ganhar os negócios da família.

Seu pai havia dito isso, mas agora, em seus lábios, as palavras o prendiam, ainda mais quando ela se aproximou dele, um dedo brandido como um sabre. — Eu sou *boa* nisso.

Ele não hesitou. — Eu acredito nisso.

Ela o ignorou. — E não apenas com os livros. Não apenas com os clientes. Com tudo isso. Os homens nas docas precisam da Navegação Sedley para manter seus ganchos funcionando e pagá-los bem. Os homens que carregam o armazém. Os cocheiros que entregam a carga. Nós empregamos um pequeno exército e eu os conheço. Cada homem. Eu conheço as esposas deles. Seus filhos. — Eu... — Ela hesitou. — Eu me *importo* com eles. Todos eles. Tudo isso.

Ela estava ficando mais frustrada e ele entendeu - a raiva, a preocupação e o *orgulho* que a atravessava. Ele mesmo sentiu isso quando estava na sarjeta, onde ele, Devil e Grace construíram um mundo a partir disso para pessoas cuja lealdade os recompensava grandemente. Essa mulher amava seus negócios, assim como Whit amava o dele. Ela amava as Docas, assim como Whit amava o Jardim.

Eles eram um par.

— Você é melhor nisso do que a maioria dos homens em Londres. — Ele não tinha que ver para saber.

— Eu posso amarrar uma vela com um vento forte, — ela acrescentou, — e enfaixar um ferimento de faca - muito obrigado por quase matar meu irmão, a propósito - e consertar qualquer problema que possa surgir - incluindo aquele em que meu irmão idiota se meteu, enfrentando dois dos homens mais poderosos de Londres. Mas *não sou boa o suficiente*.

Agora que ela havia começado, não conseguia parar e Whit descobriu que ele não queria que ela parasse; ele queria que ela continuasse. Ele ouviria sua raiva para sempre, mesmo quando sua mente já estava trabalhando para mudar isso. Para firmar isso. Para dar o que ela queria.

Impossível, se ele fosse fazer o que era necessário.

Ela continuou falando. — Deveria ser *meu*. Deveria ser meu e não simplesmente porque eu quero. Deus sabe que eu quero, tudo isso. Eu quero o tinteiro e os antigos balanços e o cordame e a resina no porão e nas velas. Eu quero a *liberdade*. Mas, mais do que tudo isso... Eu ganhei. — Ela fez uma pausa para respirar e uma visão brilhou, manchas de tinta em seus pulsos no bordel. Prova de sua paixão, como se

a maneira como ela vibrava antes dele agora não fosse suficiente. — E você sabe o que meu pai disse?

— Ele disse que você é uma mulher, então você não pode tê-lo. — Era besteira.

— Ele disse que eu sou uma mulher, então eu não posso tê-lo, — ela repetiu, estreitando o olhar sobre ele. — Mas, por eu ser uma mulher não deveria impedir nada disso.

— Não. Não deveria.

Ela estava se erguendo novamente. — Estou tão cansada de ser informada o que deveria fazer. Me disseram que eu não conheço minha própria mente. Me disseram que eu não sou forte o suficiente. Nem sou inteligente o suficiente. Eu sou.

— Você é. — *Cristo. Ela era.*

— Eu sou forte, — ela insistiu.

— Sim. — *Mais forte que qualquer músculo do Jardim.*

— Eu sou *extremamente* inteligente. Eu sei que uma mulher não deveria dizer uma coisa dessas, mas, inferno, eu *sou*.

Ele estava louco pelo fato de ela ter dito isso. — Eu sei.

— O fato por eu ser diferente, — ela acenou com a mão sobre o corpo — *detalhes...* não deveria importar. Especialmente esses detalhes. — Ela parou. Balançou a cabeça. — De jeito nenhum.

Ele não trocaria seu corpo por nada. — Concordo.

Ela piscou. — Você concorda?

Ah. Ela retornou para ele. — Eu concordo.

As palavras roubaram seu ar, deixando-a respirando pesadamente na escuridão. — Oh.

Ele supôs que deveria ter visto isso antes. Deveria ter entendido isso. Ela queria a Navegação Sedley. Ela queria os barcos e as docas e o mundo, e ela deveria tê-los. — Não tenho dificuldade em acreditar que você pode administrar esse negócio melhor do que eles.

— Certamente melhor que Augie.

Seus lábios se contraíram em seu suave resmungar. — Pelo que ouvi, há alguns gatos muito inteligentes nas docas que poderiam fazer melhor que seu irmão. Eu estava falando de seu pai.

— Bem, ele fez isso tão bem que eles lhe deram um título.

— Não me impressiono com títulos.

Ela encontrou seu olhar. — Eu não deveria ter dito o que eu disse sobre você. Sinto muito.

Ele não estava disposto a permitir isso. — Você me chamou de bonito. Você não pode voltar atrás.

— Qual seria o ponto? Isso é óbvio.

Ele sabia que ele era bonito; ela não era a primeira mulher a dizer isso a ele, nem a centésima, e ainda assim, ouvi-la era diferente de ouvir dos outros. Como se ele tivesse merecido isso dela de alguma forma. Impossivelmente, o calor se espalhou por suas bochechas novamente, e ele ficou muito grato pela escuridão. Se os garotos do Jardim soubessem que o Fera imperturbável havia corado duas vezes esta noite, ele nunca teria outro pinga de respeito. Ele limpou a garganta. — Obrigado.

— Por nada.

Ele deveria devolvê-la à casa, essa mulher que o resgatou e não pediu que ele se explicasse. Nem sequer se demorou nos eventos de lá de dentro. Em vez disso, ela lhe contara sobre a última e miserável dança que tivera. E ele não lhe disse nada.

Ele não queria devolvê-la. Ele queria lhe dizer algo. — Acho que você gostaria de minha irmã.

Hattie congelou com as palavras. — Eu não sabia que você tinha uma irmã.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre mim.

— Se ao menos houvesse alguma maneira de você me dizer essas coisas. Algum tipo de comunicação verbal que você possa tentar. Transformando todos os seus rosnados e grunhidos em palavras discerníveis. Uma língua falada de algum tipo, completa com significado.

Ele grunhiu sua diversão e ela sorriu. — Você quer ouvir sobre ela ou não? Seus olhos se arregalaram. — Absolutamente.

— Minha irmã nasceu mulher no mundo dos homens. Meu pai costumava dizer que ela tinha um único propósito, e ela não foi capaz de alcançá-lo.

— Uma decepção desde sua primeira respiração, — disse Hattie, muito familiarizada com a ideia.

— E a cada respiração depois, — Whit concordou, evitando a verdade completa da história. A parte em que seu pai nunca pretendia que a menina bastarda, - que não era do seu sangue, - fosse útil apenas como um espaço reservado para seu futuro herdeiro, para viver além de seu décimo quarto aniversário. Em vez disso, ele pulou para o meio do conto. — Quando tínhamos catorze anos, Grace, Devil e eu fugimos - para começar nossas vidas fora do controle do nosso pai. Chegamos na cidade e encontramos o caminho para Covent Garden. Pensei que poderíamos ir para...

Para a mãe dele. A única das mães deles que ainda estava viva naquela época.

Ele enfiou a mão no bolso, pegando o segundo relógio de seu bolso na mão. O olhar de Hattie acompanhou o movimento e, por um momento insensato, ele pensou em contar tudo a ela. Mas dizer a ela a traria muito perto. E ele não podia permitir que ela chegasse tão perto.

Ele balançou a cabeça e voltou sua atenção para ela. Limpou a garganta. — É suficiente dizer que não poderíamos ter sobrevivido sem Grace. Ela era mais inteligente e mais forte do que o resto de nós, de longe. Independente dela ser uma mulher. — Grace poderia não ser sua irmã pelo sangue, mas ela era sua irmã em espírito.

Ela sorriu para isso. — Onde ela está agora?

Ele não sabia. Grace deixou a cidade depois que Ewan voltou, sabendo que ele a procurava. Sabendo que a última vez que Ewan a viu, ele tentou matá-la. Eles disseram a Ewan que ela estava morta, e ele quase matou Devil quanto escutou isso, depois saiu mais furioso do que antes. Ela estava de alguma forma mantendo seus negócios fugindo do esconderijo, mas ainda assim, ela não havia retornado.

No silêncio, Hattie disse: — Bem, onde quer que ela esteja, agradeço que vocês tenham um ao outro.

Não seja gentil comigo, Henrietta Sedley. Eu não mereço isso.

Ele forçou seus pensamentos por um novo caminho. — Corpo. O negócio. Casa. Fortuna. Futuro. — Seus olhos se arregalaram na menção da noite em que eles se encontraram. — O corpo gera negócios. Você acha que ao arruiná-la eu vou te deixar mais perto da Navegação Sedley.

Ela olhou de volta para a casa, onde sem dúvida Londres estava intrigada com a forma como ela o levou para os jardins. — Nós descobriremos em breve. Estou verdadeiramente bem arruinada depois desta noite.

— Você não está nem perto do tipo de ruína que você quer, — ele disse mais casualmente do que se sentia, com a ideia de tê-la sozinha para que ele pudesse fazer a ação corretamente. — E chegaremos a isso, mas primeiro, o corpo gera negócios, e a fortuna gera futuro. Assumindo que você consiga o negócio.

Sua atenção se voltou para ele. — Eu vou conseguir.

Ele ignorou o voto e o sussurro de culpa que veio com ele. — E a casa? Você espera que seu pai lhe dê o negócio, mas não deixe você ficar na casa da sua família?

— Claro que ele deixaria. Mas uma mulher de negócios requer que ela tenha um lar próprio. Cheio de uma vida que ela criou para si mesma. Uma que ela *escolheu* para si mesma.

— Que ela criou?

— Não é? — Ela perguntou, não esperando que ele respondesse antes de acrescentar, — eu aposto que você criou. Algum tipo de covil nas profundezas de Covent Garden. Cheio de.... — Ela parou e ele ficou atento na pausa. — ...plantas ou algo assim.

Ele piscou. — Plantas?

— Você parece o tipo de homem que tem plantas.

— Plantas em vasos?

— Não. — Ela balançou a cabeça, como se tudo isso fosse perfeitamente normal. — Plantas exóticas. Coisas que uma pessoa não poderia encontrar sem uma excursão séria por outro continente.

Ele riu disso, surpreendendo-se com o modo como ela o deixava mais leve. — Eu nunca estive fora da Grã-Bretanha.

Seus olhos se arregalaram. — Mesmo?

Ele encolheu os ombros. Onde um menino criado na sarjeta iria?

— Bem, então, — disse ela, acenando para longe no momento. — Vasos de plantas, então.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não tenho plantas.

— Oh. Você deveria pegar um pouco.

Ele resistiu à vontade de continuar seu caminho louco e em vez disso, disse: — E você... você tem uma casa em mente? Para manter suas próprias plantas?

Ela sorriu. — Na verdade, eu tenho.

— Onde? — Ele não deveria se importar. Mas ele se importava - ele queria saber sobre esse sonho dela - a parte que ia muito além do que ele já tinha visto. Ele queria que ela compartilhasse com ele. Que ela o escolhesse para compartilhar.

O prazer que ele sentiu quando ela fez exatamente isso foi imenso, enchendo as partes mais escuras dele quando ela estendeu sua mão e apertou a dele, levando-o para o lado mais distante dos jardins. Não era de admirar que ele seguisse ela sem questionar.

Hattie o levou a um pequeno banco de pedra a vários metros de distância, encostado contra a parede de tijolos que separava os jardins de Warnick House dos vizinhos. Torcendo a mão em seu aperto, ela usou a mão livre para levantar as saias e subiu no banco. Ele instantaneamente a ajudou, fornecendo força e equilíbrio enquanto ela se posicionava ali.

— Obrigada. — Ela soltou a mão dele, imediatamente a oferecendo de novo. Em um convite.

Ele não aceitou, mas se juntou a ela de qualquer maneira. — Isso é inesperado.

Ela sorriu, sua excitação inebriante. — Você não passa muito tempo de pé em bancos com mulheres?

Ele ofereceu um grunhido em resposta.

— Mas você já escalou uma parede em algum dia.

Suas sobranceiras se ergueram. — Estamos escalando uma parede hoje à noite, minha senhora?

— Eu não gostaria de arruinar seu traje bonito, — ela brincou, — mas podemos olhar. — Ela apontou por cima do muro. — Veja.

Ele olhou, vendo o que alguém poderia ver em tal situação. Um jardim escuro, uma casa mais escura além. Ele não entendeu imediatamente - não até que ele olhou para ela, seu olhar fixando-se em seu perfil, sua pele brilhando pálida na luz da Warnick House, seus olhos rastreando a escuridão, como se ela pudesse ver todas as nuances da casa e dos jardins sem necessidade de luz.

Havia mais do que isso, no entanto. Juntamente com a leitura, havia algo completamente diferente - desejo.

— Esta é a casa, — disse ele.

Ela se virou para ele. — Número quarenta e seis Berkeley Square. A antiga casa do Barão Claybourne.

— E você a quer.

Ela assentiu. — Eu quero.

— E você quer o negócio.

Ela encontrou seus olhos, honestidade clara e inflexível em seu olhar. — Eu quero.

E por que ela não poderia tê-lo? Por que ela não deveria? — Consiga.

Ela lhe deu um olhar seco. — Eu pretendia. Augie ia se afastar e dizer ao nosso pai para me dar os negócios. Se eu te mantivesse longe dele. — Ela deu de ombros. — Tudo começou a dar errado.

Os punhos de Whit se fecharam. Ele não podia garantir que, caso ele encontrasse August Sedley, não colocaria o punho diretamente no rosto do homem. Que tipo de homem enviava sua inocente irmã para travar sua guerra? O mesmo tipo de homem que veio para os Bastardos sem pensar.

Não. August Sedley não sairia dessa ileso. Mesmo que ele não tivesse se envolvido com Ewan, não se podia confiar em Augie para administrar uma das maiores empresas de transporte marítimo nas docas e administrá-la bem para manter os homens no trabalho e as famílias saudáveis.

Mas Hattie... Hattie, que amava feijões franceses em Covent Garden e comprava flores murchas somente para ajudar - ela era confiável.

Ela queria o negócio e Whit poderia dar a ela.

— E se eu ajudasse?

A suspeita explodiu em seus olhos. — Por que você faria isso?

Porque eu quero que você tenha tudo que deseja. — Porque você deveria ter. Porque a Navegação Sedley iria prosperar com você no comando. Porque as docas precisam de empregadores que sabem que os trabalhadores fazem um mundo. E você é forte o suficiente para ser um deles.

Ela encontrou seu olhar. — Para ser o melhor deles.

Um lado de seus lábios se levantou em um pequeno sorriso. — Sim.

— Você não sabe disso.

— Eu sei.

— Então, você o adiciona à lista de demandas para o meu pai? Meu irmão desiste do seu verdadeiro inimigo, e meu pai me instala como sua sucessora, e você não derruba tudo isso a nossa volta?

Garota esperta. Uma pausa caiu, a verdade nela.

— Então, eu entendo que seja... por causa de sua benevolência.

Um fio de desconforto sussurrou através dele. — Pelo amor de Deus, Hattie, quem se importa como você consegue isso?

Ela sorriu, a expressão sem humor. — Isso falado como um homem que nunca teve que provar que ganhou o que tinha. — Ela fez uma pausa. — Eu quero o negócio por meu próprio mérito, ou nada disso.

— Você duvida que merece isso? — Ele perguntou.

— Não.

— Então pegue. E prove seu mérito como chefe.

Ela o observou por um longo momento, até que Whit ficou desconfortável com seu olhar inflexível. Ainda assim, ele resistiu ao impulso de desviar o olhar. Ele era um dos Bastardo de Bareknuckle, pelo amor de Deus, e ele se recusava a ser encarado por uma dama de Mayfair - nem mesmo uma que estava prestes a administrar uma das maiores empresas de transporte marítimo de Londres.

Se o pai dela concordasse.

Ele concordaria. Whit não lhe daria escolha.

Finalmente, Hattie sussurrou: — Você pode conseguir para mim.

— O ano de Hattie.

Ela sorriu, alegre e bonita. — E o que isso nos fará? Conhecidos de negócios?

Por que essa ideia o agradou tanto? Ele rosnou um pouco e puxou-a para ele. — Nós já temos um acordo. — Ela ofegou com as palavras dele, o lembrete da promessa que ele fez a ela todas aquelas noites atrás para tirar sua virgindade. Para dar-lhe domínio sobre o corpo dela.

— Quando? — A pergunta era baixa e doce, também cheia de antecipação, e pontuada por seu rosto inclinado para ele.

Em um instante, Whit estava doendo por ela, e ele rosnou baixo e escuro. — Não em um jardim de Mayfair.

— Se não for logo, não terei outra escolha senão te encontrar de novo. Uma agulha num palheiro de Covent Garden. — Aquelas palavras o abriram vivo com sua promessa. Quando ele gostou de uma mulher tanto quanto desta? Quando ele se sentiu tão bem assim?

Ele baixou a cabeça e chupou o sorriso do seu lábio inferior, até que ela suspirou.

— Logo, — ele sussurrou, quando ele terminou. *Esta noite talvez.*

Amanhã. Ela não hesitou. — Por favor.

Que palavra magnífica. — Volte para seu baile, guerreira, — ele sussurrou, pressionando um beijo demorado em seus lábios. — Eu vou te encontrar.

Ele a observou voltar pelos jardins, subir as escadas e entrar no salão de baile, seu olhar não deixando a seda vinho de seu belo vestido. E por um momento, enquanto ele a observava, os pensamentos de Whit vagaram por lugares onde ele nunca os permitia ir. Lugares que o tentavam com palavras como *felicidade*. E *prazer*.

E *esposa*.

Ele endureceu por esse pensamento final, mas não o afastou, em vez disso deixou-o ficar, circulando repetidamente, até que a última sugestão de seu vestido de seda foi engolida pela multidão e ele foi deixado sozinho, maravilhado com aquele sentimento singular, algo que ele não tinha sentido em duas décadas.

Esperança.

A palavra estranha roubou seu fôlego e ele inconscientemente levantou a mão, esfregando a tensão que a acompanhava, o modo como isso ameaçava sua certeza.

Não havia tempo para esperança. Nem mesmo quando vinha em pacotes bonitos e descarados, cheirando a amêndoas e com manchas de tinta nos pulsos e sorrisos largos e com covinhas na face. Ele disse a si mesmo, quando se afastava das luzes da casa.

E encontrou Ewan parado na escuridão.

Capítulo Quatorze

Não deveríamos estar aqui.

A memória bateu em Whit ao olhar nos olhos de seu irmão, um âmbar brilhante, da cor idêntica aos olhos de Whit, de Devil e do duque, seu pai. Instantaneamente, ele foi transportado para o momento anos atrás, quando foi guiado – pequeno, nervoso e cheio de algo parecido com esperança - a uma sala de estar na propriedade rural de Marwick para encontrar os meninos que se tornariam seus irmãos e aliados para o próximos dois anos. Lembrou-se deles como se estivessem aqui agora, neste jardim de Mayfair: Devil – impetuoso e ousado, escondendo seu medo, e Ewan - durão, avaliando, os olhos absorvendo tudo, esperto e instantaneamente favorecido por seu pai, que nunca parecia ver a fúria fria que queimava como fogo nele.

Esse fogo não estava mais frio. Esta noite, ameaçava queimar o mundo.

Houve um tempo em que Ewan era o maior deles - mais alto, mais largo e mais forte. Nas memórias de Whit, ele era divino. Cheio de saúde e arrogância. Nada como o homem que agora estava diante dele, uma pálida aproximação do garoto que ele fora um dia. Magro - quase esquelético, com o jeito que suas roupas pendiam de sua longa estrutura - e vazio, com a barba por fazer e olhos selvagens. Feral.

Se vinte anos nas ruas ensinaram algo a Whit, foi isso: homens que não tinham nada para viver eram os animais mais perigosos. Advertência passou por ele, e ele alcançou dentro de seu sobretudo para coletar uma de suas facas.

Ele foi confortado pelo peso frio e pesado em sua mão, pelo conhecimento do ângulo exato do arremesso que instantaneamente derrubaria seu irmão. Ewan tinha

sido o melhor lutador entre eles anos atrás, nunca enviando um punho voando sem atingir seu alvo. E quando eles planejaram sua fuga do pai monstruoso, eles acreditaram que teriam sucesso por causa da habilidade de Ewan.

Vinte anos de um ducado deveriam ter igualado a pontuação.

Mas não foi bem assim.

A última vez que os irmãos enfrentaram Ewan, Devil foi deixado para morrer, trancado no porão do depósito dos Bastardos em Covent Garden. Se não fosse por Felicity, Whit teria sido deixado para lutar sozinho contra o Duque de Marwick.

Como ele poderia fazer esta noite.

— Eu tenho um menino lutando por sua vida em Covent Garden por sua causa.

— Whit deixou seu punho cair ao seu lado, arma na mão. — Dê-me uma razão pela qual eu não deveria me vingar agora.

— Matar um duque é uma ofensa pendente.

— Nós dois sabemos que você não é um duque, — respondeu Whit, apreciando a forma como Ewan endureceu com as palavras. — Augie Sedley não vai mais fazer o seu lance, bruv.

— Eu não me importo com isso; Nunca me importei com isso — disse Ewan, aproximando-se. Whit apertou a mão no punho da faca, as palavras sem emoção inquietantes. — Eu só me importei em como chegar até você. — Seu olhar percorreu o ombro de Whit, para a casa. — E agora eu vejo como fazer isso.

Através de Hattie.

Algo quente e aterrorizante percorreu Whit. — Você olha para mim, Marwick. — Se ele chegasse a três metros de Hattie, Whit o destruiria. — Eu estou aqui e animado pela luta que você quer me dar.

Era hora de puni-lo. Pelo que ele fez para eles quando crianças. Pelo que ele fez ao Devil. Pelo que ele fez aos seus homens.

— Eu quero. Eu quero ver você sangrar neste maldito jardim. Mas eu não posso.

— Whit manteve seu silêncio. — Por causa dela.

Grace. A garota que Ewan tinha amado e perdido.

Quando eles fugiram, ela fez Devil e Whit jurarem que não machucariam Ewan. Ela implorou por isso. *Vocês não conhecem tudo*, ela falou. E por duas décadas, eles mantiveram seus votos. Mas agora? Com o olhar frio de Ewan no local onde Hattie havia desaparecido?

Proteger ela.

Se houvesse uma batalha, seria esta noite.

— Grace não está aqui para nos manter em nossas promessas.

A mandíbula de Ewan se enrijeceu. — Você não diz o nome dela. — Whit não respondeu, observando a forma como os olhos selvagens de Ewan ameaçavam algo pior. Algo que Whit não queria em qualquer lugar perto de Hattie. — Você a deixou

morrer. Eu desisti dela. Eu deixei ela fugir com vocês e vocês não a mantiveram segura.

Isso não era verdade. Devil e Whit estavam escondendo Grace de Ewan desde que partiram, sabendo que ele viria buscá-la, incapaz de evitar isso. A criança que foi gerada por um homem que não era o duque. Grace, nascida do ex-duque e sua esposa, a duquesa. Sua Graça, falsamente batizou um menino e um herdeiro. A sua maneira, apesar de ser ilegal, anunciou o nascimento de um menino e herdeiro. Um espaço reservado para o futuro herdeiro do Ducado de Marwick.

Grace, que, se fosse descoberta e revelada, poderia derrubar todo o ducado e Ewan junto. Alegando que um título falso era punido com a morte.

Não que Grace fizesse isso.

Porque Grace e Ewan foram forjados do mesmo fogo. Primeiro veio o amor, e depois a traição. E Grace nunca veria o garoto que ela amara ser morto. Não depois que Ewan deixou Whit quebrado no chão e veio buscá-la por ordem do pai. Não depois que Ewan levantou a faca e quase a acertou na verdade. Não depois que ele a teria matado se Devil não tivesse intervindo - ganhando a cicatriz perversa em sua bochecha pelo golpe.

Devil, Whit e Grace haviam corrido naquela noite, mas não antes de Whit ter visto o pânico imprudente nos olhos de Ewan - a fúria, a frustração e o medo que o haviam impulsionado a vir atrás deles em primeiro lugar. O desespero para ganhar o ducado. Para ser o herdeiro do pai deles. Todo o resto seria amaldiçoado.

Whit e Devil haviam feito tudo o que podiam para manter Grace escondida - escondê-la em Covent Garden e mantê-la longe do irmão que os procurara desde o momento em que ele atingira a idade adulta, com recursos e determinação. A lealdade do Jardim - além da medida - tinha mantido a todos em segredo até meses antes, quando Ewan os encontrara, meio enlouquecido com sua busca interminável.

Eles mentiram quando ele perguntou por Grace.

Eles disseram que ela estava morta.

E eles o quebraram.

— Você a deixou morrer — repetiu Ewan, aproximando-se de Whit como um cão raivoso, segurando as lapelas e empurrando-o de volta para a escuridão. — Eu deveria ter te matado no momento em que te encontrei.

Whit usou o momento para girar os dois, empurrando Ewan para um tronco de árvore com um baque forte. — Eu não sou mais o nanico, Duque. — Ele levantou a faca e apertou-a na garganta de seu irmão, forte o suficiente para Ewan sentir a mordida afiada da lâmina. — Você tirou a vida de três outras pessoas. Inocentes homens que trabalhavam. Para o que, brincar com a gente? Eles tinham *nomes*. Niall. Marco. David. Eles eram garotos fortes com um futuro brilhante e você os *apagou*. — Ewan lutou, mas décadas em Covent Garden tornaram Whit mais forte e mais rápido. — Diga-me porque eu não deveria destruir você.

Ele poderia. Ele poderia cortar o pescoço do bastardo bem ali. Ewan merecia isso. Pela traição de anos atrás e pelos ataques agora.

Ewan ergueu o queixo. — Vá em frente então. *Salvador*. — Ele cuspiu o nome. — Faça isso.

Eles ficaram no quadro perverso por um momento. Um minuto. Uma hora, suas respirações ficando duras e furiosas no escuro, na sombra do mundo que eles quisessem tanto, que a promessa disso os colocou um contra o outro.

Os olhos âmbar de Ewan se estreitaram na luz fraca do salão de baile, a única manifestação externa de sua irmandade. Onde Whit tinha cabelos escuros e pele morena - o produto de sua mãe espanhola - Ewan era uma cópia próxima de seu pai, alto e louro, com ombros largos e queixo largo.

Whit recuou. Liberando Ewan. Entregou um golpe diferente. Um pior. — Você parece com ele.

— Você acha que eu não sei disso? — Uma pausa. — O que você teria feito para matá-lo então?

A verdade veio instantaneamente. — Qualquer coisa.

— Por que não eu, agora? — Ewan disse.

Uma dúzia de respostas, nenhuma delas o suficiente. Grace, implorando para que não o machucassem quando menina, e depois, como mulher, ameaçando-os se eles o fizessem. A ameaça de prisão por matar um colega. A ameaça a Devil e Whit. Para Grace. Para o território deles.

Whit observou seu meio-irmão por um longo momento, observando as cavidades de suas bochechas, os círculos escuros sob seus olhos frenéticos. — Seria um presente, — disse ele. — Se eu tirasse de você. A vida. As memórias. A culpa. — O olhar de Ewan ficou assombrado. E então, do nada, Whit acrescentou: — Você se lembra da noite na neve? — O outro homem se encolheu. — Começou com aquele jantar enorme, não foi? Tortas de carne e caça, batatas e beterrabas regadas com mel, queijo e pão integral.

Ewan desviou o olhar. — Essa foi a primeira pista. Nada de bom nunca veio de conforto em Burghsey House.

Após a refeição, os três rapazes foram levados para fora com nada mais do que suas roupas normais - sem casacos, chapéus, cachecóis ou luvas. Era janeiro e fazia um frio intenso. Havia nevado há dias e os três tremeram juntos, enquanto o pai distribuía o castigo por pecados desconhecidos.

Não. O pecado tinha sido claro. Eles se uniram. Aliados contra ele. E o Duque de Marwick temia isso.

“Vocês não estão aqui para serem irmãos,” ele cuspiu, seu olhar cheio de fúria inabalável. *“Vocês estão aqui para somente um de vocês ser Marwick.”*

Não era novidade. Ele tentou separá-los uma dúzia de vezes antes. Cem. O suficiente para que eles tentassem fugir em mais de uma ocasião, até descobrirem que ser apanhado era inevitável, e as punições do pai pioravam a cada infração. Depois disso, eles pararam de fugir, mas permaneceram juntos, sabendo que eram mais fortes juntos.

Depois que ele falou sobre lealdade ao título acima de tudo - acima de Deus - ele os deixou tremendo no frio com instruções claras. Havia uma cama lá dentro para um deles. Mas só para um deles. O primeiro a trair os outros iria obtê-lo. E os outros - eles passaram a noite na neve. Sem abrigo. Nem fogo. Se morressem, que assim fosse.

Whit observou o rosto do seu outrora aliado. — Quando ele nos deixou no frio, você se virou para mim, e se lembra do que me disse?

Claro que ele se lembrava. Ewan poderia ter ficado, mas ele foi quebrado pelo lugar como eles tinham sido. E agora ele era duque, usando o rosto do pai e o título e o legado vergonhoso. — *Não deveríamos estar aqui.*

Com o duque. Na propriedade. Eles não deveriam ter seguido as promessas bonitas de seu pai - saúde e riqueza e um futuro sem preocupações. Sem nunca precisar se preocupar. Com privilégio e poder e tudo o que vinha com benevolência aristocrática.

Na sequência do pronunciamento, os meninos entraram em ação, sabendo por experiência que eles viveriam ou morreriam naquela noite juntos. Eles procuraram por qualquer coisa que pudessem encontrar que estivesse seco na neve - qualquer coisa que pudesse ser calor.

Whit ainda se lembrava do frio. O medo. A escuridão enquanto eles se amontoavam. O profundo conhecimento de que ele ia morrer e seus irmãos com ele. As tentativas desesperadas e fúteis de permanecer vivo. A necessidade dolorosa de uma criança por sua mãe.

— Mas não era verdade, era duque? Eu não deveria estar lá. Nem Devil. Mas você - você deveria estar lá, não era? Porque você é um personagem de contos de fadas. O menino nascido na lama de Covent Garden, que conseguiu um ducado. O maldito herói da trama.

Ewan não revelou vergonha na sequência das palavras, e isso foi o suficiente para fazer Whit continuar. — Mas isso também é mentira. Você nunca foi um herói. E você nunca será. Não com seu nome roubado e seu ducado de merda, construído nas costas de seus irmãos. — Ele fez uma pausa, e levou o assunto para casa. — E a garota que você afirma ter amado. Quem nos salvou a noite toda.

Eles teriam morrido. Se não fosse por Grace.

Grace, que os encontrou no resfriado e os resgatou, arriscando sua própria pele. E naquela noite, um grupo de três pessoas se tornou quatro. — Que você parece não lembrar.

— Eu lembro — disse Ewan, as palavras entrecortadas e quebradas. — Eu me lembro de cada maldito suspiro que ela tomou na minha presença.

— Até o que ela usou para gritar quando você tentou matá-la? — O que restava da compostura de Ewan se despedaçou, e Whit deixou a aversão abafar sua voz, junto com o jardim. — Não. A morte é boa demais para você, bruv. Não importa o quanto você mereça. Você não consegue sua luta.

A fúria retornou ao rosto de Ewan, fúria e algo estranhamente parecido com traição. — Eu não posso matar você, — disse Ewan, as palavras entrando em um frenesi. — Eu não posso ir contra você. — *Por quê?* Whit não disse isso. Ele não precisou. — Vocês dois, são o que sobrou dela.

Grace. A garota morta que não estava morta.

Whit encontrou aquele olhar selvagem - tão parecido com o dele. — Ela nunca foi para você.

As palavras não foram um golpe, mas congelaram Ewan em suas trilhas. E então elas o incendiaram. — Eu não posso te matar, — ele repetiu, cheio de fúria. — Mas eu posso acabar com você.

Whit virou-se, pois sabia quando um homem perdia a razão, quando via um.

E então: — É melhor você vigiar a sua dama, Salvador.

Whit congelou com aquelas palavras, no modo como elas caíam como pedras na escuridão entre eles, como se fossem completamente faladas por outro homem. Não mais cheio de raiva explosiva; mas, em vez disso, toda a ameaça fria, mais perturbadora do que a que viera antes.

Mais ameaçadora.

Whit virou-se, com o coração na garganta e a faca na mão, resistindo ao impulso de arremessá-la profundamente no peito do homem que um dia ele pensou ser seu irmão. Em vez disso, ele prendeu Ewan com um olhar gelado e disse: — O que você disse?

— Pelo que ouvi, Henrietta Sedley passa muito tempo e desacompanhada e livre das proteções de Mayfair. — Uma pausa, depois uma risada baixa. — O que explica como ela veio aqui esta noite, te encontrando e fazendo acordos com você.

Todo o corpo de Whit se apertou como uma corda de arco, preparado para deixar voar. — Você não chega perto dela.

— Não me obrigue a isso.

— O que diabos isso significa? — Whit não teve que perguntar. Ele sabia.

— Eu vi vocês juntos. Eu vi o jeito que você prometeu a ela o mundo. As estrelas nos olhos dela. As estrelas no seu. Como se ela fosse sua felicidade. Como se ela fosse sua esperança.

Essa palavra novamente. Como uma arma.

Como a verdade.

— Mas você nunca será capaz de protegê-la. Não de mim.

Whit não jogou a faca. Ele perdeu o cálculo frio necessário para fazê-lo, para sentar profundamente no peito esquerdo de Ewan e parar seu coração e essa loucura com um golpe perfeitamente colocado. Em vez disso, ele foi para Ewan como ele fazia quando eles eram crianças, medo e fúria impulsionando-o para uma luta que teria feito seu pai orgulhoso.

Só que desta vez Whit não era o nanico. Ele era o Fera.

Ele levou o herdeiro para baixo na escuridão, rolando com ele através da sujeira e das folhas, mantendo a mão superior quando ele colocou o punho segurando a faca diretamente no rosto do outro homem. Uma vez. Duas vezes. Sangue jorrou do nariz de Ewan. — Experimente. — Outro golpe direto, Ewan se contorcendo debaixo dele. — Me teste. Vinte anos me fizeram mestre da lâmina afiada. E vou protegê-la com meu último suspiro, Sua *Graça*.

Tudo mudou com o mérito mal calculado, destinado a invocar outra Graça, e fazendo exatamente isso - mas tornando Ewan ainda mais enlouquecido. Com a loucura veio a força. Em fúria, ele lutou de volta, vindo para Whit como um touro fugitivo. — Você não diz o nome dela!

Dentro de segundos, as costas de Whit estavam no chão, a mão segurando sua faca presa no aperto de aço impossível de seu irmão. Eles lutaram, lutando pelo controle, até que Ewan deu um tempo, derrubando a cabeça de Whit de volta ao chão, onde uma grande rocha, invisível à noite, enviava estrelas através de seu campo de visão.

Ele perdeu o aperto no cabo da faca.

E então a lâmina estava em sua garganta. Ele congelou, seus olhos se abrindo para encontrar Ewan olhando para ele, além da razão. — Você saberia se ela estivesse morta?

Whit franziu a testa diante da pergunta estranha. — O que?

— Ela se foi, — disse Ewan, nada fazendo sentido. — Eu a entreguei a você e ela morreu e eu não... — Ele balançou a cabeça, perdido na lembrança. — Eu saberia se ela estivesse morta. E isso está me fazendo... — Ele parou.

Whit esperou, embaixo de sua própria lâmina, vendo a verdade.

Eles quebraram Ewan para proteger Grace.

E agora ele ameaçou Hattie.

Como se tivesse ouvido as palavras, Ewan olhou para ele. — Se eu não consigo amor, você também não. Se eu não tiver felicidade, você não terá. Se eu não tenho esperança, você também não tem.

Com o coração batendo como um trovão, Whit se obrigou a soar calmo. Impassível. — A destruição dela não lhe causará bem algum. Se você quer destruir alguém, então venha a mim.

— Você estava tão ocupado odiando nosso pai que você não aprendeu nada com ele, — disse Ewan. — É assim que vou lhe atingir. E ela é a arma que não hesitarei em usar. Você se importa com ela.

Não.

Sim.

— Você se importa com ela e vai desistir dela. Como eu fiz. Ou eu vou tirá-la de você. Como você fez.

Ali, naquelas palavras, estava o eco do passado deles. O frio e calculista Ewan, que sempre soube a melhor maneira de lutar. O melhor caminho para triunfar. Agora agia como o pai deles, que sempre sabia o melhor caminho para a dor.

A mente de Whit já estava acelerada, desvendando os planos do início da noite, recompondo-os para manter Hattie a salvo. Para mantê-la longe dele. Do perigo.

Ela vai pensar que você a traiu.

Ela vai estar certa.

Não importava. Esticou-se sob a faca, furioso por este momento, mais uma vez com a misericórdia ausente de Ewan. Mas desta vez, não era sua vida na balança. Era algo muito mais precioso. — Se você a machucar, prometo a você e a Deus — duque, que se dane. Grace seja amaldiçoada. O passado seja amaldiçoado — vou te ver diretamente no inferno.

Ewan observou-o por um momento, depois disse: — Eu já estou lá.

E então ele levantou a mão e nocauteou Whit.

Capítulo Quinze

— Agora, esse é um sorriso vencedor.

Hattie terminou de verificar um caixote cheio de sedas que chegara do navio da França - destinado a Bond Street assim que o Armazém Sedley os marcava: chegado e ileso. Com um aceno de cabeça para o operário, ela se virou para encontrar Nora subindo pela passarela, o sol brilhando em seu vestido esverdeado.

O sorriso de Hattie se alargou. — O que você está fazendo aqui?

Nora entrou no convés. — Uma mulher não pode ver a nova chefe da navegação Sedley em sua função?

Hattie riu, a descrição deixando-a ainda mais leve do que estivera no começo do dia. E no dia anterior. E um dia antes disso, na manhã seguinte, quando ela deixou Whit nos jardins escuros de Warnick com sua promessa de corpo e negócios. Ela acenou para um jovem segurando uma caixa semiaberta de alguma coisa. — Não siga ainda.

Nora zombou da palavra. — Se eu aprendi alguma coisa sobre esse homem, é que quando ele promete algo, ele cumpre.

Hattie espiou dentro da caixa aberta, considerando os pacotes de doces dentro. Ela encontrou o olhar do homem que segurava o caixote. — Deveria haver uma dúzia destes.

Ele assentiu. — Tem treze.

Ela marcou o item da lista e assentiu. — Para o armazém. — Ela alcançou e pegou um pacote de doces de framboesa. — Você tem criança em casa, Miles?

O menino - não mais do que vinte e três anos - sorriu. — Sim. Gêmeos. Isla e Clare.

Ela tirou mais dois pacotes e enfiou-os no bolso solto do casaco dele. — Eles ficarão felizes em ver seu papai hoje à noite.

O sorriso se alargou. — Obrigado, Lady Henrietta.

Quando ele passou por Nora com um pequeno aceno de cabeça, a amiga se virou para ela. — Bem, isso foi amável. É uma estratégia vencedora para a nova chefe de negócios.

— Pare de me chamar assim. Você vai amaldiçoar.

Nora afastou a cautela. Claro. Essa era Nora, afinal de contas. — Quantas vezes você acha que Augie distribuiu doces no convés?

— Eu não acho que Augie tenha sequer percebido que os barcos precisam ser descarregados — disse Hattie secamente, afastando-se da gargalhada de Nora para verificar um barril de cerveja belga vindo do porão. — Isso pode ser entregue diretamente ao Jack e Jill, — ela disse ao homem que havia enganchado a carga. Ela apontou para o píer até o pub em questão, passando por quatro navios vazios, enormes navios de cargas que haviam sido esvaziados nos últimos dias, o conteúdo entregue nos armazéns de Sedley.

Os navios silenciosos eram estranhos - os proprietários tendiam a não permitir que os barcos ficassem vazios no porto - especialmente algo tão procurado quanto um cargueiro - capaz de percorrer longas distâncias e com enormes porões esperando para serem preenchidos. Hattie fez uma anotação para falar com os proprietários sobre o desuso. Talvez tenha chegado a hora de a Navegação Sedley aumentar seus negócios de exportação.

— Se me permite? — Nora chamou a atenção de Hattie novamente. — Eu nunca vi você parecer tão gentil. — Ela baixou a voz. — Sr. Whittington certamente conhece o caminho para o coração de uma dama.

Hattie não conseguiu parar o sorriso que veio quando ouviu aquelas palavras, envergonhada, alegre e cheia de antecipação. — Meu pai tem uma reunião com ele hoje.

Nora sorriu. — Que patriarcal. Ele deve pedir sua mão?

Por um instante, Hattie deixou o tom de brincadeira - imaginando o que aconteceria se o homem que toda Londres chamava de Fera invadissem os escritórios do pai e pedisse permissão para se casar com sua filha.

Embora ela lembrasse rapidamente que o casamento significava que ela nunca seria capaz de assumir o negócio, Hattie estaria mentindo se sua primeira reação a aquela fantasia não tivesse sido um coração acelerado e uma imagem fugaz de estar nas docas com ele ao seu lado. .

— Eu garanto que ele não fará isso, — disse ela, empurrando a imagem para o lado. — Eu não o vejo desde a noite em que ele prometeu me ajudar.

— Desde a noite que ele te chamou de guerreira e disse que você era mais esperta do que todos os homens em Londres, você quer dizer.

Calor lavou o rosto de Hattie. — *A maioria* dos homens, — ela qualificou.

— Tenho certeza que ele quis dizer *todos*.

— O ponto é, — Hattie disse, olhando para o pacote de doces em sua mão, passando o polegar sobre as lindas letras francesas. — Ele prometeu me procurar. E ele não veio.

Nora piscou. — Já faz três dias. Leva tempo para cortar a parte *comercial* do Ano da Hattie.

Hattie soltou um suspiro quase agradável. Três dias pareciam uma eternidade longe dele. E estava demorando muito para passar a outra parte. A parte *corporal*.

Mas ele lhe deu um gosto. E essa foi a mais maravilhosa tortura que ela poderia imaginar. Como seria o resto? E uma vez terminado, o que ela faria quando não tivesse uma razão para vê-lo?

Talvez ele continuasse a vê-la.

O pensamento se espalhou através dela, com uma lembrança de seus beijos, seus toques, as magníficas coisas que ele fez com ela naquele quarto escuro na parte de trás do *Pardal Cantante*. Talvez ele estivesse disposto a continuar suas lições.

Três semanas antes, Hattie planejava uma noite em um bordel e agora estava pensando em como poderia convencer um homem a tomá-la como amante. Em deixá-la levá-lo como amante.

— Bem. Esse rubor é muito revelador e eu gostaria muito de ouvir mais sobre o que o causou, — disse Nora, seca e quieta. — Mas estamos prestes a ser emboscadas.

Antes que Hattie pudesse seguir a direção do olhar de Nora, ouviu o pai à distância. — Garota Hattie!

Ela acenou para o conde, aproximando-se com Augie em seu ombro. A visão de seu irmão, parecendo pior pelo desgaste do que ele fez na noite anterior, amarrotado e com a barba por fazer, fez com que Hattie se preparasse para o confronto que sem dúvida estava por vir. Ela se preparou para que o Conde Cheadle observasse seu filho mais novo, durante todo o tumulto, e insistisse em um relatório sobre como Augie tinha entrado em atividade criminosa em nome da Navegação Sedley.

Ela se preparou para ele insistir na cooperação total de Augie com Whit.

E, com o coração acelerado, ela se preparou para anunciar que ele estava, de fato, transferindo o controle da Navegação Sedley para Hattie.

— É isso aí, — ela sussurrou.

O ano de Hattie estava prestes a começar.

— Estarei aqui para brindar a você quando acabar, — disse Nora. — Coragem.

Hattie caminhou do barco para as docas para encontrar seu pai, seus cabelos prateados brilhando ao sol da tarde. Ela se obrigou a se acalmar - e falhou - incapaz de evitar sussurrar de novo, desta vez para si mesma: — É isso aí.

Era isso.

Ela estava pronta.

Exceto que ela não estava pronta para o que seu pai disse antes que Hattie parasse completamente. — Conclua essa remessa e depois volte para o escritório. Eu vendi o negócio.

Não importava que Hattie estivesse olhando diretamente para o pai quando ele falou. Não importava que a audição dela fosse perfeita, assim como a compreensão da língua inglesa.

Ela simplesmente não compreendia o que ele dissera.

Ela claramente ouviu mal.

Era possível que ele falasse em outro idioma?

Não, era inglês. Claro e sincero, na voz firme e envelhecida que ele usava com os homens correndo ao redor deles, que ele tinha vendido o negócio embaixo do nariz dela.

— O que? — Hattie olhou para Augie, cujo olhar era instantaneamente mais claro, a devassidão da noite anterior afugentada. — Você sabia disso?

Augie balançou a cabeça. — Por quê?

O conde nivelou Augie com um olhar frio. — Porque se você pegasse os negócios, você arruinaria tudo.

As sobrancelhas de Augie dispararam juntas enquanto o coração de Hattie pulsava. — Isso não é verdade.

— Ora, — Cheadle zombou, deixando anos na água deslizar em sua voz. — Você nunca quis isso. Você nunca se importou com isso. Sim, você quer o dinheiro que isso oferece e a vida que proporciona, mas os negócios... — Ele balançou a cabeça. — Você nunca quis o negócio. E estou cansado de esperar que você se sinta diferente. — Ele acenou com a mão. — Eu vendi.

— Você não pode! — Augie disse.

— Eu posso, — respondeu o conde. — Eu tenho. É meu. Eu que construí. Eu não vou ver isso sendo levado para o mar. Isso vai para um homem que vai mantê-lo próspero.

Confusão aumentou. Nada disso estava planejado.

Ela olhou para as ripas de madeira sob seus pés, a brisa do rio girando em torno deles. Quantas vezes ela esteve aqui, neste mesmo cais, onde ela costumava se esconder nas sombras dos cargueiros enquanto seu pai terminava seu trabalho? — Pai...

Ele a cortou, levantando uma mão enrugada. — Não, Feijão. — Ela apertou os lábios no nome da sua infância. — Você é uma boa menina. Mas nunca seria você.

Aquelas palavras, tão simples, tiraram o ar de seus pulmões, substituindo-o por uma fúria quente. — Por que não?

Ele acenou com a mão no ar. — Você sabe porquê.

— Eu não sei, na verdade. — Ela ergueu o queixo, odiando o modo como ele evitava seus olhos. — Diga-me.

Depois de uma eternidade, ele encontrou o olhar dela. — Você sabe o porquê.

— Porque eu sou uma mulher.

Ele assentiu. — Ninguém teria levado você a sério.

Ela endureceu com o golpe de seu pai. — Isso não é verdade.

“Não tenho dificuldade em acreditar que você pode administrar esse negócio melhor do que eles.”

A lembrança veio espontaneamente, das palavras de Whit na escuridão. E ele quis dizer *eles*.

Ou será que tinha? Ele não quis dizer o resto, obviamente.

Este não era o plano.

O que tinha acontecido? Onde estava Whit? Um fio de inquietação a percorreu. Ele estava doente? Aconteceu alguma coisa com ele?

Inconsciente do tumulto de seus pensamentos, o conde acenou com a mão no ar. — Uma dúzia de homens nas docas. Um punhado de clientes que atendemos.

Raiva subiu como bile. — Um *punhado*? — Ela disse. — Você sabe o quanto eu me correspondo com nossos clientes? Quão bem conheço os homens nas docas? Quão bem conheço a carga, os navios, as tabelas de marés? Eu tenho mantido esse negócio, enquanto você estava doente. Enquanto ele estava... — Ela apontou para Augie. Olhou para ele, olhando em seus olhos arregalados. *Enquanto ele estava ameaçando tudo.* — Não importa. Estou *bem* pai. Eu conheço esse negócio - tudo isso - melhor do que ninguém.

O vento pegou as palavras e as afastou, junto com seu futuro. A respiração de Hattie ficou dura com sua frustração e seu desejo de provar a si mesma.

Horivelmente, lágrimas ameaçaram.

Não. Ela as dispensou. Ela não conseguia chorar. *Não Choraria.* Droga, por que os homens podiam se enfurecer e brigar sem parar, e no momento em que as mulheres sentiam um pouco de raiva, as lágrimas caíam em uma inundação?

Ela exalou, sua respiração entrecortada. — Isso é tudo que eu sempre quis.

O conde observou-a, avaliando. — Feijão.

— Não me chame assim.

Ele fez uma pausa. Iniciando de novo. — Eles conhecem você. Eles gostam de você, até. Você é uma boa opção para eles - com um cérebro inteligente e uma boca

inteligente. Mas Hattie - eles não teriam trabalhado com você. Não sem um homem para ter certeza de que o mecanismo funcionaria bem.

As lágrimas começaram a arder atrás do nariz, na garganta, onde se prenderam em um doloroso nó. — Isso é besteira.

O antigo capitão do mar em seu pai não recuou diante da maldição. — Talvez... — ele adicionou. — Se você tivesse um marido.

Ela não pôde evitar a risada sem humor que veio com as palavras de seu pai. — Essa coisa de marido sempre foi sua preocupação, pai. Quantas vezes você invocou essa perspectiva como uma razão pela qual eu nunca seria capaz de administrar o negócio?

— Ainda é uma razão. Eu quis dizer antes. Talvez se você já tivesse encontrado um marido antes. Um decente. Com uma cabeça no lugar. Mas isso não aconteceu, não foi?

Não. Porque ninguém queria se casar com ela. Nenhum homem decente, com a cabeça no lugar, iria querer ela como uma esposa – ela era uma mulher imperfeita, que falava o que pensava e tinha interesse em negócios.

Muito impetuosa. Muito descarada. Muito grande. *Demais*.

Muito e ainda... de alguma forma... insuficiente.

Ela olhou para a doca novamente, onde suas botas sujas estavam contra a madeira, descoradas por décadas de chuva de Londres. Ela ainda segurava o pacote de doces, e os documentos de carga para o navio além, agarrados aos dedos manchados de tinta. Quando foi a última vez que ela os viu sem manchas?

Quanto ela trabalhou para isso? Sonhou com isso?

Tanta coisa para o ano de Hattie.

Uma única e pesada lágrima caiu no cais.

Augie amaldiçoou baixinho e falou, surpreendendo a todos. — Por que agora?

— Porque eu recebi uma oferta.

— De onde veio? — Isso, de Augie.

Uma pausa enquanto seu pai pareceu considerar sua resposta. Para considerar *responder*. E nessa pausa, Hattie sabia a verdade. Ela respondeu por ele, o vento chicoteando ao redor dela, puxando seus cabelos das amarras e enviando suas saias para uma dança selvagem. — Salvador Whittington.

O conde olhou para o cais, passando pelos navios vazios e pelo único espaço vazio no outro lado. — Você sempre foi a inteligente.

— Não inteligente o suficiente para você me dar uma chance, — Hattie retrucou.

— Quem é esse Salvador Whittington? — Perguntou Augie.

O conde ergueu os olhos frios para o filho. — Você realmente deveria saber os nomes dos homens que você tenta enganar.

Compreensão amanheceu. — Os Bastardos.

— Inferno, Augie! — o conde trovejou, chamando a atenção de meia dúzia de homens nas docas. — Eu deveria entregá-lo para eles.

Ele não precisava. Eles já sabiam do envolvimento de Augie. Whit já sabia. Ele não precisava do nome de Augie ou do próprio Augie. Ele deveria ter sido pago no conhecimento de Augie. Essa foi a primeira das duas demandas.

Ela alcançou o pai, colocando uma mão urgente na manga do casaco dele. — Espera. Ele não quer o negócio. Quer que Augie lhe diga onde encontrar o homem que comandava os sequestros. — Ela olhou para o irmão. — Você sabe onde encontrá-lo?

Augie balançou a cabeça. — Mas Russell...

Hattie gemeu. — Sim, então. Nós precisamos de Russell. Embora eu odeie precisar dele.

— Tarde demais, — disse o conde. — O bastardo disse que não precisa mais do nome. E então ele me fez uma oferta generosa, com o entendimento de que, se eu não pegar e sair das Zonas das Docas, ele nos incomodará.

Ela ficou confusa novamente. Nada disso foi o que eles combinaram. Whit deveria ter pedido ao conde que passasse o negócio para Hattie. Ele não havia elogiado sua habilidade? Ele não tinha entendido o desejo dela? Ele não tinha dito a ela que a ajudaria? — Não, — disse ela. — Ele prometeu...

Seu pai e irmão a fuzilaram com seus olhares idênticos.

— Você está envolvida com eles também? — Ela odiava a decepção no tom de seu pai.

Augie foi um pouco mais gentil. — Hattie. De que adianta uma promessa de um contrabandista de Covent Garden?

Tinha sido boa.

Sua fé. Sua promessa.

Tinha sido maravilhosa. E uma mentira.

A confusão se desvaneceu em outro surto de raiva. Um novo tipo de raiva - uma que ela sentiu mais do que confortável em agir.

Eles tinham um acordo. E ele renegou em cada parte disto.

Seus dentes se apertaram.

— Inferno, não sei qual de vocês é pior — disse o conde, olhando para Hattie. — Você, por confiar na palavra do Bastardo de Bareknuckle, ou Augie, por não saber quem eles eram em primeiro lugar.

— Eu ouvi falar deles, — Augie se defendeu. — Claro que ouvi.

— Então o que você está fazendo *roubando* deles, seu beberão? — O conde franziu o cenho. — O pior é que Whittington não precisava me dizer. Ele não precisava. Eu posso ser velho, mas tenho um cérebro na cabeça, e conheço bem a carga o suficiente para saber a diferença entre um porão repleto de tulipas e um

cheio de bebida. — Ele apontou um dedo para Augie. — Foi quando percebi que você nunca seria bom o suficiente para administrá-lo.

— Talvez, — Augie admitiu. — Mas Hattie era, e você sabe disso.

Em outro dia, em outro momento, Hattie poderia ter ficado surpresa e mais do que grata pelo apoio de Augie. Mas naquele momento em particular, ela estava ocupada demais ficando furiosa com ele. E com o pai dela. E com Salvador Whittington. Ou Fera, ou qualquer que fosse o nome dele.

Esses homens, membros do único sexo que se acreditava qualificado para dirigir um negócio, e nenhum deles fazendo nada para protegê-lo. A fúria aumentou e ela cerrou o punho, esmagando os papéis do carregamento e o pacote de doces, sem ter certeza de que poderia sofrer outro momento com esses homens. Deixe-os resolver isso. Deixe-os se preocupar. Ela não queria isso.

Mentirosa.

Claro que ela queria. Era tudo o que ela sempre quis.

Mas ela não poderia tê-lo. Então ela estava saindo. *Acabou.*

Ela olhou as docas na linha de barcos vazios. *Os barcos.*

Ela olhou para o pai. — Ele não comprou apenas o negócio.

Ele virou um olhar frustrado para ela. — O que?

— Os barcos estão vazios. — Ela acenou com a mão. — Ele também comprou os barcos. Para nos impedir de usá-los.

O conde assentiu. — Sim. Navios que deveriam estar navegando pela costa, movendo nossa carga. E de repente, nenhum deles está disponível para a Navegação Sedley.

— Temos contratos com esses proprietários, — argumentou Augie.

— Não com os novos donos — disse Hattie, em voz baixa.

— E nem com qualquer outro, também, — acrescentou o conde. — Eles trancaram todas as outras linhas de navegação que funcionam no Tâmis. Ninguém fará negócios conosco. E esta manhã ele fez a sua oferta.

— Para comprar nosso negócio.

O conde assentiu. — Essa foi a opção. Vender para ele ou perder tudo.

— Isso não parece muito uma oferta, — disse Augie.

Porque não foi uma oferta. — Não há nada honroso nisso.

— Eles são chamados de Bastardos de Bareknuckle, Hat, — Augie apontou. — Eles não são exatamente honrados.

Mas eles eram. Ela tinha visto isso nele desde o começo. Whit não mentiu para ela. Na verdade, ele valorizava a honestidade entre eles desde o começo. Mesmo quando ela se recusou a lhe dizer o nome de Augie - sua parte na peça -, ele admirou sua lealdade.

Mas mais que tudo isso, ele *acreditou* nela. Quando ela confessou seus planos - suas esperanças para o futuro, seu desejo pelo negócio, seus planos para isso. E ele acreditou nela. Ele se ofereceu para ajudá-la. Teria sido tudo uma mentira?

E por que parecia uma traição?

Frustração e tristeza arderam em sua garganta. — Ele prometeu que não faria isso.

— Ora, — disse seu pai. — Ele mentiu. Homens como os Bastardos sempre contra-atacam, Feijão. Por que você acha que eu nunca me envolvi com eles? E você foi pega.

Ela se recusou a acreditar nisso. Recusou-se a reconhecê-lo. Ela olhou para o grande navio novamente, seu olhar suavizando na madeira quente de seu casco. Sua mente funcionou, revirando os acontecimentos dos últimos dias - aproveitando as possibilidades. Ela passou anos aqui, trabalhando nessas docas, amando-as.

Este era o território *dela*, não o dele.

Ela não deixaria que ele roubasse debaixo dela.

Bastardo, de fato.

Finalmente, ela olhou para o pai. — Você não deveria ter vendido. Não para ele. Nem para ninguém. — O silêncio se estendeu por uma eternidade, o único som era aqueles gritos dos homens no navio além, descarregando o que poderia ser o último do frete da Navegação Sedley, se os Bastardos de Bareknuckle conseguissem o que queriam. — Você estava com tanto medo de me deixar tentar. Tão apavorado que eu pudesse falhar e envergonhá-la - e você perdeu tudo de qualquer maneira.

E naquele momento, Hattie percebeu que seu pai, por tanto tempo imenso em seu pensamento, era muito menos do que ela jamais foi capaz de ver. Menor e mais magro, de cabelos brancos e com um rosto áspero e desgastado pelo tempo, além de uma covardia que ele escondera durante anos... e não podia mais se esconder.

Aquele homem que construíra um negócio que alimentara sua família e centenas de outros com seu suor e sua ética estava agora cansado e vencido, enfrentando o ignóbil e covarde fim de seu legado - porque não conseguia ver como sua filha poderia ter ajudado a mantê-lo vivo.

Talvez ainda pudesse.

Ela olhou para o irmão e depois para o pai.

— Você pode ter concordado em vender, mas eu não concordei.

As sobranceiras de Augie se ergueram de surpresa e algo mais - admiração?

— Está feito, garota. Não havia escolha.

— Sempre há uma escolha, — disse Hattie. — Sempre há a opção de lutar.

E seu pai a considerou por um longo tempo, um leve brilho nos olhos. Um vislumbre de algo mais que dúvida. — Nenhum homem jamais enfrento os Bastardos e sobreviveu.

Pode ter havido uma época em que ela teria dado atenção àquele aviso. Mas Hattie descobriu que não tinha paciência para advertências naquele momento.

O que havia para perder? Ele já pegou tudo.

— Então é hora de uma mulher fazer isso.

Capítulo Dezesseis

Naquela noite, Nora e Hattie foram para Covent Garden, na carruagem mais rápido de Nora.

— Não quero morrer esta noite — disse Hattie, por cima do som das rodas, agarrando-se à borda do cabriolé, enquanto passava rapidamente por Drury Lane, virando à esquerda, depois à direita, depois à esquerda em rápida sucessão. — Nora!

— Ninguém está morrendo! — Nora zombou. — Por favor. Eu corri com essa beleza ao longo do caminho do Tâmis - e você acha que o Jardim vai fazê-la quebrar?

— Não vamos tentar o destino, é tudo o que estou dizendo, — disse Hattie, segurando o chapéu sobre a cabeça enquanto apontava para uma pista curva virando-se para a esquerda. — Lá.

Sem diminuir a velocidade, Nora dirigiu os cinzas combinados pela rua de paralelepípedos, mais escuros do que as estradas em que estiveram. — Você tem certeza?

Hattie assentiu. — Lá. À Frente. A direita.

Uma lanterna brilhante estava pendurada no alto do prédio, iluminando a placa do *Pardal Cantante*. Nora diminuiu a velocidade dos cavalos. — Eu não sabia que você passava tanto tempo assim no Jardim que já tinha até um pub favorito.

Hattie ignorou o comentário seco. — Fique aqui.

— Não há absolutamente nenhuma chance disso. — Nora desceu do cabriolé, endireitando o sobretudo que usava sobre as calças apertadas de camurça antes que Hattie pudesse responder. — Ele está aí?

— Eu não sei, — disse Hattie, com o coração acelerado ao aterrissar na rua, agradecida por suas próprias calças - vestidas para evitar que ela fosse notada - e pela liberdade de movimento que elas proporcionavam. — Mas é o melhor lugar para começarmos.

Ela não estava saindo de Covent Garden sem encontrá-lo. Sem confrontá-lo.

— Você acha que as pessoas vão nos reconhecer? — Perguntou Nora.

— Eu não sei. — Embora, para ser honesta, a última vez que Hattie estivera nesse pub, ela não se interessara por ninguém além do homem que a trouxera. Calor atravessou-a com a lembrança do prazer que ele provocou nela aqui, seu corpo se contraindo com a antecipação de vê-lo.

Não. Ela não estava aqui por prazer. Ela estava aqui por punição.

Para um confronto.

Nora sorriu. — Então, acho que os que estão reunidos lá dentro verão o que mostramos a eles. Dois cavalheiros bem arrumados - mas não excessivamente ricos - em busca de cerveja.

Hattie olhou para a amiga. — Não estamos aqui para sermos embriagadas, Nora.

— Eu sei. — O sorriso de Nora transmitia entendimento. — Estamos aqui para encontrar o seu Bastardo.

— Ele não é meu, — protestou Hattie. — Embora ele seja um bastardo.

O pub estava repleto de pessoas - homens e mulheres de todas as esferas. Hattie imediatamente reconheceu meia dúzia de trabalhadores das docas, três com suas esposas ao lado, cada um com as bochechas coradas e alegres, e felizes por não estarem usando o gancho naquela noite.

Usando a aba do chapéu para esconder o rosto, Hattie considerou a multidão reunida, muitos dos quais estavam sentados, de frente para um palco vazio, iluminado por dois grandes candelabros. Nenhum sinal de Whit na plateia, mas ela não podia imaginá-lo interessado em tudo o que estava prestes a acontecer aqui.

Nora voltou-se para ela, inclinando o queixo na direção da outra extremidade da sala. — Aquela é Sesily Talbot?

Hattie seguiu o olhar na direção indicada, para a mulher de cabelos escuros e olhos escuros no bar, em um vestido ametista ousado e exuberante, feito para qualquer coisa, *exceto* escapar à atenção. — Acontece que existem aristocratas aqui!

— Nora disse alegremente, aproximando-se de Sesily, que se inclinou sobre o balcão de mogno, sorrindo largamente para o americano que estivera na taverna quando Whit e Hattie estiveram. Hattie demorou um momento para reconhecê-lo, no entanto, quando seu rosto amigável se foi - substituído por uma carranca sombria e irritada.

Nora se aproximou de Sesily, que se virou imediatamente, com um lampejo de frustração nos olhos antes de sua chegada, e imediatamente desaparecendo quando ela reconheceu Nora. — Olhe para você! — Sesily disse alegremente, seu olhar passando de Nora para Hattie, os olhos se arregalando apenas um toque enquanto ela observava o traje da dupla. — E você!

Nora se inclinou. — Estamos disfarçadas.

— Claro que estão! — Sisily riu deliciada, como se a coisa toda fosse uma brincadeira. Sesily era a última das irmãs escandalosas Talbot, que permaneceu solteira e, ao que parecia, perfeitamente feliz em sua solteirice. — Você está linda!

— Seu olhar traçou o casaco e as calças de Hattie. — Você especialmente, Hattie. Embora ninguém com um cérebro na cabeça ache que você é um homem.

Isso era verdade. Hattie amarrou seus seios antes de sair esta noite, mas havia muito a ser feito quando os seios eram de Hattie. Ela deu de ombros na direção de Sesily. — Eu só espero que as pessoas não me notem.

Sesily franziu os lábios. — Por que não?

— É claro que é impossível você imaginar não ser notada. — As palavras vieram em uma carranca do americano, que estava gastando uma quantidade excessiva de tempo limpando o balcão perto delas.

Sesily virou um sorriso brilhante para ele. — Você me deu mais do que suficiente da experiência, Caleb. Afinal, você faz questão de nunca me notar.

Um músculo flexionou na mandíbula do homem e ele se virou para Hattie e Nora. — Algo para beber, *senhores*? — Reconhecimento queimado em seu olhar. — Bem vindo de volta.

Não havia nada escandaloso nas palavras - mas a lembrança que isso evocava fez o olhar de Hattie deslizar para a porta fechada do depósito à distância. Sua boca ficou seca e uma cerveja apareceu na frente dela. — Obrigado, — disse ela, levantando a bebida. — Olá de novo.

— Vocês se conhecem? — Sesily perguntou.

— Hattie já esteve aqui antes — interveio Nora, distraída pela multidão. — Haverá um show hoje à noite?

— Haverá! — Sesily disse, felizmente. — O pardal estará realizando um.

Nora se virou para olhá-la. — O verdadeiro pardal? Mesmo? Eu pensei que ela estava excursionando pela Europa.

Sesily sorriu. — Ela voltou para Londres.

O olhar de Nora se iluminou de excitação. — Você a conhece?

— Eu realmente a conheço. — Ela afastou a informação de outra forma fascinante, virando olhos brilhantes para Hattie. — Por que você está disfarçada?

— Nenhuma razão, — disse Hattie.

— Hattie está caçando, — respondeu Nora simultaneamente.

Hattie revirou os olhos quando os lábios de Sesily caíram em um pequeno O. — *Delicioso. Quem?*

Hattie fingiu inocência. — Quem disse que é um *quem*?

Sesily lhe deu um olhar. — É sempre um *quem*.

Justo. Nora distraiu Sesily com outra pergunta e, enquanto as duas mulheres conversavam, Hattie virou-se para o americano, ainda se demorando do outro lado do bar. — É um *quem*.

A compreensão brilhou em seus olhos bondosos, seguidos por algo como pena. Ele assentiu. — Receio não poder ajudar você.

— Não pode ou não quer?

— Não posso. Eu não o vejo desde que você... esteve aqui.

Ela estava agradecida pela luz fraca na taverna, escondendo seu rubor. Ela se recusou a ser dissuadida. — Eu tenho que encontrá-lo. — Fracasso não era uma possibilidade hoje à noite. Ela não estava deixando ele atropelar a vida dela. — É imperativo.

Caleb Calhoun examinou a multidão atrás dela. Ela seguiu seu olhar, rastreando os homens que ela reconheceu quando entrou. — Muitos estivadores aqui para ele estar nas docas. — Ela sorriu quando o americano pareceu impressionado. — Eu não sou boba.

— Procurar um Bastardo no Jardim sugeriria o contrário, — disse ele, mas seus olhos procuraram os dela, no entanto, por quê... honra? Ela quase riu ao pensar que alguém poderia estar preocupado com o fato de Hattie ser a pessoa desonrosa em sua batalha com os Bastardos de Bareknuckle. Tudo o que ele procurou, ele encontrou. — É quarta-feira à noite. Ele provavelmente está nas lutas.

As lutas. Ela atacou. — Onde?

Ele balançou sua cabeça. — Eu não sei. É um lance em movimento. Se eles não querem que você o encontre, você não vai encontrar.

A frustração aumentou, e ela enfiou a mão no bolso, extraindo o dinheiro e colocando no bar. Calhoun acenou. — Por conta da casa.

A gentileza nos olhos do americano era um conforto. — Obrigado.

Sesily levantou os olhos da conversa com Nora. — Caleb, você nunca é tão legal assim comigo!

O barman rosnou em resposta, virando-se, mesmo quando Sansily o observava, e se Hattie não estivesse enganada, havia ansiedade no rosto da irmã Talbot. Saudade e algo parecido com frustração.

Deus sabia que ela entendia *disso*.

Nora acenou com a cabeça na direção de Hattie. — Pronto?

De fato. Elas tinham um ranque de luta para encontrar.

Ela deu um largo sorriso para Sesily antes de inclinar a cabeça em uma despedida formal. — O dever me chama.

Elas empurraram a multidão, mais espessa e mais barulhenta do que quando chegaram. Hattie nunca ficara tão grata pelo ar frio da rua. Quando chegaram ao veículo novamente, ela parou e respirou fundo. *Onde ele estava?*

Este homem, a quem ela não conhecia, que ela não *queria* saber, e que de alguma forma havia virado toda a sua vida de cabeça para baixo com sua presença e sua vingança e seus malditos *beijos*. Hattie não podia ter certeza de que não estava atrás de mais, e isso era extremamente exasperante.

Onde ele estava?

Ela tinha coisas a dizer para ele.

— Hattie? — Ela olhou para cima. Nora estava sentada, pronta para ir, olhando para ela. — Para onde?

Hattie sacudiu a cabeça. — Eu não sei. — E então, porque ela não conseguia parar... — *Esse maldito homem está arruinando tudo!*

A frustração de Hattie ecoou nos prédios ao redor delas.

Quando o silêncio caiu novamente, Nora assentiu. — Nós vamos encontrá-lo.

E a certeza na palavra – *nós* ali – poderia ter feito Hattie chorar. Teria feito, se não fosse pelas palavras que imediatamente se seguiram, faladas da escuridão atrás dela. — Você gostaria de alguma ajuda?

Hattie virou-se para a pergunta quando três mulheres saíram do fundo, cada uma usando um longo casaco sobre calças e botas altas, cabelos enfiados sob as toucas. E ali, sob a roupa da mais alta - a que era quase da altura de Hattie e a quem ela identificou como a líder -, estava o flash de uma arma.

Deslizando a mão no bolso, tocando a lâmina ali, Hattie deu um passo para trás. — Que tipo de ajuda?

Não houve malícia no sorriso que a mulher mostrou. — Lady Henrietta, eu estou mais do que feliz em apontá-lo na direção do Fera.

Como ela sabia?

A testa de Hattie franziu-se. — A gente se conhece?

— Não.

— Então como você sabe meu nome?

— Isso importa?

— Suponho que não, mas eu gostaria de saber de qualquer maneira.

A mulher riu, baixo e exuberante. — Eu faço questão de saber o que as mulheres estão procurando e o que lhes dará satisfação.

— Isso é útil, — disse Nora de seu lugar na pequena carruagem.

A misteriosa mulher não desviou o olhar de Hattie, advertindo, ironicamente: — Esta noite é a noite de Lady Henrietta, Lady Eleanora. Você terá sua vez.

— Eu não poderia concordar mais, — disse Nora, como se tudo isso fosse perfeitamente comum.

Não era nada comum. Mas havia algo assim desde que ela conheceu Whit? Desde que ela encontrou seu caminho para Covent Garden e este mundo largo foi desbloqueado para ela? Hattie não negaria a emoção disso. A mulher estava certa - não importava como ela conhecesse Hattie. O que importava era que ela estava disposta a ajudar. — Você sabe onde ele está?

Uma inclinação da cabeça.

— E você vai nos levar até lá?

— Não, — disse ela, enviando decepção através de Hattie como um choque. — Mas eu vou te dizer para onde ir.

Alívio inundado. — Por favor.

Lábios vermelhos sorriram. — Tão educada. Ele não merece você, você sabe.

Hattie combinou com o tom seco. — Garanto-lhe, senhora, que ele merece exatamente o que pretendo entregar-lhe.

A risada da mulher era plena e honesta, e Hattie imaginou que ela era o tipo de pessoa que poderia ser uma amiga maravilhosa se não fosse tão misteriosa. — Justo. Você encontrará o Fera no celeiro. Siga o rugido da multidão. Ele será o vencedor.

Hattie acenou com a cabeça, uma onda de excitação queimando enquanto olhava para Nora.

Sua amiga assentiu. — Nós vamos encontrá-lo.

Hattie subiu na pequena carruagem ao lado de Dora e olhou para a mulher. — Devo dar-lhe os seus cumprimentos?

— Eles serão entregues junto com você, minha senhora, — veio a resposta das sombras, as mulheres já fora de vista, com o cabriolé em movimento.

Levaram menos de um quarto de hora para chegar ao celeiro, com meia dúzia de silos escuros e agourentos à beira do rio. O vento de outubro açoitava o rio Tâmis, afiando sua lâmina ao atravessar os prédios desabitados. Em outra dessas noites - a falta de lua impossibilitando ver - não teria entrado no espaço, mas a meia dúzia de metros da estrada, encostada no canto de um prédio, uma tocha acesa piscava.

— Lá, — disse Hattie, descendo do cabriolé e puxando o casaco em torno dela para bloquear a picada do vento. — Nessa direção.

— Agora, Hattie, você sabe que eu sempre me envolvo em uma aventura, — disse Nora, em um sussurro alto, — mas você tem certeza disso?

— Não tenho *tanta* certeza, — Hattie permitiu.

— Bem. Suponho que você ganha pontos por honestidade.

— A fúria leva ao destemor, — disse Hattie, virando a esquina junto à tocha, observando outra na beira do primeiro silo. Ela se dirigiu para lá.

Nora seguiu. — Você pronunciou erroneamente a *estupidez*. Acho que devemos voltar atrás. Não tem ninguém aqui. Poderíamos também atrair os assassinos para nós.

Hattie olhou para a amiga. — Eu pensei que você fosse a corajosa.

— Absurdo. Eu sou a *imprudente*. Isso é uma coisa totalmente diferente.

Hattie riu - o que mais havia para fazer? — O que isso faz de mim? — A pergunta foi pontuada por um rugido ao longe. *Siga o rugido da multidão*. Hattie olhou para Nora.

— A corajosa. — Não havia humor nisso. Apenas verdade. Verdade e o tipo de amor que vem da mais querida amiga. — Aquela que sabe o que quer e fará o que for preciso para conseguir. — Nora endireitou os ombros. — Bem, então, mexa-se.

Passando por um segundo silo, Hattie viu um brilho alaranjado em torno da borda de um terceiro. Sem pensar - não havia lugar para pensar neste exercício em particular - ela prosseguiu. — Você sabe que Macduff mata Macbeth depois desse ato, não é?

— Agora não é a hora das verdades literárias, Hattie, — respondeu Nora. — Além disso, você não é o assassino com o qual estou preocupada esta noite. — Hattie parou de andar e Nora quase colidiu com ela. — Bom Deus.

Foi uma avaliação justa da visão à frente.

Sob o maior dos silos, com quarenta e poucos metros de diâmetro e erguidos do chão em enormes pernas de ferro, uma enorme multidão estava em um enorme círculo, com as mãos nos bolsos e colarinhos voltados contra o vento que procurava a passagem entre eles.

Outro rugido selvagem soou, e uma coleção de armas subiu alta no ar em comemoração. Hattie se moveu mais rapidamente, sua respiração ficou mais rápida. Ela sabia, sem questionar, por quem aplaudiam, como se o próprio Senhor tivesse vindo lutar.

Enquanto observavam, o círculo cuspiu um homem - um perdedor, nariz sangrando e um olho já inchado. Ninguém o seguiu enquanto ele se dirigia para a rua, passando por Nora e Hattie, que tentaram não olhar muito de perto enquanto ele passava por elas, pensando ser nada mais do que dois homens que vinham para o espetáculo.

Hattie reconheceu-o, no entanto. Michael Doolan.

Conforme solicitado, ele encontrou Whit nas lutas e foi despachado com facilidade. Prazer e orgulho a percorreram, mesmo que ela soubesse que não deveria. Whit prometera retribuição. E aqui estava.

E ele não prometeu o mesmo para ela?

Ela empurrou o pensamento de lado. Foi diferente. Ele fez parecer que eles estavam no mesmo time.

Quando ela se aproximou, a imagem ficou mais clara. Dentro do círculo externo de espectadores, cerca de uma dúzia de barris queimavam, não fornecendo calor suficiente para o espaço estranho e surpreendente, mas muita luz bruxuleante para o círculo interno protegido, a localização das lutas daquela noite.

E no centro daquele círculo, como o Minotauro no centro do labirinto, estava um homem vestido apenas de calças e botas, um corte sangrando em uma das bochechas sobre o que parecia uma velha contusão - mesmo quando uma nova floresceu o lado de seu torso, onde Hattie não deveria estar olhando, ela sabia... mas quem não olharia?

Ele era magnífico.

Quando ela mal usava saias longas, assistiu a uma exposição no Museu Real e passou mais tempo do que era razoável, considerando os cumes e planos de uma estátua particular de Apolo.

Ela sempre assumiu que tais cumes e planos eram reservados para deuses e suas representações relevantes. Aparentemente, não era assim. Aparentemente, homens perfeitamente comuns como este os tinham.

Era assim que ela o chamava? Perfeitamente comum?

Ela engoliu, sua boca repentinamente seca.

Hattie se aproximou, sua altura facilitando a visão sobre os ombros agrupados dos dois homens à sua frente, gritando junto do resto dos espectadores enquanto Whit se virava, revelando mais cumes e planos, os músculos magníficos das costas dele.

Não, não Whit. Esse não era Whit. Era o Fera, com as calças largas nos quadris, os punhos ao lado, envoltos em linho que um dia poderia ter sido branco, mas não eram mais. Um dos laços se soltou, e Hattie ficou paralisada pela forma como ele ignorou aquele comprimento de tecido pendurado, a mão enrolada em um punho próximo, pronto para uma nova batalha.

— O Fera está hoje à noite, rapazes! — Um jovem de catorze ou quinze anos gritou para uma resposta estridente. — É melhor apostar se quiser cerveja hoje à noite! — O menino inclinou a aba do boné para trás. Não era menino. Era uma garota, seus brilhantes olhos negros brilhando enquanto ela exibia um largo sorriso vitorioso que fez Hattie querer abrir sua bolsa também. — Apostas de fechamento em cinco, quatro, três...

A garota fez uma pausa para fazer o negócio de aceitar uma aposta. — Dane-se, senhor — disse ela com um mergulho de cabeça. — E aí está - a próxima rodada começa! Fera contra o Trio O'Malley!

Hattie não conseguia desviar o olhar dos ombros dele, do modo como eles se posicionavam, quadrados e fortes, como se pudessem saltar a qualquer momento. Ela ficou maravilhada com o poder deles, até perceber o tamanho dos três homens se aproximando. Cada um mais alto e mais largo que Whit, com narizes quebrados e mandíbulas que pareciam ser feitas de granito.

— Oh, — Nora sussurrou em seu ouvido. — Olhe para eles. Como o maldito Cerberus.

— Não se espera que ele lute contra os três. Certamente há alguém para ajudá-lo, — disse Hattie.

— Ele luta com os três, e eles vão precisar de um cirurgião depois disso! — Veio uma resposta de um dos homens à sua frente. — Apenas assista.

Como se ela pudesse parar. O trio de homens veio até ele, aproximando-se, agachando-se e Hattie prendeu a respiração. Quando eles saltariam? Ele não iria se proteger? A multidão ficou em silêncio, e ela pressionou os dedos nos lábios para manter o grito que queria soltar, o que lhe dizia para fugir.

Eles estavam sobre ele em segundos, mas ele se moveu como um raio. Ela ofegou por fôlego; ela nunca viu nada como aquilo, quando ele deslizou sob o punho enorme de um homem e o levou diretamente no nariz de um segundo. E ao mesmo

tempo ele chutou o tronco do terceiro, fazendo-o voar de volta com um baque ameaçador.

— Sim, Fera! Continue! — Uma mulher a vários metros de distância chamou. — É isso o que eles ganham por ir contra você! — Então, abaixando a voz, ela se virou para a vizinha e disse: — Eu gostaria de dar-lhe um prêmio por essa vitória!

A companheira dela riu concordando, e Hattie resistiu ao ciúme quente que a incendiou, mesmo quando ela tirou os olhos dele para rastrear os espectadores na multidão. Havia mais do que algumas mulheres bonitas, olhos brilhando de luxúria enquanto observavam seus movimentos. Qualquer uma delas se ofereceria como um espólio dessa guerra em particular. Claro que elas iriam. Hattie também. Ela não era feita de pedra.

E ela sabia o que era ser seu prêmio.

Para ele ser dela.

Não que isso fosse o motivo pelo qual ela estivesse aqui. Ela estava furiosa com ele. Ela veio lhe dar o que fazer.

Ele fez disso um hábito? Levando essas mulheres para casa?

A pergunta foi perdida em uma rachadura perversa quando ele colocou o punho no nariz de um dos brutamontes que ele lutava, mandando o outro homem cambaleando para trás e, em câmera lenta, de joelhos. Ele caiu de cara no chão como uma árvore derrubada.

A multidão gritou seu prazer. — Inconsciente! O que eu disse a você? — O homem na frente dela jogou por cima do ombro antes de acrescentar, em voz alta, — Mais um, Fera!

Hattie achava que a parte difícil da luta era quando havia três oponentes, mas ela rapidamente mudou de ideia, agora que o último homem em pé havia direcionado toda a sua atenção para Whit. Seus braços enormes e largos estavam esperando, mãos gigantes em punhos que pareciam de pedra. — Venha, Fera! — Ele gritou.

Foi uma loucura.

Eles circularam, Whit dançando muito, até que ela pôde ver seu rosto mais uma vez, e seu corpo, agora com uma nova mancha de sangue logo abaixo do ombro esquerdo. Ele estava respirando pesadamente, e atadura que tinha se soltado ainda era ignorada, agora solta o suficiente para alcançar seu joelho.

Seu oponente deu um soco perverso e Whit se esquivou. Mas foi uma finta. Caiu o outro punho do homem, direto no queixo de Whit, batendo a cabeça para trás como uma maçã de uma árvore. Whit girou para longe, e um segundo golpe, apontado para a cabeça, pousou em seu ombro, fazendo-o perder o equilíbrio e cair na terra.

A multidão assobiou sua decepção quando o homem enorme colocou uma bota no meio de Whit, fazendo-o rolar pela terra.

— Não! — Gritou Hattie. Alguém iria parar a luta?

Ela já estava empurrando para o lado os homens à sua frente, um deles gritando: — Levante-se, Fera! — Quando Hattie se espremeu para ter uma visão melhor, ele acrescentou: — Ei! Pegue seu próprio espaço, seu idiota!

Grata pelo disfarce que usava, Hattie ignorou-o, entrando mais no ringue, na direção de Whit, que já estava se movendo, erguendo-se mais uma vez. Sua cabeça se virou para ela e, como mágica, seus olhos encontraram os dela. Seu coração disparou em seu peito com a ferocidade ali. Ele a reconheceu?

Ele ficaria ferido. Possivelmente morto, o homem estúpido. Ele poria fim a esse espetáculo maluco?

Ela não teve tempo para descobrir, quando o homem atrás dela agarrou seu braço, puxando-a para trás. — Onde você acha que vai?

Ela tentou se afastar, mas o aperto do homem era forte. Rasgando os olhos de onde Whit estava se levantando, ela olhou para trás, deixando sua raiva levar. Ela estreitou seu olhar no homem, ligeiramente mais baixo que ela. — Solte-me.

Raiva brilhou em seus olhos e seus dedos se apertaram. — Eu vou colocar as mãos em você se eu quiser, garoto. Vou colocá-lo no chão se você não sair do meu caminho.

— Ei! — Nora disse, vendo o que estava por vir. — Pare com isso!

A multidão gritava sua excitação por trás deles; Whit deve ter ficado em pé. Em algum lugar, Hattie sentiu alívio, mas não conseguia olhar. Ela colocou uma mão no bolso da calça, sentindo a lâmina ali. — Repito. Solte-me.

O homem - agora que Hattie podia vê-lo, estava certa de que ele estava bêbado - olhou para o fundo do silo por um momento, depois de volta para ela. — Acho que não.

Ele recuou o punho, e Hattie se afastou com toda a força, tirando a lâmina do bolso quando o punho veio em sua direção.

Não ouviu o grito de Nora nem o rugido furioso que precedeu o golpe que a derrubou no chão.

Capítulo Dezessete

A luta o libertou pela primeira vez em dias.

Ele não conseguia se lembrar de ter estragado tanto um. O vaivém com Hattie. A culpa que o atormentava toda vez que ele pensava em como ela confessara seu desejo de administrar a companhia de seu pai. Do que ele prometeu a ela. Sua raiva

contra a ameaça de Ewan. Seu medo disso. Sua fé nisso. E a auto aversão que veio quando ele pensou na maneira como ele tinha traído Hattie para mantê-la segura.

Começara a desvendá-lo, e Whit estava estragando uma briga antes que as contusões que Ewan provocara tivessem começado a desaparecer.

Whit queria dar um soco no rosto de alguém, para lembrar o que era vencer. Estar no controle. E como sua cunhada não gostaria que ele viesse para Devil, ele se inscreveu para fazer ou morrer, o que significa que ele lutaria com todos os que chegavam até ser humilhado. A notícia se espalhou pelo Jardim como um incêndio, como sempre acontecia quando os Bastardos ofereciam tal espetáculo, e eles haviam mudado a coisa três vezes antes de se instalarem no celeiro, longe o suficiente para evitar uma batida policial, e grande o suficiente para aguentar a multidão que com certeza iria aparecer.

Ele tinha despachado meia dúzia de recém-chegados, bêbados e fanfarrões e dois homens, pouco mais de vinte anos, que perderam uma aposta ou estavam tentando impressionar uma dama. Depois deles, Michael Doolan tinha chegado para tomar sua surra, e Whit mal controlara sua fúria enquanto colocava o homem para baixo, certificando-se de levantá-lo de seus pés e lembrá-lo de que se ele alguma vez ameaçasse outra mulher no Jardim, Whit iria jogá-lo no Tâmis e ninguém jamais se importaria em procurá-lo.

É suficiente dizer que Whit mal havia terminado quando o Trio O'Malley entrou no ringue, a chegada deles provocando um arrepio através dele.

Porque, enquanto Whit amava um combate, Fera amava uma luta, e os meninos O'Malley eram exatamente o tipo de luta pela qual ele estava querendo, já que ele não podia fazer o que ele realmente queria fazer - ir para Mayfair, encontrar Hattie, e levá-la para a cama pelo resto do tempo.

Mas, para protegê-la, ele nunca poderia vê-la novamente.

Então, sim, os brutamontes dos O'Malley fariam bem.

Whit despachou os dois primeiros com pressa, voltando imediatamente sua atenção para o terceiro dos irmãos e aquele com os punhos mais pesados. Tudo estava indo bem, Whit pronto para vencer a luta e se preparar para a próxima luta quando algo chamou sua atenção na multidão, por cima do ombro de Peter O'Malley.

Ele tirou os olhos de seu oponente por um momento, incapaz de classificar o que tinha visto - nada fora do comum, um mar de rostos assistindo a luta, alguns mais corados do que outros, graças ao suor causado pelo calor. Do outro lado do círculo estavam Felicity com o rosto cheio de preocupação séria e Devil, entediado com a coisa toda. A segunda no comando dos bastardos, Annika, estava ao lado deles - o que não era surpresa, já que ela nunca perdia uma briga se não precisassem dela.

Nada fora do comum.

Nada além da coisa que ele não conseguia ver, e ainda sabia que estava lá.

O que seria?

No meio de sua distração, Peter O'Malley veio buscá-lo, dando um soco que Whit se esquivou sem hesitação - um soco que, se ele estivesse prestando atenção, ele teria visto o que era. Um truque. Antes que ele pudesse se corrigir, Peter acertou o golpe real, um gancho que arrebentou sua cabeça, e rangeu seus dentes. Whit já havia dado socos como esse antes, e estava se afastando enquanto se recuperava, mas Peter acrescentou um segundo golpe, este no corpo, e Whit não teve chance.

Aterrado.

Ele se segurou, as mãos na terra fria. Ele estava de joelhos por um segundo. Talvez dois. Não o suficiente para que o outro oponente viesse para ele, mas mais do que o suficiente para Peter O'Malley conseguir a queda. Ele enviou Whit rolando pela terra com um chute que ele teria admirado se ele não estivesse recebendo.

E foi quando ele a ouviu gritar.

No começo, ele achou que estava errado - pensou que a pancada na cabeça o fez imaginá-la ali. Havia outras mulheres presentes. Poderia ter sido uma delas. Mas no segundo que ele ouviu o som, ele sabia a verdade, a dor em suas costelas retrocedendo instantaneamente, sua cabeça já girando para encontrá-la.

Ele não teve muito que olhar.

Como ela o encontrou?

Ela não poderia estar aqui. Se Ewan a visse...

Ela estava dentro do ringue, vestindo calças que combinavam muito bem com suas curvas e um sobretudo que não estava quente o suficiente para o vento. Ela tinha que estar com frio. Isso foi o suficiente para ele resolver chegar até ela. Para tirá-la deste lugar e aquecê-la.

Para protegê-la.

O pensamento foi perturbador o suficiente para arriscar a luta, mas então o homem atrás dela a tocou, com os olhos estreitados com raiva e sua boca escorrendo bebida. Ela virou-se para o bêbado, os dedos dele apertando-lhe o braço, e Whit concentrou-se naquele lugar, no duro encaixe de seu aperto, cavando a carne de Hattie.

Whit ficou de pé, a multidão rugindo.

— Você quer mais, Fera? — Disse Peter O'Malley, abrindo os braços, deixando reinar o carisma. A multidão veio para um show, e O'Malley foi superior em fazer um. Mas Whit não teve tempo para o desempenho. Em vez disso, ele deu um único soco, mal olhando O'Malley cair no chão, já se encaminhando para Hattie, que estava enfiando a mão no bolso - Whit esperava uma arma.

O homem que a segurou se enrijeceu, e não demorou vinte anos lutando para conhecer sua intenção. Sua mão apertou.

Raiva nublou a visão de Whit.

Ele começou a correr, para chegar até Hattie antes que o homem morto pudesse dar o soco. E ele seria um homem morto se ele conseguisse o soco. Whit iria matá-lo antes que ele pudesse respirar novamente.

Quase lá.

Soltando um rugido selvagem, ele se lançou em direção a ela, empurrando-a para baixo, longe do golpe do homem, girando no meio da queda para pegar toda a força da queda, protegendo-a do chão duro.

Eles aterrissaram, os olhos dela se fecharam com força, e o tempo parou até que ela os abriu, a uma fração dos dele. Alívio bateu através dele, com mais força do que a bota que ele tinha tomado mais cedo. Ele resistiu ao impulso de beijá-la - a assembleia já teve o suficiente de um espetáculo. Em vez disso, ele baixou a voz e disse a única coisa que lhe veio à mente.

— Você não deveria estar aqui.

Ela não perdeu o ritmo. — Eu vim pelo meu negócio.

Excitação passou por ele. Ela era malditamente gloriosa.

Ela também não ficou ferida. Ele deu uma olhada para ter certeza, depois rolou-a para o chão e ficou de pé, indo imediatamente para o homem que estava prestes a bater nela.

O homem cuja raiva se transformou em medo.

— Se você estiver procurando por uma luta, você vai tê-la comigo, — ele rosnou, deixando o homem pálido na luz de uma das tochas próximas.

— Eu... — O homem balançou a cabeça. — Ele me empurrou primeiro!

Whit colocou as mãos nos ombros do homem e o empurrou, a multidão se afastando para deixá-lo cair de costas. — Agora *eu* te empurrei. Você pretende lutar comigo?

— N-não. — Ele se afastou como um inseto.

Não foi o suficiente. Whit se foi, virou Fera completamente. Ele deu um passo em direção ao inimigo, querendo nada mais do que acabar com ele.

Uma mão caiu sobre seu ombro, o peso pesado e familiar. Seu irmão.

Whit parou.

— Deixe para lá, — disse Devil, suave em seu ouvido. — Pegue sua garota e tire-a daqui, antes que as pessoas resolvam saber o que aconteceu e comecem a fazer perguntas.

Era tarde demais para impedir isso - ele se virou para ela - a mulher que Devil chamava de sua garota. Ela não era, claro. Não importava que ele não pudesse se impedir de protegê-la. Foi um hábito. Não tinha nada a ver com ela.

Mas ele não podia protegê-la dele.

Whit se virou para encontrar Hattie a vários metros de distância, de pé novamente, com sua amiga Nora, que aparentemente era tão problemática quanto Hattie. Felicity estava verificando ela, limpando a sujeira da manga e tagarelando, como se tudo isso fosse perfeitamente normal. Nora estava fascinada por Annika, que estava por perto, com o quadril inclinado, a longa lâmina que ela mantinha lá brilhando à luz do fogo.

Enquanto seu olhar seguiu Hattie, Whit ficou rígido com uma raiva renovada. Seu chapéu estava torto e a sujeira manchava seu rosto, seu casaco estava rasgado no ombro - um fato que o fez querer causar um dano imenso. Um pensamento selvagem veio - o homem que a tocou foi enviado por Ewan?

Um rugido soou de baixo em sua garganta, e ele começou a voltar, mas Devil manteve o movimento, parecendo entender. — Apenas um bêbado. — E então uma única palavra forte. — Ela.

Ela era o que era importante. Cristo. Ele queria buscá-la e levá-la de lá como um maldito neandertal. — Ela não pode ser vista comigo.

Devil olhou diretamente para ele. — Ele não está aqui.

— Ele poderia.

Ele assentiu. — Poderia. Mas ele não está.

Whit virou-se, aproximando-se do aglomerado de mulheres, consciente dos olhos de Hattie, alargando-se ao fechar a distância entre eles. — Você, — ela disse, e o tremor em sua voz quase o matou, — você está sangrando.

Ele não diminuiu sua passada enquanto andava até ela mesmo quando olhou para baixo e encontrou um corte de três polegadas no lado direito. Uma ferida de faca. Ele olhou de volta para ela, a mão dela ainda segurando um canivete. — Você me apunhalou.

Seu queixo caiu. — Eu não fiz isso! — Ela estreitou os olhos nos dele. — Embora você certamente merecesse, seu bastardo.

Devil riu, baixo o suficiente para que apenas Whit pudesse ouvi-lo. — Agora eu sei porque você gosta tanto dela. Ela vai te atrapalhar.

Antes que Whit pudesse argumentar que ele não gostava dela, e que ela absolutamente *não* o deixaria atrapalhado porque ela não estava chegando perto dele depois que ele a mandasse para casa hoje à noite, Devil estava olhando para Sarita, a jovem da casa de apostas tentando acalmar a multidão, argumentando que a interrupção de Hattie havia impactado o resultado da luta.

— Nós dissemos que os O'Malleys estariam derrotados na lama, senhores, e ali estão eles, — a garota gritou, apoiada por dois homens fortes da equipe dos Bastardos. — Eu não tenho apostas em Fera sendo esfaqueado por um espectador, por isso caíam fora... não que eu pagaria por ele saindo assim, saudável e em forma.

Devil acenou para a garota e ela veio como um flash para receber suas ordens, as bochechas brilhando com emoção. Enquanto falavam, Whit fez o que pôde para se segurar, para não pegar Hattie na mão, para não brigar com ela por aparecer aqui, onde tudo poderia ter acontecido. E se ele não estivesse aqui? E se ele não tivesse sido capaz de protegê-la?

A ideia era insuportável.

Ele esfregou a mão sobre o peito para aliviar o aperto agravado lá quando Devil se voltou para ele, pressionando um saco de linho cheio de gelo em suas mãos. — Leve a garota para casa. Recomponha-se.

Removendo o casaco, Devil foi até sua esposa, entregando a ela, junto com a bengala. Os olhos de Felicity se iluminaram confusos e depois veio a compreensão. — Você vai lutar? — Ela perguntou, sem fôlego.

— Você poderia ficar um pouco menos animada com a perspectiva de me ver no ringue, esposa.

— Você planeja perder?

A afronta do Devil era palpável. — Eu não.

O sorriso de Felicity se alargou. — Certamente lhe darei um prêmio adequado quando você vencer.

— Estamos trocando um Bastardo por outro esta noite, rapazes! — Sarita gritou no centro do ringue. — Quem vai avançar para lutar contra o próprio diabo?

Um punhado de oprimidos sem sentido imediatamente se alinharam para ter suas bundas entregues a eles, claramente pensando que Devil, longo e magro e raramente no ringue, era uma batalha mais fácil que Fera. Eles estavam errados.

Devil puxou a camisa por cima da cabeça e um grupo de mulheres à esquerda de Whit se dissolveu em suspiros. Não que seu irmão tivesse olhos para qualquer uma delas; ele já estava puxando sua esposa para perto, levantando-a e beijando-a completamente antes de se virar para a multidão, de braços abertos, sorriso em seu rosto brutalmente marcado.

— Vocês tiveram o Fera, senhores! Agora é a vez da beleza!

A multidão foi à loucura, exigindo que Sarita fizesse suas apostas.

No meio do tumulto, Whit finalmente se viu capaz de encarar Hattie. Hattie, que tinha passado por Devil e vinha atrás dele, franzindo a testa, incapaz de desviar o olhar do corte na sua lateral. Ela ficou sem fôlego, sua respiração acelerada, seus lábios cheios ligeiramente separados. Seus olhos se ergueram para os dele, rastreando seu rosto. — Estou muito zangada, mas não desejo que você morra.

Ele a puxou para os arredores do círculo, longe do anúncio do resto da multidão. As pessoas se afastaram. Ela engoliu em seco, e ele foi atraído pelo movimento de sua garganta, sua própria boca ficou seca quando ele pensou em se inclinar e colocar seus lábios lá. Lambendo por cima. Raspando os dentes pela sua pele macia.

Ele podia ouvir o suspiro que ela faria. Os gritos que ele torceria dela.

Seu pau pulsou com a promessa do que ouviu.

Sem promessa. Ele não podia tocá-la.

Ele era um perigo para ela.

Ele encontrou os olhos dela, vendo o calor lá. Sentindo isso em todos os lugares. — Estou levando você para casa.

Ela engoliu em seco novamente, e um rosnado baixo veio do fundo de sua garganta. Ela olhou para o ferimento que ela lhe dera. — Parece certo que eu deveria enfaixar isso.

Uma visão brilhou, de dedos macios em seu corpo, curando-o. Satisfazendo-o. Ele grunhiu sua aprovação.

Ela limpou a garganta, forçando para que sua voz soasse gelada. — E se você acha que eu vou embora antes de discutirmos sua traição, você está muito enganado.

Ele não deveria. Ele deveria levá-la até Nik, que estava a poucos metros de distância, e mandá-la para casa. Segura. Longe dele. Ele balançou sua cabeça. — Não há nada para discutir.

Os olhos de Hattie brilharam. — Eu gostaria de discutir o quanto você é um idiota.

Nik tossiu divertida com as palavras de Hattie enquanto Nora sorria e dizia: — Se você acha que ela vai deixar você simplesmente desaparecer, você está seriamente enganado... — Ela fez uma pausa e disse: — Como devo chamar você?

— Fera, — disse ele.

Nora inclinou a cabeça. — Eu acho que prefiro bastardo, pelo jeito que você maltratou minha amiga.

Desta vez, Nik arregalou os olhos divertidos para Nora. — Eu gosto de vocês duas.

Nora piscou para a norueguesa. — Espere até você nos conhecer.

Isso não aconteceria.

E isso era um rubor nas bochechas de Nik?

Ele não tinha tempo para aquilo. Em vez disso, ele fez uma careta e rosnou: — Veja que ela chegue em casa.

Nik assentiu, sem hesitação.

— Primeiro, estou perfeitamente ciente da localização da minha casa, — disse Nora, e Whit cerrou os dentes. Livrai-o de mulheres que acham que são donas do mundo. — E segundo, não vou embora, a menos que ela me diga que ela não quer mais ficar.

Ele ignorou o prazer que passou por ele pela lealdade da mulher a Hattie, que merecia isso do mundo inteiro. *Como ela não conseguiu isso dele.*

— Suponho que você veio em uma de suas carruagens? — Ele perguntou em um grunhido.

Nora inclinou a cabeça em confusão. — Sim.

Ele olhou para Nik. — Você terá que encontrar a carruagem também.

— Alguém roubou meu cabriolé? — Perguntou Nora, indignada.

Nik se virou para ela, sua diversão clara. — Se você deixou uma carruagem engatilhada neste bairro na calada da noite. Sim. Alguém a roubou. — Nora gemeu quando a norueguesa acrescentou: — Não se preocupe. Eu vou pegar os meninos; eles não terão ido longe.

— Talvez eu deva... — Hattie fez menção de deixá-lo, para ir com a amiga, e Whit rangeu os dentes, querendo puxá-la para trás, para mantê-la perto, mas resistindo ao impulso. Ele queria que ela saísse. Ele a queria longe. Ele a queria segura.

Ele a queria.

Nora balançou a cabeça e acenou para Hattie, com os olhos fixos em Nik. — Eu ficarei bem com... — Ela se virou com um olhar interrogativo para Nik.

— Annika.

— Annika — disse Nora suavemente. — É muito bom te conhecer.

Se não tivesse sido um rubor antes, era um rubor agora.

Nora afastou o olhar de Nik e disse a Hattie: — Você veio até aqui com um propósito. — Um sorriso de conhecimento piscou. — E agora você sai com ele.

Hattie, fitou Whit com um olhar mortal. — Eu *vim* para lhe dizer o que ele pode fazer com sua tentativa de armar para meu pai e renegar nosso acordo.

— Você deveria dizer a ele então. — Ela abaixou sua voz. — Não deixe nada de fora. Ele merece tudo. — E depois. — E eu vou te ver de manhã.

A boca de Whit ficou seca com as palavras. Na visão que veio com elas. Ao presente delas - uma noite inteira, até o nascer do sol. Ele não deveria aceitar.

Mas como ele resistia? Uma noite inteira com ela?

Sua primeira noite.

A última deles.

Ele não podia. Eles estavam em sua carruagem em minutos, Whit tomando o assento em frente a ela, colocando o gelo que Devil tinha lhe entregado, em seus olhos - o que ficaria preto por um dia ou dois depois da luta.

Ele soltou um longo suspiro quando a porta foi fechada, mantendo-os em segredo do mundo. Mantendo-a fora de vista. Segura.

Segura de todos, exceto dele.

Ela o observou em silêncio, fazendo-o imaginar o que ela estava pensando. Fazendo com que ele quisesse tirá-la do pensamento, inteiramente - enquanto a despia e dava a ambos o que eles queriam.

Porque o silêncio não era simplesmente silêncio.

Estava cheio de pensamentos, enlouquecedor o suficiente para acelerar o fôlego, que ele ouvia, cada vez mais rápido, mais e mais errático, lembrando-o de como ela soava com as mãos e a boca nela. Ele tentou não encará-la, tentou não distinguir seus seios por baixo do que ele achava que era algum tipo de dispositivo antigo de tortura que ela vestiu para disfarçá-los - como se aquelas coisas magníficas pudessem desaparecer.

Ele tentou não pensar em remover aquilo dela, junto com todas as outras roupas - roupas que pareciam não fazer nada para diminuir seu desejo por ela, belas e exuberantes e cheirando a doces de amêndoas do outro lado da pequena carruagem.

Tentou não pensar no toque dela quando ela estendeu a mão, no meio do caminho, e ergueu a longa tira de linho solta que pendia de seu punho direito. Tentou ignorar a onda de antecipação que chiou através dele enquanto ela usava os dentes para tirar as luvas do cavaleiro de suas mãos.

Os malditos dentes dela.

Para que mais ela usaria esses dentes? Qual a sensação deles em sua pele? Raspando por cima do ombro, beliscando seu peito? Cristo, esta mulher estava desfazendo-o. Ela sabia disso? Esse era o plano dela?

Ele daria a ela tudo o que ela quisesse se ela colocasse sua boca nele.

Ela não colocou. Em vez disso, embrulhou a tira de linho em volta dos nós dos dedos, com cuidado, como se o estivesse preparando para a batalha. Como se ele fosse um cavaleiro, e ela a donzela justa, concedendo seu favor.

Quando ela terminou, ela amarrou um nó perfeito e cuidadosamente enfiou as pontas dentro dos envoltórios antes de passar o polegar sobre os nós dos dedos e sussurrar, tão baixinho que ele mal ouviu: — Pronto.

Mas ele ouviu isso. O dom gentil dessa pequena palavra.

A satisfação dele nisso.

Depois de uma noite de violência, ele nunca sentiu a pontada do prazer mais intensamente - e ele temia não ter a capacidade de suportar isso.

Ela respirou fundo e disse: — Agora, sobre o meu negócio.

Ele recostou a cabeça contra a almofada da carruagem, deixando o bloco de gelo frio fazer o seu trabalho. — *Meu negócio.*

Ela o observou por um longo momento, o barulho dos paralelepípedos o único som. — Sua traição. — Ela não podia saber como as palavras doíam. — O que você vai fazer com a Navegação Sedley?

Mantê-la segura. — Tudo o que eu quiser.

Silêncio. — Então por que?

A palavra quase terminou o trabalho do ringue hoje à noite. Era pequena, perplexa e devastadora. E nela, ele ouviu a verdade. Ele a machucou.

E essa foi sua única escolha.

Quando ele não respondeu, ela estreitou o olhar para ele e disse: — Você é um bastardo.

— Sim, — ele respondeu, tentando ignorar o desdém em suas palavras.

— O que você quer de mim?

— Nada. — Era verdade. *Eu quero você feliz. Eu quero você segura.*

— Olhe para mim.

Ele obedeceu ao comando sem hesitação. Cristo, ela estava deslumbrante, sentada alta e determinada, ombros pressionados para trás como uma rainha.

— Você está arruinando tudo.

Culpa queimada. — Eu sei.

— Você me disse. — Ela olhou pela janela, na escuridão das ruas além. — Você me disse que acreditava em mim. — Ela olhou para ele. — Eu acreditei em você.

Ele enfrentaria os irmãos O'Malley mil vezes por isso.

Eu acredito em você.

— É... — Ela parou, então começou novamente. — É porque você não acha que eu posso fazer isso?

— Não. — Cristo. Não.

Ela parecia ter algo a dizer - como se tivesse mil coisas para dizer. E ele queria puxá-la para o outro lado da carruagem, colocá-la no colo e contar-lhe todas as maneiras pelas quais ele achava que ela era notável.

Mas isso era impossível se ele fosse mantê-la separada dele.

— Por quê? — Ela hesitou. — Por que você nos quer fora do negócio? É só para punir Augie? Ele estava pronto para lhe contar sobre seu parceiro - que imagino ser muito mais um empregador do que um parceiro.

— O parceiro dele não é mais relevante, — ele disse, rápido demais. Ele não queria Hattie em nenhum lugar perto de Ewan. Não agora que ele sabia até onde o duque iria para puni-lo. Para machucá-la. — Talvez nós queremos ir direto. Começar um negócio honesto.

Ela franziu o cenho. — Não minta para mim. Está abaixo de você.

Não era isso. Mas ele não queria que ela visse a verdade.

— Você está fazendo isso para me punir. Ninguém compra todos os navios que eles usam.

— Nós fazemos. — Eles nunca fizeram antes.

— Isso é bobagem, — ela replicou. — Você não pode se dar ao luxo de possuir barcos, ou a Coroa descobrirá que você está movendo contrabando a cada duas semanas.

Suas sobrancelhas subiram na avaliação astuta.

Ela sorriu. — Surpreso pela minha inteligência? Não. Não surpreso. Tentado.

Ele queria levá-la para a cama e mandá-la para sua navegação. Carregando notas e tabelas de marés e o que mais ela quisesse falar com ele.

O que era uma loucura total.

Antes que ele pudesse tomar a ação louca, ela olhou-o, seu olhar mortal e lançou um golpe perverso. — Eu confiei em você. Eu acreditei em você. Eu pensei que você fosse melhor que isso. — Ela fez uma pausa. — Eu pensei que nós éramos...

Não termine essa frase.

Ele não tinha certeza se poderia sobreviver. Ele mal podia respirar pelo “nós” naquela frase – pelo jeito que os unia. Pelo jeito que ele queria isso. Por um

momento único e enlouquecedor, ele quase desistiu. Quase entregou tudo para ela. Deu-lhe o negócio e as Docas e sua ajuda. Mas então ele se lembrou de Ewan, louco na escuridão, prometendo puni-lo através de Hattie.

Você vai desistir dela. Ou eu vou levá-la.

A memória corria como gelo através dele.

Não seria possível. Não poderia haver acordo. Ela não podia ter seus negócios e sua segurança. E ele não poderia tê-la. Não enquanto Ewan respirasse.

A carruagem parou. Ele alcançou a porta, saiu para a rua antes que a coisa parasse de balançar, voltando para ajudá-la. Um erro. Suas mãos estavam nuas agora, e sua pele era incrivelmente macia contra a dele - tão suave que o fez se perguntar se o toque dele poderia causar algum dano.

Claro que sim. Seu toque não faria nada além de dano.

Ele apertou ainda mais o abraço nela. Ele seria condenado se ele a deixasse ir.

Não essa noite.

Uma noite.

Ignorou o pensamento e puxou-a para dentro da casa, agradecido pela hora tardia e pela falta de empregados. Depois que Devil partiu para construir uma casa com Felicity, Whit não teve coragem de deixar nenhum dos criados partir. Ele tinha mais do que precisava, o que significava que a casa era bem cuidada; alguém havia deixado uma lamparina acesa na entrada para ele, uma que ele alegremente pegou enquanto conduzia Hattie pelas escadas até os apartamentos, ainda a única parte da casa que ele considerava inteiramente sua.

Ela o seguiu e ele pôde ouvir sua curiosidade ao subir as escadas. Ele sentiu isso quando se virou em um corredor longo e escuro, no caminho que ela diminuiu, a cabeça se esticando para olhar na outra direção.

Finalmente, o tagarela não pôde permanecer em silêncio. — Para onde você está me levando?

Ele não respondeu.

— Você sabe que seu silêncio é enlouquecedor, não é?

Como se o som de sua voz, lírica e adorável, não fosse o mesmo. Ele colocou uma mão na porta de seus aposentos e olhou por cima do ombro. — Eu assumi que você queria continuar nossa discussão.

Uma batida e depois a resposta dela. — Eu disse que devemos fazer isso depois que você estiver enfaixado.

Os dois olharam para baixo e descobriram que ele havia sangrado através de sua camisa. Whit não era do tipo que pedia cuidado e, no entanto, não conseguia parar o baixo ruído que vinha da ideia disso. — Hum.

Ele esperava trepidação dela. Hesitação. Nervosismo. Mas ele tinha esquecido que esse era Hattie - descarada e ousada.

Seus olhos violeta acenderam em sua mão, congelada na maçaneta da porta, e seus lábios deliciosos se curvaram em um sorriso considerando. — E lá dentro? — Ela perguntou. — Seu covil?

Ele exalou um pequeno riso e inclinou a cabeça. — Nenhuma planta.

— Você vai manter o negócio.

— Sim, — disse ele. Ele não tinha escolha.

— Você entende que eu não vou cair sem lutar.

— Eu não imaginaria de outra maneira. — Ele imaginou que a luta que ela lhe daria seria a melhor que ele já teve. Mas ela nunca iria vencê-lo. Este era o seu mundo. O jogo dele.

E ele nunca quis tanto uma vitória, como ele queria aquela, que manteria Hattie segura.

Ainda assim, quando um lado de sua boca se levantou em um sorriso irônico, a covinha aparecendo, ele sentiu como se fosse um golpe, e isso o fez desorientado.

Ela endireitou as lapelas do sobretudo ridículo que usava, alisando as linhas da jaqueta sobre as curvas que não escondia antes de se endireitar. — Não há acordo, então. Somos rivais.

A maneira como ela disse isso, simplesmente, como se não houvesse ressentimentos - nenhum dano nisso - fez com que ele a desejasse mais do que nunca.

— Há um acordo pendente. — Ele não sabia por que ele disse isso. Ele sabia exatamente por que ele disse isso.

Compreensão brilhou em seus olhos junto com antecipação. — Corporal.

Whit ficou tenso como um arco. Ele poderia dar a ela uma noite. Ele poderia mantê-la segura por uma noite. Uma noite, e ele iria deixá-la ir.

Uma noite, e ele seria capaz.

— Vá em frente, — ela sussurrou, um aceno de cabeça na porta. — Abra.

Capítulo Dezoito

Ela não deveria ter gostado do vai-e-vem com ele. Ela não deveria ter ficado depois que ele admitiu que não tinha interesse em ajudar em nenhum de seus planos. Ela deveria ter deixado esse homem que tinha ido de parceiro provisório para rival absoluto em menos de uma semana.

Mas ela não queria. Ela não terminou com ele, seja com os negócios nem com o prazer, e quando prometeu que triunfaria em ambos - isso a libertou.

Essa liberdade, juntamente com a verdade entre eles, fez do desejo tudo o que importava.

Ela cruzou o limiar dos aposentos cheirando a mel e limão e um toque de louro, fazendo-a pensar em um sol quente de verão, e se deixou afundar no momento - um que existia puramente a serviço de seu desejo.

E essa foi a liberdade mais magnífica que Hattie já havia experimentado.

Ele se afastou quase imediatamente, deixando-a à sua inspeção silenciosa - uma tarefa impossível, já que a única fonte de luz era um brilho laranja intermitente através de uma porta na extremidade da sala. Ela deu um passo em direção a ela, seus pés afundando em um tapete grosso - grosso o suficiente para explicar o som do espaço, quieto e exuberante na escuridão. Ela podia ouvir a plenitude do espaço, e ela se perguntou o que estava lá, em volta dela, encapsulando-a do mundo exterior.

Era assim que a sala parecia, mesmo na escuridão - um casulo. Proteção de tudo além - qualquer coisa que pudesse ameaçar. Qualquer coisa que não promettesse prazer.

Deveria estar frio, pela maneira como a escuridão e o vento chegaram lá fora, mas não estava. Ela supôs que não deveria ter ficado surpresa com isso - havia algo nele alguma vez frio?

Hattie pôde distinguir sua forma no outro lado da sala, seus ombros largos fora do casaco antes de jogá-lo sobre o braço de uma cadeira, revelando quadris estreitos e pernas compridas. Sua boca ficou seca quando ele se agachou na lareira, onde brasas incandescentes se transformaram em cinzas na lareira. Ele alimentou o fogo e jogou mais lenha sobre ele, depois se levantou para acender uma meia dúzia de velas sobre a lareira.

Mais do espaço se revelou, e Hattie descobriu que estava no ambiente mais decadente que já vira. As paredes estavam cobertas de seda estampada em tons de azul e verde, e era preenchido com uma coleção de móveis extravagantemente estofados, cada peça maior e mais acolhedora do que qualquer coisa que já tivesse visto - um sofá de cor vinho que era o dobro de profundidade de qualquer outro em Londres, uma cadeira alta de cor creme com uma almofada que ela doía para se sentar. O rico cetim de safira cobria uma espreguiçadeira no canto mais distante, carregada de almofadas em inumeráveis cores para rivalizar com a coleção de um rei.

Mais almofadas estavam espalhadas diante da lareira, como se tivessem sido deixadas ali para o conforto de alguém que passava horas aquecendo os dedos dos pés.

As cores eram ultrajantes - os tons do verão e do outono, sua exuberância rivalizando apenas com a exuberância dos próprios tecidos. Os dedos de Hattie ansiavam por explorar, tocar cada centímetro da sala e deleitar-se com sua pura decadência.

Se ele notou a resposta dela, ele a ignorou. Ou, talvez, ele se inclinasse para mais do que isso, movendo-se da lareira, com uma vela acesa na mão, para acender mais uma dúzia de velas, a luz bruxuleante fazendo os tecidos brilharem. E então ele subiu em um banquinho elevado, colocando a chama em mais uma dúzia de velas em uma impressionante arandela de parede de bronze que subia na parede como uma videira, plantada pelos deuses.

Ela deu um passo na direção dele, a maciez sob seus pés chamando sua atenção para o chão, onde meia dúzia de tapetes estavam sobrepostos por toda a sala de uma maneira que alguém que não conhecia Whit pensaria ao acaso. Hattie não imaginou por um momento que conhecesse Whit - pelo menos não tão bem -, mas sabia, sem dúvida, que não havia nada aleatório nessa sala.

Era, sem dúvida, o seu covil.

Ele disse a verdade sobre isso. Não havia plantas, exóticas ou não. Mas havia livros por *toda parte*.

Eles foram empilhados em mesas finais e ao lado do sofá; uma pilha descansava junto à lareira. No canto mais próximo da porta, um grifo pesado segurava pelo menos vinte deles, empilhados como bolinhos de chá ao lado de um decantador de uísque ou bourbon ou qualquer que fosse o líquido âmbar que houvesse no interior das garrafas. Ela se aproximou, alcançando uma das pilhas desordenadas, deixando seus dedos trilharem sobre as lombadas. *As opiniões filosóficas e físicas de Margaret Cavendish*, *Emma de Jane Austen*, uma biografia de Zenobia, uma coleção de obras de Lucrezia Marinella e algo chamado *Dell'Infinità d'Amore*. Uma bela cópia da *Cidade das Senhoras*, de Christine de Pizan, estava no topo da pilha, junto com um par de *óculos*.

Isto não era uma biblioteca. Não havia madeira extravagante. Sem prateleiras, nenhum lugar para exhibir um livro. Esses livros eram para leitura.

Deste homem e este era o lugar onde ele lia. *Com óculos*.

Em toda a sua vida, Hattie nunca imaginou que espetáculos fossem tentadores. Mas lá estava ela, resistindo à vontade de pedir que ele os colocasse.

Foi a mais reveladora olhada na vida de outra pessoa que Hattie já havia experimentado. Revelador, delicioso e tão completamente *inesperado* que ela queria passar a semana seguinte investigando cada canto e recanto, até entender o homem que os preencheria.

Exceto que ela suspeitava que nunca o entenderia completamente.

— Esta sala, — disse ela. — Está...

Perfeita.

Ele já tinha ido embora - desapareceu na câmara do outro lado deste magnífico espaço. Ela não podia vê-lo, mas ainda assim, ele a puxava para ele como se estivesse em uma corda.

— Whit? — Ela gritou enquanto entrava na sala além, uma forma estranha, maior do que larga, com três enormes janelas circulares ao longo da parede, cada uma transformada em um espelho pela noite sem lua além e a luz do fogo ali dentro.

Mais distante à esquerda refletia uma enorme banheira de cobre, meio cheia de água, colocada em um lado da lareira, e a atenção de Hattie foi instantaneamente atraída para a peça enorme - maior do que qualquer banho que ela já tivesse visto. Calor subia da água para dentro, insinuando que os servos haviam estado ali poucos minutos antes.

Dentro da lareira, duas grandes chaleiras apitavam alegremente, como se estivessem esperando o dia inteiro para o mestre retornar - como se continuassem a fazê-lo até que ele se banhasse.

Ela inalou bruscamente, desejo vibrando através dela, junto com nervosismo. Ela estava tão orgulhosa de sua bravura mais cedo, mas agora, diante da intimidade selvagem de seus aposentos e agora de seu banho... ela estava ficando menos corajosa. Ela se forçou a ser forte e disse: — Você pretende tomar banho?

Ele estava perto de uma bacia além, desenrolando a tira de linho de sua mão esquerda, e por um momento, Hattie ficou paralisada pelo movimento, um hábil movimento de mão sobre mão que revelou força, tamanho e destreza. — Eu vou, — disse ele, repetindo suas ações com a mão direita antes de se inclinar sobre a bacia e lavar as mãos, esfregando-as com cuidado meticuloso.

Ela engoliu em seco. Tentou indiferença casual. — Oh. — O grito não era nem casual, nem indiferente, e ela nunca ficou tão grata em estar olhando para as costas de outra pessoa. Ela limpou a garganta. — Isso é bom. Você está sangrando.

Ela estava lembrando a si mesma ou a ele?

Ele olhou por cima do ombro para ela. Isso era humor em seu olhar? — Não mais. Você deve ser mais precisa durante a nossa próxima batalha.

Suas sobrelanceiras atiraram juntas. — Eu nunca pretendi... — Ela parou. Se ela tivesse pensado por um momento que ele seria ferido, ela nunca teria tirado a faca do bolso. — Eu pensei que poderia ter que me proteger.

Ele parou, e ela se perguntou o que ele estava pensando, mesmo sabendo que ele nunca falaria.

Ela forçou uma pequena risada. — Não esperava que *you* me protegesse.

Ele olhou para ela então, por cima do ombro, seus olhos cor de âmbar como fogo, e ela o imaginou dizendo algo magnífico. Tipo, *eu sempre vou te proteger*.

O que era louco, claro. Ele não tinha acabado de roubar os negócios dela? Transformando-os em rivais? Ela limpou a garganta. — O ferimento deve ser limpo e enfaixado, no entanto.

Ele secou as mãos num pedaço de pano e afastou-se da mesa, dirigindo-se à água quente da lareira. — A atacante se torna a enfermeira.

Ela engoliu em seco com as palavras dele, a visão que elas criaram. O jeito que elas fizeram seus dedos coçarem para tocá-lo. A maneira como elas a colocaram no

limite - fazendo-a se sentir completamente acima de sua cabeça. Quando ela implementou o Ano de Hattie, com a intenção de seguir um simples passo-a-passo para seguir com sua vida em suas próprias mãos, ela estava preparada e polida, pronta para reivindicar o mundo.

Não mais. Ele atropelou esse plano.

Agora ele ameaçava atropelar o resto dela também.

E o que era pior... ela descobriu que queria.

— Farei o melhor possível para compensar — disse ela, com as palavras mais calmas do que pretendia, o quarto abafando-as.

Ele ouviu, hesitando enquanto pegava a segunda chaleira - a pausa quase imperceptível se ela não estivesse observando atentamente. Mas Hattie observava com mais cuidado do que alguma vez tinha visto qualquer coisa, por isso, quando ele soltou um grunhido que ela poderia ter pensado que era uma vez desdenhoso, ela ouviu outra coisa. Algo categórico.

Desejo.

Não era possível, era? Ele não a tocou esta noite. Eles estiveram na mesma carruagem por um longo período. Sozinhos na escuridão. E ela doía para ele tocá-la. Estava pronta para gritar para ele beijá-la.

E ele não fez nada do tipo.

Mas agora... O coração de Hattie começou a acelerar. Impossivelmente, ele a queria.

Ele jogou a roupa - manchada além da razão após os acontecimentos da noite - no chão e moveu-se para sentar em uma cadeira de encosto alto e tirar as botas.

Ela não conseguia parar de se maravilhar com ele, com a forma como o corpo dele se dobrava no assento, revelando músculos que ela tinha bastante certeza de que os humanos normais não tinham, flexionando e esticando. Ela reprimiu um suspiro, o que teria sido mais do que embaraçoso se ele tivesse ouvido.

Ele se inclinou para remover uma bota e estremeceu. Estava quase lá - antes que alguém notasse, pelo menos alguém que não estivesse fascinada em todos os seus movimentos.

Ela deu um passo à frente, não gostando dele com dor. — Posso ajudar?

Ele congelou com a pergunta, ele ficando tão quieto, Hattie pensou que talvez tivesse cometido um erro terrível. Ele não olhou para ela quando ele balançou a cabeça e disse, incrivelmente quieto: — Não.

A bota saiu apressada, e ele estremeceu novamente, ignorando o aviso que seu corpo estava dando para atacar imediatamente a segunda. Ela deu um passo à frente novamente, e ele olhou para cima então. Repetiu-se, desta vez mais alto. — *Não.*

Quando sua segunda bota foi descartada, ele se levantou, enfiou a mão no bolso e tirou o relógio. Os relógios.

Dois relógios. Sempre.

Colocou-os em uma pequena mesa, ao lado de uma cesta cheia de ataduras e linha, presumivelmente porque ele precisava de reparos regularmente após as lutas. Hattie ficou paralisada pelos discos de metal. Sem desviar o olhar deles, ela disse: — Por que você carrega dois relógios?

Houve uma pausa longa o suficiente para ela pensar que ele não poderia responder. Suas mãos chegaram ao cóis da calça. — Eu não gosto de me atrasar.

Ela balançou a cabeça. — Eu não entendo...

As palavras sumiram enquanto ele trabalhava nos botões de suas calças. Ela manteve os olhos nos dele, não querendo ser rude, mas podia contar os botões pelos movimentos bruscos dos ombros quando ele os soltou. Três. Quatro. Cinco.

Ela não conseguiu se conter. Ela olhou. *Claro que* ela olhou. A luz fraca da sala tornava impossível ver qualquer coisa além de um V escuro nas sombras, emoldurado por suas mãos fortes, polegares enfiados no tecido como se ele pudesse ficar lá, sob o olhar dela, para sempre, se ela desejasse.

Ela desejou isso.

E entre aqueles polegares, uma sugestão de outra coisa. Pele. Ela engoliu em seco, arrancando o olhar dele, as bochechas ardendo. Ele estava olhando para ela, olhos âmbar brilhando à luz do fogo, e por um único momento selvagem, ela se perguntou o que ele faria se ela fosse até ele e o tocasse. Se ela adicionasse as mãos às dele, ali, nas sombras.

Tão depressa quanto ela pensou, ele mudou, relaxando em si mesmo, seus olhos ficando encapuzados, como se ele também estivesse pensando nisso. Como se ele fosse dar as boas-vindas ao toque dela se ela o oferecesse.

Ele ainda lhe devia uma ruína.

Todas as outras vezes em que estiveram juntos, a hora ou a localização impediram a entrega do acordo. Mas agora – aqui...

Ele poderia arruiná-la, corretamente.

Ela queria isso. E ceder ao seu próprio desejo era uma liberdade magnífica.

Não que ela iria expressar isso.

Ele preencheu o silêncio dela, baixo e escuro, como se as palavras fossem raspadas através do cascalho passando por seus lábios. — Você tem algo a perguntar?

Ela balançou a cabeça, encontrando as palavras com dificuldades. — Não.

Um sorriso conhecedor brincou em seus lábios e ele se virou, como se tudo isso fosse perfeitamente normal, empurrando as calças para baixo de seus quadris enquanto se preparava para o banho. Ao clarão das nádegas, Hattie desviou o olhar, passando por ele, até a janela além da banheira, agora um espelho, revelando...

Oh meu...

Ela virou as costas para a cena instantaneamente. — É assim que você costuma fazer negócios?

O silêncio encontrou a questão. Não. Não silêncio. Muito som. O som dele entrando no banho, a água jorrando quando recebeu seu peso. Seu rosnado baixo quando ele se estabeleceu em seu calor indulgente.

O som era puro hedonismo e o desejo se acumulava profundamente, espalhando calor através dela, como se ela também estivesse em um banho.

Como se ela estivesse no banho com ele.

E se ela estivesse?

Ela deu uma pequena risada com o pensamento, incapaz de imaginar um cenário em que ela seria corajosa o suficiente para tirar suas roupas sem hesitar. Incapaz de imaginar ser o tipo de mulher que se convidava para o banho de um homem.

Outro respingo veio, e ela resistiu à vontade de virar e olhar, para ver o que ele tinha feito para causar isso. Ela se concentrou na luz brilhante na sala além, as bordas dos tapetes, sobrepostos.

Uma vez que ele se estabeleceu, ele falou. — Você não me prometeu uma luta?

Ela ficou tão surpresa com a pergunta provocante que se virou para encará-lo, despreparada para a visão dele, relaxado, os braços apoiados na borda da banheira de cobre, a cabeça inclinada para trás, os olhos fechados, o cabelo escuro molhado e penteado para trás do seu lindo rosto, o sangue seco agora desapareceu de sua bochecha, um pequeno corte sendo tudo o que restava, cercado por uma contusão que escurecia rapidamente.

Deveria ter estragado sua beleza. Isso não aconteceu. Em vez disso, trouxe-o ao alcance, à terra, entre os meros mortais. Isso fez Hattie querer tocá-lo. Isso a fez querer reivindicá-lo. Isso a fez querer...

— Você já teve uma luta hoje à noite, — ela disse suavemente.

Seus olhos se abriram, encontrando instantaneamente os dela. — E então? O que você oferece?

— Eu só quero... — Ela olhou para a janela, para o quadro refletido na escuridão lá. Ela, com roupas masculinas, olhos arregalados e ele, largo e bronzeado na banheira. O que ela podia oferecer? Havia tanta coisa que ela queria dele. Tocar. Falar. Prazer. E outra coisa... algo que ela não ousou nomear.

Algo que ela não poderia ter.

Ela afastou o olhar da janela. Olhou para ele. — Eu quero cuidar de você. — Assim, seu relaxamento se foi. Sua mandíbula se fixou e os músculos de seus ombros ficaram tensos. Ela acrescentou rapidamente: — Eu não deveria querer cuidar de você, é claro. Somos inimigos.

— Somos? — Ele estendeu a mão e pegou o pedaço de linho sobre a banheira, puxando-o para a água com mais força do que o necessário.

— Pretendo brigar bastante pelos meus negócios.

— E eu vou encontrá-la de igual para igual, — disse ele. — Amanhã.

Um arrepio a percorreu as palavras dele. No caminho, a libertou. Libertou os dois. Amanhã não era esta noite.

— Não gostarei de você amanhã, — disse ela, sentindo que era importante dizer isso.

Ele assentiu. — Eu não vou te culpar.

Exceto que ela certamente gostaria dele, ela temia. Mesmo que ela não tivesse absolutamente nenhum motivo para gostar dele. Mesmo que ele tenha mentido para ela. E a machucado. Mas agora, ele não parecia ser aquele homem. Ele parecia...

Bom.

Seus movimentos sob a água foram rápidos e superficiais, e Hattie temia que ele pudesse agravar suas contusões. Ela deu um passo à frente, estendendo a mão como se pudesse detê-lo. Ele voltou sua atenção para ela, e o foco em seus olhos foi o suficiente para colocá-la de volta em seus calcanhares.

— Amanhã, então, — disse ela, de repente sem fôlego.

O único som na sala era o movimento suave da água quando ele terminou de se banhar. Até que ele perguntou, baixinho o suficiente para que, no início, ela quase não acreditasse que ele havia dito em voz alta. — Como você se importaria comigo esta noite, guerreira?

Ela corou. — Eu te disse.

— Você disse?

— Eu faria um curativo em você.

— E quando isso for feito?

Ela engoliu em seco. — Eu... eu não sei. Agradeceria, suponho. Por me proteger.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não mereço sua gratidão. Não quero que algo aconteça hoje à noite por causa da sua gratidão. Eu quero que seja porque você quer.

Ela queria isso.

— Tudo bem.

— Diga-me o que você está pensando, — disse ele.

— Estou pensando que gostaria de falar sobre o acordo.

Ele se inclinou para frente, o som da água no banho como fogo de artilharia no quarto. — Diz.

Ela engoliu em seco. — Sobre o prazer.

— Você ainda quer a ruína.

Ela assentiu. — Por favor. Ele não hesitou. — Esta noite.

Antecipação tumultuou através dela. Ela não podia ficar parada por mais tempo, simplesmente esperando que ele terminasse seu banho. Ela assentiu. — Esta noite. Ou você pretende renegar isso também?

Uma sobrancelha escura se arqueou com a pergunta e, com o hematoma em sua bochecha, ele parecia um patife. Ela realmente disse isso? Ela não podia acreditar que ela o desafiara. Mas o que foi feito foi feito, e a excitação correu através dela, ameaçando transbordar quando ele soltou um longo "aaah", que soou imediatamente como dor e prazer. — Não, amor, — ele rosnou, colocando as mãos para as bordas do banho novamente. — Eu não renegarei.

Ele ficou de pé, a água escorrendo pelo seu torso, percorrendo os cumes e vales, abaixo do V profundo de seu abdômen. Os olhos dela se arregalaram no comprimento grosso dele, reto e suave e se *foi*. Seus olhos voaram para ele quando ele envolveu um pedaço de pano baixo sobre os quadris, protegendo-se da vista.

Ele levantou uma sobrancelha para ela, e ela ouviu a pergunta seca nela. *Desapontada?*

Sim. Sim ela estava.

Ela engoliu em seco quando ele pegou outra toalha, secando o resto do corpo, como se tudo isso fosse perfeitamente comum. E talvez fosse. Talvez ele passasse as tardes tomando banho para uma coleção de mulheres, cada uma mais ansiosa do que a próxima a assistir.

— Eu suponho que você faça isso com frequência, — disse ela, lamentando as palavras imediatamente. Certamente tal observação não era apropriada para esta situação.

Suas sobrancelhas se levantaram. — Faça o que?

Ela balançou a cabeça, mas ainda assim as palavras vieram. — Banhe-se na frente das mulheres. Traga-as para cá como um príncipe em um palácio. — O canto de sua boca se contorceu e os nervos de Hattie se desgastaram. — Não se atreva a rir de mim, — disse ela, apontando um dedo para ele. — Você não sabe como é ser inexperiente. Como é, para aquela pessoa, que precisa saber que você fez isso cem vezes com uma centena de outras mulheres... todas muito bonitas e muito recatadas e todas usavam roupas de baixo projetadas para...

Ela parou, seus olhos se arregalando com suas palavras.

Ele deixou a toalha cair no chão, sem tirar os olhos dela. — Não pare agora, Hattie. Me conte mais sobre as roupas íntimas.

Ele estava desafiando ela, esse homem a quem ela odiaria se não gostasse tanto dele. Ela estreitou o olhar. — Tenho certeza que elas são lindas. Toda de babado e deslizante. As minhas são... sem.

O que ela estava fazendo?

— Sem? — Ele se virou para pegar um par de calças novas de uma cadeira baixa nas proximidades.

Ela desviou o olhar quando ele as puxou, as palavras saindo de sua boca. — As minhas servem a um tipo diferente de propósito. Quero dizer, quando eu as uso.

Ele olhou por cima do ombro, aquele quase sorriso brincando em seus lábios novamente.

Ela fechou os olhos. — Você sabe o que eu quero dizer.

— Eu juro que não.

— Quero dizer, estou usando-as, mas é um tipo diferente de coisa quando se está vestindo... — Ela acenou com a mão sobre o seu próprio corpo.

Ele rastreou o movimento e seus olhos ficaram encapuzados por um momento, como se estivesse considerando todas as possíveis roupas íntimas disponíveis para Hattie enquanto ela vestia roupas masculinas.

Querido Deus. Roupas masculinas não a favorecem exatamente, não é?

Ela limpou a garganta. — De qualquer forma, tenho certeza de que você faz isso com frequência e com pessoas muito mais qualificadas.

E, assim, ele estava vindo para ela, todos os passos largos e músculos perfeitos, e suas calças nem mesmo totalmente abotoadas, perseguindo-a ao atravessar a sala enquanto ela corria, toda graça predatória, até que ela recuperou o juízo e percebeu que não queria escapar.

Ela parou. Maravilhosamente, ele não fez o mesmo.

Ele mal parou quando a alcançou, arrancando o chapéu de sua cabeça, tomando seu rosto em suas mãos, mergulhando para beijá-la sem hesitação, seus lábios firmes e impossivelmente suaves, roubando seu suspiro quando ele inclinou o queixo dela para cima e tomou seus lábios. Sua língua saiu para acariciar seu lábio superior, persuadindo-a com a promessa até que ela estivesse na ponta dos pés, encontrando-o, doendo por ele.

Quando ele soube que ele a tinha - como ele não podia, enquanto ela agarrava seus ombros quentes, suas mãos deslizando sobre o músculo grosso de seus braços - ele sorriu contra seus lábios, oferecendo-lhe um pequeno grunhido quando ele a puxou para perto, realinhando seus lábios. Bocas e finalmente, finalmente, acariciando profundamente, dando-lhe tudo o que ela queria, repetidas vezes, até que ambos estavam ofegando da carícia.

Ele os deixou respirar, e Hattie abriu os olhos, sentindo-se embriagada, esforçando-se para se concentrar nele.

— Estou feliz que você lembrou das qualificações, — disse ele, sua voz suave e baixa e deliciosa.

— Você está?

— Hum. — Ele olhou nos olhos dela por um longo momento, como se estivesse procurando por algo. — Porque eu temo não conhecer as suas.

O que?

Antes que ela pudesse perguntar, ele se inclinou para ela. Quando ele sussurrou o seguinte, ele estava tão perto, ela podia sentir as palavras em seus lábios. — Devo pegar a lista? Eu não posso me transformar em uma altura mediana ou de estatura mediana, amor... nem posso me tornar loiro.

O calor se espalhou em suas bochechas com a referência à lista que ela havia fornecido ao bordel, o que parecia ser uma época muito distante, mas ela se recusou a deixar que o embaraço a impedisse de aproveitar esse momento. Ela levantou a mão para se acomodar em seu ombro, nu e macio, e quente como o sol. Ambos sugaram o ar ao toque. — Você é muito bonito também. Mas suponho que terei que me virar.

Ele grunhiu, uma mão vindo para sua bochecha, o polegar acariciando o rubor ali. — Eu também não sou charmoso. Ou afável.

Ela não se importou. Ela inclinou o rosto para ele, e ele se afastou, recusando-lhe o beijo que ela queria desesperadamente. — Mas você não quer nada disso, não é?

— Não, — ela disse suavemente, ansiando que ele a beijasse.

Seus dedos apertaram em seus cabelos. — O que você quer?

Ela ficou na ponta dos pés e sussurrou contra os lábios dele, mais corajosa do que nunca, — Eu quero você.

— E eu quero você, — disse ele, encontrando seu beijo com o seu próprio, longo e exuberante, o polegar traçando sobre a pele macia de sua bochecha enquanto ele lambia sua boca, acariciando lento e demorado, um delicioso sabor do que poderia vir. E então, em seus lábios, — Devo lhe dizer o que *posso* prometer?

— Por favor.

— Eu serei *muito* meticoloso.

Ela sorriu com suas palavras, prazer percorrendo-a. — Excessivamente, até?

Ele rosnou seu consentimento e a beijou novamente, sua língua doce e limão, enquanto acariciava a dela.

Os dedos de Hattie percorreram seu torso, a palma de sua mão deslizando sobre as magníficas cordilheiras de seu corpo, deleitando-se com o calor dele até que ela alcançou as contusões do seu lado e ele respirou fundo. Ela instantaneamente o soltou. Ele estendeu a mão para ela, puxando-a de volta ao seu calor. — Não pense sobre isso.

Ela apertou as mãos no peito dele. — Não pensar sobre o fato de que você está machucado? — Ela resistiu. — Você pegou um chute do seu lado. Sem mencionar minha faca. Você vai me deixar dar uma olhada.

Ele sorriu com a insistência dela. — Eu não sabia que você era uma médica.

Ela lhe deu um olhar irritado. — Acho que não gosto quando você é falador.

Ele deu uma gargalhada e roubou um beijo pequeno e delicioso. — Você não pode me culpar por ter menos interesse em minhas contusões do que em seu corpo, Hattie.

Ela foi suave com as palavras. — Mesmo?

— A culpa é sua... agora estou curioso sobre suas roupas de baixo.

Ela resistiu à excitação e diversão que veio com as palavras, em vez de afetar seu olhar mais sério. — Mas *eu* estou interessada em suas contusões.

Uma pausa e depois um grunhido de aceitação. — Se eu deixar você cuidar das minhas feridas, você vai me deixar arruiná-la?

Lá estava novamente a tentação da liberdade. A resposta que ela não teve que hesitar.

Ela encontrou seus olhos, amando o fogo neles. — Sim.

Capítulo Dezenove

Contrariamente ao que Hattie acreditava, Whit nunca tinha levado uma mulher aos seus aposentos antes.

A casa tinha uma enorme área de recepção no térreo e um escritório para Whit e Devil, então nunca havia razão para Annika ou qualquer outra mulher do armazém entrar em seus aposentos. Grace já esteve neles meia dúzia de vezes, mas apenas o tempo suficiente para zombar de sua extravagante decoração e sair.

Quanto a outras mulheres, Whit nunca as trouxe aqui. Ele não queria responder perguntas sobre o espaço. Não queria defender seu quarto cheio de formas estranhas com as coisas que ele mais amava no mundo. E ele certamente não queria dar a outra pessoa tal acesso a seus prazeres privados.

Mas ele não hesitou em trazer Hattie aqui, embora o ato de recebê-la no espaço que ela chamava de seu covil o tivesse deixado muito mais exposto do que se sentiu quando ele se banhou na frente dela.

Tomar banho na frente dela só o fez querer puxá-la para a banheira com ele, tirá-la de seu disfarce ridículo e lavá-la até que ambos estivessem ofegando de desejo e ele não tivesse escolha senão fazê-la gozar até que ela gritasse.

Whit pensou que tinha sido imensamente controlado em não fazer exatamente isso, honestamente.

E então a mulher começou a falar sobre roupas íntimas. Ele deveria estar amaldiçoado para interromper o beijo pecaminoso que eles compartilharam, cheio de calor, exploração e promessa, e deixá-la cuidar dele com bandagens e pomadas quando o que ele precisava era de seus lábios e mãos.

Ele achava que tinha demonstrado imensa contenção, quando tudo o que ele mais desejava era provar que não havia nada que as contusões impediria, e que ele era perfeitamente capaz de jogá-la por cima do ombro e levá-la para a cama.

Mas ele não fez isso. Em vez disso, ele se sentou e observou quando ela selecionou uma larga tira de bandagem e um pote de pomada, vindo se sentar ao lado dele. — Vire-se para a luz, — disse ela, olhando para seu torso nu, tão superficial como qualquer médico.

Ele fez, e ela estendeu a mão, devagar e hesitante. — Eu vou...

— Toque-me, — ele rosnou. Ele não achava que poderia ficar muito mais tempo sem os dedos macios dela.

Ela fez o que ele pediu, e ambos respiraram fundo. Seu olhar voou para o dele, e ela levantou a mão como se tivesse sido queimada. — Eu sinto Muito.

— Não, — disse ele, pegando seus dedos e devolvendo-os à sua pele. — Não pare.

Não pare nunca.

Ela não parou, e alisou a pele manchada lá. — Este é um machucado feio.

Ele grunhiu, tentando ignorar o prazer que vinha com seu toque.

— Você deveria ver um cirurgião. Você tem um cirurgião?

— Eu não preciso de um cirurgião, — disse ele.

Eu preciso disso. Eu preciso de você.

Ela traçou os dedos sobre a parte mais escura do hematoma. — Eu acho que você pode ter quebrado uma costela.

Ele assentiu. — Não seria a primeira vez.

Suas sobrancelhas atiraram juntas. — Eu não gosto disso.

O prazer não era suficiente para descrever o modo como a severa resposta dela percorreu-o, sem restrições e em choques. Ele respirou fundo com a sensação, querendo aliviar sua preocupação. — Elas curam.

Ela não parecia convencida, mas abriu o pote de bálsamo, levando-o ao nariz. — Louro, — ela disse suavemente antes de encontrar seus olhos. — Você usa isso com frequência.

— Eu luto frequentemente.

Ela estremeceu com as palavras e ele desejou poder levá-las de volta. — Por quê?

Ele não respondeu quando ela espalhou a pomada sobre seu torso, seus movimentos suaves e seguros, e gentis o suficiente para fazê-lo doer de uma maneira completamente diferente. Quando foi a última vez que ele foi cuidado?

Não há décadas.

Ele descobriu que não queria voltar, não agora que conhecia a sensação das mãos dela sobre ele. Seu toque suave. O jeito que ela despertou cada centímetro dele enquanto ela os envolvia em limão e louro.

— O que contém nessa pomada? — Perguntou ela. — Como funciona?

— Casca de salgueiro e folha de louro. — Se alguém tivesse perguntado, Whit teria terminado sua resposta lá. Mas esta era Hattie e tudo era diferente com ela. — Minha mãe costumava fazer algo parecido. Ela chamava *de molho suave*. Esfregava em suas mãos antes de dormir.

— Elas doíam das costuras.

Ele odiava a facilidade com que ela entendia algo que levava anos para ele trabalhar. Odiava a culpa que o atormentava. — Eu fiz o que pude para trazer dinheiro, então ela não teria que trabalhar tanto, mas ela não me queria nas ruas. Ela pagou para eu ter aulas no quarto dos fundos de uma loja de roupas na Saint Clement's Lane. Insistiu que eu aprendesse a ler. Algumas semanas, as velas custavam mais do que o dinheiro do trabalho dela. — Era uma lição que Whit nunca esquecera. Uma em que ele pensava todas as vezes que acendia as velas naquela sala - mais do que precisaria, como se pudesse acender o quarto para sua mãe, se tentasse o suficiente. — Toda vez que eu dizia a ela que queria trabalhar, ela me lembrava que as lições já estavam pagas. Costumava dizer que se...

Ele parou.

O toque de Hattie não vacilou. Ele se concentrou nos toques suaves e maravilhosos.

— Ela costumava dizer que, se a matasse, eu cresceria para ser um cavalheiro.

Foi por isso que ele a deixou. Quando seu pai o manteve lutando por um ducado que nunca deveria herdar.

E isso a matou.

Ele engoliu o pensamento, deixando a amargura se acomodar antes de acrescentar baixinho: — O que ela pensaria de mim agora.

Hattie ficou quieta por um longo momento, tempo suficiente para que Whit pensasse que ela poderia não responder. Mas ela fez, porque ela sempre soube o que dizer. — Eu acho que ela ficaria orgulhosa de você.

— Não, ela não ficaria, — disse ele. Sua mãe teria odiado sua vida. Ela teria odiado a violência em que ele vivia diariamente, a sujeira de seu mundo. E ela teria achado o modo como ele havia traído Hattie sem razão. — Ela odiaria tudo menos os livros.

Ela sorriu com as palavras dele, seu toque inabalável. — Há muitos livros.

— Não poderíamos pagar por eles. — Ele não queria dizer isso a ela. Não era da conta dela. E de alguma forma, ele não conseguia parar de falar. — Ela não sabia ler, mas os reverenciava. — Ele deu uma olhada ao redor da sala. — Ela não podia pagar por eles, e eu nem os guardo em uma estante de livros. — Outra maneira que ele falhou com sua mãe.

Hattie não levantou os olhos do trabalho. — Parece-me que a melhor maneira de você honrar a reverência dela é lê-los. E todos esses parecem bem lidos.

Ele grunhiu.

Ela sorriu. — Isso significava que você gostaria de mudar de assunto. — Ela olhou para cima através de seus cílios para ele, e seu sorriso doce foi uma distração bem-vinda. — Estou aprendendo seus sons.

Seus dedos alisaram suas costelas, onde um hematoma roxo floresceu rápido e furioso, e ele respirou fundo. — Eu não tenho que ser uma boa aluna para saber o que isso significou. — Ela levantou a mão, sua tarefa completa. — Posso enfaixar você?

Outro grunhido, e ela sorriu, erguendo o rolo de linho ao seu lado.

— Estou aceitando isso como um sim.

— Sim, — disse ele.

Ela começou a enrolar a tira em torno de seu corpo com cuidado, seu toque uma constante tentação. Na terceira passagem, seus lábios se separaram e sua respiração começou a subir mais rapidamente. Ela falou enquanto fazia o curativo. — Por que você faria isso? Você é rico além da medida e tem o respeito de todos os homens, do Tamisa à Oxford Street - e além. Por que você deixaria eles te machucar?

Porque ele merecia.

Ele não disse isso a ela. Em vez disso, ele disse: — É como sobrevivemos. Seu toque recuou. — Seu irmão e irmã? E você?

Ele olhou para baixo, observando seus longos dedos estenderem o curativo. Maravilhou-se com eles. Com ela. No caminho, ela convocou suas palavras. — Nós fugimos do nosso pai. E do nosso... irmão. — Ele odiava falar da existência do Ewan com ela agora, enquanto ele ameaçava-a como um fantasma.

— Por quê? — Essa mulher maravilhosa e compassiva, com um irmão que ela protegia, mesmo que ele tivesse arruinado tudo para ela.

Ela não entenderia a verdade sobre o passado dele, mas ele falou assim mesmo. — Nós colocamos em perigo tudo pelo que o velho homem viveu. Tudo pelo qual o jovem tinha trabalhado. E Ewan - ele estava disposto a fazer *qualquer coisa* pelo amor do meu pai. — Ele deu uma risadinha sem graça. — Não que houvesse qualquer amor no desgraçado para dar.

Sua testa franziu. — Ele estava mesmo disposto a ver você fugir?

— Ele fez *questão de* fugirmos. — Seu olhar caiu para a cesta de bandagens e pomadas. — Naquela noite, ele veio para matar a Grace. Devil o deteve, pegou a facada por ela.

Ela ofegou. — A cara dele. A cicatriz.

— Um presente do nosso irmão. E de nosso pai.

O ódio lampejou em seus lindos olhos. — Eu gostaria de ter uma palavra com os dois.

— Meu pai está morto.

— Bom. — Ela levantou uma tesoura de costura e ele levantou uma sobrancelha - ela parecia preparada para lutar com as pequenas lâminas. Considerando sua raiva, Whit poderia até apostar nela. — E seu irmão?

Ele balançou sua cabeça. — Não está morto.

Muito vivo. Muito perto.

Ela terminou a bandagem, amarrando as pontas em um nó perfeito. — Bem, é melhor ele não me encontrar em um beco escuro. — Poderia ter sido divertido se ele não estivesse tão irracionalmente perturbado pela ideia de Hattie no caminho de Ewan.

Você vai desistir dela. Ou eu vou levá-la.

Ele colocou as mãos nos ombros dela, fazendo-a olhar para ele. — Escute-me. Se você alguma vez tiver motivos para encontrar meu irmão, corra para o outro lado.

Seus olhos se arregalaram com essas palavras, a seriedade nelas. — Como você escapou?

— Eu não escapei. — Memória brilhou. A noite escura e Grace gritando - ele e Devil arrombaram uma porta para encontrar seu irmão com uma faca enorme, o pai deles na borda da sala, observando. Orgulho e algo mais em seu rosto - prazer.

Malditos monstros.

Whit pulara na briga, mas Ewan era forte demais. Ele sempre foi o mais forte. A manifestação perfeita do sangue ducal. Devil tinha sido muito impetuoso. Whit, muito pequeno. Mas Ewan tinha sido forte o suficiente para derrubar Whit, e com força suficiente para que ele não conseguisse levantar-se.

Devil saltou para cima. Levou o golpe por Grace.

E foi Grace quem colocou Ewan no chão.

— Devil e Grace me arrastaram para longe. Noite adentro. Eu não teria chegado em lugar nenhum sem eles.

— Vocês eram crianças.

— Quatorze anos. Todos nós nascemos no mesmo dia. Ewan também. — Ela inclinou a cabeça, a pergunta óbvia em seus olhos. — Mães diferentes. E Grace, a sortuda do grupo - pai diferente também. Ela nunca teve que sofrer pela ideia de seu sangue em suas veias.

— Então, não é sua irmã.

— Irmã onde importa, — ele disse, lembrando da garota ruiva de queixo quadrado que os protegeu sem hesitar, mesmo quando ela perdeu mais do que eles já tinham. Mesmo quando ela perdeu o único menino que ela já amou. — Nós fugimos. Corremos e não paramos até chegarmos a Londres. Uma vez que chegamos aqui, não tivemos escolha a não ser dormir na rua. Mas o sono não foi suficiente. Também tivemos que comer.

Ela ainda estava quieta, que era a única razão pela qual ele continuava falando. — Devil nos conseguiu um pouco de pão. Eu limpei os núcleos de meia dúzia de maçãs. Mas não foi o suficiente. Tivemos que sobreviver e isso exigiria mais.

Ele ainda podia sentir a dor profunda das ruas úmidas do bairro, a única coisa que rivalizava com a dolorosa perda de sua mãe. Mas ele não disse isso a ela. Não queria maculá-la com isso.

Ele nem sequer entendia por que ele estava dizendo nada disso agora.

Ele não a queria perto. *Mentira.*

Ele não podia tê-la perto.

Em vez disso, ele virou a conversa para as lutas. — Na nossa terceira noite, Digger apareceu. — Ele encontrou seu olhar. — Ele era outro tipo de bastardo. Implacável e sem ninguém além de si mesmo, mas ele correu um jogo de dados e um ringue de rua e precisava de lutadores.

Suas sobrancelhas se uniram. — Vocês eram crianças.

Toda vez que ela dizia isso, ele se lembrava de como eles eram diferentes. Como ele não podia fazer nada além de manchá-la. Ele se agarrou a esse pensamento. Com a esperança de que isso o impediria de fazer algo louco. — Quatorze anos é uma idade suficiente para dar um soco, Hattie.

Sua atenção voltou-se para o corte em sua bochecha inchada. — E quanto a vocês apanharem?

Um lado de sua boca subiu em um sorriso arrogante. — Não precisa se você é rápido o suficiente para sair do caminho.

Ela sorriu pelo modo como a voz dele deslizou no ritmo do Jardim. — E você foi muito rápido?

— Eu tinha que ser. Eu não era nada perto de forte. O nanico da ninhada.

Ela fez uma demonstração de avaliar sua ampla estrutura. — Acho isso muito difícil de acreditar.

Ele levantou um ombro e o soltou. — Eu cresci.

— Percebi.

Ele sentiu um profundo prazer com suas palavras, e ele ficou duro com uma velocidade que o surpreendeu. Antes que ele pudesse agir, ela disse: — Continue, — e ele não teve escolha a não ser obedecer.

— Devil e eu éramos lutadores medianos. Nós podíamos balançar e tecer, e quando nós dávamos um soco nós sabíamos como colocar força por trás disto. Nem sempre ganhamos, mas sempre atraíamos a multidão. — A história deveria ter sido sombria - a história dos irmãos que não tiveram outra escolha senão lutar por suas camas e pelo jantar - mas não foi. As lutas foram algumas das melhores lembranças daqueles anos.

— E agora ele é casado com Felicity Faircloth.

Surpresa explodiu e desapareceu. — Eu esqueço que ela era uma dama da sociedade.

Hattie sorriu. — Eu sempre tive um pouco de inveja dela por poder deixar isso. E por ter uma razão tão boa. — Uma pausa e depois: — Vocês têm os mesmos olhos.

Os olhos de Marwick.

— Eu gostaria de ter falado com ele.

— Dev? — Ele balançou a cabeça. — Ele não é para você. Ela foi vagamente insultada. — Por que não?

— Ele não é bom o suficiente para você.

Os lábios se curvaram em um sorriso que quase lhe roubou o fôlego. — E você é?

— Nem um pouco.

Ela ergueu uma mão com as palavras dele, devagar, como se tivesse medo de que ele fugisse. Whit quase riu da ideia. Não havia nada que o levasse a partir deste momento. Nada que ele não faria para mantê-la lá. Para desnudá-la e tê-la. Finalmente. E quando as pontas de seus dedos roçaram sua têmpora, apenas o suficiente para empurrar uma mecha de cabelo para trás de sua orelha, ele prendeu a respiração, querendo que ela o puxasse para perto. Querendo que ela o beijasse.

Em vez disso, ela disse: — Os Bastardos de Bareknuckle. É assim que vocês dois são conhecidos.

— Três de nós.

Levou um momento para entender. — Grace?

— Você nunca viu um lutador como Gracie. Ela podia derrubar uma série de brutos e não suar, e quando ela entrava no ringue, seus oponentes tremiam. Todo mundo pensa que somos *Reis de Covent Garden*? É tudo bobagem. Não estaríamos em lugar nenhum sem Grace. Ela nasceu para governar. — Ele sorriu, baixinho e privado. — Ela me deu minha primeira faca. Me ensinou a jogá-la - uma arma que não exigia que eu fosse o maior ou o mais forte.

Admiração brilhou nos lindos olhos violetas. — Eu retiro minhas observações anteriores sobre conhecer seu irmão. Eu preferiria muito mais conhecer sua irmã.

— Devil ficaria profundamente ofendido ao ouvir isso. — Ele encontrou o olhar de Hattie. — Mas Grace gostaria de conhecer você. Disso não tenho dúvida.

Ela sorriu, e por um instante, ele se perguntou como seria se ele tivesse conhecido essa mulher em um lugar diferente, em outro momento. Se ele tivesse ido as aulas como sua mãe havia pedido. Se ele se recusasse a partir com seu pai e lutar por um ducado, que ele nunca teve a chance de ganhar. Ele teria se tornado um comerciante? Um lojista? Algo simples que mantinha comida em suas barrigas e um teto sobre suas cabeças? E ele teria convencido esta mulher tão acima dele, que ele mal podia ver que ele era um partido digno?

Será que ele voltaria para casa todas as noites, cansado e feliz, e encontraria consolo com Hattie, leria um livro ao lado do fogo, compartilharia um saco de doces enquanto discutiam o tempo, o barulho do mercado, as notícias ou qualquer outra coisa normal? Pessoas faziam isso em um dia normal.

O que poderia ter sido.

Uma dor floresceu em seu peito com o pensamento, uma dor que veio com um desejo tão aguçado por algo tão impossível que ele deveria ter posto um fim à noite naquele momento. Porque de repente ele estava ciente do fato de que poderia doer para sempre se deixasse Hattie Sedley se aproximar.

É claro que, quando percebeu isso, estava desesperado demais para tê-la.

E então, ao invés de mandá-la para casa, ele nivelou-a com um longo olhar - tempo suficiente para dar outro rubor em suas bochechas redondas e tê-la olhando para longe com um sorriso envergonhado em sua boca bem-vinda.

Ele a queria.

E ela o queria.

E esta noite, isso era tudo que importava.

— Hattie, — ele disse suavemente, não querendo assustá-la com sua ansiedade. Ela olhou para cima, seus olhos violetas enormes. — Sim?

— Você acabou de me cuidar?

Sua atenção deslizou até a bandagem em torno de seu torso. — Sim.

Ele estendeu a mão, passando os dedos por sua bochecha, a pele suave como seda. — Ainda temos um acordo?

Ela assentiu. — Sim.

Seus dedos pegaram uma mecha solta de cabelo, como ouro fiado a luz do fogo, e ele colocou atrás da orelha. Ela se inclinou em direção ao toque, e ele pegou seu rosto, inclinando-se mais perto, abaixando a cabeça para sentir seu cheiro — Cristo, você cheira doce. Você é como bolos na vitrine de uma loja.

Ela bufou uma risadinha. — Agradeço por isso?

— Quando eu era menino, havia uma loja de doces em Holborn que fazia a mais deliciosa esponja de amêndoa - eu só a tive uma vez. O padeiro era um bastardo belga, e ele nos perseguiria com uma vassoura se chegássemos muito perto da porta, mas se você ficasse no lugar certo do outro lado da rua e descesse um pouco, podia sentir o cheiro daqueles bolos toda vez que a porta se abria. .

Ele se inclinou e roçou o nariz sobre a têmpora dela, baixando a voz para um sussurro. — Em toda a minha vida, nunca tive tentação como naqueles bolos. Até conhecer você. — Ele pressionou os lábios em sua pele quente e disse a ela a verdade. — Eu nunca quis nada como eu quero você.

Ela colocou a mão no ombro dele, os longos dedos se curvando ao redor do pescoço dele, e por um segundo ele entrou em pânico - pensando que ela poderia

afastá-lo. Mas ela não o fez. Em vez disso, ela virou a cabeça e beijou-o, colocando sua ruína em movimento.

E a dele própria.

— Whit, — ela sussurrou, o som suave e cheio de pecado, e não havia dúvida de resistência. Ele estendeu a mão para ela, desabotoando o casaco, deslizando a mão por baixo da lã quente dela – muito mais quente. Ele se deliciava com a sensação de seu corpo, a curva cheia de sua cintura, a curva arredondada de seu quadril, suas coxas fortes quando ele a puxou para mais perto, girando, levantando-a para que ela se sentasse sobre ele.

Ela ofegou seu prazer quando ele a colocou sobre suas coxas, e ele se inclinou para trás, uma mão no cabelo dela, longe o suficiente para encontrar seus olhos enquanto ela olhava por cima dele. Um sulco cruzou sua testa enquanto ela resistia a lhe dar seu peso. — Eu também...

— Você é malditamente perfeita, — disse ele, inclinando-se para roubar seus lábios e provar isso.

Depois de um longo momento, ele soltou seus lábios e ela se afastou para olhá-lo, seus cabelos torcidos e sua boca dolorida, e a incerteza que estivera em seu olhar desapareceu completamente - substituída pela excitação. E prazer. Ela sorriu, um sorriso pequeno e recatado, sua covinha aparecendo enquanto ela mordida o lábio inferior.

Cristo, ela era linda.

Ele balançou sua cabeça. — Não.

Dúvida brilhou. — Não?

Ele estendeu uma mão sobre seu traseiro redondo e a puxou para mais perto, sentando-a com mais firmeza enquanto ele punha a outra mão nos cabelos dela e a puxava para ele. — Esse lábio não é seu hoje à noite, amor. É meu.

Ele se inclinou para capturá-lo, beliscou-o antes de passar a língua sobre ele em uma longa lambida. As mãos dela chegaram aos ombros dele e ela se entregou à carícia. Whit respondeu com um grunhido profundo, acariciando profundamente, sugando devagar, amando o gosto dela, doce e melhor do que qualquer doce que ele já tivera.

Como ele desistiria dela?

Ignorando o pensamento, ele se concentrou nela, em seus dedos emaranhados em seus cabelos, segurando-o ainda mais quando ela cedia ao beijo. Ela se contorcia contra ele e ele se deleitava com seu desejo desenfreado - apertando os dedos ao redor de seus quadris enquanto ela se balançava contra ele, onde ele já estava duro e com dificuldade pelos doces sons em sua garganta, o suave deslizamento de suas coxas contra as dele, o calor dela contra seu pênis.

Ele nunca desistiria disso.

Ele grunhiu e agarrou-a, acalmando-a, sentando-a para poder levá-la, observá-la acima dele como uma deusa. Incapaz de se conter, ele esfregou os quadris nos dela, observando enquanto as pálpebras dela se abaixaram e ela respirou fundo.

Ele abriu bem o casaco, tirando-o de cima dela, deleitando-se com o modo como o corpo dela se movia enquanto ela o ajudava, torcendo e esticando, revelando as curvas com as quais ela vinha provocando ele a noite toda. Não. Nem todas elas. Ele deslizou uma mão de seu quadril curvado até o lado dela, até que ele sentiu os sulcos de tecido sob as mangas de sua camisa.

Como um raio, ele enfiou a mão no tecido em suas costas, puxando-o da cintura de suas calças. — Hattie...

Os olhos dela se arregalaram quando ele repetiu o movimento na frente, puxando, revelando o torso nu. Ela imediatamente pegou a bainha da camisa e puxou-a para baixo. — Não.

A palavra doeu. — Não?

Ela balançou a cabeça. — É muito... espesso.

Ele sorriu. — Eu sei.

Ela balançou a cabeça, o olhar cintilando para a porta do quarto ao lado. — Você não tem cama em algum lugar? Em algum lugar escuro?

Ele tinha. Mas não era isso o que ela estava dizendo. — Hattie. Deixe-me ver você.

Ela fechou os olhos. — Eu prefiro que você não faça isso.

Ele recostou-se contra o sofá, recusando-se a tirar as mãos dela, deixando os dedos deslizarem por suas coxas e brincar no topo de suas botas de couro. — Devo te dizer o que eu quero fazer?

Seus olhos se abriram e ele quase riu - ele tinha a atenção dela. Sua garota curiosa não seria capaz de resistir ao que elealaria, exatamente o que ele queria fazer com ela. Em detalhes completos. — Eu gostaria de remover esta camisa que é muito simples para você, — ele disse suavemente, seus dedos deslizando de volta para a bainha da camisa, não parando até que estavam debaixo do tecido, em sua pele quente.

Ele brincou ao longo da tira macia logo acima das calças dela, e sussurrou: — Eu preciso removê-los, você vê, porque eu não posso provar você até que eu tenha tirado isso. — Seus lábios se abriram em uma pequena entrada de ar. — Você gostaria disso, não é? Eu provando você?

— Eu... — Ela hesitou.

— Eu gostaria de passar a minha língua por você aqui, — disse ele, com a mão espalmada sobre a curva suave de seu estômago, seu pênis ficando mais duro a cada centímetro dela. Alguma coisa, alguma vez, pareceu tão boa quanto a seda de sua pele? A curva do corpo dela?

Ele mexeu-se, enterrando o nariz na curva do pescoço dela enquanto passava os braços ao redor dela. — Deixe-me, — ele sussurrou em sua orelha antes de capturar o lóbulo entre os dentes. — Deixe-me provar você.

Ela exalou seu “sim”, como se essa fosse a única palavra que pudesse encontrar.

Ele apertou um beijo molhado logo abaixo de sua orelha e a soltou, suas mãos retornando à bainha de sua camisa e puxando-a sobre sua cabeça, enviando-a para o outro lado da sala, esquecida antes de atingir o chão, porque ele estava muito focado no que ele descobriu.

A visão daquelas amarras, a maneira como escondiam seus belos seios - eles o faziam querer causar dano. Ele colocou um dedo na borda superior das bandagens, onde sua pele estava se esticando branca contra as amarras. — Você sabe, minha senhora, quando você falou de roupas de baixo, eu não esperava...

Ela deu uma risadinha ofegante e ele ficou grato por isso... pela maneira como a tirou de qualquer dúvida que estivesse tendo. — Eu não imagino que você pensou nisso aqui.

— Hum, — ele grunhiu antes de se inclinar para frente e traçar a linha pálida logo acima das bandagens muito apertadas com a língua.

— Oh, meu Deus, — ela sussurrou, com as mãos subindo para a cabeça dele, enfiando-se em seus cabelos. — Isso parece...

Não era nada comparado ao que ele ia fazer ela sentir. Ele encontrou a ponta do linho e o soltou, puxando-o livre antes de começar o trabalho de soltá-la.

Ela estendeu a mão para ajudá-lo.

— Não, — ele disse, enquanto trabalhava para deixar seu corpo nu. — Isto é para mim. Você, no meu colo, enrolada como um pacote. É como no Natal.

Ela corou com as palavras. — É isso?

Ele diminuiu a velocidade, sustentando o olhar dela por um longo momento antes de responder: — Como você pode não saber? — As tiras caíram e seus olhos ficaram encobertos pelo prazer que isso causou - tão aguçado que Whit sentiu como um golpe, sua mente indo em branco, mas com o único objetivo de fazê-la sentir prazer, várias vezes, para sempre.

Ela voltou aos seus sentidos cedo demais - quase imediatamente - e se moveu, instantaneamente para se cobrir, uma tarefa impossível enquanto seus seios lindos transbordavam de suas mãos. A visão era a coisa mais erótica que Whit já vira, e ele não pôde conter o grunhido que veio de baixo em sua garganta quando ele se inclinou para frente e pressionou um beijo na carne tensa acima de cada mão, lambendo lentamente a pele vermelha e marcada lá.

— Pobre amor, — ele sussurrou. — Você deve ter mais cuidado.

Ele cobriu as mãos dela com as suas, entrelaçando os dedos enquanto seguia as linhas vermelhas que cruzavam seus seios. Outro beijo, e outro, e outro, acalmando sua pele sensível com beijos suaves e gentis, lambidas persistentes e pequenas sucções na borda externa extremamente impossível de um seio. Depois o outro.

Ele a adorou até que ela estava se balançando contra ele mais uma vez, até que ela esqueceu seu embaraço. Até que ela esqueceu seu nervosismo. Até que ela moveu as mãos - e as dele - e se revelou para ele.

Roubando o fôlego.

Sua pele estava vermelha e marcada pelas ataduras, mas seus mamilos, rosados e perfeitos, se esticavam no ar frio da sala, e ele tomou um pico intumescido em sua boca e lambeu-o antes de chupar suavemente, repetidas vezes, até que ela estava ofegante de prazer, suas mãos se fecharam em seus cabelos.

Whit se deleitou com a dor, enquanto voltava sua atenção para o outro seio, repetindo suas ações. Ele raspou os dentes pelo pico, depois acalmou-o com a língua e os lábios. Ela gritou, e por um momento, Whit pensou que ele poderia gozar em sua calça como um menino.

Ele a soltou, precisando se recompor - para conter o tumulto de emoções que sentia com aquela mulher em seus braços -, eventualmente atraindo mais uma vez a atenção para os olhos dela, lendo o desejo ali e a incerteza. Ele queria destruir essa incerteza e acender o desejo, e assim fez a única coisa que pôde pensar em fazer; ele levantou-a nos braços e levou-a para as almofadas espalhadas diante da lareira.

Ele a seguiu, amando a maneira como o corpo dela se virava para ele, relaxando nele. Uma de suas mãos acariciou seu torso agora nu, brincando na cintura de suas calças. — Mais embrulho, — ele disse baixinho, seus dedos no fecho.

— Gostaria de estar usando algo mais provocante, — ela respondeu.

— Eu não, — disse ele, inclinando-se sobre ela para beliscar a linha de sua mandíbula antes de chegar a tirar as botas em rápida sucessão. — Essas calças me provocaram a noite toda, traçando cada centímetro seu. Fazendo-me promessas que eu espero sinceramente que você pretenda cumprir. — Ele agarrou o cós e puxou, e magnificamente, ela deixou que ele as tirasse dela.

Ele prendeu o fôlego com a visão dela, nua e bonita, os picos e vales de seu corpo, suas curvas suaves deslumbrantes na luz tremulante da lareira, e ali, no ápice de suas belas coxas, uma palha de cachos de dar água na boca. — Cristo, Hattie. Você é a coisa mais linda que eu já vi.

Ela sorriu, tímida e doce, suas mãos vindo se cobrir. — Você me faz quase acreditar nisso.

Ele deslizou as mãos por suas pernas, inclinando-se, incapaz de parar de pressionar um beijo prolongado nas costas de sua mão, onde bloqueava sua visão, o doce aroma dela transformando suas palavras em um grunhido, enquanto ele continuava subindo por seu corpo. — Eu não vou te deixar até você acreditar, inteiramente.

— Isso pode levar algum tempo, — ela disse baixinho, quase suave demais para ele ouvir.

— Eu tenho uma vida inteira.

Sua cabeça estava voltada para o fogo, olhando para a chama. Em algum lugar ao longo do caminho ela perdeu os grampos de cabelo, e sua linda juba loura se

espalhou nas almofadas como fios de seda. Whit queria se enterrar nela. — Você tem esta noite.

Ele odiava aquelas palavras, não gostando da verdade delas e de saber que, depois desta noite, nada seria o mesmo. Em vez disso, ele pressionou um beijo no suave inchaço de seu estômago arredondado, depois lambeu até a curva de seu seio, deleitando-se com o gosto dela.

Uma noite não seria tempo suficiente para explorar. — Então terei que fazer parecer uma vida inteira.

Ele chupou um mamilo entre os lábios, amando o jeito que ele endureceu contra sua língua, o jeito como ela ofegou com a sensação que estava sentindo, seus quadris balançando de volta nas almofadas de seda. — Whit, — ela sussurrou, uma mão vindo para o cabelo dele, o tremor do que ecoou em sua voz quando ela acrescentou: — Por favor.

Qualquer coisa. Ele daria a ela qualquer coisa que ela pedisse.

Seu pênis latejava contra os botões de sua calça, desesperado para ser libertado. Desesperado por ela.

Devagar, ele pensou. Era a primeira vez dela.

Cristo, era a primeira vez dela.

Outro homem, um cavalheiro, a empacotaria e a mandaria para casa a essa altura. Um homem melhor. Um mais forte. Ele não tinha nenhum negócio sendo parte disso. De arruiná-la. Ela merecia mais do que um garoto de Holborn que viveu de sobras e lutou por tudo que ele tinha.

Ele sabia disso... mas ele não estava mandando ela para casa.

Ele não foi chamado de Fera à toa.

Capítulo Vinte

Durante todo o tempo que se preparara para esse momento e todas as vezes em que imaginara como seria, Hattie nunca imaginara como se *sentiria*.

Ela não era tola, é claro - ela sabia que havia uma certa quantidade de sensações a serem esperadas. Ela sabia o básico do ato, e tinha ouvido falar que possivelmente haveria prazer e provavelmente alguma dor, mas ela não esperava que todo o seu ser vibrasse com essa intensidade.

Ela não esperava ser bombardeada com isso - com a seda macia das almofadas em suas costas, o calor do fogo em um dos lados, e ele, quente como o sol no outro.

Ela não esperava as mãos dele - o golpe áspero delas sobre todas as curvas e ondas que ela passou a vida inteira tentando esconder e diminuir. E ela não esperava seus lábios, seguindo aquelas mãos magníficas, seguindo-as como se fosse como o que ele disse. Como se ela fosse *linda*.

Foi assim que ele a chamou.

Ela não acreditou nele - Hattie tinha bons olhos e consciência e sabia como eram as mulheres bonitas. Ela sabia que não era como elas. Mas ainda assim... Agora, enquanto ele a acariciava, passando uma mão grande e quente sobre sua pele, ela se tornou viva. — Whit, — ela sussurrou, convocando seu olhar âmbar deslumbrante para o dela, amando o modo como ele afiava, lendo seus pensamentos.

— Diga-me o que você sente, — disse ele, baixinho, sombrio, e cheio de promessas.

Uma de suas mãos pegou a dele, acompanhando as longas carícias por todo o corpo dela, com certeza, exploração firme. — Eu sinto... — Ela parou, procurando uma resposta. — Eu me sinto *viva*. Ninguém nunca me tocou assim.

Um grunhido baixo. — Bom.

Ela sorriu. — É muito primitivo da sua parte, considerando que nos conhecemos em um bordel.

— Eu não posso evitar. Eu quero ser o primeiro a te tocar. Aqui. — Ele acariciou seu estômago, até seus seios. — Aqui. — Ele segurou seu seio, correu um dedo sobre o mamilo duro uma vez, duas vezes, até que ela arqueou as costas e apertou-se com mais firmeza em sua mão. Ele a soltou quase instantaneamente, e ela suspirou sua frustração quando ele inverteu seu caminho, movendo-se para baixo até que ele deslizou os dedos sob os dela, onde cobriam seu lugar mais privado. — Aqui.

Ela não o parou. Por que ela o impediria? Tudo o que ele fez com ela incendiava-a de prazer. Em vez disso, ela afastou a própria mão e se entregou ao seu toque, quase lá onde ela queria, na verdade. Mas ele simplesmente a embalou com uma mão forte, seus olhos passando por seu corpo. — Eu quero ser o primeiro a saber tudo o que você gosta, — disse ele, abaixando os lábios na curva de seu ombro. — Eu quero ser o primeiro a ver seu corpo corar de prazer. — Ele beijou a inclinação de seu seio, sugando a ponta. — Eu quero ser o primeiro a dar esse prazer a você, do jeito que você ordenar.

Seus dedos se flexionaram contra o núcleo dela, e ela levantou os quadris para ele. — Eu não tenho certeza se poderia te dizer como.

— Não? — Outra chupada. Outro pequeno toque, insinuando mais.

Ela fechou os olhos e balançou a cabeça. — Eu não saberia dizer, ou o que pedir.

Ele mal se movia no calor dela. Ela balançou contra as almofadas. — Não? Você não tem nada para pedir?

Ela mordeu o lábio. — Não, — ela mentiu.

Uma lambida ao longo da curva de seu peito. Outro golpe suave da mão dele - não o suficiente. Não o suficiente. Ela deixou suas pernas se abrirem.

O prazer em seu baixo ventre — Hum — foi o suficiente para enviar desejo para dentro dela, onde aquela mão enlouquecedora agora esfregava em círculos sem pressa, como se ele não tivesse considerado a possibilidade de se mover mais rápido.

Ela passou a mão pelo braço dele, para aquela mão. Adicionando pressão.

O homem riu em seu ouvido. — Parece que há algo que você gostaria de pedir. — Ele estava fazendo isso de propósito. E embora ela devesse estar frustrada, ela não estava. Ela ficou *encantada*.

Talvez um pouco frustrada.

— *Whit*, — disse ela, levantando os quadris para encontrar o toque dele.

— Hattie? — Ele perguntou ao ouvido dela, deixando um dedo deslizar, quase perto do lugar que ela queria, por pouco quase lá, perto o suficiente do que ela queria.

Seus olhos se abriram e ela encontrou seu olhar. — Você sabe.

— Eu quero que você me diga onde.

Outra mulher teria perdido o engate em sua voz, o desejo contido nela. A prova de que não era indiferente. Mas Hattie - talvez porque nunca tivesse ouvido um som assim antes - não o perdeu. E ela descobriu que gostava disso. Com a mão livre, ela estendeu-a para ele, puxando seus lábios para os dela, beijando-o como a libertina que ela se tornara com ele. E quando ela se afastou da carícia, a respiração deles estava dura, ela se tornou aquela mulher. — Você deseja que eu comande você?

Ele não desviou o olhar. Nem a soltou. Seus dedos, perversos e maravilhosos, continuaram acariciando-a. — Eu quero.

Desta vez, quando ela aplicou pressão, ele fez o mesmo. Seu suspiro foi pontuado por sua longa maldição, escandalosa e deliciosa. Ele se inclinou e beijou seu pescoço, raspando os dentes sobre sua pele enquanto ele rosnava: — Cristo, isso é perfeito. — Ela balançou os quadris com as palavras, e ele a mordeu gentilmente, a dor era um complemento perfeito para o prazer suave abaixo. — Use-me.

Ela o fez, guiando-o até que a pressão estivesse perfeita, deixando as coxas dela se abrirem quando ele sentiu seu prazer, o peso disso, a velocidade dele, o modo como ele a apertava mais e mais.

— *Whit* — Ela ofegou — Por favor.

Ele levantou a cabeça, encontrando os olhos dela enquanto encontrava um lugar que ela nunca havia descoberto sozinha. — Ahh, — disse ele. — Bem aí, não é? — Um de seus longos dedos deslizou profundamente dentro dela, seu polegar girando no ponto onde cada pedaço de seu prazer tinha destilado. — Tão bonita e molhada, minha linda menina, — ele sussurrou, e ela estava perdida com suas palavras baixas e exuberantes, derramando dele enquanto ela se movia contra ele.

Seus dedos envolveram firmemente em torno de seu pulso. — Não pare.

— Não pararia por nada, amor. — Ele se inclinou e sussurrou em seu ouvido: — Eu nunca vi nada assim como você, tendo o seu prazer. Como se você tomasse

o meu toque até que o possuísse totalmente. É algo suficiente para colocar um homem de joelhos.

Ela fechou os olhos quando o ouviu, o modo como suas palavras se revoltaram através dela, apertando aquele ponto mágico com mais força. — Por favor, — ela ofegou.

— Depois que você encontrá-lo, eu vou dar-lhe novamente...

Ela se agarrou a ele. — Mais rápido.

Ele pressionou mais firmemente, rodou em um círculo mais apertado. — Com minha boca...

— Mais rápido.

Mais rápido.

— Mais.

Mais.

— E depois da minha boca... Eu vou fazer você gozar no meu pau.

— Oh, Deus, — ela ofegou. Prazer batendo através dela, quase impossível de acreditar, e ela estava se agarrando a ele, desesperada para isso durar para sempre, mesmo quando implorou para que parasse. De alguma forma, ele sabia o que fazer - parando, mas não a deixando, pressionando com força o pulso no centro do prazer dela, enquanto ela desossava sob ele.

Ele a beijou, longamente e devagar enquanto ela voltava a si, terminando a carícia em uma deliciosa sucção que a fez suspirar. — Essa foi a coisa mais linda que eu já vi, — disse ele, inclinando-se para sugar um mamilo dolorido.

Ela se virou para ele, seus dedos vindo para brincar em seu cabelo. — Obrigada.

Ele riu contra sua pele, a respiração do som enviando um delicioso arrepio através dela. — Não me agradeça, amor. Foi um presente infernal.

Ela não teve tempo de corar com a linguagem suja, quando ele começou a se mover pelo seu corpo, pressionando beijos sobre sua pele quando ele se estabeleceu entre suas coxas. Os olhos de Hattie se abriram. — Você não pode...

— Hum, — ele disse, ignorando as palavras enquanto separava suas dobras, encontrando seu olhar sobre seu corpo. — Você não pode acreditar que eu iria vê-la aqui, preparada para mim como um banquete, e não querer banquetear-me. Você não pode acreditar que eu não festejaria por dias.

Ela prendeu a respiração, a memória do prazer que ela experimentou em sua boca impossível de ignorar. — Sim, — ela disse, sua mão deslizando sobre sua cabeça.

Seus olhos ficaram pesados de desejo quando ela cerrou os dedos em seus cabelos.

Ela sorriu. — Você gosta disso.

Ele não respondeu, em vez disso, colocando a boca nela, pressionando a língua em sua suavidade em uma longa e persistente lambida que a fez entregar-se a ele. Ele

gemeu, acomodando-se, saboreando seu gosto, fazendo amor com ela com movimentos lentos, quase insuportáveis.

— Whit, — ela sussurrou, contorcendo-se embaixo dele, puxando-o com força para ela, incapaz de se conter quando ele encontrou o ponto dolorido dela com lambidas longas, lentas e suaves que a incendiaram. — Mais.

Ela era ávida por ele, por seu toque, por seu beijo enquanto ele agarrou seu traseiro, levantando-a até a boca. Seus olhos se abriram, e ela encontrou seu olhar, a visão dele, adorando-a, ameaçava enviá-la ao limite instantaneamente. Ela começou a fechar os olhos, e ele balançou a cabeça, rosnando sua insistência de que ela permanecesse com ele. E ela fez, esquecendo o que as mulheres deveriam fazer, o que as virgens deveriam fazer. Esquecendo tudo, menos dele, aqui, com ela.

Ela estava se contorcendo contra ele, incapaz de parar de se mover, e ele colocou uma mão, grande e bronzeada pelo sol, contra sua barriga, segurando-a enquanto ele trabalhava nela - roubando sua respiração e seu pensamento com seus beijos deslumbrantes, repetidos beijos, e cada vez mais rápidos até...

Ela voou abaixo dele, incapaz de manter os olhos abertos, deixando-os se fecharem quando ele rosnou seu descontentamento, mas ele não parou. Homem magnífico e glorioso... ele não parou. Em vez disso, ele a segurou durante seu orgasmo selvagem, não parecido com nada que ela já tivesse experimentado. De algum modo, ele pegou puro prazer e destilou ainda mais. Prazer encarnado.

Ele a guiou de volta à terra, como se ele estivesse lá apenas para mantê-la segura. E, por um momento louco, Hattie imaginou como seria para esse homem mantê-la segura para sempre. Para ele querer ela, para sempre. Para ele amá-la para sempre.

Impossível.

Lágrimas rolaram e ele levantou a cabeça, os músculos de seus ombros e braços se contraindo enquanto a preocupação cruzava sua testa. — Hattie? — Seu nome era duro em seus lábios. Ele se inclinou sobre ela, uma mão vindo embalar seu rosto.

— O que há de errado?

Ela balançou a cabeça. — Nada.

Ele passou a mão pelo corpo dela e recuou. — Cristo. Eu te machuquei?

Ela não pôde evitar o riso que veio. — Não. *Não* — ela disse. — Não. Meu Deus, você me fez sentir... — As lágrimas novamente, ameaçadoras. — Whit, você fez eu me sentir *maravilhosa*. É tão maravilhoso isso... Eu gostaria...

Ele não pareceu acreditar nela. Ele estava muito focado no rosto dela, seus lindos olhos localizando os dela, vendo tudo.

— Eu desejo... — ela tentou novamente.

— Diga-me, — ele disse suavemente. — Diga-me o que você deseja.

Eu gostaria que pudéssemos ter mais do que esta noite.

Ela estendeu a mão para ele, beijando-o profundamente, conduzindo a carícia de um jeito que nunca havia feito antes. Colocando cada pedaço de si nisso - Hattie que resistiu ao passado, Hattie que sonhava com um futuro, e Hattie que queria que

um homem assim a amasse do jeito que ela sempre sonhou, silenciosamente, na escuridão, quando ninguém estava olhando.

Ela o beijou até que eles não conseguiram falar, porque ela estava com muito medo de falar - com muito medo de que ela pudesse dizer a ele que desejava algo que ele não pudesse lhe dar. Com muito medo de que ele a deixasse antes que ela sentisse o último gosto dele. Antes que ela tivesse tudo dele. E quando eles se separaram, ela sussurrou contra seus lábios, — Eu desejo o resto.

Ele a observou por um longo momento, e seu coração parou quando ela considerou a possibilidade de que ele não pudesse dar a ela.

Ela deslizou a mão pela frente dele, por cima das ataduras, até chegar ao cóis da calça dele, deixando desabotoada quando ele as puxou. Ela hesitou ali, na beira da escura e tentadora abertura, sabendo que outra mulher se moveria com mais certeza.

Enquanto Hattie hesitava, Whit também, congelando acima dela, ficou sem fôlego. Ela encontrou seu olhar. Com uma pergunta silenciosa.

— Agora, — disse ele. — Faça.

E ela fez, deslizando a mão dentro da calça, acompanhando a abertura do tecido, deleitando-se com sua inspiração rápida quando ela o tocou. — Isso parece...

— Sim.

Ela sorriu. — Eu não terminei a pergunta.

— Parece o céu, amor.

Ela balançou a cabeça. — Mas pode ser melhor.

Ele fechou os olhos. — Não acho que aguento me sentir melhor.

Ela se inclinou e beijou a linha afiada de sua mandíbula. — Eu acho que você vai se sair bem. Mostre-me como devo fazer.

Sua atenção voou para ela. — Você não é uma guerreira. Você é uma maldita deusa. Você sabia disso?

Ela gostou muito disso. Incapaz de manter o sorriso de seus lábios, ela repetiu. — Mostre-me.

Ele fez, colocando a mão sobre a dela, mostrando-lhe apenas como ele gostava de ser tocado, o calor firme e suave dele deslizando sobre sua palma enquanto ela o acariciava. — Você é tão suave, — ela sussurrou, seus olhos em suas mãos na abertura de suas calças. — Tão duro.

Ele grunhiu. — Nunca tão duro.

Ela encontrou os olhos dele. — Isso é verdade?

— Sim.

Ela queria tocá-lo, conhecê-lo, dar-lhe todo o prazer que ele lhe dava. — Mostre-me como. Ensine-me. — Ele deixou-a empurrar as calças para o lado, revelando-o - cheio, grosso, forte e bonito.

Ele praguejou baixinho e ficou incrivelmente mais duro com suas palavras, guiando seu toque, apertando-a ao redor dele, quase muito áspero, até que ela acariciou e ele rosnou, o som como um presente. Ela sorriu, observando suas mãos unidas trabalharem nele. — Você gosta disso.

— Muito, — disse ele, as palavras ásperas chamando sua atenção para seu rosto, onde os músculos em sua mandíbula se apertaram e ele parecia que mal estava se segurando para se controlar.

Ela acariciou-o novamente. Subindo e descendo pelo seu pau. Sua garganta trabalhou com a sensação, e então ela fez uma pausa, esfregando a ponta do polegar na ponta do seu membro, e ele fechou os olhos, jogando a cabeça para trás. — *Maldição*, Hattie.

Ela sorriu. Ela não conseguia se conter. — Você gosta *muito* disso. — Ela fez isso de novo, e ele gemeu, puxando-a para ele para um longo beijo, a língua acariciando profundamente enquanto ela colocava suas lições em ação. Ela nunca se sentiu tão poderosa.

Depois de um tempo muito curto, ele a puxou para longe dele. — Pare.

— Mas... — Ela fez uma pausa. — Eu estava gostando disso.

Ele bufou uma risadinha. — Assim como eu. Mas você pediu o resto, não foi?

Suas palavras honestas tinham excitação percorrendo-a. — Você me prometeu o resto.

Ele se acalmou, seus dedos traçando sobre sua têmpora, empurrando seu cabelo para trás de seu rosto enquanto ele procurava seus olhos, subitamente sérios além das palavras. — Esteja certa. Certifique-se de escolher isso. Que você me escolheu.

— Seu polegar percorreu sua bochecha e sua voz baixou para um sussurro. — Certifique-se de que você está disposta a me entregar isso, porque eu vou aceitá-lo e vou guardá-lo e você nunca poderá ter de volta.

E naquele momento, quando as palavras se estabeleceram entre eles naquela sala notável e decadente, cheia de sedas e pecado, Hattie sabia a verdade - que ela nunca iria querer isso de volta. Ela valorizaria esta noite e este momento para sempre. Porque ela nunca iria querer outro homem do jeito que ela o queria.

Mesmo sabendo que, sem dúvida, ela nunca mais o teria.

Ela fechou os olhos com a compreensão, respirando fundo antes de falar. — Na minha vida, eu fui filha, irmã e amiga. Eu tive amor e respeito e vivi uma vida mais feliz que muitos... do que a maioria. — Ela fez uma pausa. — Mas eu nunca fui igual. Mesmo enquanto lutava por todas as coisas que queria, nunca tive escolha. Na verdade não. Eu sempre tive pai ou irmão ou amigos para me dizer o que eu deveria escolher. O que eu poderia ter. Quem eu sou.

Ela encontrou seus olhos, seu fogo âmbar inabalável nela. — E então eu conheci você. E desde o começo, você me ofereceu escolha. Você nunca me disse o que eu deveria querer. O que eu poderia e não ter. Você me fez sentir igual a você. — Ela sorriu.

Suas sobrancelhas se juntaram. — E então eu tirei de você.

Ela assentiu. — E amanhã seremos rivais. Mas aqui está a verdade; eu não poderia ser sua rival se eu não fosse igual a você. Se eu não fosse seu... par.

A mão dela pousou no peito dele, e ela sentiu a batida forte e segura do coração dele sob a palma da mão. E ela se perguntou, loucamente, como seria se ela fosse sua parceira em todas as coisas.

Não importava. — Eu nunca tive mais certeza de algo. — Ela se inclinou para o beijo dele, e ele a encontrou no meio do caminho. — Arruíne-me.

Ele não falou, em vez disso, deu-lhe o beijo pelo qual ela pediu, movendo-se sobre ela, beijando seu pescoço e sobre os seios, demorando-se nos botões apertados até que seus dedos estavam em seus cabelos e puxando-o de volta para mais beijos persistentes, lentos e lânguidos, colocando-a em chamas.

Ela abriu as coxas e ele se estabeleceu entre elas. Os dois ofegaram com a sensação, a cabeça macia dele embalada contra o calor dela, e ele se levantou sobre ela, não a tocando em nenhum outro lugar, seu peso em seus braços maciços. — Eu nunca fiz isso, — ele sussurrou.

Ela sorriu. — Eu não acredito em você.

Ele balançou sua cabeça. — Não assim. Não tão importante. Não com esse objetivo. — Ele se esfregou nela, seu comprimento duro pressionando perfeitamente em seu calor, e ela suspirou. — Eu quero que você se lembre disso.

— Eu vou, — disse ela, colocando as mãos nos quadris dele. — Como eu não poderia?

Como ela esqueceria o olhar dele? Seu lindo rosto e seus olhos como chamas e o calor emanando de seu corpo?

— Bem, amor, — disse ele. — Eu quero que você se lembre bem disso.

Ela estendeu a mão, deslizando-as em seus cabelos, segurando os olhos dele. — Eu lembrarei. Como eu poderia esquecer isso? O jeito que você olha para mim? Como se eu fosse...

Bela.

Perfeita.

— ...Como se eu fosse preciosa.

Ele xingou e a beijou, sua língua acariciando a dela, profundamente lento, antes de se afastar e pressionar a testa na dela. — Você é preciosa, Hattie. Mais preciosa do que você imagina.

Não diga isso. Não sou assim. Não me faça querer mais do que posso ter.

Como se ela não tivesse ido tão longe.

Como se ela não tivesse cometido o terrível erro de se apaixonar por esse homem que era demais para ela.

— Eu não quero ser preciosa, — ela disse suavemente. Coisas preciosas não eram amadas. Elas eram protegidas. Ela queria ser a coisa que ele não suportava se separar. Ela queria ser amada. Ela queria ser destruída.

— O que você quer, então?

Ela engoliu as palavras. — Eu quero ser desejada. — Ela pressionou-se contra ele, e ambos gemeram quando ele se esfregou nela, uma vez. Duas vezes.

Ele estava olhando em seus olhos, a verdade nua neles, roubando sua respiração. — Eu nunca quis ninguém do jeito que eu quero você.

Ela passou a mão pelo lado dele, deleitando-se com a pele lisa dele. — Prove.

E ele fez, penetrando nela gentilmente, apenas empurrando para dentro, enchendo-a com a ponta larga e quente dele, esticando-a da maneira mais estranha e deliciosa. Seus olhos se arregalaram com a sensação e ela se contorceu debaixo dele. — É... isso é assim...?

Ela se moveu novamente e ele rosnou. — Maldição. Isso é bom. Você é tão macia. Tão molhada. — Uma de suas mãos veio para o quadril dela, seus dedos curvando-se na carne lá, levantando sua coxa para aliviar seu movimento, mas ele não se moveu. Seus lindos olhos estavam em seu rosto, cheios de preocupação. — Como você se sente?

Ela sorriu para ele. — Eu pensei que deveria doer?

Ele deu uma risadinha. — Não deveria doer. — Ele se inclinou e a beijou novamente. — Nunca deveria doer, você entende? É suposto ser glorioso. — Ela se mexeu novamente, e ele acrescentou, através de seus dentes, — Cristo. Gostei disso.

Hattie sorriu. — Há mais?

A preocupação deu lugar à surpresa. — Eu... o quê?

— Disseram-me que há mais. Existe?

Surpresa deu lugar à compreensão. Então uma risada. — Sim, minha senhora. Há mais.

Ela ergueu as sobrancelhas. — E você seria gentil ao ponto de me mostrar?

Por um momento, Hattie pensou que ela poderia ter ido longe demais. Afinal, o coito deveria ser um assunto sério, ela sempre pensara assim. Mas isso não parecia ser sério. Parecia que deveria ser divertido. Parecia que deveria ser apreciado.

Ele concordou?

Um dos lados de sua boca se curvou em um sorriso vencedor. — Mais, — ele disse, e afundou nela, lento e cuidadoso, até que ele estava totalmente enterrado dentro dela e respirando como se tivesse acabado de sair de uma briga.

Hattie soltou um suspiro com a sensação - apertada e cheia, e não totalmente confortável, mas também não totalmente desconfortável.

— Hattie, — ele ofegou, procurando em seu rosto. — Fale comigo, amor.

— Eu... — Ela hesitou, considerando. E então, — E se eu... — Ela levantou os quadris, deslizando apenas um toque mais nele, depois de volta. — *Ohhh*.

— Hum, — ele resmungou. — Meu pensamento exatamente.

Ela fez isso de novo, um pequeno empurrãozinho. — Isso é... — E novamente - desta vez, com ele ajudando ela. — Oh.

Ele amaldiçoou. — Você gostou disso.

Ela sorriu. — Como você sabe?

Ele encontrou seu olhar, seus olhos cheios de pecado. — Não há segredos nisso. Eu posso sentir. — Ele balançou seus quadris para ela, inclinando-se para lambar a pele do pescoço dela até que ela suspirou. — A senhora gosta de golpes curtos.

Ela gostava. Muito. — E o cavalheiro?

Ele roubou seus lábios para um beijo demorado. — Eu gosto do que você gosta.

Que coisa deliciosa para ele dizer.

Antes que ela pudesse dizer isso, ele estava falando. Essa foi a melhor parte, as sensações foram maravilhosas, mas ela nunca poderia superar o prazer de tê-lo falando com ela. Especialmente quando as coisas que ele disse eram tão escandalosas. — Gosto de como você está perto de mim; impossivelmente apertada, — disse ele, a última parte quase para si mesmo. — Eu gosto de como seus olhos ficam encobertos quando eu faço isso. — Ele empurrou, apenas um pouco, apenas o suficiente para queimar seus nervos. — Gosto de como seus lábios suavizam nos meus beijos, e seus dedos apertam meu corpo. — Outro impulso, e outro e outro, e seus suspiros se transformaram em gritos, e ela nunca quis que isso terminasse.

E não terminou, não enquanto ele se movia com movimentos mais certos, cada vez mais fundo, até que ela estava se agarrando a ele, um brilho de suor em ambos os corpos quando eles descobriram o prazer um do outro.

— Mas a coisa que eu gosto mais... — Ele fez uma pausa, segurando-se em um braço enquanto alcançava entre eles, baixo, depois mais baixo, até que encontrou o botão dolorido em seu núcleo. — ...é estar fazendo você gozar. — Ele esfregou um lento e lânguido círculo sobre ela, cronometrando-a com suas estocadas suaves e curtas, e ela começou a se contorcer debaixo dele. — Você também gosta, — ele rosnou.

— Muito, — ela admitiu, amando a forma como a admissão o sacudiu. Ele roubou seus lábios e se moveu, retirando-se quase até que ele a deixou, até que ela pensou que iria chorar pela perda dele, e então se juntou a ela novamente, lenta e firmemente. Seus olhos se arregalaram com a sensação magnífica. — Novamente. — Seu polegar trabalhou nela. — *Novamente.*

— Minha garota gananciosa.

“*Ávida por você,*” ela queria dizer. “*Por você todo. Por cada parte sua. Por tudo que podemos ter juntos.*” Mas ela segurou a língua e, em vez disso, disse: — Eu sou gananciosa. Você me fez gananciosa.

Ele grunhiu sua aprovação. — Eu vou te dar tudo o que você quiser. *Sim.* — Tudo mesmo?

— Cada parte. — Ele estava se movendo mais duro agora, mais fundo, e seus dedos ainda acariciavam onde ela doía por eles e nada mais parecia estranho. Agora parecia perfeito. Ele parecia perfeito. — Não há nada mais bonito do que você em êxtase, amor, nada parece mais suave, nada é mais doce... nada é mais...

Ele perdeu a palavra pela emoção, mas ela ouviu de qualquer maneira.

Perfeito.

— Mais, — ela disse, a única palavra que viria.

— Tudo disso, — ele respondeu, e foi perfeito. Eles eram perfeitos juntos. E então ali estava, o ponto de tensão dolorido, estimulado com destreza, muito mais rápido, e Hattie fechou os olhos, as costas curvadas para ele, enquanto ele trabalhava, cumprindo sua promessa, dando a ela tudo o que ela queria. Uma visão brilhou na mente de Hattie, uma viva lembrança de dançar no baile, quando ele a pegou em seus braços e sua graciosidade se tornou dela.

E agora, ela sentiu de novo, o impulso lento e maravilhoso dele, a pressão suave de seus quadris, o modo como ele a levou mais e mais alto até que ela não podia mais sentir a força da terra abaixo deles.

— Por favor, — ela chorou, desesperada pela liberação que sabia que só ele poderia lhe dar.

E então ele rosnou: — Venha para mim, amor, — e empurrou fundo nela, em um longo e impressionante golpe, balançando o polegar sobre ela uma vez, duas vezes, e então... — *Agora.*

Ela estava perdida ao toque dele. Para seus movimentos. Para *ele*. Prazer se revoltou através dela, tão forte que veio com uma ponta de medo, e ela agarrou-se nele. Ele a pegou em seus braços e segurou-a enquanto ela se desfazia, sua voz baixa em seu ouvido: — Pegue. É para você. É tudo para você.

E ela se entregou, inclinando-se sobre ele, convulsionando em torno dele, ordenhando o comprimento duro dele mais e mais, até que ela tivesse terminado e ele a segurou em seus braços fortes, protegendo-a. Quando a razão retornou, ela suspirou, magnificamente saciada, como nunca antes.

Ele pressionou um beijo na têmpora dela e se moveu para o lado dela, puxando-a para ele; ela se deitou contra ele, ouvindo seu coração bater, totalmente e maravilhosamente satisfeita. Se isso fosse uma ruína, ela absolutamente não entendia por que alguém escolheria viver uma vida adequada.

Talvez ela pudesse convencê-lo a fazer isso novamente antes de amanhecer. Antes de voltarem a ser rivais. E *logo depois* desse pensamento veio outro - *talvez eles não precisassem ser rivais*. Talvez tudo o que ela pensava que não poderia ter, estivesse em jogo mais uma vez.

Afinal, certamente o que acabara de ocorrer entre eles era incomum. Se fosse comum, por que as pessoas deixariam seus aposentos?

Talvez eles pudessem se amar.

Ela sorriu com o pensamento, curvando-se para ele, esfregando uma perna sobre a dele. Ela congelou, realização batendo através dela.

Ele não terminou.

Uma incerteza fria inundou-a quando ela abraçou-o, ainda duro e quente contra ela. — Whit.

Ele pegou a mão dela antes que ela pudesse se aproximar. — Não.

— Mas você...

Ele levou a mão dela aos lábios, pressionando um beijo nos dedos dela. — Era para você. Não para mim.

Ela se acalmou, o prazer descontraído que infundiu seus momentos antes se foi, substituído por confusão e uma sugestão de algo muito mais perigoso. — Mas por que você não...

— Eu sou para o *corpo*, Hattie, — disse ele. — Sem futuro. Ela balançou a cabeça. — Futuro?

Corpo. O negócio. Casa. Fortuna. Futuro.

Ele grunhiu.

— Sem grunhidos. Agora não — disse ela, a irritação crescente. — Por que você não...

Oh Deus. Ele não gostou?

Seus olhos se arregalaram.

Ela o empurrou para fazer algo que ele não queria fazer?

Dúvida a atingiu, seguida de pânico e horror, e ela se sentou, desesperada para se cobrir. Como ela interpretou mal essa situação, achando que ele estava se divertindo?

Pensando que ele estava se divertindo porque ela estava completamente se divertindo.

Porque ela estava tão perdida no amor por ele.

Não. Não podia ser.

Ele não a queria.

Ela fechou os olhos contra o pensamento e a mortificação que veio com isso. — Eu tenho que sair.

Ele sentou-se também. — Hattie.

Ela balançou a cabeça, lágrimas ameaçando. Ah não. Ela não podia deixar que ele a visse chorar. Ela pegou sua calça em uma mão e deu a volta na borda do sofá para encontrar sua blusa, abençoadamente longa o suficiente para cobrir todas as partes essenciais enquanto ela pegava suas botas. Ela vestiu a calça. — Muito obrigada pelo seu... serviço.

— Meu o *quê*? — Ele perguntou, ficando imediatamente em pé.

Hattie trabalhou para se recompor rapidamente. — Isso é o que era, não era? Quero dizer, você nem sequer... — Ela acenou com a mão em sua ereção, ainda evidente.

— Hattie — Ele começou a ir em direção a ela, então parou. Recolheu-se. — Eu não queria deixar você grávida.

Ela se virou para ele, sua boca se abrindo e depois se fechando. E foi a vez dela de dizer: — O quê?

— Você queria uma reputação arruinada. Não uma vida arruinada, — disse ele. — Eu não queria você com criança.

Com criança.

Uma visão brilhou, um garotinho com cabelos escuros e olhos âmbar. Uma menina com um largo sorriso e uma covinha no queixo. — Uma criança não arruinaria minha vida, — disse ela. — Eu nunca pensaria uma coisa dessas. — As palavras a surpreenderam - de alguma forma nunca imaginou aquilo e depois isso se formou completamente, como se tivesse estado lá o tempo todo.

Como se ela estivesse sonhando com uma vida com esse homem desde o nascimento.

Mas isso não importava.

E mesmo assim, havia outras maneiras de prevenir a gravidez e ainda encontrar prazer. Envoltórios¹³. Um método sobre o qual ela ouviu falar no salão de senhoras em um baile uma vez que, na época, soava meio confuso, mas esta noite teria sido algo muito mais... emocionante.

Se Hattie tivesse *ouvido falar* de tal solução, esperava que Whit a tivesse *usado*.

— Uma criança teria amarrado você a mim, — ele respondeu. — E eu não posso deixar isso acontecer.

As palavras doeram. Ela não tinha nem pensado nisso. Uma criança vinha com uma mãe. E ele não queria isso. Isso fazia sentido. Por que ele iria querer? Com uma mulher que ele pensou ter nada mais que um acordo. Um arranjo. Uma mulher que ele não queria.

Ele não a queria.

Ele não havia provado isso?

— Eu cresci sem pai, — acrescentou. — Eu sei como é difícil para uma mãe prover sozinha. Eu nunca faria isso com você. Ou para uma criança.

Ela balançou a cabeça. — Eu nunca teria imaginado que você faria.

¹³ **Envoltórios** (Camisinhas) No início do século XVIII, Londres funda a primeira loja de preservativos. Eram feitas de intestino de carneiro ou cordeiro com aromatizantes florais e sob encomenda (antes eram feitos com linho). Em 1843, os preservativos começaram a ser fabricados com borracha pela Hancock e Goodyear.

Ele parecia procurar algo para dizer. — Garotas como você não se casam com garotos como eu, Hattie. Garotos criados na lama, vivendo todos os dias com o fedor.

— Que besteira adequada, — ela disse, as palavras saindo de sua boca antes que ela pudesse detê-las, assustando aos dois. Mas ela estava furiosa. — Existem mil razões pelas quais eu não me casaria com você, e onde você foi criado nem sequer é uma delas, — ela disse, e era a verdade. Ela conheceu homens nascidos muito acima dele nas temporadas e vivendo muito abaixo dele em caráter. Ela puxou uma bota. — Não há nada de errado com o seu passado.

— Há tudo errado nisso. Olhe para o meu rosto, Hattie. O olho roxo será maior amanhã.

— E você conseguiu isso por escolha, não por um acaso. Nem por um segundo pense que tenho pena de você, Salvador Whittington.

Ele parou. — Nunca me chame assim.

— Por quê? — Ela retrucou, puxando a segunda bota. — Você tem medo de ter que sair de trás do Fera e enfrentar o mundo como um homem?

Seu olhar se estreitou nela. Bom, deixe ele ficar com raiva. Ela não estava a ponto de temê-lo. Como ele se atreve a arruiná-la e depois arruinar a noite dela? — Eu não posso mantê-la segura, — disse ele, as palavras soando como se fossem torturadas para ele. — Eu não posso amar você.

As palavras foram um tapa frio, cobrindo a vergonha que ela já sentia. Ela sabia disso, claro. Ela não era para se amar. Ela não era nem para sexo.

Boa e velha Hattie.

— Eu nunca pedi para você me manter segura. — Ela precisava sair logo deste lugar antes que ela morresse de vergonha ou encontrasse uma de suas famosas facas e o esfaqueasse. — Eu nunca lhe pedi amor, — disse ela, grata por ele não enxergar a mentira. Ela ergueu a mão antes que ele pudesse falar. — Nada disso importa, de qualquer maneira. Você garantiu que isso não importasse. Estou feliz que um de nós tenha conseguido permanecer desligado dos eventos da noite.

Ele passou as mãos pelo cabelo em fúria e frustração, e Hattie tentou muito não notar como todos os seus músculos se agrupavam e ondulavam com o movimento. Ela quase conseguiu. — Eu não estava desligado.

— Não. Claro que não, — ela disse, vestindo o casaco, grata por estar coberta, finalmente. — Todo mundo sabe que os homens profundamente envolvidos com o coito geralmente não conseguem completar a tarefa.

Raiva e choque guerrearam em seu olhar estreito. — Eu completei a tarefa, Lady Henrietta. Três vezes, pela minha contagem.

— Mas eu não, — ela chorou, sentindo-se como um fracasso adequado. Querido Deus, todo aquele prazer que ele lhe deu e ela não poderia fazer o mesmo por ele? Ela era *tão* indesejável que ele pudesse simplesmente ignorar o prazer que quase a destruiu?

Ela nunca foi tão humilhada.

Ele não respondeu, e Hattie usou o silêncio para transformar sua frustração em raiva. A fúria a percorreu e ela se alegrou com a forma como isso incinerou seu constrangimento. — Sabe, eu gostaria de saber que seria assim. Eu teria retornado ao bordel.

Ele rosnou. — O que diabos isso significa?

— Pelo menos lá, eu teria sabido precisamente o que o acordo implicava. — Ela fez uma pausa. — Pelo menos, eu poderia ter pago pelo privilégio de não me sentir como uma tarefa árdua.

O músculo em sua mandíbula tiquetaqueava repetidamente enquanto ele a observava. — Nada sobre esta noite foi uma tarefa.

Ela nunca quis tanto acreditar em algo em sua vida.

Seus lábios começaram a tremer. Não. Ela seria amaldiçoada se mostrasse a ele como a machucou. Ela enfiou a mão no bolso do casaco e extraiu o pacote de doces que tirara da remessa mais cedo naquele dia. — Bem, acabou agora. — Ela jogou o pacote no sofá. — Eu pensei que você poderia gostar disso.

Ele não olhou para isto.

— Certo então, — ela disse, traição correndo por ela mais uma vez. Mais quente. Mais irritada — Seremos rivais.

Silêncio.

Ela assentiu e se dirigiu para a porta.

Capítulo Vinte e Um

— **F**era.

Whit ergueu os olhos de sua sentinela silenciosa nos telhados acima dos escritórios da Navegação Sedley e encontrou Devil parado a vários metros de distância. Seu irmão havia claramente dito mais do que seu nome, e estava esperando pelo reconhecimento, mas Whit estava muito concentrado na rua abaixo, onde um fluxo constante de estivadores entravam e saíam do prédio - sem dúvida para receber o pagamento final da empresa - enquanto uma dúzia de empregados da Sedley entravam e saíam correndo do armazém, fardos e caixotes dos estoques e papelada na mão, preparando-o para o novo dono.

Não sabendo que ele estava no alto, observando sua recente aquisição.

Detestando-se por ter adquirido.

— Como você me achou?

— Você colocou todos os vigias disponíveis que temos para procurar por sinais de Ewan. Você acha que eu não saberia que você estaria aqui? Olhando por ela?

Hattie

Fazia três dias que ela o deixara sozinho em sua casa, depois de destruí-la com o fantasma de sua presença. Ele não podia fazer nada na casa - comer, tomar banho ou acender uma maldita de uma vela - sem pensar nela. Sem revivê-la, cheirando a bolos de amêndoa e parecendo pecado.

Então, ele não tinha ido para casa em três dias.

Em vez disso, ele vigiava ela. Ele a seguira à distância desde o momento em que ela o deixara três noites antes - em sua casa em Mayfair, nas docas, no armazém, no cabriolé de Nora.

Ele observou enquanto ela mantinha os ombros retos e a cabeça erguida, como se ele não a tivesse machucado. Como se ele não tivesse destruído o Ano de Hattie inequivocamente, por nenhuma razão que ela pudesse adivinhar, mas porque ele era um monstro.

Porque ele não podia dizer a verdade. Se o fizesse, Whit não tinha dúvida de que sua guerreira destemida procuraria Ewan por conta própria. E ele não podia ter isso.

Então, ele observou sem ela saber, garantindo sua segurança. Para garantir que Ewan não pudesse cumprir sua ameaça.

E foi uma punição devastadora, porque ele sabia que a machucou. E isso foi pior do que a perda dela. Quase pior do que a lembrança de sua pele macia e sua risada baixa e o gosto dela, e a sensação dela se desfazendo embaixo dele, e a enorme façanha de força necessária para *não* ficar dentro dela e compartilhar seu prazer e tomar o seu próprio.

E de alguma forma, naquele ato - um ato que assegurara que ele lhe dava apenas o que ela desejava e nada mais - o ato que assegurava que ela conseguisse a ruína, mas não se arrependesse, Whit fora o único a sofrer com arrependimento.

Porque no momento em que ele tinha Hattie Sedley nua diante dele, tudo o que ele queria era mantê-la lá para sempre.

Mas ele não podia. Ele não podia protegê-la.

Devil chegou ao seu lado na beira do telhado. — Ela está lá?

Whit não respondeu.

— Os garotos me dizem que você esteve aqui o dia todo.

— Ela também. — Ela chegou cedo esta manhã, parecendo o sol. Ela entrou no prédio e não saiu, e então ele esperou, quietude e incerteza um teste perverso, como Orfeu saindo do inferno. — Nós o encontramos?

Devil balançou a cabeça, tristeza em seus olhos. — Não. Mas os telhados estão atentos. Se ele aparecer aqui ou nas docas, eles vão pegá-lo. — Ele se endireitou. — E você tem os olhos em sua dama. — *Não é minha.* — Ele não vai machucá-la.

Foi uma promessa vazia. Ewan estava louco de tristeza e raiva, e cada movimento que ele fazia era por paixão, sem sentido. Coisa que Whit estava começando a entender. — Nem uma vez o encontramos, — disse ele. — Eu vou matá-lo eu mesmo.

— E reivindicar sua dama?

Não. Ele destruiria Ewan por ameaçar Hattie. Mas isso não mudaria nada - sempre haveria um inimigo. Sempre uma ameaça. E ele nunca seria capaz de mantê-la segura. Ele olhou de volta para a rua, observando enquanto um par de estivadores saía do armazém, com ganchos nos ombros e sorrisos em seus rostos.

A inveja o percorreu. *Eles a tinham visto?*

Devil recostou-se na parede baixa que marcava a borda do telhado. Os irmãos permaneceram em silêncio por longos minutos e, à distância, um observador teria ficado maravilhado com a força deles, um longo e letal, o outro um grande brutamontes. — Você não pode vigiá-la para sempre, Fera.

Mas ele podia. Ele podia observá-la até que ela encontrasse uma nova vida, em Mayfair, longe dele. Ele podia observá-la até que ela encontrasse outro caminho para um futuro diferente. Um com outro homem.

Ele cerrou os punhos com o pensamento, odiando-o mesmo sabendo que era o melhor.

Que outro homem iria salvá-la do perigo que Whit não poderia deixar de derrubar sobre ela.

Ele engoliu em seco, observando um par de homens saindo do prédio abaixo, com caixotes nas mãos, para depositá-los na carruagem do pai de Hattie. — O que você quer?

Devil bateu sua bengala contra sua bota. — Jamie recebeu um atestado de saúde. O médico o libertou para o trabalho. Ele quer uma plataforma de entrega.

— Não. — O garoto tinha sido baleado e estava na beira da morte na última vez em que Whit o viu; ele não poderia estar em plena saúde, não importa quão bom o médico fosse. Ele só deixaria Jamie voltar às plataformas depois de ver por si mesmo que Jamie estava em sua plena capacidade. — Ele fica trabalhando no armazém até estar pronto para as plataformas.

Devil assentiu. — Foi o que eu disse a ele. Mas ele não gostou disso.

— Diga a ele para vir me ver.

— Sempre protetor, — disse Devil secamente, levantando o colarinho. — Cristo, está frio. — Quando Whit não respondeu, ele acrescentou: — As carroças desta noite estão prontas. — Eles tinham um navio no porto, cheio até a borda com gelo e álcool, cartas e bebidas - tudo esperando para ser movido para o armazém, em

seguida, distribuído por terra para o resto da Grã-Bretanha. Meia dúzia de vagões correriam de lá para as docas hoje à noite para esvaziar o cargueiro.

Whit extraiu seus relógios do bolso. *Seis e Meia*. Ele olhou por cima dos telhados em direção ao cais, onde uma linha de navios ficava quieta, dourada à luz do sol da tarde. — E o gelo se move quando?

— Nik está checando o derretimento, mas está drenando há dois dias e reservamos todos os estivadores disponíveis para as nove e nove. — Devil apontou para o outro lado do rio, onde as nuvens pareciam cinzas e sinistras. — Parece que teremos algumas nuvens. Nós a esperamos por uma semana. — Uma pausa. — Assumindo que você acha que é seguro para movê-lo.

A questão estava nas palavras — Ewan viria atrás disso?

— Ele não está atrás das mercadorias. Nunca esteve. — Devil permaneceu em silêncio, mas bateu a bengala infernal.

Whit olhou para ele. — Tudo o que você tem a dizer, diga.

— Eu não estou apenas preocupado com

Ewan. Whit rosnou. — O que isso significa?

— Eles estão dizendo que os bastardos foram moles, porque Fera encontrou uma dama.

Eu encontrei uma dama. E então eu a perdi.

— Se eles estão preocupados que eu tenha ficado mole, então eles podem vir me encontrar. — Ele olhou de volta para o armazém de Sedley. — Eu diversifiquei nossos negócios.

— Pelo negócio? Ou pessoal?

— Ambos, — disse Whit, sabendo que as palavras eram uma mentira. — Isso a mantém segura. E agora podemos enviar...

Devil levantou uma sobrancelha. — O que?

— Eu não sei. Salmão em conserva. Ou bulbos de tulipa.

— Que merda. O que você sabe sobre bulbos de tulipa?

Os olhos de Whit se estreitaram em fendas. — Estou ficando um pouco cansado de dizerem que estou fazendo besteira.

As sobrancelhas de Devil subiram. — Ah? Quem, além de mim, está falando a verdade para você? — Seus olhos se iluminaram e um sorriso dividiu seu rosto comprido. — Eu vou te dizer uma coisa, bruv, eu gosto dela.

Whit lançou-lhe um olhar. — Não goste dela. Ela não é para se gostar.

— Ela é para amar?

Memória brilhou, desagradável. *Eu não posso amar você*, ele disse a ela, enquanto ela se vestia com toda a velocidade possível, desesperada para deixar sua casa depois que ele arruinou a noite que eles tiveram. Que tipo de imbecil diria tal coisa a uma mulher depois de fazer amor com ela?

Certamente, havia outra maneira de mantê-la segura. Algo diferente de insultá-la. Cristo. Ele deveria ser executado como punição.

Não importava que fosse a verdade. — Outro homem teria sorte em amá-la.

— Porque não você?

Ele nivelou o olhar com Devil. — Ewan a ameaçou, Devil. Definitivamente.

Devil observou-o por um longo minuto, batendo aquela bengala infernal contra a ponta da bota esticada. E então falou, — se estamos *diversificando*, vamos ter que conversar sobre os navios.

— Por quê?

— Bem, primeiro, é melhor aprendermos um pouco sobre tulipas e salmão em conservas, mas além disso, eles estão atolados vazios, o que é ruim para eles.

— O que você sabe sobre o que é ruim para barcos?

— Eu não sei nada, mas agora que nós possuímos uma maldita frota deles, acho que um de nós deveria começar a aprender, você não acha? Parece que precisamos procurar um especialista em barcos. — Uma pausa. — Você conhece alguém que gosta de barcos?

Whit se virou para o irmão. — O que você quer de mim?

— Você armou tudo isso, — disse Devil.

— Você acha que eu não sei disso? — Whit resistiu ao impulso de colocar um soco no rosto do irmão sem um bom motivo. — Ele ameaçou *matá-la*.

— E você foi e roubou os negócios dela. Você a puniu pelos pecados dos homens - é familiar. — Foi o plano que Devil havia implementado antes de se apaixonar por Felicity. — Cristo, as coisas que fazemos para as mulheres.

— É bobagem, — disse Whit. — Mas de que outra forma eu poderia mantê-la segura?

— Você não pode, — disse Devil. — Mantê-la segura requer o bloqueio dela. E pelo que eu sei, as mulheres não se importam com as fechaduras.

— Ela é brilhante. E ela deveria estar administrando o negócio. Ela deveria ter feito isso desde o começo, mas o pai não daria para ela.

Devil assentiu uma vez. — Então deixe o marido dar a ela. — O significado bateu através dele, mesmo antes de seu irmão acrescentar, — Case-se com ela.

Havia uma ironia no modo como as palavras vinham, como se o casamento fosse uma solução perfeita que Whit simplesmente não havia considerado. Como se ele não tivesse sido consumido pela ideia de se casar com ela. Como se ele não tivesse imaginado que o casamento a manteria perto.

Mas isso não a manteria segura. — Parece que me lembro de recomendar uma coisa assim há pouco tempo, e você aceitou a sugestão... negativamente.

Devil recostou-se e cruzou os braços sobre o peito com a segurança de um homem bem amado. — Uma vez que cheguei a isso, funcionou muito bem.

Whit sacudiu a cabeça. — O casamento não é uma opção.

— Por quê? Você pode muito bem se casar com ela, se você vai continuar a segui-la como um cão de guarda para o resto de seus dias. Você quer a garota, Whit. Eu vi você ir atrás dela na noite da luta. Eu vi o jeito que ela se agarrou a você.

Claro que ele a queria. Cristo. Qualquer homem em sã consciência iria querê-la. Ela era brilhante, ousada, forte e bonita, e quando ela gozou, ela se moveu contra ele como o pecado.

Mas como ele poderia trazê-la para este mundo? Colocar ela em perigo?

Devil levantou uma sobrancelha negra. — Você quer saber o que eu acho?

— Não.

— Ela quer você?

Existem mil razões pelas quais eu não me casaria com você, e onde você foi criado nem sequer é uma delas.

Ele ainda podia ouvir a raiva de Hattie naquelas palavras.

— Não. — *Não mais.*

As sobrancelhas do irmão dispararam juntas. — Por que não? Você é rico como pecado, forte como um boi e quase tão bonito quanto eu.

Whit levantou uma sobrancelha. — Isso é tudo o que é preciso?

— Bem, se ela é tão brilhante como você diz, ela é definitivamente muito boa para você, mas isso não impediu Felicity de se casar comigo.

— Felicity cometeu um erro.

— Nunca diga isso a ela, — disse Devil, um sorriso estúpido piscando antes de ficar sério novamente. — Me responda. Ela quer você?

Silêncio.

— Ah. Então é por isso que você comprou o negócio - e os barcos.

— Não! — Whit disse, resistindo à verdade incômoda no fundo de sua mente. — Eu comprei para mantê-la segura. Como discutimos.

— Correndo o risco de me repetir: isso é besteira. — Devil sorriu. — Você comprou o negócio - e os barcos - para Henrietta Sedley. Como na época em que éramos garotos quando você tentava chamar a atenção daquela garota comprando o bolo que ela tinha olhado a tarde toda. — Ele fez uma pausa, distraído pela lembrança. — Qual era mesmo o nome dela?

— Sally Sasser, — disse Whit, imediatamente na defensiva. — E eu dei aquele bolo para ela!

— Mas você comprou para chamar a atenção dela, em vez de apenas dizer a ela que queria dar um passeio ou o que fosse. Como um imbecil.

— Você quase destruiu a reputação de sua esposa por esporte, — apontou Whit.

— Aha! — Devil sorriu. — Então você admite que quer se casar com a garota.

Eu não posso amar você.

Ela seria outra pessoa para cuidar. Outro alguém para proteger.

Outro alguém a perder.

— Eu não admito isso, — Whit disse, frustração fluindo através dele. — Eu comprei os negócios da família dela para afastá-la dos bastardos. Eu comprei porque iria mantê-la segura.

— Bem. Por que você os manteve?

— Porque eu mal os possuo por uma semana!

— Não. Por que você os manteve, bruv?

Whit parou.

Para ela.

Cristo. Whit passou a mão pelo rosto.

Ele os manteve para ela. Porque ela lhe disse que queria o negócio de transporte. E ele queria dar a ela o que ela queria.

Porque a esperança era uma cadela volúvel.

— Aí está.

— Dane-se, — disse Whit. — Você estava quase morto em uma vala antes de perceber o quanto você se envolveu com Felicity.

— E aqui você se senta, são e salvo. Você deveria me agradecer pela sabedoria que transmito a você. — Devil sorriu. — Agora, diga-me como você armou as coisas, para que eu possa transmitir sabedoria adicional como seu irmão mais velho e mais sábio.

— Nascemos no mesmo dia.

— Sim, mas está claro que minha alma é mais sábia.

— Se enxerga! — Devil não se moveu, deixando o silêncio cair entre eles, sabendo que o silêncio nunca era silêncio, se Whit estivesse lá. O silêncio foi pensado, milhas por minuto. Finalmente, ele disse: — Ela é boa demais para mim.

Não houve negação nos olhos de Devil. Sem humor também.

— Eu não sou nada como o que ela merece. Nascido como o filho bastardo do pior tipo de homem que existe, criado em um quarto em Holborn, em seguida, ressurgindo na sujeira e nas lutas da sarjeta. — Ele fez uma pausa. — E então Ewan. Não posso permitir que ela viva na sombra dele.

Uma das sobrancelhas escuras de Devil se levantou. — Não tenho certeza se Henrietta Sedley é o tipo de mulher que vive na sombra de qualquer um. Ouvi dizer que ela quase feriu Michael Doolan com uma de suas facas.

— Ela estava pronta para cortá-lo em pedaços.

Devil sorriu. — Ainda bem que você apareceu.

— Não entenda errado, — disse ele. — Ela não é como nós. Ela não joga sujo. Ela é tão limpa, que é impossível não imaginar como eu a arrastaria para a sarjeta se a tocasse.

— Muito acima de você, que você mal consegue vê-la, — disse Devil baixinho. As palavras cheias de memória.

— Sim, — disse Whit, olhando para a rua vazia abaixo.

— E o que a dama diz?

Como eu poderia esquecer isso? Ela sabia o que eles tinham? Quão raro foi? Não importava mais, porque ele arruinou tudo. Ele a fez se sentir como nada mais do que uma tarefa.

Como se ele não passasse o resto de seus dias atormentando-se pelo prazer que sentiu com ela.

Eu não posso amar você.

Eu nunca te pedi amor.

— Você disse a ela? — Devil interrompeu. — Sobre o passado?

Ele encontrou os olhos de seu irmão. — Eu não sou bom o suficiente para ela.

Devil sacudiu a cabeça. — Você está errado, mas nunca consegui convencê-lo disso. Nem Grace. Mas me escute, bruv. Você é o melhor de todos nós.

A vergonha explodiu com as palavras e Whit desviou o olhar. — Isso não é verdade. Eu não poderia mantê-la segura. — Ele parou, pensando na noite em que eles correram. — Eu não consegui manter minha mãe segura. E não posso manter Hattie em segurança.

Devil suspirou. — Ewan é um idiota, mas ele sempre foi o mais inteligente de nós três. E ele sempre soube onde estão nossas fraquezas. — Uma pausa. — Pensei que eu era como o duque.

A cabeça de Whit se levantou na confissão. — Você não é nada como ele.

— Na maioria dos dias, eu sei disso. E aqui está o que eu gostaria que você pudesse ver. — Seus olhos âmbar brilharam com frustração e insistência. — Eu gostaria que você pudesse ver que o louco Duque de Marwick está ameaçando sua felicidade pela segunda vez em sua vida, e desta vez você tem algo muito mais devastador em jogo.

Hattie

— E eu gostaria que você pudesse ver que não se puniu simplesmente nos últimos dias; você puniu Hattie. E pior, você fez a escolha por ela. — Ele estendeu a mão para o ombro do irmão. — Você é mais do que nosso salvador.

Whit fechou os olhos, lembrando da noite em que eles correram. — Eu mal conseguia me mexer. Você deveria ter me deixado.

— Não. — Devil chegou a sua altura máxima. — Você era um de nós. Ewan nos perseguiu a noite toda. Ewan, está perdido, e o duque está morto, e agora é hora de você perceber que sem você, Grace e eu não estaríamos em lugar nenhum. É hora

de você perceber que sem você, o Jardim não estaria em lugar nenhum. Os homens não teriam emprego e as mulheres não teriam orgulho e as crianças não teriam gelo de limão toda vez que tivéssemos um navio no porto. E esse é você. Eu não construí isso. Eu estava muito zangado e muito vingativo. *Você* construiu isso. Porque você sempre cuidou de nós. E você sempre será o melhor de nós.

As palavras pairaram entre eles, até que Devil acrescentou: — Henrietta Sedley pode ser a melhor mulher que o mundo já viu, mas nem por um segundo acredite que você não é igual a ela.

Você me fez igual.

As palavras de Hattie, cheias de admiração.

A própria descrença de Whit.

— Eu não posso convencê-lo, — disse Devil suavemente, envolvendo a mão em torno da cabeça de Whit e puxando-o para perto, até que suas testas se tocaram. — E, infelizmente, ela também não pode.

Whit respirou fundo. — Eu não posso mantê-la segura.

— Não. — Devil sacudiu a cabeça. — É a pior verdade. Mas amá-las é o melhor. *Amando a Hattie.*

— Sinto muito por quebrar o que parece ser um momento bonito, mas temos um problema.

Os irmãos ergueram os olhos para encontrar Annika atravessando o telhado, alta e loura, o casaco ondulando ao vento e a testa franzida como se estivesse no meio de um inverno de Oslo.

— Nik! — Devil disse, liberando Whit de seu alcance, virando-se com um largo sorriso no rosto. — Você não vai acreditar nos rumores que eu tenho ouvido.

Nik não olhou para ele. — Eu não ligo.

— Eu ouvi que você tem uma nova amiga.

A norueguesa parou e olhou para Whit, implorando com seus olhos. — Diga a ele para calar a boca.

Whit não pôde evitar o próprio sorriso, bem-vindo depois dos últimos acontecimentos. — Onde você estava há vinte minutos quando ele chegou aqui? Eu gostaria que ele fizesse o mesmo.

— Um dos meninos me disse que você trouxe uma certa manobrista rápida até o telhado para mostrar-lhe as estrelas na noite passada, — disse Devil.

Nik pigarreou. — Foi para fazer reparações, pois os seus criminosos iniciantes roubaram a carruagem dela em primeiro lugar.

Compreensão apareceu. Nik e Nora. Não que Whit pudesse culpar a mulher à sua frente - se Nora era parecida com sua amiga, ela era irresistível. Mas vamos ao que interessa. — Você diz a senhora que eu removerei as rodas de cada um dos veículos dela se ela não aprender dirigir com mais cautela.

Nik revirou os olhos e lançou um olhar a Devil. — Foi Brixton? Esse menino precisa parar de tagarelar.

— Não foi Brixton, na verdade — disse Devil, batendo casualmente sua bengala contra a ponta da sua bota. — E você não precisa se envergonhar; só mencionei porque Felicity e eu nos encontramos naquele telhado mais de uma vez. — Ele olhou para Whit. — Talvez você devesse levar Lady Henrietta até lá.

A ideia de trazer Hattie para os telhados e deixá-la nua sob as estrelas era devastadora.

Whit franziu o cenho para o irmão. — Você é um idiota. — Ele olhou para Nik, resistindo à vontade de olhar para suas bochechas rosadas brilhantes. — Qual é o problema?

Gratidão brilhou em seus olhos. — Teríamos quarenta homens aptos nas docas hoje à noite, para ajudar com o descarregamento.

Whit assentiu.

— Mas não teremos os quarenta, — disse ela. — Não há quatro.

Whit não estava preocupado. Ainda não. Mas ele ficou intrigado. — O que isso significa?

Ela acenou com um longo braço para as docas à distância. — Está quieto nas docas.

— Porque Whit comprou todos os barcos, — brincou Devil. — Já conversei com ele sobre isso. Estamos analisando. O que você sabe sobre salmão enlatado?

A testa de Nik franziu em confusão por um segundo antes de ela balançar a cabeça e voltar ao assunto em questão. — Não é por isso. Não há ninguém para fazer o trabalho.

Devil deu um pequeno bufo de riso. — Isso é impossível.

— Eu juro que não é, — disse Nik. — Não há ninguém trabalhando nas docas. Não há estivadores disponíveis. E temos noventa toneladas de gelo derretendo no porão a cada momento em que pensamos sobre o que pode ou não ser possível.

— Eu vi trabalhadores portuários o dia todo — disse Whit, levantando o queixo para o armazém do outro lado da rua. — Eles entraram e saíram do armazém Sedley, cobrando seus salários.

— Seja como for... — Ela enfiou a mão no casaco, tirando um pedaço de papel e estendendo-o para Whit. — Não há homens para trabalhar a carga nas docas. E se eu tivesse que adivinhar, diria que você é o culpado.

Ele pegou a carta.

Fera,

Parabéns pelo seu novo negócio.

*Boa sorte em encontrar homens dispostos a trabalhar para você.
Eu aguardo sua resposta.*

Anos, etc.

Lady Henrietta Sedley

Futura proprietária, Navegação Sedley

Whit deu uma risada chocada e olhou para Nik. — Onde você conseguiu isso?

— Sarita diz que ela pregou no mastro do *Sereia* não faz uma hora atrás. Suas sobrancelhas se uniram. — Qual é o *Sereia*?

— Um de seus novos cargueiros.

— Impossível. Ela não saiu do armazém desde que chegou.

— Parece que saiu. — Ela levantou uma sobrancelha na direção da nota. — Nós achamos isso batendo na brisa, praticamente o único som nas docas.

Essas docas estavam cheias sempre que havia um navio atracado, homens se reunindo, sabendo que havia dinheiro para alguém com costas fortes e mão firme. Ele olhou para o bilhete. — Nenhum estivador para ser contratado?

Nik sacudiu a cabeça. — Em lugar algum. Nós temos nossos homens, mas nem perto do suficiente para esvaziar o navio tão rapidamente quanto precisamos hoje à noite.

Como ela fez isso?

Devil assobiou, longo e baixo. — Eu pensei que você tinha dito que ela não jogava sujo.

O coração de Whit começou a bater. Ele tinha dito isso, não tinha? Mas isso era jogo sujo. Maravilhosamente, perversamente sujo. Ele ergueu o papel até o nariz, deleitando-se com o cheiro suave de amêndoas nele.

— Ela não precisa ser mantida em segurança, — disse Devil, suas palavras cheias de humor seco. — Cristo, todos nós precisamos ser mantidos a salvo *dela*. Ela está travando uma guerra bem debaixo do seu nariz.

— Você tem que pegar sua garota, Fera. Ela arrisca toda a remessa; Não tenho que lhe dizer quantos meses levará para reabastecer a quantidade de champanhe que temos nesse depósito se for roubado.

Whit deveria ter ficado furioso. E ele estava. Ela se colocou em perigo para vencê-lo. Mas ele também estava vibrando de emoção. Ele não a tinha perdido. Este foi um tiro na proa.

Sua guerreira não havia terminado com ele.

— Ela me prometeu uma rivalidade.

Outro longo assobio baixo de Devil. — Isto é prova de que assistir não é suficiente, bruv. Se você quer segura, sua melhor chance é estar ao lado dela.

Capítulo Vinte e Dois

Depois de uma infância dentro e fora dos convés dos navios, seguindo atrás de seu pai, Hattie raramente se sentia mais confortável do que quando estava na água, mesmo quando a água em questão era apenas um elevador do Tâmis a medida que a maré diminuía. Ela estava no convés elevado, na proa do cargueiro, a lanterna a seus pés, olhando para o rio negro, maravilhada com o silêncio do cais ao entardecer em uma noite em que um navio estava no porto e pronto para ser descarregado.

Ela fez isso.

Levou três dias, uma quantia justa de fundos, cada favor que ela já acumulou enquanto trabalhava para a Navegação Sedley, e cada grama de boa vontade que já ganhara dos homens e mulheres aqui nas docas, mas Hattie havia trancado todos os ganchos disponíveis nas docas esta noite, e Whit não teria escolha a não ser procurá-la.

Ela sabia que era bobagem, mas ela queria que ele a procurasse. Porque, tão embaraçada e envergonhada quanto tinha estado quando deixara os aposentos dele três noites atrás, ela ainda queria provar a ele que era uma adversária poderosa. Uma rival respeitada.

Mentira.

Ela queria que ele visse que eles eram perfeitamente compatíveis.

Eu não posso amar você.

Felizmente, ela não teve que enfrentar a lembrança de suas palavras, porque ele chegou. Ela o sentiu antes que ele falasse, sua presença mudando o ar ao seu redor, fazendo-a se sentir simultaneamente ofegante e poderosa.

Ela se virou para encará-lo, a excitação correndo por ela quando ergueu o queixo, a brisa fresca subindo do Tâmis, esvoaçando as saias ao redor das pernas. Ela desejou parecer tão forte quanto se sentia naquele momento. E ela era forte. Mais forte, quando ele se aproximou.

Seu rival.

Seu par.

Mais. Ele não poderia sentir isso?

Seus longos passos consumiram o convés, seu olhar inabalável. Ela não se mexeu e, por um momento pequeno e maravilhoso, o mundo inteiro caiu e ela estava cheia de triunfo, como se seus planos para o *Ano de Hattie* não tivessem sido completamente de lado.

Afinal, ela o convocou.

Ele parou ao pé dos degraus que levavam a ela. — Você está invadindo.

Ela levantou uma sobrancelha. — E você está aqui para me despachar com toda pressa?

— Este é o meu barco, Lady Henrietta.

As palavras eram firmes e inflexíveis, pronunciadas num tom que sem dúvida deixaria legiões de homens intimidados. Mas Hattie não era um homem. E isso não a intimidou. Isso a fez querer reinar. — Este *navio* — ela exagerou a correção — está parado neste porto, vazio e apodrecendo.

Ele amaldiçoou em voz baixa e olhou para o céu. — Eu possuo os malditos barcos por uma semana, então não há necessidade de planejar um funeral para eles agora.

— Nós não precisamos planejar um funeral, — disse ela, levantando a lanterna a seus pés e se movendo para o topo dos degraus onde ele estava. — Se você trocá-los comigo.

Ele levantou uma sobrancelha. — Pelo quê?

— Pelos homens que eu bloqueei - os que você precisa para salvar seu porão cheio de gelo. Os que você veio atrás.

Ele levantou uma sobrancelha. — Você não pode bloqueá-los para sempre.

— Eu posso bloqueá-los o tempo suficiente para... — ela olhou para baixo da fila de navios para o cargueiro que estava mais baixo na água do que todos os outros, avaliando por um momento — ...oitenta e algumas toneladas de gelo para derreter.

— Noventa e algumas, — ele corrigiu ela.

— Não por muito tempo, — disse ela. — O que há dentro do gelo, espero que seco? Você gosta mais desse bourbon?

Algo brilhou em seu olhar. Surpresa. Admiração.

E Hattie resistiu ao impulso de sorrir seu triunfo. — Eu realmente não me importo com a carga, mas os ladrões vão. Você não quer esses navios, e eu quero. E eu acho que você pode achar muito difícil administrar um negócio de transporte nessas docas - com esses homens - se eu não desejar.

— Você não sabe com quem está brincando.

— Parece que eu estou brincando com o meu jogo, se você quer mesmo saber. — Ele levantou uma sobrancelha e excitação passou através dela. — Afinal de contas, acabei de bloquear todos os estivadores daqui até Wapping, e nenhum de seus outros rivais já fez isso. Quais são suas opções agora?

Ele a observou em silêncio. — Você está muito orgulhosa de si mesma, não é guerreira?

Ela sorriu. — Eu estou sim. Você deve admitir, esse é um movimento magnífico.

Ele não respondeu, mas ela viu a pequena contração em seus lábios, um movimento que a fez querer se jogar em seus braços e beijá-lo, apesar dele ser o inimigo.

Ela resistiu ao impulso e mudou de rumo. — Você sabe por que os navios têm figuras de proa?

— Eu não.

Ela sorriu, erguendo a lanterna a seus pés. — Eles os têm desde o início da navegação, em toda o mundo. Os Vikings. Roma e Grécia. Toda cultura que é conhecida por ter navegado em águas abertas usou figuras de proa.

Ela parou no topo da escada, olhando para ele. — Os antigos marinheiros nórdicos acreditavam que a figura de proa era o destino manifestado. Um navio grande poderia ter oito ou dez deles, ocupando um valioso volume e peso de carga. Elas eram feitas para guardar e proteger cada eventualidade da navegação - uma para mares calmos, uma para tempestades, uma para aplacar os ventos. Se houvesse uma praga em um barco? Havia uma figura de proa também para isso.

Mesmo assim, ele não falou.

— Quando uma tempestade aparecia em mar aberto, a tripulação corria para bater as escotilhas e amarrar as velas - para se preparar para mar agitado. Mas havia tripulantes cujo trabalho era mudar a figura de proa - uma que protegesse contra o mal, protegesse contra as tempestades e levasse os marinheiros ao paraíso, se o pior acontecesse. — Ela observou-o com cuidado. — Dizem que se um navio afunda sem uma figura de proa, os marinheiros que morrem assombram o mar.

Ela parou. Os olhos dele brilhavam. — Continue.

Ele sempre a ouvia. Ele poderia fazê-la se sentir como se ela fosse a única pessoa no mundo inteiro. — Sabe essas? As que enfrentavam as tempestades? As que guiavam os marinheiros até a morte? Eram sempre de mulheres.

Ela olhou para o rio negro, onde a maré diminuía e os navios se acomodavam no leito do rio. — Quando eu era mais nova, achava maravilhoso - afinal, era azar para as meninas velejarem, mas todo navio tinha meia dúzia de mulheres no porão, só esperando para conhecer o mar. — Ela fez uma pausa, lembrando-se dos mitos da navegação que seu pai costumava contar.

— Só quando você era mais nova?

Ela encontrou os olhos dele. — Agora eu entendo que as garotas que dão azar em um navio é simplesmente uma besteira que as pessoas dizem para impedir as mulheres de viverem a vida que desejam.

Ele assentiu. — Conte-me o resto.

— É apenas uma história, — disse ela. — Uma história criada para convencer os jovens a irem ao mar e desistirem de suas vidas. Uma lenda que passou de

homem para homem, então quando eles encontraram sua morte inevitável, parecia que era apenas isso, inevitável. E também, não era tão ruim, porque eles já esperavam.

— E então?

— Acreditamos em histórias, especialmente quando parecem que não podem ser verdadeiras. — Ela começou a descer as escadas, na direção dele. Ele não se mexeu. — O sequestro não é coisa de lenda. Impedir que isso aconteça? — Ela acenou para longe. — Você teve milhares deles. — Ela parou no último degrau, apenas alto o suficiente para trazê-los olho no olho. — Mas... a noite em que as docas ficaram em silêncio?

Ele bufou uma risadinha. — Uma história para muitos anos.

— Essa história me faz rainha. A mulher que domesticou a Fera.

Suas pálpebras se abaixaram e, por um momento, seus olhos se encheram de pecado. E então ele disse, baixo e sombrio: — Você gosta disso.

Sim. Ela gostava. Mas só se ela fosse a rainha dele.

Ela ignorou o pensamento impossível. — Se você renunciar ao controle desses navios, sua carga será esvaziada hoje à noite, como planejado. E ninguém nunca precisa saber que eu os bloqueei. Mas se você não fizer isso...

— Isso é chantagem, — disse ele.

— Bobagem, — disse ela. — É negociação. Entre dois rivais.

— Ahh, — ele disse suavemente, e ela percebeu que se ela se inclinasse um pouco, ela estaria perto o suficiente para tocá-lo. Ele não parecia estar interessado em tal coisa.

Odiando o pensamento, acrescentou: — Se você não gosta da negociação, eu também tenho uma proposta.

Suas sobrancelhas se levantaram em questão. — Estou ouvindo.

— Você tem o poder em Covent Garden e hoje a noite provei minha posição nas docas. — Ela parou.

— Uma parceria.

Ela assentiu. — O negócio.

— Tudo às claras, — disse ele.

— Bem, a minha parte, pelo menos, — ela respondeu, amando o jeito que seus lábios se contraíam. Amando ele. Desejando que ela pudesse propor uma parceria maior. Uma que acabava com eles juntos à noite, assim como os dias.

Desejando que ele pudesse amá-la.

Whit tirou os relógios do bolso, considerando os dois discos de metal antes de guardá-los novamente. Ele desviou o olhar, se mexendo e, por um momento, Hattie pensou que ele pudesse sair. Mas ele não saiu. Em vez disso, ele respirou fundo e soltou o ar lentamente. E então, como se ele estivesse carregando as palavras por muito tempo, ele falou. — Eu nasci em St. Thomas, Southwark.

Ela parou, o choque das palavras - de sua revelação pessoal - esmagadora. Sua mãe não era casada. St. Thomas era um hospital para mães solteiras, um lugar miserável. A maioria dos bebês nascidos lá era enviada para orfanatos pela cidade - suas mães envergonhavam-se de acreditar que criar suas famílias sozinhas colocaria um estigma tão grande nos bebês que eles seriam condenados a um destino pior do que o próprio hospital.

Como se os orfanatos fossem melhores que os lares, pobres ou não. Como se as instituições fossem melhores que as famílias, no entanto eles vieram.

— Salvador, — ela sussurrou, incapaz de se conter. *Nunca me chame assim.*

O eco de sua raiva na outra noite, quando ela jogou seu nome de volta em seu rosto, foi rápido e desagradável, e Hattie imediatamente acrescentou — Sinto muito. Eu não quis...

— Não, — disse ele, com um pequeno sorriso nos lábios, como se estivesse tentando deixá-la à vontade. — Você está certa. Nomeado pelo lugar onde nasci e o homem que fundou o hospital. O pagamento da minha mãe por uma cama. Há uma centena de mim. Milhares.

Hattie ansiava por alcançá-lo, sabendo que ele não permitiria. — E a sua mãe? Qual era o nome dela?

— Maria. — Ele passou por ela, na direção do rio escuro, onde meia dúzia de barcos a remo percorriam o nevoeiro e a maré baixa, as lanternas colocadas dentro deles transformando-as em nuvens flutuantes. — Maria de Santibáñez. Faz vinte anos desde que eu disse esse nome em voz alta. — Ele exalou. — Ela costumava me dizer que compartilhava o nome com alguma parente antiga - dama de companhia de uma rainha. — A voz dele se transformou em desdém. — Como se isso significasse alguma coisa.

— Significou, para ela.

— Ela estaria fora de si se soubesse que eu estava aqui. Falando com a filha de um conde.

— Filha de um conde por sorte — ela lembrou. — Depois que meu pai morrer, tudo isso vai embora. E eu terei meu próprio mérito novamente.

— Nas poucas semanas que te conheci, Henrietta Sedley, vim a ver que o seu mérito é superior a todos os outros. Eles deveriam te dar o condado.

Ela zombou. — Eu não me importo com o título.

— Meu pai era um duque.

O queixo de Hattie caiu ao ouvir as palavras dele, ditas como se estivessem dando uma volta em um salão de baile de Mayfair. Ela balançou a cabeça como se quisesse limpá-la. — Você disse...

Outra risada sem graça. — Vinte anos desde que eu disse o nome de minha mãe, e eu também nunca disse isso sobre ele. Mas sim, meu pai era um duque.

— E você nasceu em St. Thomas.

— Os pais de minha mãe vieram da Espanha para trabalharem na propriedade do pai de meu pai. — Ele fez uma pausa, como se, pela primeira vez, lhe ocorresse — Meu avô. — Depois de um momento, ele continuou. — O pai da minha mãe era um grande cavaleiro. Ele foi trazido de Madri para manter os estábulos na propriedade do duque. Minha mãe nasceu lá, a poucos passos da glória.

Criada em uma propriedade ducal na Inglaterra, filha do mestre dos estábulos, ela teria ficado feliz e contente - destinada a uma vida como esposa e mãe, casando bem. Whit teria nascido em uma vida que não se parecia em nada com as ruas de Covent Garden.

— O que aconteceu?

— Os pais dela morreram jovens e ela recebeu um lugar na casa principal.

Medo mergulhou em Hattie. Ela ouviu dessas histórias mil vezes. Homens de poderes e o modo como destruíram as jovens ao seu redor. — Whit — Ela estendeu a mão para ele, mas ele se afastou.

— Ela nunca disse uma palavra ruim sobre ele. Costumava dar desculpas pelo que ele fez. Ele era duque, afinal de contas, e ela uma criada, e um não se casava com o outro. Mas ela era linda e ele era encantador... e homens eram homens... — Ele parou de falar e Hattie analisou as maçãs do rosto salientes e os lábios carnudos que chamou sua atenção quando ela o encontrou pela primeira vez. Ela não teve dificuldade em acreditar que a mãe dele era de uma grande beleza.

Quando ele olhou para ela, havia algo naqueles lindos olhos âmbar - os que ele compartilhava com seu irmão e, portanto, devem ter vindo de seu pai. — Na minha vida, fiz muitas coisas. Coisas que devem me mandar direto para o inferno. Mas eu nunca repeti os pecados do meu pai.

— Eu sei disso. — Sem dúvida, ela sabia disso.

Ele respirou fundo. — Eu era jovem e não entendia. Eu acreditei nela - acreditei que havíamos saído da propriedade porque era isso, de fato, o que tinha acontecido, e que deveríamos ser gratos pelo colchão infestado de pulgas em Holborn e pelo dinheiro que tínhamos que nem sequer era suficiente para acender velas para ela ver corretamente. Mas agora...

Ele parou e ela esperou. Odiando a história. Desesperada para ouvir isso.

— Agora sei que ela fugiu daquele hospital. Que ela fugiu para que eles não a tirassem de mim. — O peito de Hattie se apertou com a angústia em sua voz. — Eles teriam chamado isso de me tirar dela. Mas não teria sido isso. Isso teria sido bom para ela. Isso teria salvado ela. E em vez disso, ela se sacrificou por mim.

Não foi verdade. — Ela não fez isso.

— Ela fez, — disse ele, perdido nas memórias de uma mulher que deve tê-lo amado desesperadamente. — Quando ele nos encontrou, ele nem olhou para ela. Ele veio atrás de mim.

— Ele a tirou de você, — ela disse suavemente.

Ele encontrou os olhos dela, algo como gratidão neles, antes de se virar. Hattie seguiu, como se estivesse em uma corda. Quando chegou ao mastro central do navio, ele estendeu a mão para tocar a madeira marcada, onde, ao longo da vida, mil coisas haviam sido pregadas na madeira.

Ele falou com o mastro. — Você deixou minha nota aqui.

Ela não hesitou pela mudança de assunto. — Eu tenho um talento para o dramático.

Ele olhou por cima do ombro para ela. — O ano de Hattie.

— Está indo absolutamente terrível.

— As coisas levam tempo, — disse ele.

— Eu já esperei bastante tempo.

Ele assentiu, enfiando as mãos nos bolsos e recostando-se no mastro, com o chapéu baixo sobre a testa, o sobretudo balançando sobre as pernas, fazendo com que ele parecesse o retrato de um marinheiro trapaceiro, e por um momento Hattie se perguntou o que aconteceria se ele fosse isso. Seria como se ela fosse dele e não tivesse que lutar contra ele. Se ele simplesmente a envolvesse em seu casaco e a deixasse se deleitar com seu calor e ela colocasse seus braços ao redor do pescoço dele e...

O amasse.

E se esse homem notável deixasse ela amá-lo?

— Eu quero lhe contar o resto.

— E eu quero ouvir. — Seu olhar voou para o dela, estreito e avaliador, como se ela o tivesse surpreendido. — Vai ser horrível, não é?

— Sim, — disse ele.

Ela assentiu. — E você nunca contou a mais ninguém.

— Não. — Ele não teria.

— Então pode compartilhar isso comigo.

Ele olhou para o mastro, onde as velas estavam embrulhadas e amarradas. — Porque você iria querer isso?

Porque eu amo você.

Ela não podia dizer isso. Então, ao invés disso, ela deu um passo mais perto, chegando perto o suficiente para que suas saias ondulassem ao redor de suas pernas, e disse: — Porque eu posso.

E isso parecia ser o suficiente.

— Havia quatro de nós.

Ela assentiu. — Todos nascidos no mesmo dia. — Ele havia dito isso a ela.

— A mãe do Devil era a esposa de um marinheiro. A minha uma serva. A de Ewan era uma cortesã. E a de Grace - ela era uma duquesa.

Os olhos de Hattie se arregalaram. — Ela é legítima? Mas eu pensei que você disse...

— O pai de Grace não era o mesmo que o nosso, mas a mãe dela era a duquesa, grávida junto com nossas mães - ou, pelo menos, com o mesmo tempo que elas. — Hattie ficou em silêncio, maravilhada com a loucura que vinha com o título e o privilégio. — O duque estava desesperado por um herdeiro e sabia que sua melhor chance de ter um, era o bebê na barriga de sua esposa, mesmo que a criança não fosse dele por sangue.

— Por que não esperar e deixar a duquesa com um filho de novo? Tentar para ter um menino? Um dele?

Whit sorriu, largamente, e gargalhando o suficiente para que Hattie se surpreendesse com isso. — Porque a duquesa tornara impossível que ele gerasse mais herdeiros.

— Como? — Seu sorriso era contagiante.

— Ela atirou nele.

— Matou? — Não era possível.

— Não. Nos testículos.

— Não! — Os olhos de Hattie se arregalaram, depois se estreitaram com aversão. — Boa.

— Grace herdou a determinação de sua mãe, se você quer saber.

— Eu quero de fato, e gostaria de voltar a isso, se pudermos.

— Com prazer. — Hattie se entusiasmou com a forma como a resposta fez parecer que eles tinham uma vida inteira de conversa pela frente. Então ele continuou. — Assim, a duquesa teve um bebê, mas era uma menina. E o desgraçado do meu pai batizou um herdeiro, alegando que ela era um menino e mandou ela e a mãe para o campo.

Hattie sacudiu a cabeça. — Isso é ilegal. Está traindo a linhagem.

— É mesmo, — disse Whit. — E é punível com a morte se um falso herdeiro estiver empossado.

Ela encontrou os olhos dele. — Foi por isso que você teve que correr. Porque você sabia demais. E ele estava preocupado que você contasse às pessoas.

— Garota esperta, — ele disse suavemente, admiração em seus olhos. — E ele estava certo. Estou lhe dizendo, não estou?

Mas a ninguém mais. Nunca. — Eu não entendo... — Ela hesitou. — Quem ele pretendia que fosse seu herdeiro?

— O duque era ganancioso e orgulhoso. E ele queria que um herdeiro se moldasse da forma como ele imaginava. Para passar seu legado. Ele teve três filhos. Mas o que nós não sabíamos era que ele nos acompanhava. Estava nos observando. Devil no orfanato, Ewan em um bordel de Covent Garden, e... — Ele parou.

— E você, — disse ela — com sua mãe. — Uma mulher que o amava. Uma casa que era segura. Tendo aulas. Seu peito ficou apertado.

— Não por muito tempo, — ele respondeu. — Ele nos trouxe para o campo, para a sede do ducado. E ele nos contou o seu plano. Um de nós seria seu herdeiro. Aquele menino herdaria tudo. Dinheiro, poder, terra, educação. Ele nunca necessitaria de nada. — Uma pausa. E então: — E nem a sua família.

Ela sabia que as palavras viriam. Sabia que, eventualmente, esse duque maluco e monstruoso ameaçaria a única coisa que Whit apreciava. A mãe dele.

— Como? — Ela perguntou, a palavra em um sussurro. Ela não queria saber.

— Lutaríamos por isso. Cem maneiras. Mil. Começou fácil. Concurso de dança. — A valsa. Ele disse que seu pai o fez aprender a valsa. — Testes sobre as linhagens adequadas. Talheres apropriados. A localização correta do copo. E então, enquanto ele nos separava, ficou claro que ele não se importava com nada disso. O que ele queria mesmo era um filho forte que continuasse sua linhagem e impressionasse o mundo.

Se alguma vez existiu um homem que poderia ser essas coisas - poderia fazer essas coisas - era Whit. — O que ele fez você fazer?

— Existe uma razão para que quando chegamos a Londres, fomos bons lutadores.

Seus olhos se arregalaram. — Ele fez vocês lutarem entre si?

Ele assentiu. — Até isso foi fácil. Talvez não nos conhecêssemos, mas éramos irmãos e estávamos felizes em nos distanciarmos quando necessário. Aprendemos rapidamente como dar um soco e fazer parecer que iria doer, mas puxar no último momento, por isso nunca causamos danos reais. Ewan era melhor nisso do que todos nós, — ele se maravilhou. — Você veria isto vindo como um pedregulho, e pousaria leve como uma pena.

Por um instante, Hattie sentiu gratidão por esse homem que ela sabia que se tornaria o vilão da peça. Aquele que tentou matar Grace, e acertou uma lâmina na bochecha de Devil.

— Achamos que éramos brilhantes, trabalhando juntos para derrubar nosso pai. Não sabíamos que tudo fazia parte do plano. Ele estava nos fazendo um time para que ele pudesse nos usar uns contra os outros. E ele fez isso. Ele começou a brincar conosco. Ele ameaçava um de nós para conseguir que os outros lutassem. — Ele desviou o olhar. — As ameaças eram selvagens. Se dois de nós não lutassem até que um estivesse no chão, o terceiro receberia chicotadas até que o fizéssemos.

— Você queria salvá-los.

— Sim, — disse ele. — Claro.

Salvador. Não apenas no nome. Mas todo o seu ser.

— Ele nos dava guloseimas e depois as levava embora. Nos dava presentes, brinquedos, animais. Qualquer coisa que gostássemos. Ele amava nos obrigar a

implorar pelo que amávamos. — Whit olhou para ela. — Você me provoca sobre meus doces de limão? São por causa dele. Obrigado pelas framboesas.

— Claro. — Ela assentiu com a cabeça. Ela desejou poder mantê-lo em doces para sempre. Ela queria poder puxá-lo para perto e abraçá-lo com força, mas ele não permitiria, esse homem maravilhoso e orgulhoso.

— Não consegui acompanhar depois de um tempo e comecei a fazer planos para fugir. Eu sabia que, se conseguisse voltar para cá - de volta a Holborn -, poderia encontrar minha mãe. E nós poderíamos fugir. Esse foi o meu plano. Poder voltar aqui e fugir.

Hattie teria dado tudo o que tinha. Negócios, barcos, fortuna, futuro - tudo isso - para mudar o que ele estava prestes a dizer. Mas ainda assim, veio. — Ele me disse que se eu ficasse, ele a manteria viva. Ficou claro que eu não estava lá para ganhar. Que eu nunca estava indo a ser duque. Ele odiava que eu fosse atrás da minha mãe. Tinha raiva porque eu era muito pequeno. Muito escuro. Ele me trouxe para treinar os outros. Eu estava lá para Devil e Ewan lutarem, e se eu fizesse isso bem, se eu levasse os espancamentos, se eu perdesse a competição, eu seria capaz de ir para casa para minha mãe, e com dinheiro para salvá-la da vida em que ela foi forçada a viver.

Ficou quieto por muito tempo, e Hattie sofria no silêncio pelo lindo garoto que ele fora e o homem magnífico em que se transformara.

— Eu seria capaz de salvá-la. — Tinha sido uma mentira. Hattie não precisou da confirmação. Ela sabia em sua alma que tinha sido uma mentira.

— Ele era um monstro, — disse ela. — Um fétido, podre e covarde.

Whit pareceu surpreso. — Você está brava.

— Claro que estou! Vocês eram crianças! E ele era um homem adulto com dinheiro e poder. Que tipo de pessoa manipula crianças! Seus próprios filhos!

— Quem queria um herdeiro.

— Herdeiros não são nada quando você é um cadáver, — ela retrucou antes da realização amanhecer. — Espera. Herdeiros. Você fugiu. Com Devil. E Grace.

Ele assentiu.

— Ewan se tornou herdeiro. Um duque. *Ele te traiu.* Outro aceno de cabeça.

— E agora? Onde ele está?

— Eu não sei. — As palavras estavam cheias de frustração.

Compreensão explodiu. — Mas ele está aqui. Perto.

Um músculo se contraiu em sua mandíbula. — Não vou deixar ele te machucar. Eu vou manter você segura.

E aí estava. Sua resposta. — É isso o que é; você me mantém segura dele.

Ele encontrou seus olhos. — Até o meu último suspiro.

Ela balançou a cabeça. — Eu não tenho medo dele.

— Você deveria ter. Eu tenho.

— É ele quem deveria ter medo de mim, — ela jurou, a fúria se tornando quente e poderosa. — Eu gostaria de dar uma boa olhada nele com minhas próprias mãos.

Seus olhos se arregalaram e ele bufou um riso surpreso. — Você está muito zangada.

— Não ouse rir. Isso não é divertido. Você não vê? Eles tiraram o suficiente de você. Não vou deixar que ele me tire também. — Ela estava vibrando de raiva, incapaz de se controlar ou das lágrimas que surgiram ao redor do nó perverso em sua garganta. — Gostaria de encontrá-lo e destruí-lo. Gostaria de pegar uma das suas facas mais afiadas e colocá-la diretamente em seu coração negro.

Ele estendeu a mão para ela. — Amor, não chore. Isso está no passado.

— Não está, — disse ela, afastando a mão dele. — Você carregou isso por anos. Você vai carregá-lo para sempre. E eu *detesto* isso. Eu os odeio. Você não pode pensar que eu iria ouvir essa história, sobre o homem que amo e as pessoas que *ele* ama, e não desejar causar sérios danos a todos que pensaram em atravessá-lo.

Ele parou. — Hattie.

Ela não percebeu. Ela estava longe demais. — Arruinando a vida das *crianças*? Por um maldito título? Que absurdo total. Meu único consolo é que seu pai, estou feliz em dizer, está apodrecendo miseravelmente no inferno.

— Hattie, — disse ele, baixo e apertado, como se tivesse algo urgente para dizer.

— O que? — Ela perguntou, sua respiração rápida e furiosa.

— Você me ama?

Calor brilhou através dela, seguido de pânico frio e depois puro. — O que? Não. O que? — Ela fez uma pausa, sua respiração ficando dura. — O que?

Seus lindos olhos se iluminaram em diversão. — Você disse que me amava, Hattie. Você me ama?

— Eu não disse isso. — Ela não tinha. Ela tinha?

— Você disse, mas essa não é a questão relevante neste momento.

— O que é?

— Você me ama?

— Eu... — Ela fez uma pausa. — Eu odeio seu pai.

Ele sorriu. — Bem, ele está morto. Então você ganha nesse ponto. — Ele estendeu a mão para ela, puxando-a para perto.

— Foi uma morte muito dolorosa? — Ela falou para o ombro dele, amando o jeito que os braços dele a envolviam. Ela estava desesperada por seu toque - pela prova de que ele havia sobrevivido ao inferno de sua infância e estava aqui, saudável e forte.

Ele deu um beijo na têmpora dela. — Agonizante. Diga que me ama.

Ela afundou em seu calor, incapaz de resistir aos duros e bem-vindos músculos dele. Ele era tão grande e ela gostava demais. Ela gostava demais *dele*. Amava-o mais do que deveria, como nunca retribuiria. — Não, — ela sussurrou.

Ele inclinou o queixo dela para ela encará-lo. — Por favor?

— Não. — Ela balançou a cabeça.

Ele se inclinou e a beijou, pequeno, suave e perfeito. — Por que não?

Porque você não me ama de volta. As palavras que ele falou em seus aposentos na outra noite estavam gravadas em sua memória. *Eu não posso amar você.* Ela não diria isso a ele. Não se ele não pudesse dizer de volta.

— Porque eu não quero ser mais um fardo.

— Como isso me sobrecarregaria?

— Você passou a vida inteira protegendo as pessoas. Sentindo-se responsável por elas. Salvando-as. Dando tudo de si mesmo, mesmo quando não era preciso. E eu não quero fazer parte disso. Não quero ser outra pessoa a quem você se sente responsável. Não quero ser outra pessoa a que você pertença, porque você não pode se ajudar. — Ela respirou fundo, desejando calma. — Eu não quero ser uma tarefa árdua.

Ele endureceu, a brisa fresca chicoteando ao redor deles, e por um momento Hattie pensou que ele poderia libertá-la. Ela supôs que isso era razoável. Ela supôs que deveria se afastar dele, pois acabara de enfatizar que não queria ser o fardo dele.

Mas a verdade era que ela não queria se afastar dele.

Ela queria ficar com ele.

Para sempre.

Porque ela o amava. Porque ela queria mantê-lo seguro.

Os braços dele se apertaram ao redor dela, e ela inalou, enchendo seus pulmões com ele - limão e louro e sua deliciosa especiaria quente. Ela fechou os olhos e se entregou a ele, o mastro em suas costas fazendo um homem robusto e forte ainda mais robusto. Ainda mais forte.

— *A sereia*, — disse ele depois de um tempo. As palavras perdidas na brisa saindo do rio, mas lá, no ouvido dela. — O navio é chamado de *Sereia*.

Ela assentiu. — É o maior dos seis que você comprou para me punir.

— Não para punir você. — Ele pressionou um beijo em sua têmpora. — Você precisa acreditar que eu não fiz isso para machucá-la.

Ela queria. Mas nada disso fazia sentido.

Antes que ela pudesse perguntar, ele estava falando. — *A Sereia*. Belas mulheres que poderiam fazer um homem se jogar no mar. Tentação enfeitiçada. Cantando os desejos mais profundos dos homens, fazendo o impossível parecer possível. Elas podiam fazer você acreditar que seus sonhos se tornariam realidade.

— E o pobre Odisseu, tropeçando nas mulheres perversas, — brincou ela. — Se ao menos ele tivesse percorrido o caminho mais longo da ilha.

Ele riu, o estrondo baixo uma linda tentação. — Ah, mas Odisseu não tropeçou nelas. Ele foi procurá-las, sabendo o que estava fazendo. — Ele olhou para ela, seus olhos âmbar brilhando na luz da lanterna. — Como nós, ele pensou que poderia ter um gosto e não se perder.

A história fez Hattie vibrar de prazer, vibrando com o desejo de que ele a tocasse. Uma sereia por direito próprio. E então ele disse: — É um nome adequado para um navio seu.

— É? — Ela perguntou. — Eu achei que parecia o contrário. — Ele inclinou a cabeça em uma pergunta silenciosa, e ela disse: — Eu não sou exatamente conhecida por minhas artimanhas femininas. Parece que não tenho a habilidade da tentação.

Ele deu um pequeno grunhido. Aceitação? Desacordo? Era impossível saber. — Hattie... — Ele disse, seu nome se arrastando em um grunhido baixo. — Você não pode pensar isso. Eu nunca na minha vida me senti tentado como você me tenta.

— E você gosta muito de doces, — ela brincou. Ele não riu. — É a verdade.

— Isso é muito gentil. — Ela sorriu, embora não se sentisse alegre. — Mas você não cedeu, e certamente, permitirá que eu seja uma sedutora melhor. E tenho léguas a percorrer antes de me aproximar da Sereia. — Ela riu, um sorriso pequeno e autodepreciativo. — Nenhum homem jamais se jogará no mar para tentar a boa e velha Hattie.

— Isso é bobagem, — ele disse, e havia algo em seu grunhido que ela nunca ouvira antes.

— Odisseu teve que se amarrar ao seu mastro para evitar a tentação das sereias. Mais e mais, até que ele estava sangrando pelas cordas e gritando para que seus homens o libertassem, para que ele pudesse alcançá-las. Elas o tentaram até a morte.

— Ela deu um passo para trás, saindo de seus braços, longe dele, sabendo que não seria capaz de lutar com ele novamente. Não agora que ela o conhecia. Não agora que ela o queria tanto. Não agora que ela o amava tanto.

Ela perderia seus barcos e perderia seus negócios.

Mas isso parecia minúsculo comparado a perdê-lo. *E ela nunca o teve.*

Ela encontrou os olhos dele e disse, para si mesma tanto quanto para ele: — Eu não consegui nem tentar você ao prazer.

Ela se virou para sair, para encontrar o caminho para sair deste barco, para longe dele. Mas ele veio atrás dela, o nome dela nos lábios, os dedos dele capturando os dela e girando-a e quando ele pegou o rosto dela nas mãos e a beijou, longo, impetuoso e arrebatador, como se estivesse com medo de que, se não o fizesse, ela poderia desaparecer para sempre.

Hattie ofegou com a sensação, e ele a puxou mais apertado, roubando o som, lambendo os lábios e reivindicando sua boca em longos, lentos e bonitos movimentos até que seus joelhos estivessem fracos e ela estivesse solta em seus

braços e embriagada com ele. Só então ele soltou os lábios dela - sem soltá-la - arrastando beijos sobre a bochecha até a orelha, onde ele disse, quente e devastador: — Você me tentou. Você me tem tentado a cada segundo desde que acordei em sua carruagem, amarrado em nós. — Ele mordeu o lóbulo da orelha com força suficiente para doer, então chupou até que ela se agarrou a ele. — Você me tentou mil vezes. Eu queria tirar suas roupas mil vezes. Deitá-la nua sob o sol, a lua e as estrelas e adorá-la até que esquecêssemos dos nossos nomes.

Ela estava enlouquecida com aquelas palavras. Com o jeito que elas a colocaram em chamas. — Eu pensei que você não me queria. Eu pensei que você não se importava...

Ele mordeu o pescoço dela desta vez, um castigo agudo perseguido pelo prazer de sua lambida lenta. — Falta de querer não deixa um homem duro por dias.

— Você estava duro? — Ela engoliu, envergonhada e emocionada ao mesmo tempo. — Duro por dias? — *Não era possível.*

— Eu tenho estado duro desde a primeira vez que ouvi sua voz. — Uma mão vagou pelo seu lado, puxando-a para ele pela cintura. — Desde a primeira vez que toquei seu corpo.

Ela se afastou para olhar em seus olhos escuros e promissores. — Mesmo?

Ele levantou uma sobrancelha. — Você está feliz em ouvir sobre a minha aflição?

— Sim.

Ele riu da resposta instantânea dela. — Bem, então sim, Hattie. Eu estava duro, até mesmo no simples fato de pensar em você, de estar com você, de entrar dentro de você, de ficar dentro de você para sempre. E eu queria você de volta para que eu pudesse lhe dizer o quanto eu queria você e o pouco que seria uma tarefa fazer amor com você.

Ela sorriu. — Isso soa excelente.

— Estou feliz por ter tido a chance de encantar você, minha senhora. — Ele a puxou para mais um beijo. — Mas você deveria saber, Odisseu era um herói. E eu não sou. Ele queria resistir. Eu não. Eu quero tudo isso. Eu quero cada centímetro de você. É tudo em que penso desde o momento que você saiu. Desde mesmo antes.

— Ele pressionou a testa na dela. — Cristo, Hattie. Eu quero tudo isso. Eu ficaria feliz em ser amarrado a um mastro se isso significasse que eu poderia ter um gostinho de minhas mais profundas fantasias. As quais são todas relacionadas a você.

Ela ficou excitada com essas palavras, com a visão que isso mostrava: aquele homem magnífico, amarrado ao mastro a menos de um metro de distância.

Seu olhar cintilou, e quando ela olhou para ele, ele gemeu de prazer. — Inferno, Hattie. Você está imaginando isso. Eu posso ver isso em seus olhos.

Ela olhou para ele, sabendo que deveria negar. Em vez disso, ela falou: — Eu sou muito boa com nós.

Ele exalou um longo — Ahhhh... — E então, sem que ela esperasse, ele lançou-lhe um sorriso sombrio. — Prove isto.

Seus olhos se arregalaram. — Você não pode estar dizendo...

Ele a puxou para perto. — A outra noite, foi para você. Mas esta noite. Esta... e se eu te dissesse que era para mim? — As palavras se tornaram um estrondo baixo. — Amarre-me ao mastro, sereia; deixe-me ouvir você cantar.

Capítulo Vinte e Três

Não era para sempre, ela sabia. Ela continuou dizendo isso para si mesma, quando ele se afastou dela, sem tirar os olhos dela.

Ela o seguiu sem hesitação. *Não era para sempre*, ela se lembrou, uma e outra vez, porque este homem - esse homem magnífico - estava fazendo com que ela se sentisse como se o *para sempre* seria possível. Como se o passado e as ações de sua família e o fato de que ele estava no caminho de todos os seus sonhos, não importavam nem um pouco, porque ele estava prestes a deixar que ela tivesse prazer de maneiras que ela nunca imaginou.

Nunca imaginou, porque ela nunca soube que tal homem, tal momento, era possível. Mas eles *eram* possíveis. Eles eram possíveis agora, quando ele tirou o sobretudo dela descuidadamente, deixando-o cair no convés.

Ela lançou um olhar sobre o navio, grata pelo convés central abaixado e a escuridão das docas, esvaziada de pessoas naquela noite. E ainda assim, ela disse: — Nós poderíamos ser vistos.

— É improvável que alguém tenha limpado as docas devido a essa tentação em particular. — Ele deixou cair o sobretudo dele a seus pés, revelando suas facas, o coldre de couro cruzando o colete e a camisa esverdeada. Incapaz de se conter, Hattie estendeu a mão para ele; ele congelou quando seus dedos traçaram as correias de couro.

— Está faltando uma. — Ele ficou rígido e ela se perguntou onde ele a tinha deixado. E por quê. Mas haveria tempo para isso depois. Agora, só havia tempo para o que estava acontecendo. Ela encontrou seu olhar. — Deixe-me tocar?

Ele respirou fundo enquanto ela acariciava a larga faixa que cruzava seu torso para trabalhar na fivela de metal lá, com um toque firme e seguro, como se tivesse feito isso centenas de vezes antes. Ela certamente sonhara em fazer cem vezes antes. Quando terminou, ela deslizou as alças pelos ombros largos e pelos braços fortes dele, e colocou as armas cuidadosamente a seus pés.

Ela recuou, avaliando-o, e ele xingou na escuridão. — Hattie, parece que você tem planos para mim.

Ela levantou os olhos para ele. — Na verdade, eu tenho.

Ele exalou duramente. — Apresse-se, amor.

Ela se aproximou e puxou a camisa de suas calças, amando o jeito que ele se movia com ela, ajudando, seus músculos flexionando com prazer a cada toque de seus dedos. Ele pegou a camisa de suas mãos, puxou-a sobre a cabeça jogando-a no convés, e estendeu a mão para ela, puxando-a para outro beijo. Ela se entregou, com as mãos roçando o peito dele, a palma da mão deslizando ao longo de sua pele até que os músculos do estômago se apertarem sob seu toque e ele assobiou seu desejo.

Ela beliscou seu lábio inferior cheio e puxou de volta. — Você não está com frio?

— Eu estou quente como o maldito sol, — disse ele, puxando-a para outro beijo. — Agora, sobre esses seus planos...

Ela riu e deslizou os dedos pelos dele, erguendo-os sobre a cabeça, até um gancho no mastro, onde as pontas das cordas que seguravam as velas estavam cuidadosamente enroladas. Ela não precisava dizer para ele apertar aquele gancho. Não precisava dizer para ele manter as mãos lá. Nem mesmo quando ela se afastou dele.

— Onde você está indo? — Ele rosnou, não gostando do jeito que ela se afastou dele.

Hattie sorriu, circulando o mastro até encontrar o que procurava, um pedaço de corda que estava solto. Voltando a encará-lo, perto o suficiente para sentir seu calor, ela se inclinou e enrolou a corda em torno de seus pulsos, cuidadosamente, de modo que não o ferisse, mesmo enquanto ela amarrava um nó perfeito.

Ele grunhiu quando ela se afastou e ele testou as amarras, seus olhos vindo para os dela. — Você gosta disso.

— Muito, muito mesmo. — Não havia nada para não gostar. Ele era a coisa mais linda que ela já tinha visto, todos os membros longos e grossos músculos, a imagem dele ali dando-lhe água na boca - e o desejo em seus olhos a fazendo doer para tocá-lo novamente.

— Pare de olhar, Sereia. — Ela ergueu os olhos para ele. — É hora de você pegar o que quiser.

Ela se aproximou. — O que você quer?

— Tudo isso. — A resposta foi instantânea. — Eu quero tudo o que você quiser. Ela balançou a cabeça. — Isto não é suficiente. Isto é para você.

— Agradá-la é o suficiente para mim. — Ele disse isso antes, em seus aposentos. E ela não acreditou nele. Mas esta noite, ela quase acreditava.

Ela se aproximou, não conseguindo mais ficar separada dele. — O que as sereias cantarão para você, Fera? — Sua mão deslizou sobre seu peito, seu polegar acariciando o disco plano de seu mamilo. Ele respirou fundo. Ela pegou o olhar

dele. Acariciou novamente. Viu a flexão de sua mandíbula. Ela se inclinou e deu um beijo lá, demorando-se, acariciando, até que ele soltou um áspero "Ahhh".

Ela sorriu contra sua pele. — Eu gosto disso.

— Assim como eu.

As mãos dela acariciaram os braços dele, depois desceram por cima do peito e do torso, passando por cima da pele macia dele, escovando os cabelos macios, indo cada vez mais baixo, até a cintura, onde os pelos desapareciam debaixo das calças. Ela trabalhou o primeiro botão lá, depois o segundo e o terceiro. — Quando te vi na outra noite... — ela disse baixinho — ...eu pensei que você poderia ser tocado aqui. Por mim.

Um estrondo baixo soou em seu peito.

Ela pressionou um beijo suave em seu peito largo enquanto ela abria suas calças, e outro quando ela as empurrou pelos quadris dele, revelando o comprimento duro dele. A respiração dele veio com dificuldade quando ela chegou nele, e depois parou completamente quando ela pegou seu pênis endurecido e suave em sua mão. — Tão quente, — disse ela. — Tão duro.

— Para você, amor. — As palavras foram arrancadas dele, seguidas por um gemido baixo e grosso quando ela esfregou o polegar suavemente sobre a ponta larga dele.

Ela sorriu no peito dele. — Você gosta disso.

Ele exalou duramente. — Gosto.

Ela olhou para ele. — Do que mais você gosta?

Ele jogou a cabeça para trás contra o mastro, olhando para as estrelas. — Tudo isso. Meu Deus, Hattie. — Ela deu outro beijo no peito dele, apertando-o na mão - para baixo, depois para cima novamente, até que ele amaldiçoou suavemente na escuridão. — Eu quero te tocar.

Ela balançou a cabeça, lambendo o mamilo que ela tinha mexido mais cedo. — Não agora. Estou ocupada tentando você. — Outro golpe de seu punho. — Você gosta disso.

— Sim.

— Diga-me, do que mais você gosta?

Seus olhos se abriram e o desejo se acumulou no fundo dela ao olhar para ele, seu olhar selvagem de prazer. — Não.

Ela se inclinou e o beijou, e ele estava faminto, comendo sua boca com a sua. Quando ela se afastou novamente, ele gritou: — Solte-me.

Ela sorriu. — Você acha que foi assim que Odisseu se sentiu?

— Eu não me importo. Solte-me. Eu quero te tocar.

Ela balançou a cabeça, baixando a atenção para o comprimento de aço dele em sua mão. Ele olhou também, e eles observaram enquanto ela o acariciava, repetidamente, até que as cordas acima deles rangeram com sua resistência. O som

deles, combinado com o ritmo de sua respiração e o suave deslizar dele, foi o suficiente para fazer Hattie doer. — Você não vai me dizer?

Ele mordeu de volta um gemido. — O que?

— O que você quer? — Ela encontrou seus olhos.

Ele balançou a cabeça, mas não desviou o olhar dela. — Isto é para você.

Ela sorriu, sentindo-se como uma rainha. — E se eu te disser que também quero isso?

Sua expiração explodiu dele como se ele estivesse com dor, mas ela já estava se movendo, deslizando para baixo de seu corpo, de joelhos. — Inferno, Hattie, — ele disse suavemente. — Você não tem que...

Ela sorriu com as palavras, pressionando um beijo no músculo acima de sua coxa, na curva em direção ao comprimento esticado dele. — Eu gostei muito disso quando você fez assim comigo.

— Eu também, amor, — ele rosnou.

— Você também vai gostar?

— Sim. — A palavra foi uma respiração. — Deus, sim.

— Posso? — Ela perguntou baixinho.

Ele grunhiu, seus quadris se movendo em direção a ela. Em um apelo silencioso.

Ela abriu os lábios sobre a ponta dura dele, lambendo-o suavemente, gentilmente, hesitante, incerta sobre o que ele gostaria. Ele puxou firmemente contra as cordas, suas costas curvando-se ao toque dela, e ele gritou seu nome na escuridão.

Ele gostou.

Hattie também. A sensação e o gosto dele, a força dele sob suas mãos e contra sua língua, e o poder puro e inigualável que ele lhe dava. Hattie nunca se sentira assim, tão certa. Tão forte. Assim tomado de desejo, parecia que ele poderia fazer qualquer coisa para tê-la.

Era necessidade.

Ela o levou para dentro dela, o sal e doce dele como nada que ela já tinha experimentado quando ele falou de seu lugar acima dela, esse homem forte e silencioso que parecia sempre ter palavras no meio do prazer. Ele sussurrou palavras perversas - palavras *mais duras e profundas* - palavras como: *língua; chupar; Hattie; assim mesmo*. E ela seguiu para onde ele a conduzia, levou-o devagar e profundamente, deleitando-se com seu prazer. Por ela mesma.

Ela gostou disso.

Ela gostava dele.

Ela o amava.

Ele estava pulsando contra a língua dela enquanto ela encontrava um ritmo que os deixavam loucos - e então ele estava fazendo promessas imundas como: *por*

favor, Hattie... mais, Hattie... se você não parar, eu irei... mas ela não queria parar, especialmente quando ele perdeu todas as palavras - cada palavra, menos uma.

— Hattie... — Uma e outra vez, mais e mais, até que ela também esqueceu todo o resto, e então ele estava se entregando ao prazer, e a ela, e, finalmente, se libertando, alto, desenfreado e glorioso, apenas eles e os navios e as docas e o céu.

E quando ela o soltou, ela estava cheia de um único pensamento.

Mais.

Mais desse poder, esse prazer, essa parceria. Ela estava gananciosa por isso.

Para ele.

Ela abriu os olhos e olhou para ele, os olhos dele fixos nela, inabaláveis. O coração dela batia acelerado. — Desamarre-me. — As palavras eram duras e quase quebradas, e Hattie se perguntou se tinha ido longe demais.

Ele estava com raiva?

— Agora. Desamarre-me. — Ela se levantou, alcançando o nó, fazendo com que ela se aproximasse dele. Perto o suficiente para ele mergulhar a cabeça e sugar a pele macia de seu pescoço e enviar arrepios através dela. Perto o suficiente para ele raspar os dentes ao longo da curva de sua mandíbula. Para afundar seus dentes em seu lóbulo da orelha antes de assobiar, — Eu finalmente vou fazer amor com você. Devidamente.

A necessidade absoluta em sua voz tinha seus dedos tateando nas cordas, seu olhar voou para o dele, enlouqueceu de desejo.

Ele se debateu contra as amarras, selvagem, como a fera pela qual ele era chamado. E então acrescentou, puro comando frio em sua voz: — Agora.

— Sim, — disse ela, ofegante de desejo, mas seus dedos não funcionavam, e ele estava rosnando sua frustração, e ela estava ecoando nele, e então ela se lembrou... Ela se afastou e encontrou seus olhos selvagens. — Você é um homem glorioso. Você tem facas.

Ela puxou uma do coldre a seus pés e em um instante ele estava livre, seus braços se aproximando dela, a faca que ela usou girando pelo convés - nenhum deles se importou quando ele a ergueu em seus braços como se ela não pesasse nada, elevando seu equilíbrio - seu mundo inteiro - até que suas costas estavam contra as roupas dele empilhadas embaixo deles.

Ele beijou os lábios dela, depois abaixou o pescoço antes dele pairar sobre ela, a lanterna lhe lançando luz dourada, os ombros nus flexionando e suas mãos trabalhando para puxar as saias para cima, subindo, até encontrar a fenda em suas calças e encontrou seus olhos. — Gosto menos dessas roupas íntimas do que as da outra noite.

Ela assentiu.

— Sem mais delas. — E com um rasgo perverso, elas se foram, e...

— Ohh, — ela suspirou quando ele rosnou em seu pescoço.

— Tão molhada. — Seus dedos afundaram nela e ele encontrou seus olhos, observando-a enquanto ele a acariciava profundamente. — Eu gosto disso.

Ela sorriu para o eco dele. — Eu também.

— Hum. — Ele abaixou a cabeça para beijá-la, longo e lento, até que o desejo explodiu, colocando seu corpo em chamas. Ela levantou os quadris, encontrando os impulsos de seus dedos, e ele se sentou, observando-a por um momento, — Mostre-me quanto. — Ela fez, encontrando seus belos olhos âmbar enquanto mapeavam seu corpo, seus movimentos. Como eles a fizeram acreditar que ele a queria, como ele havia dito. Irracional. — Você é tão bonita. Eu poderia ver você fazer isso para sempre.

Ela empurrou contra os dedos dele, e ele colocou o polegar no botão estressado acima, esfregando uma vez, duas vezes, até que ela gemeu. — Whit!

Ele deu um sorriso lascivo. — É assim que me sinto quando você me toca.

Ela olhou para ele. — Faça isso novamente. Para que eu me lembre.

Ele riu, baixo e profundo, e fez, o movimento enviando fogo através dela como uma maré de sensações. — Minha bela descarada e gananciosa. — Ele a acariciou profundamente, repetidamente, de forma suave e perfeita, maravilhosamente firme, até que ela se contorcia contra ele.

E então ele a soltou, e ela ofegou seu descontentamento. — Espera!

— Hum. — Ele lambeu os dedos e se inclinou sobre ela, beijando-a longa e devagar. — Não. Você espera agora.

Ele pegou os laços do vestido, desamarrando as fitas e soltando o corpete, abrindo-o para revelar sua camiseta e espartilho, despindo-a cuidadosamente até que ela estivesse nua debaixo dele e ele pudesse sugar a ponta de um seio e depois o outro, até que eles estavam duros e doloridos, e seus dedos estavam apertados em seus cabelos. — Por favor, Whit. Por favor.

Ele a beijou novamente, abaixando-se sobre ela, bloqueando a brisa fresca do Tamisa com seu corpo incrivelmente quente. — Por favor, o que, amor?

— Você prometeu fazer amor comigo. — Ela abriu as coxas, sabendo que não deveria. Sabendo que as damas não faziam isso. Não se importando. — Finalmente, — ela repetiu suas palavras anteriores, amando a maneira como ele se estabeleceu nela, o comprimento longo e macio dele deslizando através dela, a ponta dele entalhando exatamente onde ela ansiava por ser tocada novamente. Ele gemeu com a sensação e o triunfo a inundou. — Devidamente.

Ele riu asperamente. — Eu a quero, amor. — Ele balançou contra ela, e ela suspirou com o prazer. — Muito. Eu nunca senti nada parecido com a sensação de você vindo ao meu redor. — Outro deslizar. Outro encaixe. Outro suspiro.

— Faça isso, — disse ela, movendo-se no próximo movimento, até que ele congelou, a ponta dele roçando sua abertura dolorida.

Ele amaldiçoou, baixo e grosso. — Hattie. Deus. Você é uma sereia.

Ela levantou os quadris, e ambos gemeram quando a cabeça do pênis dele deslizou dentro dela, apenas o suficiente para tentar os dois. Ela deslizou os dedos em seu cabelo. — Agora, — ela sussurrou. — Por favor, Whit. Agora.

Ele deu a ela, deslizando para dentro dela com uma única, lenta e segura pressão, sem hesitação como se houvesse sido a primeira vez, como se soubesse que ela poderia pegar o que ele lhe desse. E ela podia. Pelo menos, ela poderia ter a sensação... mas o prazer... o sentimento... o conhecimento do que estava por vir... ela não tinha certeza se isso não a deixaria louca.

— Você está tão duro, — disse ela, quando ele estava enterrado dentro dela, incapaz de manter o temor de sua voz. — Tão cheio.

Ele mordeu o ombro dela com um pequeno rosnado. — Duro para você, amor. Apenas para você.

Ela sorriu. — Hum.

Ele soltou uma risadinha. — Eu nunca vou me cansar do jeito que você leva o seu prazer, amor. Como você merece.

Ela encontrou seu olhar, ousada e descarada. — Eu mereço isso.

Ele assentiu. — Você merece. E tudo que eu quero fazer é dar a você.

Ela sorriu. — Você gosta disso.

— Eu gosto de você.

Seu coração pulou. Que homem magnífico. Que homem forte, decente e bonito, magnífico. Lágrimas rolaram e ele percebeu - é claro que percebeu - e a preocupação marcou sua testa. — Amor, isso machuca? Eu devo...

— Não, — disse ela, segurando os braços dele. — Não. Não se atreva a me deixar.

Ele parou.

— Eu... — Ela balançou a cabeça, incapaz de parar de sussurrar — Eu amo você.

Ele abaixou a cabeça, encontrando sua testa com a dele. — Eu não mereço isso.

Que mentira era essa. Suas mãos vieram para a parte de trás do pescoço dele, dedos deslizando em seus cabelos. — Você merece.

— Eu não, — ele sussurrou. — Mas eu estou aceitando.

Ele começou a se mexer, e Hattie ficou perdida nos longos e adoráveis golpes que lhe roubaram o fôlego e seu pensamento, e tudo o que pôde fazer foi suspirar seu nome. Ele a observou, lendo seu prazer, alterando seu ritmo até que tudo caísse - a doca, o navio e o mundo além deles. Além *dele*.

Ele beijou seu pescoço. A linha do queixo dela. Os lábios dela. — Minha Hattie. Minha linda Hattie.

E ela acreditou, encontrando um longo golpe com a inclinação de seus quadris, e enviando uma onda de prazer através dos dois. Seus olhares se encontraram. — Eu gostei disso, — disse ela, tímida e provocante.

— Hum. Vamos ver se conseguimos encontrá-lo novamente.

Eles fizeram, o zumbido do desejo desaparecendo em risos. Era assim para todos? Sempre tão brilhante? Como se o sol tivesse surgido e limpado toda a escuridão?

— Hattie, — ele sussurrou. Seu olhar foi para o dele. — Me diga de novo. *Você perderá seu coração.*

Ele empurrou dentro dela. — Por favor.

Seu coração já havia ido embora. — Eu amo você. Ele empurrou de novo. — Novamente.

— Eu amo você. — Ela se agarrou a ele, e ele alcançou o botão entre eles, aquele que ficava bem acima de onde eles estavam unidos. — Sim. Whit.

— Eu não posso esperar muito mais, amor. Estou desesperado por você.

— Não espere, — disse ela, seu toque a apertou mais e mais, enviando-a mais e mais. — Por favor me ame. Por favor, não espere.

— Novamente, — ele sussurrou. — Só mais uma vez.

— Eu amo você. — Ela deu-lhe as palavras minutos antes que ela estivesse perdida para o prazer, voando abaixo dele e do céu de Londres, e ela estava chorando o nome dele e se agarrando a ele enquanto ele trabalhava em um belo e inegável ritmo, carregando-a através de um lançamento, e depois outro, antes que ele desistisse com um gemido baixo e alto, o som mais delicioso que já ouvira.

Quando voltaram ao momento, com a respiração na sinfonia severa, a maré do rio batendo na lateral do navio, Whit a puxou com força contra ele, virando-se para colocar as costas no convés e cobri-los com o sobretudo. Ele pressionou um beijo na têmpora e expirou, longo e adorável. — Bela.

A palavra enviou calor através dela, e ela se aconchegou mais perto dele.

Ele deu um beijo no ombro dela. — Eu não te mereço.

Ela sorriu com as palavras. — Eu acho que você pode concordar que eu tenho quase tanto problema quanto prazer.

Ele não respondeu, seus dedos largos e ásperos traçando desenhos pelo ombro nu dela, suaves, seguros e hipnotizantes o suficiente para fazer Hattie esquecer onde eles estavam e quem eram, e todas as razões pelas quais eles não poderiam ficar juntos. Ela acompanhou esses movimentos, o deslizar lento de seus dedos e a sensação de sua respiração em seu cabelo, lenta e uniforme, até que seus olhos ficaram pesados, e ela se perguntou o que poderia acontecer se ela adormecesse aqui, em seus braços, à beira do rio.

E assim que ela decidiu que não se importava muito com o que aconteceria se fizesse exatamente isso, porque ele também não parecia estar interessado em se mover, ele falou, as palavras um ruído suave sob sua orelha.

— Case comigo.

Capítulo Vinte e Quatro

Claro que ele ia se casar com ela.

Ele planejava se casar com ela desde o momento em que pisou no maldito navio e a viu de pé na proa elevada, parecendo cada polegada uma guerreira, esperando para lutar. *Sua* guerreira, esperando para desarmá-lo.

Como se ele não quisesse tomá-la em seus braços. Especialmente depois que ela lhe disse que gostaria de assassinar tanto seu pai quanto seu irmão. E terminou tudo perfeitamente dizendo que o amava.

Ela o amava.

Se Whit nunca mais ouvisse, ele se lembraria daquele momento para sempre. Quando ele desse seu último suspiro, seria com a fúria indignada de Hattie em suas memórias, e *o homem que eu amo* em seus ouvidos.

Ela o amava e isso mudou tudo; isso a fez dele, inquestionavelmente.

E então ela o amarrou ao mastro e o fez dela, depois de deixá-lo louco de desejo e enchê-lo de prazer, satisfação e segurança. Pela primeira vez em sua vida, Whit não duvidou. Ele sabia.

Ele ia se casar com Henrietta Sedley.

Nada havia mudado e de alguma forma tudo tinha acontecido.

Por isso, foi lamentável, mas esperava que, quando ele sugeriu a ideia, fosse menos uma questão e mais um comando, mas ele certamente não esperava o que viria a seguir. Ele não esperava que ela continuasse contra ele, como se as palavras tivessem sido um golpe. E ele não esperava que ela levantasse a cabeça devagar, movendo-se da forma que alguém poderia fazer ao redor de um cão raivoso.

E ele certamente não esperava que ela dissesse, simplesmente, como se ele tivesse perguntado se ela gostaria de chá, — Não.

O que diabos?

— Por que não?

— Porque eu amo você.

Ele ficou sem fôlego, com as palavras que ele queria tão desesperadamente mais cedo, mas ele não conseguia aproveitar o prazer delas. Ele estava muito preocupado com o resto. — Droga, essa é uma razão para se casar comigo, Hattie.

— Não se você não puder me amar de volta. — Ela fez uma pausa. — Não se você não puder me amar como igual. Você pode?

Sim. Não.

Não do jeito que ela queria.

Droga.

O medo se espalhou por ele, quente e desagradável. Ele sabia o que ela queria dizer com igualdade. Ele ouviu sua proposta de parceria.

Mas se eles fossem parceiros, ele não poderia mantê-la segura - não de Ewan, e não de qualquer outra coisa.

Se ele a amasse, ele a perderia.

Ela se sentou em silêncio, pegando suas roupas, e ele odiou que eles estivessem aqui novamente - ela se vestindo e ele se sentindo como se tivesse sido atingido na cabeça com um serviço de chá em um golpe que ele absolutamente merecia.

Colocando-se de joelhos, ela puxou as saias sobre os quadris e colocou o corpete em volta dela antes de dizer baixinho: — Não quero forçar o problema. Eu não quero ser a pessoa que você talvez ame. O que leva a pensar em saber se você me ama. — Ela pausou. — Desejo ser a resposta que flui dos seus lábios - não importa quão estoico você seja. Desejo ser a pessoa que você não pode manter só em dias e feriados importantes, porque você me quer ao seu lado em todos os outros dias.

Ela era preciosa demais para os outros dias.

— Eu mereço isso. Parceria. Igualdade. Você me ensinou isso. — Ela deu um pequeno sorriso. — Eu sei que isso é impossível. E então, não... Eu não vou me casar com você.

Havia tanta emoção em suas palavras, tristeza, resignação e honestidade, como se ela tivesse conhecido essas palavras muito antes de ter motivos para falar sobre isso. Como se ela estivesse preparada. Deus, ele odiava a ideia de que ela estivesse preparada para isso.

— Hattie. — Ele se levantou, puxando a calça para cima e encontrando sua camisa, puxando-a pela cabeça. — Você não entende.

Ela suspirou e disse: — Não quero ser rival. Eu gostaria de ser... — Ela balançou a cabeça e ele detestou. — Eu libertarei os homens amanhã. — Ela acenou na direção do bolso dele. — Suponho que você tenha um relógio para confirmar, mas imagino que seja tarde demais para trazer todos os estivadores de volta ao trabalho hoje à noite.

Ele extraiu um relógio, mal registrando o metal quente que o apoiava enquanto olhava a hora. — São seis para as dez.

Ela olhou para cima, apertando o laço de seu corpete, olhou para baixo nas docas, para o navio sentado mais baixo na água do que todos os outros. — Você já deve ter terminado o seu descarregamento - todo esse gelo em carroções percorrendo a cidade.

— Nem a metade. Mas você não está longe. Hattie...

Ela o interrompeu. — Vou libertá-los amanhã, — ela disse novamente.

— Como você fez isso? bloqueá-los?

Ela sorriu. — Você não é o único com amigos leais, Fera.

O apelido arranhou através dele. — Eu acredito nisso sem dúvida. — Ele desejou que ela o contasse entre eles. — Não é sempre que alguém me chama assim sem medo na palavra.

— Eu não tenho medo de você.

Ele sabia disso. E isso lhe deu mais prazer do que ele poderia dizer. Ele procurou as palavras certas. — Você sempre foi destemida. Sempre sabendo o que deseja e como pretende obtê-lo. Nunca permitindo que outras pessoas te ponham em um caminho. — Ele fez uma pausa, e disse a verdade. — Eu nunca tive esse destemor.

A testa dela franziu e ele continuou, balançando a cabeça.

— Tudo o que sou é medo. Eu fui forjado nele. Feito no terror que naquele dia, quando alguém que eu amo enfrentaria perigo, eu não seria capaz de salvá-lo. — Ele exalou em um suspiro trêmulo. — Não posso mantê-lo seguro.

Seus lindos olhos violetas não vacilaram. — Claro que você não pode. — As palavras dela o cortaram como uma lâmina. — Não há nada destemido em mim. Eu tenho medo *todos os dias*. Temo o mundo amplo e a maneira como ele me encara, zomba de mim e sussurra sobre mim quando pensa que não consigo ouvir. Temo uma vida de meias medidas, cheia de sombras de emoções e dicas de possibilidades e mil coisas que poderia ter tido se tivesse chegado um pouco mais longe.

Ele balançou sua cabeça. — Essa não é uma vida que você jamais terá.

Ele se certificaria disso.

Lágrimas brotaram em seus lindos olhos violetas e uma dor começou no peito de Whit. *Por que ela estava chorando?* — Houve um tempo em que eu queria casamento, você sabe. Quando eu queria filhos e o sonho doméstico. Claro que sim. É o que dizem para as mulheres, o que devemos querer desde o nascimento. Nossos pais nos dizem e nossos irmãos e o mundo ao nosso redor. Exceto, quando alguém é como eu - muito alta, grande demais e com muitas ideias – alguém que não pode ter os sonhos que todos insiste que a pessoa deve ter. Porque eles não são realmente para esse alguém.

Whit resistiu ao impulso de dizer a ela para parar. Ele odiava a forma como ela se qualificava. Odiava como ela sempre se fazia parecer menos, quando ela era infinitamente mais.

Mas ele entendia essas qualificações melhor que ninguém.

Em vez disso, ele sussurrou, — Hattie, — seu nome vindo suave em seus lábios enquanto ele passava a mão sobre o peito.

Ela o ignorou, pressionando. — Não foi difícil me convencer de que não queria - o casamento, a companhia - afinal, muitas mulheres envelhecem na solidão. Muitos homens permanecem solteiros. E eu tinha um plano.

Ele assentiu. — O ano de Hattie.

Ela sorriu para ele. — Isso tudo é um pouco absurdo agora, não é?

Eu vou te dar o seu ano. Eu vou te dar uma vida inteira.

Ela parecia ouvir seus pensamentos, como se ele tivesse falado em voz alta. — Eu não quero isso de você.

As palavras doeram.

— Eu aprendi a me adaptar. Eu aprendi a querer o negócio e a querer ser o capitão do meu próprio destino. Aprendi a aceitar que não poderia ter tudo.

Mas ela podia. Ele se certificaria de que ela tivesse tudo. Ela o amava e ele estava disposto a dar-lhe tudo o que ela queria. Os barcos, o negócio... e todas as partes que lhe disseram que ela não poderia ter.

Antes que ele pudesse dizer, ela acrescentou: — E então você apareceu. — Ela balançou a cabeça. — Você apareceu e ameaçou todas as coisas que eu queria. Você ameaçou o negócio que eu ajudei a construir - o que eu planejei sustentar. Você ameaçou o futuro que planejei com tanto cuidado.

Ele balançou sua cabeça. Não mais. Ele não tinha apenas oferecido a ela?

Ela olhou para ele e respirou fundo, depois disse: — Mas pior que tudo isso, você me fez querer o resto. Todas as partes que eu disse a mim mesma que não queria antes. Você me fez querê-las. E não de qualquer um. Você me fez querer de você. — Ela fez uma pausa. — Não *em vez de. Além de.* Tudo isso. Cada pedaço da vida que eu possa ter. Vibrante, selvagem e cheia de manhãs no mercado de Covent Garden e noites nas docas e noites em seus belos aposentos, cercada por velas, livros e almofadas de todas as cores.

Ela olhou ao longe, onde uma lanterna balançava ao vento no convés do navio que continha a remessa mais recente dos Bastardos e acrescentou, tão baixinho que as palavras se perderam ao vento — Eu sei que parece loucura. Como os sonhos loucos de uma garota sem sentido. Mas não é loucura. Eu não preciso de proteção contra isso. Eu preciso de um parceiro para isso. Eu quero tudo isso.

As palavras não foram perdidas para Whit. Ele as ouviu. Ele as ouviu e isso se rebelou através dele em uma visão dela vivendo aquela vida. Ele podia ver as saias de Hattie ondulando na brisa do rio, enquanto ela observava os homens e seus ganchos - os homens que ela já provou adorá-la pela maneira como ela os arrancara do alcance dele naquela noite. E eles ainda a adorariam - eles iriam olhar para ela por orientação e direção e ela reinaria sobre eles como uma rainha.

Como *a rainha dele.* Porque ele estaria ao lado dela. Ele estaria atrás dela, mantendo o vento a distância. E talvez, com o tempo, também houvesse crianças aprendendo a subir nos barcos da mãe e brincando de esconde-esconde no armazém de seu pai - garotinhas com olhos violetas, gritando para ele do cordame e garotos com olhos brilhantes, sorrisos e um gosto por doces de framboesa e gelo de limão.

Ele estendeu a mão para ela, puxando-a para ele, amando o jeito que ela veio sem hesitar, mesmo agora, mesmo quando ela negou a ele o que ele mais queria no mundo. — Tome então. Tudo isso. Eu lhe dou, livremente. Tudo o que você quiser.

Os olhos dela encontraram os dele, a luz da lanterna os fazendo brilhar. — Eu quero amor. E você não pode me amar e me manter trancada, preciosa e protegida do mundo. Você não pode me manter segura e me deixar ficar ao seu lado.

As palavras o congelaram. Quantas vezes ele havia dito a si mesmo que poderia salvar o mundo se não o amasse? Ele não poderia ter outra fraqueza. Ninguém que o atormentasse com medo de que um dia não pudesse protegê-la.

Ela já era uma fraqueza suficiente.

Ela já o havia deixado enfraquecido.

Se ele a amasse, nunca estaria livre de sua necessidade por ela.

Muito tarde.

Ela balançou a cabeça e afastou-se do abraço dele. — Eu não quero nada disso pela metade. Nem o negócio, nem a fortuna, nem o futuro. E certamente nem você.

Ela se afastou, fora de seu alcance, envolvendo os braços em volta dela, e o coração de Whit começou a bater forte, sua mente resistindo ao movimento, auto aversão enchendo-o até seu âmago. Ela estava *se* protegendo.

Dele.

E ele queria gritar com a percepção. Ele queria gritar e ir até ela, abraçá-la e prometer-lhe tudo o que ela queria. A vida toda. Ele mesmo incluído. Ele a amaria.

E eles enfrentariam o mundo - Ewan - tudo isso - juntos.

Perfeitamente combinado.

E na percepção - outra coisa.

Ele se aproximou dela, maravilhado com sua força, com o modo como ela se mantinha firme, sua beleza corajosa e destemida. Ele podia ver tanto nos olhos dela. Dúvida, sim, e preocupação, sem dúvida por medo de que se ele já tivesse sido um idiota antes, o que o impediria agora? Mas havia algo mais lá. Algo que acendeu quando ele se aproximou dela. Algo que ele reconheceu, porque ele sentiu isso tão intensamente.

Esperança.

Mas antes que ele pudesse falar, antes que ele pudesse argumentar, antes que ele pudesse implorar para que ela lhe desse uma chance, antes que ele pudesse dizer a ela que ele poderia aprender, antes que ele pudesse tentá-la com todas as coisas que ela queria... todas as coisas que *ele* queria...

Uma explosão cortou a noite, incendiando as docas.

Capítulo Vinte e Cinco

Hattie observou-o vir em sua direção, deliberadamente lento, seus olhos claros e um sorriso provocante nos lábios, temendo seu toque maravilhoso, suas palavras suaves, as promessas que ela sabia que a tentariam a acreditar que ele poderia lhe dar tudo o que ela queria. Ela se preparou para o que quer que ele estivesse prestes a dizer, sabendo que seria impossível resistir a ele - esse homem que ela passara a amar além da razão - sabendo que ele estava prestes a tocá-la com movimentos suaves e beijos quentes, e preocupando-se de não ser capaz de suportar, mesmo que ela quisesse *muito*.

Mas ele não a tocou como ela esperava. Em vez disso, quando a explosão estrondosa balançou as docas, ele voou para ela, com os olhos cheios de terror, derrubando-a, rolando-a no ar, coletando-a nos braços e suportando o impacto enquanto deslizavam pelo convés e na parede lateral do navio.

Quando eles pararam, Hattie se virou imediatamente para encará-lo. — Você está...

Suas mãos estavam por toda parte, deslizando sobre seus braços e seu torso, — Você não está ferida?

— Não. — Ela balançou a cabeça, sua própria mão contra o peito dele, sentindo o coração dele trovejando sob seu toque. — Você não deveria ter feito isso. Você terá estilhaços horríveis do convés.

— Você acha que eu dou a mínima para estilhaços quando você poderia ter sido... — Ele estendeu a mão para ela, puxando-a para mais perto, apertando-a com força. — Temos que tirá-la daqui.

— O que aconteceu? — Ela se afastou e olhou para o céu, onde faíscas fluíam na noite. Gritos ecoaram do cais. — Algo foi atacado.

— Fique aqui. — Ele atravessou o convés como um raio, pegando seu coldre e amarrando-o antes de se virar para investigar. Ele avaliou a situação em segundos. — O carregamento.

Pavor frio se instalou. — Meu irmão?

Ele não encontrou os olhos dela. — Não. O meu.

Seus olhos se arregalaram. — Ewan.

Ele veio até ela, estendendo a mão para pegar a mão dela e ajudá-la. — Temos que tirar você daqui.

— Absolutamente não. — Choque explodiu. — Eu vou ajudar.

— Não. — Ele segurou a mão dela, puxou-a para o passadiço e desceu para o chão sólido, onde os homens já estavam entrando nas docas para conter o fogo. — Se ele está aqui, você está em perigo.

Hattie olhou para o navio queimando no cais. — Quantos homens?

Ele não estava prestando atenção, concentrado demais na multidão que se acumulava nas proximidades. — O que?

— Quantos homens estavam no navio?

Ele se virou para ela, encontrou seu olhar. — Eu não sei. — Ele pegou um menino correndo, quase levantando-o de seus pés. — Brixton.

— Fera! Você está bem! — Os olhos do garoto se arregalaram. — Sarita disse que viu você descer, mas você não tinha saído.

— Eu estou bem, bruv, — disse ele, e Hattie viu alívio nos olhos do menino. Ela entendia. Ela teria vindo correndo para ele também. — Vá embora. Aqui não é seguro.

— Não, chefe. — Brixton olhou para os barcos e ergueu o queixo. — Eu vou ajudar.

— Quem está vigiando?

— São dez horas, Fera, — disse o menino, e ela ouviu o medo em sua voz. — Certo?

Whit ficou rígido, e ela viu a hesitação em seu corpo. Viu ele resistir a algo primordial. — Certo. Entre lá. Mas se algo parece errado, você sai.

O garoto sorriu, imprudente e jovem demais. — Qualquer um como Derry e Tom?

Whit gesticulou para o menino no queixo, na gíria do Jardim para uma bomba. — Sim. Como um Derry e Tom.

Ele soltou o garoto e se virou para Hattie, agarrando a mão dela e puxando-a para longe da multidão. — Venha.

Longe do fogo.

— O que? Por quê? — Ele não respondeu, puxando-a para uma passagem estreita que levava entre uma taverna e uma loja de velas. Ela puxou sua mão, mas o aperto dele só ficou mais forte. — Para onde você está me levando? O que significa dez horas?

Ele não desacelerou. — Nas noites em que não transportamos carga, o guarda muda às dez.

Compreensão, rápida e dolorosa. — Dobra-se o número de homens no navio.

Ele resmungou.

— Oh meu Deus, Whit. Eu fiz isso. Eu bloqueei os estivadores. Se não tivesse, isso não teria acontecido.

Ele não se voltou. — Ou teríamos duas dúzias de mortos lá embaixo, em vez de tudo o que temos.

Ela parou, enterrando os calcanhares nos paralelepípedos. — Nós temos que voltar.

— Não. — Indiscutível.

Ela endireitou os ombros. — Eu sou responsável por tudo o que aconteceu lá hoje à noite. Eu ajudarei. Eu *posso* ajudar.

Ele amaldiçoou em voz baixa e olhou para o céu. — Você não vai voltar lá. Houve uma explosão grande o suficiente para destruir um cargueiro, eu tenho um porão cheio de gelo e contrabando em chamas e Ewan já disse que está disposto a te machucar para chegar até mim.

— Ele não vai me machucar com metade das docas assistindo! — Disse ela. — Deixe-me fazer o certo!

— Estes não são seus pecados, Hattie, — disse ele. — Você vai para casa.

— Claro que não são meus pecados! — Ela gritou. — Você acha que eu não sei disso? Mas este é o meu mundo também! Este é o meu território também! Se você está preocupado, eu estou preocupada. Se você estiver lá, eu estou lá. E deixe Ewan vir. Vamos enfrentá-lo juntos. *Juntos*.

Ele se afastou dela, levantando a mão para sinalizar a uma carruagem de aluguel. — Não faremos isso. Não quero você perto dele. Ele virá até você para me punir. E eu não posso aceitar isso.

— Por quê?

— Porque eu peguei a única coisa que ele se importava de verdade.

— O que? O que poderia ser mais valioso que seus irmãos? — Ela pensou nas docas. — Do que a vida dos homens e mulheres que trabalham para eles?

— Não é o que. Quem.

A compreensão veio rápida e certa. — *Grace*.

— Garota esperta, — ele disse baixinho.

A carruagem de aluguel parou perto, seus cavalos bufando pela noite. O cocheiro olhou para a luz laranja que tremeluzia sobre os telhados, depois para as facas amarradas ao peito de Whit, nervosamente. — Tudo bem senhor?

— Melhor quando você a levar para longe daqui, — Whit rosnou quando ele abriu a porta.

— Não — disse ela, furiosamente. — Não vou deixar você aqui para enfrentar um inferno e um louco e o que mais estiver lá embaixo.

Ele encontrou os olhos dela, um pequeno sorriso nos lábios. — Você planeja lutar minhas batalhas por mim, amor?

Ela balançou a cabeça. — Nunca *por* você. *Ao seu lado*.

Ele sorriu tristemente. — Sempre minha guerreira.

Ele não ia deixar ela ficar. Ele ia colocá-la nessa carruagem e partir para uma luta que poderia deixá-lo destruído. Pior. — Não faça isso. Acredite em mim.

Acredite em nós.

— Você não tem que me proteger.

As palavras pareciam desbloqueá-lo, enchendo-o de determinação. Alongando-o. Alargando-o. — Eu faço, no entanto. É tudo que devo fazer. Você me perguntou por que carrego dois relógios — disse ele, rápido e severo, como se estivesse dando instruções para um local incrivelmente difícil. E talvez ele estivesse. — Eu nunca estou atrasado. Eu nunca me atraso, porque eu estava muito atrasado para salvar minha mãe. Ela estava morta quando eu cheguei, de qualquer praga que tivesse invadido a pensão naquela semana. Morta e sozinha. E eu não pude protegê-la.

— Oh não... — Hattie disse suavemente, estendendo a mão para ele, as pontas dos dedos roçando as tiras de couro do coldre que o enjaulava. As armas que ele mantinha perto.

— Mas eu posso protegê-la, — ele continuou. — Eu posso te proteger para sempre. Eu posso te manter longe do meu irmão. E eu posso te manter longe de tudo isso.

— Isso faz parte! — Ela disse. — É parte do mundo que eu desejo. Parte da vida que eu desejo. *Com você.* — Ela balançou a cabeça. — Você não vê? Eu prefiro ter uma noite com você do que uma vida inteira sem você.

Ele balançou sua cabeça. — Não. Eu nunca vou te ver em perigo.

Lágrimas surgiram, frustradas e irritadas. — Você não decide. Eu faço isso.

— Olha, este não é mais o Ano da Hattie, esta é a sua vida! Esta é a minha sanidade mental! — Ele fechou os olhos. — Por favor. Entre na maldita carruagem. Agora.

Ela estreitou o olhar. — Me faz entrar.

E ele fez, o miserável, levantando-a de seus pés como se ela fosse um saco de grãos e jogando-a no transporte. Certificando-se de que ela estava desequilibrada o suficiente para que ela não conseguisse impedi-lo de fechar a porta.

Ela ouviu o baque de seu punho ao lado da carruagem, mal tocou antes que as rodas estivessem em movimento. A indignação e a fúria tremeram quando Hattie se sentou, olhando pela janela, mal conseguindo distinguir a forma dele, correndo de volta para as docas. De volta ao perigo.

Ela bateu no teto da carruagem. — Pare esta carruagem agora mesmo!

— Não posso ajudar! — Veio a resposta abafada do cocheiro. — O homem me deu uma libra para levá-la para Mayfair!

— Uma libra para me raptar, você quer dizer!

— Se eu estivesse raptando você, senhora, eu não estaria levando você a Berkeley Square!

Ela nem morava em Berkeley Square, mas isso era um ponto discutível. — Eu pago para você parar!

Hesitação. — Parece que o que estava acontecendo nas docas não era para você, querida!

Então, agora, o cocheiro tinha decidido achar seu senso de certo e errado. — Argh! Homens! — Hattie bateu no teto da carruagem. Ela não precisava de proteção

contra esse estranho ou o homem que acabara de jogá-la em sua carruagem. Droga, não tinha sido Hattie quem tinha jogado Whit *fora* de uma carruagem todas aquelas noites atrás?

— Droga, droga, — ela gritou, indo até a porta, observando os prédios passarem. Ela nunca se sentiu tão inútil quanto naqueles momentos em que a carruagem corria das docas, onde Whit e seus homens corriam contra a água e a chama.

Ela pertencia lá. Com ele. Ao lado dele.

Case comigo. Junte-se a mim.

Será que ele sinceramente acreditava que, se ela concordasse com a oferta dele, ela não iria ficar com ele? Ele não viu que ser esposa significava ser uma parceira? Ser igual? Ele não sabia que se ele iria compartilhar sua vida com ela, ela queria tudo isso? Mesmo essa parte?

Especialmente essa parte.

A carruagem desacelerou e ela olhou pela janela. Eles estavam passando por uma porção de tabernas, onde as pessoas inundavam as ruas, tornando impossível aumentar a velocidade... agora era sua chance.

A carruagem diminuiu a velocidade e Hattie mediu a curva na rua. Ela respirou fundo, abriu a porta, fechou os olhos e pulou.

Ela caiu, um homem negro corpulento com um chapéu de abas largas e uma barba grande amortizou sua queda com um alto — Ooh! — Seguido por um — Cristo, moça! O que diabos te possui? — E então... — Espera! Dona moça Sedley. Aquela que comprou os estivadores esta noite.

Ela assentiu, já se endireitando e voltando para as docas em questão. — Hattie Sedley.

Ele sorriu. — Colhões de bronze, indo contra os bastardos.

— Não contra, — disse ela. — *A favor*. Eu simplesmente precisava chamar a atenção deles.

Ele riu, gargalhando profundamente, e disse: — Senhora do Fera, então?

— Se ele tomasse juízo, — ela jogou por cima do ombro, já o deixando, voltando para as docas, o mais rápido que podia.

Ela entrou e saiu das ruas e vielas da vizinhança até voltar de onde tinha vindo, onde Whit a deixara. Virando uma esquina, atravessou a multidão que se reunira do lado de fora de um popular buraco que vendia bebidas em uma das extremidades da doca, canecas na mão e cada um com uma teoria sobre o que acontecera a cem metros de distância. — Eu ouvi que os bastardos estão lutando entre si. Fera não gosta da noiva do Devil. — Que total absurdo.

— Não é isso. Ouvi dizer que outro grupo quer participar do negócio de gelo. — Hattie quase riu disso, como se o comércio de gelo fosse cruel o suficiente para envolver explosivos.

— Deve ser algo com Sedley pagando os estivadores para não trabalharem hoje à noite. Muita coincidência - ninguém na doca para pegar fogo quando uma maldita bomba afunda a carga dos Bastardos.

— A maré está baixa, — veio uma resposta. — Não há nada a ser feito. O gelo apenas deslizará pelo porão e derreterá no rio.

— O congelamento do inverno chegará cedo este ano, — veio uma gargalhada masculina.

Hattie revirou os olhos, não tendo paciência para os curiosos e fofoqueiros que nada sabiam, mas pareciam gostar de fofocarem bastante. Ela olhou para um dos observadores mais quietos. — Alguém foi ferido?

— Três homens levados ao cirurgião dos bastardos no Jardim. Fera se recusou a deixar o açougueiro das docas tocá-los.

Claro que ele tinha. Whit preferia cortar o próprio braço do que deixar um sanguessuga com um avental sangrento e uma serra robusta ver seus homens. Hattie aumentou o passo, ansiosa para encontrá-lo. Ela podia ver o navio agora, iluminado pelas chamas ainda queimando, mas agora sob controle - controlado por uma linha de homens trabalhando em uníssono - levantando a água do rio com baldes, trabalhando para combater o fogo que ameaçava todo o cais. Os homens se moviam rapidamente e com controle constante, como se tivessem feito essa coisa precisa uma dúzia de vezes antes. Muitas.

E eles tinham. O desembarque viu seu quinhão de navios de pólvora e rifle - e fogo. Confiante no trabalho dos homens, ela avançou, caminhando para o navio em chamas. Para o homem que ela amava.

— Lady Henrietta?

Ela se virou ao som de seu nome quando um homem saiu de uma porta na escuridão, alto e louro. Reconhecimento queimando. Ele era o Duque de Marwick - reconhecível por qualquer solteirona que se preze na *alta-sociedade*, mesmo com barba por fazer e olhos arregalados. Hattie não acreditou nem por um momento que aquele duque em particular estivesse simplesmente dando um passeio noturno nas docas de Londres, por mais maluco que a sociedade pensasse que ele fosse.

A raiva apertou sua garganta e ela enfiou a mão no bolso, sentindo o canivete lá, pesado e quente. — Ewan.

Surpresa brilhou em seus olhos. — Ele te contou sobre mim.

— Ele me disse que ele tinha outro irmão que era um monstro. — Ela apertou seu punho em sua faca. — Você aparenta ser.

Um grito veio do cais, e ela olhou para ele, dois homens passando, sem saber que os dois conversavam na escuridão. Voltando sua atenção para Ewan, ela disse: — Isso é serviço seu.

— Sim. — Suas palavras eram desprovidas de emoção.

— E não é suficiente? Três homens para o cirurgião? Outro carregamento destruído? Agora você pensa em quê... vir atrás de mim?

— Eu?

— Não é isso que você faz? Ameaça seus irmãos, seus meios de subsistência e seu futuro?

— E você é o futuro de Salvador?

O vento aumentou, e as saias de Hattie se projetaram ao redor dela. O cabelo dela soltou-se dos alfinetes. — Eu quero ser, — disse ela, e não havia tristeza nas palavras. Apenas fúria. — Passei grande parte da minha vida lutando pelas coisas que desejo e pelas coisas que mereço. E agora eu luto pelo *meu* futuro, e você também ameaça isso. E para quê? — Ela fez uma pausa, observando-o. — Alguma vingança barata.

Ele deu um passo em direção a ela, seus olhos âmbar - ao mesmo tempo tão familiares e tão estranhos - piscando. — Não há nada de barato em minha vingança. Eles tiraram tudo de mim.

Ela fez uma careta para ele. — Eles não tiraram nada de você. Eles construíram um reino a partir do nada - um mundo de pessoas boas que conhecem a gentileza, generosidade e lealdade de seus irmãos. Lealdade da qual você só pode sonhar. E você... — Ela cuspiu. — Você tentou tira-los disto. E eu não vou ter isto.

Surpresa brilhou. — Você não vai?

O vento chicoteava suas saias sobre suas pernas quando ela chegou a sua altura máxima. — Eu não vou. Whit passou a vida toda se preocupando com o que pode acontecer quando você vem atrás dele. E aqui está a verdade - você faria bem em prestar atenção - é você quem deveria se preocupar. Porque se você os ferir, esses bons homens com bons corações e mentes fortes, *eu* irei atrás de *você*. E não há passado entre nós para mantê-lo seguro.

— Salvador sempre viveu sua vida como se o nome fosse destino, — disse ele com uma risadinha. — E aqui está você, protegendo-o. Como um anjo da guarda.

— Acho que você descobrirá que sou muito menos anjo do que sou guerreira. — Ela tirou a faca e deu um passo em direção ao homem horrível. — É hora de você ir, Ewan.

Seu olhar caiu para a lâmina, e ele enfiou a mão no casaco, extraindo um de seus próprios. Não. Não era dele. Era de Whit. A lâmina que estava faltando, a que ela havia notado antes. Ela olhou para o duque, o inimigo deles, um frio trêmulo passou através dela. E ainda assim, a fúria prevaleceu. — Isso não pertence a você.

— Pertence a você? — Ele virou-o em sua mão, oferecendo-lhe o punho. Ela alcançou. Pegou na mão e ele deixou ir. — Talvez você seja um presente para todos nós.

Ela ouviu a esperança nas palavras. Um apelo. Algo mais.

— Eu posso ver porque ele te ama.

Naquele momento, Hattie percebeu que Whit a amava. E ela não estava deixando estas docas até que ele dissesse isso a ela. E esse homem estava no

caminho disso. — Então você pode ver porque eu não vou deixar você tirar isso dele.

— Hoje à noite — ele olhou para as docas, passando pelos barcos vazios para o enorme navio de carga que estava sendo descarregado — isso... nada disso importa para eles.

Ela balançou a cabeça. — Você ensinou isso a eles. Dinheiro não produz poder. Título não ganha força. E nada disso - nada disso faz felicidade.

— Nem o amor.

Havia uma verdade nas palavras, clara e triste, e se tivesse sido qualquer outra pessoa falando, Hattie teria sofrido em simpatia por ele. Mas esse homem passara a vida inteira ameaçando o homem que ela amava e ele poderia sair fora. — Você duvida da minha vontade de colocar uma faca em você, se você vier atrás dele de novo?

— Não.

— Minha capacidade de fazê-lo? — Ela quase ansiava por fazê-lo.

— Eu disse a ele para desistir de você, — disse Ewan. — Ameacei tirar você dele se ele não fizesse.

A confissão foi inesperada e de alguma forma totalmente óbvia. Claro que Whit a afastou. Ele teria feito qualquer coisa para protegê-la. *Seu salvador*. Seu olhar se estreitou. — Isso foi um erro de julgamento.

Ele assentiu. — Ele não faria isso.

Ela balançou a cabeça. — Não. *Eu* não faria. Você não é uma ameaça para mim. Você não é meu passado. E você não é meu futuro. Eu não tenho medo de você. E eu nunca vou desistir dele.

O silêncio caiu entre eles. E então, — você me lembra dela.

Grace. — Pelo que ouvi, isso é um grande elogio.

— Ele te contou sobre ela?

— Claro, — ela disse baixinho. — Ela é sua irmã.

Algo mudou em Ewan naquilo - algo que Hattie não podia explicar, exceto dizer que ele parecia se acalmar. — Ela *era* irmã deles, — ele disse. — Mas *ela era* meu coração. — Seus olhos voaram para os dela, e nas profundezas selvagens ela viu sua tristeza dolorida. — Ele teve uma vida com ela, e agora uma vida com você, e eu não tive nada.

— Você escolheu o nada.

Ele olhou para as docas, seu olhar desfocado. — Eu escolhi *ela*.

Hattie não respondeu. Ela não precisava. Ele estava perdido em pensamentos. Suas *lembranças*. E depois de um longo momento, ele olhou para ela - seus olhos âmbar tão parecidos com os de Whit e tão vazios da paixão de Whit - e disse: — Acabou.

Hattie soltou um longo suspiro. Alívio correndo por ela. — Você não virá procura-lo novamente.

— Eu pensei que saberia... — ele disse, se afastando. Então, novamente, as palavras mais ásperas do que antes. Mais quebrado. — Acabou.

O Duque de Marwick virou-se e foi embora, como se nunca tivesse estado lá. Ela o viu sair, rastreando seus movimentos até que ele foi engolido pela noite e ela não podia mais vê-lo.

Voltou-se para as docas, enfiou a faca dele nos bolsos e foi até o navio, onde os homens trabalhavam sem problemas para salvar o que podiam da carga do navio arruinado. Homens que ela conhecia ficariam lado a lado com Whit, Devil. Ao lado dos Bastardos de Bareknuckle a qualquer momento.

Ela ficou maravilhada com a longa fila deles, fazendo seu trabalho árduo, levantando gelo e carga, e lá, em silhueta pelas chamas, e empunhando um gancho como se ele tivesse nascido com ele na mão, seu líder. O homem que ela amava, liderando suas tropas.

Uma única palavra percorreu-a enquanto traçava sua forma forte e ampla com seu olhar.

Meu.

Ele desapareceu, presumivelmente no porão, para salvar mais destroços, e Hattie partiu para ele, cruzando a longa e estéril doca até o navio, a cem metros de distância, mais resoluta do que nunca.

Ela não queria os barcos; ela o queria. Ela o queria, e ela queria esta vida, ao lado dele, nesta doca em chamas. Ela queria estar ao lado dele naquele barco em chamas. E se ele se recusasse a tê-la ali, ela lutaria por ele, lembrando-lhe todos os dias que ela não precisava de um protetor. Ela só precisava dele.

Ela aumentou o passo, ansiosa por diminuir a distância entre eles e dizer exatamente isso a ele.

Hattie já havia atravessado as docas, andando perto da fila de navios vazios quando ouviu o grito atrás dela. Virando, ela viu Ewan correndo em sua direção. Ela enfiou a mão no bolso, segurando a lâmina de ônix de Whit, imaginando o que seu inimigo faria, preparando-se para afundá-lo em sua coxa, ombro, peito - o que fosse necessário.

Ele não a alcançou quando a segunda explosão detonou - quebrando o navio atrás dela em pedaços, e mandando os dois voando.

Capítulo Vinte e Seis

O navio poderia estar em chamas, mas abaixo no convés, havia mais de setenta toneladas de gelo e carga ainda aproveitáveis de uma maneira ou de outra, supondo que os homens se movessem rapidamente.

Depois de ter certeza de que Hattie estava sendo transportada com segurança para longe das docas, Whit retornou ao navio. Nik havia chegado com a promessa de que Devil estava a caminho, aparentemente para avaliar os danos, mas Whit sabia melhor do que ninguém que os danos ao navio era irreparáveis. O conteúdo, no entanto, era uma história diferente.

Depois de checar os homens que tinham sido enviados para a enfermaria do bairro, Whit havia pegado um pesado gancho de ferro e se posto a trabalhar na fila de estivadores que trabalhavam em uníssono, levantando engradados e passando-os de homem para homem, até eles salvarem o máximo de carga possível. Os homens tinham vindo rapidamente das tavernas ao longo das docas, esquecendo-se de que Hattie os haviam pagado para não trabalharem naquela noite - sabendo que havia uma diferença entre um acordo feito por rivalidade e uma tragédia que exigia assistência.

Quando ele avaliou o porão, finalmente reconheceu um pouco de perda - vários caixotes de conhaque haviam sido destruídos pela repercussão da explosão, mas Whit ficara impressionado com a segurança da carga.

Ele ouviu uma segunda explosão à distância enquanto estava abaixo do convés, o som arrancando uma maldição perversa dele. O relatório chegou rapidamente. Outro barco. Um vazio. Nada que exigisse sua atenção. Este exigia sua atenção e rapidamente - antes que o gelo, cuidadosamente embalado e cuidado no final da jornada de Oslo, derretesse o suficiente para dificultar a movimentação do contrabando.

Os Bastardos contrabandeavam dentro do gelo, para não arriscar a descoberta - nem mesmo em uma noite como esta, quando parecia que todo plano alternativo deveria estar em jogo.

Em vez disso, Whit trabalhou à frente da linha, lentamente e de forma metódica, decidindo quais blocos seriam movidos primeiro, quais permaneceriam e qual carga deixaria o porão. Ele seria condenado se visse o produto cuidadosamente importado e não tributado de repente comprometido por muito medo e a mesma quantidade de velocidade.

Enganchou duas caixas de bourbon em rápida sucessão, passando-as ao longo da linha antes de coletar um bloco de gelo e depois um segundo. O homem que trabalhava ao seu lado gemeu sob o peso dos pesados blocos.

— Esses são claramente bons o suficiente para vender, — disse Whit sobre os blocos de gelo, levantando a voz para se certificar de que Nik o ouviu em seu lugar no porão. — E há meia dúzia aqui iguais - intocados pela explosão.

A norueguesa assentiu, então sorriu em sua direção. — E você gostaria que eles fossem vendidos?

— Não.

Ela sorriu. — Você os guarda para gelados de framboesa. Que doce.

As crianças do Jardim ganhavam doces quando havia gelo no porto. Whit não viu razão para que isso mudasse por causa do desastre da noite.

— Diga-me, Nik, — ele entouou quando ele levantou outro bloco. — A Lady Nora gosta de doces?

Os homens na linha riram da pergunta, especialmente quando Nik lançou a Whit um gesto insultuoso. Whit sorriu e voltou ao seu trabalho, deixando o ritmo da linha acalmá-lo. Pensando em Hattie. Ele se perguntou se ela preferia gelado de limão ou framboesa; Imaginou os sons que ela faria se ele a alimentasse com o leite açucarado. Se ele deixasse cair uma colherada entre os seios dela. Por quanto tempo ele seria capaz de resistir ao desejo de lambê-lo de sua pele.

Ele grunhiu enquanto movia um barril de cerveja, passando-o pela linha.

Eu quero tudo isso.

A voz forte e doce de Hattie, exigindo tudo o que ela desejava. Tudo o que ela merecia. Insistindo para que ele fosse seu parceiro igual ou nada.

Cristo, ele também queria.

Mas hoje à noite este mundo quase a matou, e ele não foi capaz de protegê-la. Ewan tinha vindo atrás deles - Whit não tinha dúvida de que seu irmão estava por trás da explosão - mas mesmo que os vigias o localizassem e o encontrassem, as ameaças continuariam vindo. A ameaça era um mundo amplo. E Whit sabia, sem dúvidas, que, embora ele mal pudesse conceber uma vida sem Hattie, ele absolutamente não poderia viver sem ela a salvo.

Ele estava certo em afastá-la. Colocá-la na carruagem de aluguel.

Não faça isso. Acredite em mim.

Ele resistiu às palavras dela, ainda ecoando através dele.

Você não precisa me proteger.

Claro que ele precisava. Ele tinha feito isso.

— Fera!

O chamado veio de longe, de cima do porão, e ele não respondeu, não querendo deixar o trabalho, a tensão dos barris e caixas queimando seus músculos e mantendo a dor de afastar Hattie.

Devil pulou no porão atrás dele, no entanto, abrindo caminho através da linha. — Fera — ele repetiu, e foi quando Whit ouviu o estranho teor da voz de seu irmão. Familiar. Inquietante.

Algo aconteceu. Algo deu terrivelmente errado.

Ele se virou para encarar Devil, o rosto magro do homem mais alto, todos os ângulos à luz da lâmpada, bochechas sombreadas, olhos focados na escuridão. Devil estava de camisa com mangas arregaçadas - assim como Whit - mas sentia falta da sua bengala. A ausência disso era como a perda de um membro, e Whit percebeu instantaneamente. Ele manteve seu movimento, chegando a sua altura total no espaço de teto baixo. — O que aconteceu?

Um momento, então Devil balançou a cabeça.

Whit amaldiçoou na escuridão. — Droga. — Só podia ser notícia dos homens que eles enviaram para a enfermaria mais cedo. Abraão? Mark? Robert? Todos tinham estado conscientes - nenhum deles com ferimentos que Whit tenha visto como ferimento terminal. Mas as coisas nem sempre funcionavam do jeito que pareciam. — Alguém não conseguiu? Qual deles? — Ele deu um passo em direção ao irmão. — Vou destruir Londres tijolos por tijolos até encontrarmos Ewan. Ele morre.

Nunca ficou mais fácil. Quantos eles viram morrer? Dezenas? Um placar? Cem? Quando alguém cresceu nas ruas de Covent Garden, a morte fazia parte da vida, como violência e doença, mas nunca foi tão ruim assim.

— Quem é? — Ele perguntou novamente.

Devil balançou a cabeça, os olhos cheios de algo horrível. Algo que Whit não entendeu. O que então? O que mais poderia...

— Whit. — Devil não estava com raiva. Não tinha frustração em suas palavras, espessa com o sotaque de seu passado. Cheia de tristeza. — Bruv. É a Hattie.

Whit parou, o rosto de seu irmão entrando em foco. Cheio de tristeza. Medo também. Medo do que poderia acontecer quando Whit entendesse tudo. E outra coisa - temia que um dia pudesse acontecer com ele.

E esse medo - tingido com o alívio quente e em pânico de um homem que se desviou de uma bala - trouxe a verdade. Whit congelou, entendimento quebrando através dele. Uma terceira explosão. Uma que causou mais danos que as outras.

Nik veio em direção a ele, horror em seu rosto pálido. — Fera, — ela disse suavemente. Totalmente não-Nik-normal.

Ele largou o gancho no chão do porão, seu passo em direção ao Devil, o único movimento, ninguém trabalhando, tudo parado, como o tempo. Como o coração dele. — Não.

Devil assentiu. — Os meninos a encontraram nas docas, a cem metros daqui.

Whit olhou por cima do ombro para onde Nik estava parada, a vários metros de distância, a testa franzida. Ele balançou sua cabeça. — Não é ela. Eu a coloquei em uma carruagem de aluguel.

Ele pagou o cocheiro. Mandou-a para Mayfair.

A mandou embora, não querendo ela aqui. Em perigo.

Protegendo ela.

E ela implorou para ele, para ela ficar. *Acredite em mim.*

Se ele tivesse deixado, ela estaria com ele. *Segura.*

— Ela voltou, — disse seu irmão. — A segunda explosão deve ter...

Whit enfiou a mão no bolso, passando o polegar pelo relógio de bolso. Sua guerreira não teria esperado meio quarteirão antes de encontrar um caminho de volta, se ela quisesse estar aqui.

Ela encontrou um caminho de volta. Para ficar ao lado dele. Sua igual. *Você saberia se ela estivesse morta?*

A pergunta de Ewan na noite em que ele ameaçou Hattie. A noite em que ele prometeu tirá-la de Whit, se ele não desistisse dela.

Você saberia se ela estivesse morta?

Ele saberia. Ele saberia que o mundo inteiro estava virado. Ele saberia que a luz havia se apagado. Ele saberia.

Ele balançou sua cabeça. *Ele saberia.* — Onde ela está?

— Eles a estão levando ao
cirurgião. *O cirurgião.*

— Eu tenho que chegar até ela. — Ele não poderia se atrasar dessa vez.

Devil assentiu. — Sim. Mas... Whit...

Dane-se isso. Ele não estava perdendo ela. Agora não. Nunca. — Não.

Não. O que quer que seu irmão estivesse tentando dizer, Whit não estava ouvindo. Ele já estava deixando o porão para chegar a Hattie.

No alto dos telhados acima das docas, o terceiro Bastardo de Bareknuckle se agachou, observando o irmão sair do porão do navio em chamas, fresco com a notícia de que seu amor havia sido perdido. Ela viu o medo em sua marcha, a determinação também, a maneira como sua expressão se transformou em uma determinação firme e forte, como se ele pudesse enfrentar a morte.

Como se ele fosse, se isso significasse mantê-la.

Ela viu quando ele aterrissou no chão firme, sua mente matutando exatamente como sua vida ficaria se Henrietta Sedley não sobrevivesse; em duas metades - como um mastro em uma tempestade - antes e depois de Hattie.

Grace assistiu, e ela sofria por Fera e por seu amor.

Ela sabia o que era perder a pessoa mais importante do mundo.

Ela sabia o que era tê-lo arrancado de você.

E ela sabia o que era sobreviver a isso.

Mas ela acabou com essa mera sobrevivência. E ela acabou com o garoto que havia perdido - o garoto que todos haviam perdido - brincando com eles por lazer.

Ela se ergueu, chegando a sua altura total, seu casaco comprido ondulando atrás dela, chapéu baixo sobre a testa. — Isso acaba agora, — disse ela ao par de mulheres que estavam ao seu lado. — Como deveria ter terminado anos atrás.

Seus tenentes estavam em guarda silenciosa, observando o quadro abaixo, lâminas em seus cintos. Grace apontou para a escuridão, para a porta onde o homem ferido tinha se arrastado para se esconder após a explosão. Onde ele assistiu enquanto os vigias dos Bastardos tinham coletado Hattie.

— Traga-o para mim.

Ele esperou por um fantasma por vinte anos.

Hoje à noite, o Duque de Marwick conseguiu seu desejo.

Ela não acordou. Então ele manteve vigília.

Whit não se lembrava de como chegara à enfermaria, não se lembrava do caminho que tinha percorrido, se pegou uma carruagem de aluguel ou se veio a pé. Não lembra se ele encontrou mais alguém ao longo do caminho, nem como ele entrou. Ele bateu na porta ou a chutou? Ele foi trazido para cá? Para esta cama em um canto mal iluminado da sala principal do hospital do Jardim, onde uma única vela queimava em uma mesa próxima, e era a única coisa que mantinha a escuridão afastada?

Não importava.

Nada disso importava, exceto ela.

Hattie - ainda como pedra na cama, olhos fechados, peito mal subindo e descendo, enquanto vida e morte lutavam por ela. Vida e morte... e Whit.

Ele não se lembrava de ter visto o médico. Não se lembrava das palavras inúteis que ele havia dito - alguma explicação da falta de consciência dela. Alguma referência a um golpe na cabeça. Algo sobre gelo e inchaço e os mistérios do cérebro humano.

Algo sobre trauma.

Trauma. Whit lembrou, quando correu até ela, enquanto a olhava, quando ele se ajoelhou ao lado da sua cama e pegou a mão fria dela, trazendo-a aos lábios para beijá-la, memorizando o peso dela. A sensação disso, a suavidade disso.

Alguém lhe trouxe uma cadeira, mas ele não a usou. Whit nunca pensara muito em Deus - mas sabia como era a oração e, se ficar de joelhos traria Hattie de volta, ficaria ali para sempre. E ele orou, naqueles momentos, beijando os nós dos dedos dela, um por um, e desejando-a forte. Afagando seus dedos.

Ele orou a Deus, sim, mas principalmente, ele orou a Hattie. E ele orou em voz alta, usando todas as palavras que encontrou, como se dando isso a ela, ele poderia mantê-la viva. Era um pensamento louco, mas o único na cabeça de Whit, e assim pela primeira vez em sua vida, ele falou... sem pensar, sem saber quando ele iria parar.

Porque ele falaria para sempre se isso significasse que ele poderia mantê-la lá, com ele.

Ajoelhado ao lado dela, olhando seu rosto lindo e perfeito, feito ouro à luz das velas, contou-lhe todas as suas verdades.

Ele começou com o mais importante. — Eu te amo.

O arrependimento ecoou através dele, abrindo um amplo espaço entre eles, e ele se agarrou à mão dela e se recusou a tirar os olhos dela enquanto se repetia. — Eu te amo, e deveria ter lhe dito isso antes. Eu deveria ter lhe contado naquela noite nas lutas. — Ele engoliu em seco, lutando por palavras. — Eu deveria ter dito a você antes – no mercado de Covent Garden, quando você foi atrás do meu melhor trapaceiro e encontrou a rainha.

Ele fez uma pausa, então, as palavras pegando em sua garganta.

— Também encontrei a rainha naquela noite. Eu te encontrei, e deveria ter dito que te amava. Eu deveria ter lhe dito como você é linda. Eu deveria ter lhe contado como estou abatido por seus olhos incríveis e seu sorriso largo e maravilhoso. — Ele fechou os olhos e colocou a testa na mão dela. — Eu gostaria de fazer você sorrir de novo, amor. Eu gostaria de fazer você sorrir a cada minuto de cada hora de cada dia pelo resto da nossas vidas, até que você se canse disso e eu não tenha escolha a não ser beijá-la em seus lábios e dar-lhe um descanso. E eu gostaria muito que essa vida fosse tão longa que envelhecemos um ao lado do outro, andando de um lado para o outro em nossa casa, com nossos filhos e netos indo e vindo e revirando os olhos por verem como eu nunca deixei de ser louco por você.

O olhar dele seguiu para o rosto dela em busca de movimento, percorrendo suas bochechas cheias e seu nariz comprido e suas sobrancelhas - que subiam e desciam com cada excitação que ela sentia - um barômetro de sua emoção, agora imóvel. Whit passou a mão pelo rosto, pânico e angústia percorrendo-o. — Meu irmão quase teve que morrer antes de perceber o quanto amava sua esposa... Mas isso...

Ele não achava que poderia suportar.

— Eu morreria mil vezes para evitar isso. Para evitar você aqui... Eu trocaria de lugar com você sem pestanejar. O mundo não precisa de mim como precisa de você. Quem vai comprar todas as flores extras no mercado no final do dia? Quem vai manter a lealdade das docas de Londres como você? Quem vai... — Ele engoliu o nó em sua garganta. — Quem vai ensinar minhas filhas a amarrar um nó decente?

— Sua voz falhou, e ele inclinou a cabeça para a cama, quebrado pelo momento.

— Cristo, Hattie. Por favor não me deixe. Por favor, não vá.

As pessoas vieram e Whit mal notou - Devil e Felicity primeiro, cheios de preocupação, Felicity instantaneamente joelhou-se ao lado dele, sua mão forte e firme no braço dele. Ele não olhou para ela. Ele não podia ver a preocupação em seu rosto. Em vez disso, ele olhou para o rosto de Hattie e disse baixinho: — Ela está trancada.

Os dedos de Felicity apertaram seu braço, fortes e seguros, mas ele ouviu as lágrimas em sua voz quando ela disse: — Nenhuma fechadura é imbatível.

Mas Hattie não era uma engrenagem de aço. Ela era de carne, osso e amor, e se Whit sabia alguma coisa, ele sabia que essas eram as coisas mais frágeis, ali e que poderiam desaparecer em um instante.

Seu irmão se aproximou, colocando a mão em seu ombro. — A equipe está do lado de fora, de guarda. Vinte deles, mais a cada minuto.

Mantendo vigília.

— Eles precisam mover a carga.

— Deixa eu me preocupar com isso. Eles devem estar aqui. Contigo.

— Eles não a conhecem. — Ele se virou para o irmão. — *Você* não a conhece.

Os olhos de Devil brilharam. — Eles conhecem *você*, Fera. Eles conhecem o homem que cuidou deles desde o começo. E eles não podem esperar para conhecer a mulher que ele ama. — Ele limpou a garganta. — Nem eu posso.

Whit desviou o olhar para Hattie, atormentado pela emoção. — Eu a amo.

O aperto de Felicity aumentou.

Ela não disse: *e você a terá.*

Ela não disse: *e o amor é o suficiente.*

Porque não era verdade. Nada disso era uma garantia.

— Estou dando a ela o negócio.

— Claro, — disse Devil.

Ele não desviou o olhar da mão dela na dele, nos dedos nus dela. Levantou-os até os lábios, pressionando beijos nos dedos dela novamente, mimando-a. — Acorde, amor. Vou dar tudo para você. Eu vou provar para você. Apenas acorde e me deixe te amar.

O silêncio caiu na sequência das palavras sussurradas, estendendo-se por longos minutos até que Devil disse: — E você? Você vai se entregar a ela também?

— Nunca serei dela.

Felicity deu um beijo no ombro dele e se levantou, Devil se aproximou para ajudá-la a levantar-se, abraçá-la e segurá-la com força, como se pudesse afastar qualquer mal que tivesse acontecido com Hattie naquela noite.

Whit encontrou o olhar sombrio do irmão sobre a cabeça da cunhada. — Nunca deixe ela ir.

Minutos, horas, dias depois - tempo marcado apenas por respirações superficiais de Hattie - a noite escura deu lugar ao sol ofuscante e o quarto se revelou limpo e calmo. A mulher do médico veio e foi embora, deixando comida que Whit não comeu e chá para Felicity e Devil, que vigiavam as outras três vítimas do ataque - pernas esticadas, ferimentos enfaixados, que se espera que sejam reparados.

E ainda assim, Hattie dormia, com a mão flácida na de Whit.

E ainda assim, ele falou, suave e constante, as palavras como a maré.

A porta se abriu e Nora entrou correndo, Nik em seus calcanhares. Nora voou para o lado de Hattie, ao lado de Whit, com lágrimas nos olhos. — Hattie, não!

A culpa se manifestou através dele, pior pela angústia de sua amiga. — Eu a mandei embora, — ele confessou. — Eu tentei afastá-la disso.

Ela olhou para ele com um sorriso aguçado no rosto. — Hattie nunca teria permitido isso. Ela sabe o que quer e fará o que for preciso para consegui-lo. Ela pulou de volta para a briga para lutar ao seu lado. Porque ela quer você. — Ela estendeu a mão para ele, apertando a mão contra sua bochecha, áspera de um dia sem fazer a barba. — Ela voltou para você porque ela te ama.

Ama.

Whit segurou o tempo presente na palavra.

Nik se afastou, para enfrentar Devil e dar o relatório mais recente. — As explosões foram feitas pelo bastardo que trabalhou com Sedley.

— Russell, — Nora cuspiu. — Lixo puro.

— Nós o pegamos, — acrescentou Nik. — Ele afirma que Ewan pagou por uma das explosões. Diz que a segunda foi de graça.

— Vou cuidar dele, — disse Devil, sua voz fria e ameaçadora.

— Eu gostaria de assistir, — disse Nora, enquanto o médico entrava e ela cedia seu lugar.

Ele tomou o pulso de Hattie, acompanhando seu pulso. — É forte e estável. — Ele olhou para Whit. — Ela ainda pode viver.

— Bom Deus, — disse Nora, chocada com as palavras francas.

Whit xingou e se afastou dele. — Se isso é tudo que você pode oferecer, saia.

Devil deu um passo à frente. — Fera, deixe o homem trabalhar. Você sabe que ele é o melhor em Londres. Você prefere que ele a deixe para os cirurgiões das docas?

— Eu nunca faria isso, — disse o médico, encontrando os olhos de Whit, compreensão em seu olhar azul claro. — Eu enfrentei pior que você, Fera, e vivi para contar a história. Aqui está o que posso oferecer. Não há intervalos. Sem sangramento. Nenhum inchaço visível. Alguns arranhões e machucados, mas nada além do caroço em sua cabeça.

Ele se virou, recolhendo um saco cheio de gelo de uma bandeja próxima antes de colocá-lo sob a cabeça de Hattie. — Temos sorte por duas coisas: um pulso forte e um suprimento infinito de gelo. E prometo isso: farei tudo o que puder para salvar sua dama.

Minha dama. Whit engoliu em seco com as palavras, o nó em sua garganta pulsando de emoção. — Obrigado.

O médico assentiu e foi até a porta, voltando um pouco antes de sair. — Ah. Eu quase esqueci. — Ele alcançou atrás do cós da calça dele. — Isso estava no bolso da senhora, mas acredito que pertence a você.

Ônix e aço brilhavam à luz.

Sua lâmina. A que falta. E de alguma forma agora estava na posse de Hattie. Ele olhou para Devil. — Ewan.

Uma das sobrelhas negras do irmão se levantou e ele se virou para Nik. — Nenhum sinal dele?

Ela balançou a cabeça. — Nada. O que isso significa?

Whit olhou de volta para Hattie. — Isso significa que ela lutou por nós.

Sua guerreira.

Sua salvadora.

Ele pressionou um beijo na mão dela. — Acorde, amor. Por favor.

— É preciso mencionar, — disse o médico, casualmente, — que há quem acredite que, nesse estado em particular, o paciente possa ouvir. Minha esposa me disse que você está falando com ela. Eu sugiro que você continue com isso.

Ele deveria ter ficado envergonhado, considerando a plateia, mas Whit teria se despedido no meio do bairro, para todo o mundo ver, se isso pudesse acordá-la.

E então ele continuou falando.

— Eu deveria ter lhe dito como você é linda. Eu deveria ter lhe dito mais isso. Eu deveria ter dito isso até você esquecer que houve uma época em que você não acreditou.

Nora e Felicity fungaram ao fundo, mas ainda assim, Hattie dormia.

Depois da lisonja, ele tentou suborno. — Vou comprar um dos filhotes de Rebecca para você. Comprarei o lote inteiro. Eles podem acompanhá-la ao longo das docas durante o dia e dormir a seus pés à noite. — Ele se juntaria a eles. — Encontrei o vendedor de feijão francês no mercado - há um pedido permanente de feijões frescos para você. Você só precisa dizer a ele que Fera te enviou.

— Isso não é uma ordem, Fera, é um ato assustador, — disse Devil do lugar em que ele havia se encostado na parede oposta, como sentinela. — Hattie, você deveria acordar sem outra razão além de impedir Fera de sacudir todas as lojas do Jardim para você. — Ele fez uma pausa, — Além disso, porque eu gostaria muito de conhecer a mulher que tem meu irmão atrás de vendedores de feijão francês.

Whit balançou a cabeça, mas não reclamou. Ele aceitaria qualquer coisa que pudesse acordá-la. — Vou pedir ao meu doceiro para fazer mais dessas gotas de framboesa. Outras também, se você quiser. Morango ou maçã. Tudo o que você escolher. Não conheço sua fruta favorita. — Ele olhou para Nora. — Qual é a fruta favorita dela?

Nora sacudiu a cabeça, com lágrimas nos olhos. — Não estou lhe dizendo isso. — Ela levantou a voz. — Acorde e diga a ele você mesma, Hattie.

Ele assentiu. Isso foi bom. Ele queria ouvir isso dela. Ele queria saber tudo sobre ela e queria que tudo viesse diretamente da fonte. Ele olhou para ela, procurando outra coisa.

Incomodando ele.

— Devil, — disse ele, levantando a voz para que seu irmão pudesse ouvi-lo.

— Sim?

— Há uma casa em Berkeley Square. Ao lado de Warnick. Está vazia.

— Sim?

— Compre. Coloque no nome dela.

Seu irmão não hesitou sobre o pedido. Ele assentiu. — Feito.

Whit afastou os cabelos do rosto e passou os dedos pela pele incrivelmente macia das bochechas dela. — Você vê amor? Estamos comprando sua casa. Você terá que acordar para viver nela, no entanto. E eu gostaria muito de viver lá com você. — Ele estendeu a mão para tocá-la, para tirar os cabelos da testa dela. — O ano de Hattie está se moldando.

Ela se mexeu.

Mal estava lá, um leve movimento. Uma cintilação por trás das pálpebras. Ele não teria notado se não estivesse tão focado nela. Ele se levantou dos joelhos, inclinando-se sobre ela na cama. — Hattie? — Ele se aproximou, pegando a mão dela novamente, tentando não apertar demais. — Hattie. Por favor amor.

Outro piscada.

— Sim. É isso, amor.

O ar na sala mudou, todos se aproximando, todos apreensivos, exceto Whit, que estava falando de novo. — Você tem que abrir os olhos, Hattie. Você tem os mais lindos olhos. Eu já te disse isso? Eu nunca vi olhos como os seus - tão expressivos. E quando você me disse que me amava mais cedo, você quase me pôs de joelhos. Você não gostaria de ter a chance de fazer isso de novo? Abra seus olhos, amor. — Ele baixou a voz para um sussurro. — Abra seus olhos para que eu possa te dizer o quanto eu te amo.

E ela abriu.

Suas pálpebras se abriram e seu olhar focou no dele, e - impossivelmente - ela sorriu, como se não tivesse acabado de estar na porta da morte. E ela o colocou de joelhos, porque ele descobriu que não tinha forças para se manter em pé.

Nora ofegou e Nik saiu pela porta do médico, e Hattie apertou a mão dele e disse: — Essa foi uma oferta muito tentadora.

Ele riu, incapaz de evitar que as lágrimas escorressem por suas bochechas. — Estou muito feliz em ouvir isso.

A mão dela subiu para a cabeça dele, os dedos dela se emaranhando no cabelo dele, fracamente, mas lá. — Diga-me, — ela sussurrou.

— Eu amo você, Henrietta Sedley.

Seu sorriso se alargou, covinha aparecendo. — Eu gosto disso.

Ele soltou outra risada. — Assim como eu, agora que você está acordada o suficiente para ouvir. — Ele fez uma pausa, depois olhou por cima do ombro para a porta. — Onde está o maldito médico?

Ela balançou a cabeça: — Nenhum médico. Ainda não, — ela disse. — Não antes de dizer isso: pretendi reivindicar a mim mesma - corpo, negócios, casa, fortuna, futuro. Mas você é o dono de tudo.

— Não precisamos nos casar, — disse ele. — Você quer o negócio. É seu. Eu vou ter os documentos elaborados agora. A fortuna que você, sem dúvida, fará com sua mente afiada e seu charme. Tem tudo para você. Mas... — Um apelo afiou em suas palavras. — Deixe-me compartilhar seu futuro. Não como seu marido. Não como seu protetor. Como seu parceiro. Como seu igual. Como queiras. Vou pegar o que você me der, contanto que estejamos juntos.

Ela balançou a cabeça com um pequeno estremecimento que o fez procurar o médico novamente. — Não, Whit. Você não entende. Você é dono de tudo. Cada pedaço de mim. E eu lhe dou, livremente.

Ele deu um beijo nos nós dos dedos e depois nos lábios, nas bochechas e na testa e depois de volta à boca. — Não tenho nada. Tudo o que é meu é seu, nada se não for compartilhado. Meu negócio, minha vida, meu mundo, meu coração.

Ela sorriu, um sorriso pequeno, mas lá. — Eu sou sua protetora.

Ele fechou os olhos. No prazer que se amontoou através dele com aquelas palavras. — Sim. Cristo, sim.

— Me diga de novo.

E ele fez, baixo e doce contra seus lábios. — Eu amo você.

O médico veio e se foi, pronunciando-se sobre sua recuperação, mas exigindo observação por vários dias na enfermaria. Seus convidados reunidos saíram com apresentações apropriadas e beijos aliviados e promessas de visitas diárias, e momentos depois, um grito de alegria soou do lado de fora, sacudindo as janelas de seus assentos.

Lá dentro, os olhos de Hattie se arregalaram e ela levantou a cabeça de onde repousava, no peito de Whit, pois no momento em que estavam sozinhos, ele subiu na cama com ela e prometeu não sair do lugar até que ela o fizesse também. — O que é que foi isso?

— O Jardim, aplaudindo a sua dama em recuperação.

Ela sorriu com isso. — Sua dama?

— *Minha* dama.

— Minha Fera. — Uma pausa e depois, — Beije-me novamente.

Ele fez, primeiro gentilmente, e então, quando ela o puxou para mais perto, mais fundo. Quando ele finalmente levantou a cabeça, ela suspirou. — Me diga de novo.

— Eu amo você.

Rosa lavou suas bochechas - uma marca de seu prazer e de sua saúde. E então ela fechou os olhos e disse: — Agora me conte todas as outras coisas. Todas as coisas que você disse quando eu não pude ouvi-las.

E Fera se instalou, sua dama em seus braços, contente em passar o resto de sua vida fazendo exatamente isso.

Epílogo

Um ano depois

Hattie estava ao leme do navio, admirando sua cidade.

O sol se pôs sobre os telhados, toda a Londres queimando em âmbar na luz, o rio brilhando como ouro. Ela podia ouvir os gritos de homens e mulheres subindo e descendo as docas, conversando, rindo e gritando um com o outro, no final da tarde nas docas explodindo de vida. Meia dúzia de outros navios estavam ancorados ao longo do cais, todos de propriedade da Navegação Sedley-Whittington todos cheios de trabalhadores portuários transportando produtos, todos a bordo.

Mas não este aqui. Este quieto, deixado apenas para ela.

Este pertencia aos Bastardos de Bareknuckle.

— Aí está você.

Hattie virou-se ao som das palavras sombrias e satisfeitas ao encontrar o marido atravessando o convés, o sobretudo esvoaçando atrás dele enquanto suas longas pernas e passos seguros consumiam as tábuas de carvalho. Ela levantou a mão quando ele se aproximou dos degraus que levavam até onde ela estava. — Espera.

Ele parou, instantaneamente, olhando para ela com um sorriso nos lábios e uma pergunta em seus olhos - olhos âmbar que brilhavam como o sol poente. Seu rosto bronzeado de um verão de trabalho nos navios - ele permaneceu incrivelmente bonito. — O que é isso?

Ela sorriu para ele. — Eu só gosto de olhar para você.

O sorriso de Whit se tornou ferozmente lindo. — Como eu gosto de olhar para você, esposa. — Ele subiu os degraus de dois em dois, encontrando-a no meio do convés elevado, tomando-a em seus braços. — Eu gosto de tocar em você também.

Ele acariciou os braços dela, sobre o vestido turquesa que ela usava.

— Eu gosto deste vestido bonito. — Levantando uma mão para os cabelos, empurrando uma mecha longa atrás da orelha. — Eu gosto de seus lindos olhos. —

E então ele colocou a mão possessivamente em sua barriga, redonda e cheia com seu primeiro filho. — E eu gosto disso mais do que posso dizer.

Ela corou com as palavras baixas e pecaminosas, com a lembrança de quão bem ele havia sido na noite anterior. Ela inclinou o rosto para ele. — E o que você acha de me beijar?

Ele rosnou baixo no fundo de sua garganta e mostrou a ela o quão bem ele também gostava, beijando-a longa e exuberante, acariciando profundamente até que ela estava perdida, entregando-se a ele. Só então ele quebrou a carícia com um segundo, suave e doce, e um terceiro em sua bochecha, e o último em seu cabelo quando ele a puxou para perto e a respirou. — Eu amo você, — ele sussurrou, as palavras roubadas pelo vento antes que Hattie pudesse ouvi-las.

Mas ela as sentiu, no entanto, enrolada em seu calor. — Então aqui estou, como solicitado.

— Hum, — disse ele, segurando-a apertado para ele. — No nosso navio.

Ela sorriu, virando o rosto para o peito dele, um pitada de vergonha vindo do entendimento. Whit se recusou a permitir que o navio, uma vez chamado de *Sereia*, se tornasse parte de Sedley-Whittington, apontando repetidas vezes que o nível de pecado que o navio havia hospedado o tornava muito mais adequado para os Bastardos de Bareknuckle. Hattie revirou os olhos para a teoria... até que ele o renomeou como *a Guerreira*. E então ela preferiu que ele o guardasse para os negócios que estavam há mais tempo com ele.

— Nik queria tirá-lo antes da maré baixa, mas eu disse a ela que tenho planos para isso hoje à noite. — As palavras eram baixas e escuras, e Hattie estremeceu com a promessa nelas.

— Que tipo de planos? — Ela suspirou.

— O tipo de planos que terminam com minha esposa nua sob as estrelas.

Os braços dela envolveram o pescoço dele, e ela se aconchegou no calor do casaco dele. — Bem, é meu aniversário.

— Assim é. — Whit se inclinou e a beijou, mordendo o lábio inferior cheio com os dentes. — Eu estava pensando mais sobre como é um ano novo.

Ela levantou uma sobrancelha. — É setembro.

— Ah, mas o Ano da Hattie está completo. E você marcou seus itens, não é? — Ele a puxou com força e sussurrou em seu ouvido. — *Corpo*.

Ela suspirou quando ele beliscou sua orelha, então beijou o lateral do seu pescoço, e suas mãos foram para os ombros dele, agarrando-se a ele para se equilibrar. — Você fez muito bem em me ajudar com isso.

— Eu me pergunto se talvez possamos revisitá-lo, — ele disse, caminhando de costas e levantando-a para sentar na beira do navio, segurando-a apertado e enfiando-se entre suas coxas, pressionando contra o seu núcleo.

— Eu acho que isso poderia ser arranjado. — Ela riu enquanto ele lambia a curvatura de sua orelha. — O que mais?

— *Negócios e fortuna*, — ele rosnou.

— Oh, eu me saí muito bem com isso. Casei-me com um homem rico, com cabeça para os negócios.

Outro grunhido. — Eu acredito que é mais como que ele se casou com uma mulher rica com uma cabeça para os negócios.

Hattie mal havia deixado a enfermaria após os ataques de Ewan às docas quando Whit conseguiu uma licença especial para eles se casarem. O casamento foi na igreja de Covent Garden, e foi seguido por uma celebração animada nas docas, com lanternas, música, comida, assim como gelo de limão e guloseimas de framboesa para quem quisesse.

Depois disso, Hattie e Salvador Whittington construíram um negócio de transporte marítimo que rivalizava com qualquer coisa que a cidade já tivesse visto antes - empregando todos os corpos capazes em Covent Garden e das docas, ganhando a admiração e inveja da maioria dos aristocratas de Londres e de todos os empresários londrinos.

— Pode-se até dizer que Sedley-Whittington ameaçou transformar os Bastardos de Bareknuckle em cavalheiros de destaque — disse Whit, beijando ao longo do pescoço de Hattie.

— Hum. Felizmente, essa ameaça nunca se concretizou. — Ela sorriu, a covinha na bochecha direita aparecendo. Whit a beijou ali, enquanto uma de suas grandes mãos chegava a sua barriga, onde seu filho crescia, saudável e forte. E acordado. Sentindo o toque do pai, ele chutou, e os olhos de Whit se arregalaram ainda mais quando Hattie disse — Ela está se preparando para ser um Bastardo de Bareknuckle.

Sua risada foi perfeita, e então ele disse suavemente — *Casa*.

Ela encontrou os olhos dele. — Você está em casa.

A resposta lhe rendeu outro beijo, longo e persistente, até que ela estava agarrada a ele, e desejando que eles estivessem em qualquer lugar menos aqui, e qualquer coisa menos vestidos.

Mas Whit não estava pronto para terminar de falar, notavelmente. — E então? O que virá a seguir? Como vamos superar o seu primeiro ano de Hattie - um grande sucesso?

Ela balançou a cabeça. — Não foi um sucesso, você sabe - pelo menos não *um* sucesso.

— O que isso significa?

— Que só resta um item da minha lista. — Ela o puxou para perto, o sol desapareceu atrás de Londres, a escuridão caindo sobre as docas, ocultando-os em nada mais do que um ao outro. — Você me ajudaria com isso?

— Qualquer coisa, — ele sussurrou, segurando o olhar dela. — Diga.

Ela agarrou as lapelas do casaco dele e puxou-o para perto. — *O futuro*.

Ele rosnou baixo e exuberante. — Você teve isso desde o início.

Fim

**Livro final da série Bastardos Bareknuckle,
com foco no terceiro irmão *Ewan* e na doce *Grace*.**

Daring and the Duke
(*A Ousada e o Duque*)

Grace Condry passou a vida toda fugindo de seu passado. Traída quando criança por seu único amor e criada nas ruas, ela agora se esconde à vista da rainha dos cantos mais sombrios de Londres. Grace tem uma mente afiada e um poderoso gancho de direita e nunca encontrou um inimigo que ela não poderia superar, até que o homem que ela amava retornasse.

Perspicaz e cruel, Ewan, Duque de Marwick, passou uma década procurando a mulher que ele nunca deixou de amar. Uma aposta de muito tempo atrás pode tê-la perdido para sempre, mas Ewan fará todo o possível para reconquistar Grace... e fazer dela sua duquesa.

Reconciliação é a última coisa que Grace deseja. Incapaz de perdoar o passado, ela promete se vingar. Mas a vingança exige manter Ewan perto, e logo seu inimigo parece ser algo completamente diferente - algo que ela não pode resistir, mesmo quando ele ameaça o mundo dela.

Um trecho de Daring and the Duke

Continue lendo, dando uma espiada no próximo Bastardos de Bareknuckle

A Ousada e o Duque

Em 2020

Ele foi resgatado por anjos.

A explosão o fez voar pelo ar, jogando-o de volta nas sombras das docas. Ele torceu em voo, mas a aterrissagem deslocou seu ombro, tornando seu braço esquerdo inútil. Dizia-se que o deslocamento era uma das piores dores que um homem podia experimentar, e o Duque de Marwick sofrera isso duas vezes. Por duas vezes, ele ficou de pé, cambaleando. Por duas vezes, ele lutou para suportar a dor. Por duas vezes, ele procurou um lugar para se esconder de seu inimigo.

Por duas vezes, ele foi resgatado por anjos.

Na primeira vez, ela tinha uma cara nova e gentil, com uma profusão de cachos ruivos selvagens, mil sardas no nariz e nas bochechas e os maiores olhos castanhos que ele já tinha visto. Ela o encontrou no armário onde ele se escondeu, colocou um dedo nos lábios dela e segurou sua mão boa enquanto outra - maior e mais forte - havia redefinido a articulação. Ele desmaiou de dor e, quando acordou, ela estava lá como a luz do sol, com um toque macio e uma voz suave.

E ele se apaixonou por ela.

Dessa vez, os anjos que o resgataram não foram brandos e não cantaram. Eles vieram buscá-lo com força e poder, dois deles, fortes e ágeis, mantos sobre suas cabeças, escurecendo seus rostos, casacos ondulando atrás deles como asas quando se aproximavam, botas estalando nos paralelepípedos. Eles vieram armados como os soldados do Céu, as lâminas ao lado fizeram as espadas flamejantes à luz do navio que queimava nas docas - destruídos por seu comando, juntamente com a mulher que seu irmão amava.

Então, parecia justiça que os anjos que vieram fossem soldados. Que eles viriam para punir e não para salvar.

Ainda assim, seria um resgate.

Ele ficou de pé quando eles se aproximaram, para encará-los de frente, para receber o castigo que entregariam. Ele estremeceu com a dor na perna que não

havia notado antes, onde um fragmento do mastro do cargueiro destruído havia se enfiado em sua coxa, revestindo a perna da calça com sangue, tornando impossível combatê-los.

Ele perdeu a consciência.

Quando ele acordou, ainda era noite - noite de novo? Noite para sempre? - ele estava sozinho em um quarto escuro, e seu primeiro pensamento foi o de ter acordado há vinte anos atrás. *Grace*.

A garota que ele amava.

A que ele perdeu.

Aquela por quem ele procurou por toda a vida.

Seu ombro tinha sido firmado e sua perna enfaixada. Ele se sentou, ocupado demais odiando a verdade e a escuridão para pensar na dor que parecia vir de todos os lugares, por dentro e por fora. Sua cabeça latejava uma névoa que só podia vir de láudano quando ele alcançou a mesa baixa perto da cama, procurando uma vela ou uma pederneira, e derrubou um copo. O som do líquido caindo em cascata no chão, lembrando-o de ouvir.

Foi quando ele percebeu que podia ouvir o que não podia ver.

Uma cacofonia de sons abafados, gritos e risadas por perto - logo além da sala - e um barulho estridente, mais longe - fora do prédio? Por dentro, mas a distância? O barulho baixo de uma multidão - algo que ele nunca ouvia nos lugares em que costumava acordar. Algo que ele mal lembrava. Mas a memória veio com o som, de uma distância semelhante - de mais longe, de uma vida atrás.

E pela primeira vez em vinte anos, o homem conhecido em todo o mundo como Robert Matthew Carrick, décimo segundo Duque de Marwick, estava com medo. Porque o que ele ouviu não foi o mundo em que ele cresceu.

Foi aquele em que ele nasceu.

Seu coração começou a bater forte e violento no peito, e ele ficou em pé, atravessando a escuridão, tateando ao longo da parede até encontrar uma porta. Uma maçaneta.

Trancada

Os anjos o resgataram e o levaram para um quarto trancado em Covent Garden.

Ele não precisou atravessar o quarto para saber o que encontraria do lado de fora, os telhados cheios de ardósia inclinada e chaminés tortas. Um garoto nascido no jardim não esquecia os sons, por mais que tentasse. Ele tropeçou na

janela, empurrando a cortina. Chovia, as nuvens bloqueando a luz da lua, recusando o acesso ao mundo lá fora. Negando-lhe a visão, para que ele pudesse ouvir som.

Uma chave rangeu na fechadura.

Ele se virou. A porta se abriu, o corredor além de pouco mais brilhante do que o quarto onde ele estava - apenas brilhante o suficiente para revelar uma mulher na sombra. Alta. Magra.

Ela parou e a escuridão lhe permitiu ouvir o som do outro lado do quarto. Um pouco de respiração. Mal lá e de alguma forma afiada como um tiro.

E assim, ele sabia.

Ela estava viva.

Continua...

Sobre a série

Os Bastardos de Bareknuckle

01 O Diabólico e a Invisível (*Wicked And The Wallflower*) Devil e Felicity

02 A Destemida e a Fera (*Brazen and the Beast*) Whit (Fera) e Hattie

03 A Ousada e o Duque (*Daring and the Duke*) Ewan e Grace